

KATE BATEMAN

Romance histórico espirituoso, inteligente e sexy.

Um mercenário implacável, hábil na arteda conquista.

Uma herdeira que se recusa a ser domada.

Uma combinação do Diabo...

Para Pagar o Diabo



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

KATE BATEMAN

Romance histórico espirituoso, inteligente e sexy.

Um mercenário implacável, hábil na arte da conquista.

Uma herdeira que se recusa a ser domada.

Uma combinação do Diabo...

Para Pagar o Diabo



Table of contents

1. Capa
2. Folha Rosto
3. Direitos Autorais
4. Epígrafe
5. Capítulo 1
6. Capítulo 2
7. Capítulo 3
8. Capítulo 4
9. Capítulo 5
10. Capítulo 6
11. Capítulo 7
12. Capítulo 8
13. Capítulo 9
14. Capítulo 10
15. Capítulo 11
16. Capítulo 12
17. Capítulo 13
18. Capítulo 14
19. Capítulo 15
20. Capítulo 16
21. Capítulo 17
22. Capítulo 18
23. Capítulo 19
24. Capítulo 20
25. Capítulo 21
26. Capítulo 22
27. Capítulo 23
28. Capítulo 24
29. Capítulo 25
30. Capítulo 26
31. Capítulo 27
32. Capítulo 28
33. Capítulo 29
34. Capítulo 30
35. Capítulo 31
36. Capítulo 32
37. Capítulo 33
38. Capítulo 34
39. Capítulo 35
40. Capítulo 36

41. [Capítulo 37](#)
42. [Capítulo 38](#)
43. [Capítulo 39](#)
44. [Capítulo 40](#)
45. [Capítulo 41](#)
46. [Capítulo 42](#)
47. [Capítulo 43](#)
48. [Capítulo 44](#)
49. [Capítulo 45](#)
50. [Capítulo 46](#)
51. [Capítulo 47](#)
52. [Capítulo 48](#)
53. [Capítulo 49](#)
54. [Capítulo 50](#)
55. [Capítulo 51](#)
56. [Capítulo 52](#)
57. [Capítulo 53](#)
58. [Mais da Autora](#)
59. [Kate Bateman](#)
60. [Informações Leabhar](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Beginning](#)

Para Pagar o Diabo

KATE BATEMAN

1ª Edição



Leabhar
2023

Ribeirão Preto/SP

Direitos Autorais



Título Original The Devil to Pay

Copyright © 2016 Kate Bateman

Copyright da tradução©2023 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Regiane Moreira

Revisão: Rosângela Mazurok

Diagramação e Capa: Labellaluna Web®

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

FICHA CATALOGRÁFICA

B329lbe

Bateman, Kate

Título: Para pagar o Diabo (recurso eletrônico) © 2023 Leabhar Books

Editora Ltda. - Ribeirão Preto - SP-BR

Tradução de: The Devil to pay ©2017 Kate Bateman

Formato: e-Pub

Veiculação: Digital

ISBN 978-65-5444-165-0

1. Romance de Época. 2.Americano. 3. Moreira, Regiane. I. Título

80754

CDD 82-32

CDU 134-3

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books Editora Ltda.
Rua Sete de setembro. 1851 conj. 1 CEP: 14025-200 - RP/SP - Brasil

E-mail: leabharbooksbr@gmail.com | <https://www.leabharbooks.com/>

Epigrafe



“O amor é uma espécie de guerra.”

Ovídio, ‘Ars Amatoria ‘

- A Arte do Amor.



Capítulo 1



Itália central, junho de 1492.

Cara di Montessori estava cansada de pessoas tentando matá-la.

Quando criança, ela seguira o pai por alguns dos lugares mais esquecidos da cristandade, por isso era rara a semana que não incluía um sarraceno empunhando uma cimitarra ou um mouro sanguinário tentando mandá-la para a vida após a morte. A familiaridade com a experiência não a tornava mais agradável. Além disso, essas instâncias foram impessoais, apenas esperadas de campanha, enquanto *essa* tentativa foi pessoal ao extremo. ‘Tio’ Lorenzo não a queria viva para contestar sua tomada de Castelleon.

Seus homens estavam se mostrando irritantemente persistentes. Ele deve ter oferecido um resgate para mantê-los em seu encalço e, embora Cara duvidasse que sua vida valesse muito, todos tinham seu preço. Na verdade, ela estava apostando sua vida nessa mesma premissa, prestes a fazer um pacto com o próprio Diabo.

Se ela pudesse alcançá-lo.

Alessandro *del Sarto*, ‘*Il Diavolo*’, era a última pessoa na Itália que ela teria escolhido para pedir ajuda, mas envolver seus talentos duvidosos era sua única esperança de permanecer viva e recuperar sua casa.

Ele era *condottiero*. Um assassino de aluguel.

Cara torceu o nariz em desgosto. Mercenário descrevia a profissão e a natureza de *del Sarto*. *Il Diavolo* se vendia pelo lance mais alto. Ele não se importava com qual lado ganhava ou perdia, ou se valia a pena lutar pela causa, apenas se o vencedor poderia pagar seus honorários exorbitantes. Todos os monarcas da Europa o desejavam. E agora ela precisava dele também.

— Melhor dançar com o diabo, sabe — costumava dizer o pai. Bem, ela não tinha visto *este* diabo em particular em seis longos anos, não desde que ela tinha dezesseis. Ele bateu em seu traseiro, então a beijou até que ela visse estrelas. Ela ameaçou matá-lo em troca. Ele assombrava seus sonhos desde então.

Cara estremeceu. Odiava sentir frio. Pelo menos, se ela acabasse no inferno por trocar sua alma, estaria aquecida. Cutucou seu cavalo exausto para frente e desejou - talvez pela centésima vez - ter roubado uma montaria com uma sela melhor.

A vontade de cair sobre o pescoço esquelético do animal era muito forte. Ela não comia há dois dias, não ousava parar por mais de uma hora no máximo. Cada solavanco dos cascos do animal reabria a ferida em suas costelas e trazia uma nova onda de tontura e dor. Por acaso o corte rápido da lâmina de um assassino seria preferível a morrer lentamente por perda de sangue?

Não. Ela chegaria a *Il Diavolo*. Tinha centenas de coisas que queria fazer antes de deixar este mundo, e dificilmente conseguiria realizar qualquer uma delas. Muito além de vingar a morte de seu pai e recuperar sua casa, ela planejava morrer como uma velha enrugada em uma cama quente e agradável, cercada por uma família enorme e amorosa. Uma morte jovem e heroica estava muito bem em princípio, mas parecia extremamente desagradável agora que era uma possibilidade distinta.

Luzes rodopiantes encheram sua visão como vaga-lumes e Cara balançou a cabeça. O cavalo cambaleante subiu uma elevação e ela soltou uma oração ofegante de agradecimento. Lá estava, delineado contra o crepúsculo que se aprofundava; Torre di San Rocco, a fortaleza da cidade fortificada do filho mais infame da Itália.

Cara incitou o cavalo a um trote exausto. Ela chegaria a *Il Diavolo* ou morreria tentando.

Capítulo 2



— Tem que escolher uma delas. E quanto a Lucrecia Borgia?

Alessandro *del Sarto*, '*Il Diavolo*', tamborilou com os dedos no braço da cadeira e pensou brevemente em estrangular seu segundo em comando. Não o suficiente para matá-lo, é claro. Apenas o suficiente para acabar com essa lista infernal de noivas em potencial.

Ele passou o dia todo assustando as pessoas e sua cabeça doía como se tivesse sido atingido por um machado de batalha. Primeiro, lidou com uma linha de peticionários que se aglomeraram no castelo para implorar que ele resolvesse suas disputas mesquinhas. Não se *importava* com quem havia roubado a cabra de quem. Então passou algumas horas lutando contra a arrogância de alguns recrutas inexperientes no campo de treinamento. Isso tinha sido divertido, admitia, mas agora seu ombro doía como o diabo. Por último, supervisionou o açoitamento de um homem condenado por agressão. Todos aqueles gritos e implorando por misericórdia fizeram seus ouvidos zumbirem.

Alessandro tomou um gole de vinho e lançou um olhar fervente para a multidão que se aglomerava diante do estrado. Mesmo aqueles corajosos o suficiente para encontrar seus olhos falharam em manter seu olhar por mais de um batimento cardíaco. Ele sorriu para um servo, arreganhando os dentes no mero indício de um rosnado - e riu quando o pobre menino empalideceu de medo e deixou cair a bandeja.

Francesco Neroni lhe lançou um olhar de desaprovação. — Pare de me ignorar. Não perdeu a audição, assim como o uso do braço da espada.

O olhar furioso de Alessandro geralmente tinha o poder de fazer homens corajosos saírem correndo da sala. Infelizmente, não teve efeito sobre o velho soldado grisalho ao lado dele.

— Parece um buldogue que engoliu uma vespa — Francesco continuou calmamente. — Esquece, Milorde, que sou imune a suas carrancas. — Ele empurrou um pequeno retrato. — O que há de errado com a garota Borgia? Ela é bonita o suficiente. E já enterrou seu primeiro marido, então não terá que lidar com uma virgem afetada.

— Não me importa se ela fala dezessete línguas e toca alaúde como um anjo. Não vou me casar com ninguém, muito menos com a bastarda do Rodrigo Borgia.

— Ele é o Papa. Não há mal em ficar do lado bom de Deus.

Alessandro bufou. — É uma triste perspectiva para os cristãos em todos os lugares se aquele tirano prostituto e assassino for o melhor representante do Todo-Poderoso na terra. E convenientemente esqueceu o irmão dela. Cesare é um louco.

— Dificilmente o cunhado perfeito, eu admito. Há rumores de que ele já

matou um de seus irmãos. — Francesco riscou o nome no topo da lista. — Pena. Precisa de todas as bênçãos divinas que puder obter.

— Sua preocupação com minha alma enegrecida é comovente — disse Alessandro secamente. — Mas a resposta ainda é não.

— Bem. Esqueça uma aliança com Roma. E Nápoles? Ali está a irmã do rei de Navarre. — O próximo retrato mostrava uma garota rechonchuda com um enorme rubi aninhado em seu decote montanhoso. — Seios fantásticos — Francesco persuadiu. — É como se ela tivesse dois leitões lutando em seu corpete.

Alessandro olhou para trás. — Ela parece um cavalo.

— Ama cavalos.

— É verdade. Se conseguir me encontrar uma mulher tão corajosa e leal quanto Saraceno, eu me casarei com ela na hora, qualquer que seja sua aparência.

Foi a vez de Francesco bufar. — Besteira! Tem olho para a beleza, Sandro, seja cavalo ou mulheres. — Ele suspirou profundamente. — Eu não sei por que está sendo tão exigente. São todas iguais com as luzes apagadas. Não olha para a lareira quando está atizando o fogo, não é?

Alessandro revirou os olhos. — Aposto que as damas adoram essa sua língua de prata.

— Eu me saio bem, obrigado — Francesco fungou.

— Não com a única que realmente *quer*. Como *está* Renata?

Um rubor avermelhou pescoço de Francesco com a menção de seu amor não correspondido.

— Ela está bem.

Alessandro deu de ombros. — Provavelmente é o único homem em todo o castelo que não a teve. Basta ir ao quarto dela, lhe dar algumas moedas e acabar com sua miséria.

— Eu não vou! Ela não faz mais esse tipo de coisa.

Alessandro levantou as mãos em sinal de rendição. — Eh, eu a admiro. Pelo menos ela e os outros seguidores do acampamento são honestos em seus negócios. — Ele acenou com a cabeça para o papel de Francesco. — Essas garotas bem-nascidas da sua lista não são diferentes, embora finjam o contrário. Estão todas dispostas a se vender. A única diferença é o preço.

Francesco apagou outro nome. — Não à Princesa d'Albret então. — Ele passou a ponta emplumada de sua pena para frente e para trás contra o queixo, onde se prendia contra as cerdas curtas de sua barba. — Não está tornando isso fácil. Quão difícil pode ser escolher uma esposa entre dezenas de mulheres ricas e bonitas?

— Ah, sim, é maravilhoso ser eu. — Alessandro abriu os braços em um gesto zombeteiro e teatral que fez tremular as velas mais próximas. — Eis, *Il Diavolo* — ele baixou a voz para que apenas Francesco pudesse ouvir. — Eu não conseguiria lutar nem contra uma velha no momento. Quem *não iria* me querer como marido?

— Pare de ser tão dramático. Seu ombro ficará bem em algumas semanas.

Alessandro rosnou. — Voltamos da Espanha há três meses e ainda dói. Esses mesmos príncipes me implorando para me casar com suas filhas, estariam todos me desafiando para uma luta se soubessem que fui ferido. — Ele olhou para a sala em geral. — Deus, eu odeio ficar sentado sem fazer nada. Daria qualquer coisa para estimular Saraceno na batalha.

Francesco deu de ombros. — Não sou o único grato por ter um teto sobre minha cabeça e comida quente na barriga. Os homens estão felizes por fazer uma pausa, embora nunca admitam isso. Talvez seja um sinal de que deveria pensar em se estabelecer.

Alessandro não respondeu, então Francesco continuou. — Rejeitou Florença, Nápoles, Roma, Milão e Veneza. Quase não sobrou nenhum lugar. — Ele beliscou a ponta do nariz. — Não teve uma mulher desde que voltamos, Sandro. Deixe-me lhe dizer que não está fazendo nada para melhorar seu temperamento.

— Nenhuma daquelas garotas me aceitaria se souberem que estarão presas a um aleijado.

— Não exagere. É apenas temporário. — Francesco respirou fundo quando um novo pensamento lhe ocorreu. — Deus, não perdeu o uso *dessa* lâmina, perdeu? — Ele lançou um olhar significativo para a virilha de Alessandro.

Alessandro riu de sua expressão horrorizada. — Não.

— Tem certeza? Quer que eu mande uma garota subir? Verificar se está tudo em ordem? Acabamos de receber uma nova copeira de Bolonha. Não é muito bonita, mas ouvi dizer que ela é muito entusiasmada.

— Não essa noite. Não estou com disposição para companhia.

— A perda será sua. — Francesco estudou sua lista novamente. — Sabe, vai ter que escolher uma dessas garotas eventualmente, só para manter a paz.

Alessandro reprimiu um uivo de frustração. As intrigas e maquinações da vida na corte o entediavam até as lágrimas. Ele odiava as intermináveis tramas e posturas, fofocas e traições que acompanhariam seus convidados quando chegassem em uma semana. Todas aquelas damas bem-vestidas e manipuladoras, com suas insinuações e flertes não tão sutis. Oferecendo-se para enfeitar sua cama em troca de uma bugiganga brilhante ou de um favor político.

Não era de sua natureza agradar e bajular. Em sua mente, a ação era sempre melhor do que a diplomacia. Ruim o suficiente para que ele estivesse considerando um pacto de não agressão com seus vizinhos para que pudessem se unir contra os franceses. Mas se casar com uma de suas filhas mimadas e choronas também, para adoçar o negócio? Isso era demais.

— Nunca vão deixá-lo em paz até que se case — Francesco murmurou.

— Nunca desiste?

O comandante balançou a cabeça.

No campo de batalha, a recusa de Francesco em admitir a derrota era uma qualidade que Alessandro realmente apreciava. Neste caso, no entanto, era

apenas irritante. Ele estendeu a mão para a frente com um suspiro resignado.
— Ah, me dê aqui. Olharei de novo, mas não esta noite. Vou para a cama.

Capítulo 3



Cara agarrou o cabo de sua adaga e voltou para as sombras. Um guarda passou por seu esconderijo e ela esperou alguns minutos para se certificar de que ele havia saído, então flexionou os dedos no cabo da adaga. Sua palma estava suada. Praticamente podia ouvir a voz de repreensão de seu pai, ecoando pelo corredor.

Uma dama nunca menciona coisas como palmas das mãos suadas, Cara.

Seu coração se contorceu no peito. Pobre papai. Ele sempre quis que ela fosse um modelo de respeitabilidade feminina. Infelizmente, parecia um pouco tarde para começar agora, na idade avançada de vinte e dois anos.

Ela respirou fundo, rastejou para a frente e empurrou a pesada porta para dentro. O quarto estava escuro. Apenas um fogo baixo brilhava na enorme lareira aberta e ela podia apenas distinguir a forma de um homem relaxado em uma enorme poltrona. Seu pulso martelava em sua garganta.

— Francesco mandou-a, não foi?

A voz, aquela da qual se lembrava tão bem, era um ronronar rouco, profundo e ameaçador. Quando este homem falava, era obedecido. Sem dúvida.

Do que diabos ele estava falando?

Cara se aproximou, mantendo sua adaga escondida nas dobras de sua capa.



Alessandro ergueu a cabeça e fez uma careta. Não se preocupou em acender as velas; a melancolia combinava com seu humor. Mal podia ver a figura encapuzada que havia entrado.

Francesco deve ter enviado uma garota de qualquer maneira, o porco desobediente. Ela permaneceu incerta na porta - com medo dele, supôs. Quem não tinha? Ainda assim, por algum motivo, a relutância dela o incomodou. — Aproxime-se.

A garota deu um passo hesitante. Um capuz protegia seu rosto e um manto escuro escondia seu corpo, mas ela parecia esbelta sob as dobras. O que Francesco disse sobre aquela copeira? Feia, mas habilidosa.

Ela deu mais um passo para mais perto e a luz do fogo ofereceu um breve vislumbre de sua mandíbula lisa e lábios rosados sob o capuz. Pele da cor de mel e creme.

Uma inesperada pulsação de desejo atingiu a virilha de Alessandro. Ele geralmente preferia mulheres experientes e arredondadas que sabiam como jogar o jogo. Mulheres que entendiam que isso não passava de uma troca direta, dinheiro para uma breve gratificação mútua.

Ainda assim, talvez ele não estivesse tão cansado quanto pensava. Talvez Francesco estivesse certo. Uma noite nos braços de uma prostituta disposta poderia aliviar a insatisfação que o atormentava por tanto tempo.



Cara deu um passo instintivo para trás enquanto *Il Diavolo* se levantou e se endireitou em sua altura impressionante. Senhor do céu, ele era ainda maior do que ela se lembrava.

— Pode muito bem entrar, agora que está aqui. E tire o manto. Falaremos do resto mais tarde. — Ele a chamou para frente com um aceno imperioso de sua mão. — Mais perto. Eu não vou morder. — Dentes brancos brilharam. — Não, a menos que queira, é claro.

Ele deve ter visto seus lábios se abrirem em confusão porque ele balançou a cabeça e sua voz baixa brilhou na escuridão. — Sem conversa, querida. Não estou pagando para conversar.

O cérebro de Cara demorou alguns segundos para assimilar suas palavras. E então seu queixo caiu. *Uma prostituta*. Ele pensou que ela era uma prostituta! Ela quase riu alto. Esta foi definitivamente a primeira vez em sua vida que alguém cometia *esse* erro.

Ele inclinou a cabeça para o lado, como uma ave de rapina de olho na próxima refeição. Uma tora rolou quando o fogo desmoronou, lançando faíscas, e o súbito brilho alaranjado mostrou suas feições em nítido relevo. Chamas dançaram sobre uma maçã do rosto alta e angular e uma mandíbula levemente escurecida com a barba de um dia.

Cara esqueceu de respirar.

Não é à toa que ele foi apelidado de '*Il Diavolo*'. Ele realmente parecia um demônio taciturno e mal-humorado. Ela suprimiu um grunhido. Não havia justiça no mundo. Um mercenário sem coração não deveria ser assim. Anos de matança sem remorso devem estar gravados em suas feições, um mapa visual de seus pecados. Ele deveria ser velho e inchado, grotesco e com papada. Deveria se parecer com o diabo que o chamavam.

Ela engoliu em seco. Oh, ele parecia o diabo, certo. Alto e sombriamente bonito. Lânguido e mal-humorado - e inequivocamente perigoso.

Ele é um assassino. Um assassino de aluguel. Absolutamente não é o tipo de homem por quem se sentir atraída.

E ainda assim um calor estranho se desenrolou na boca de seu estômago, uma reação que ela sempre associava a ele; medo atado com... antecipação?

Ela se forçou a dar mais um passo à frente, feliz com a lâmina nas dobras de sua capa, e manteve os olhos baixos em vez de encará-lo de frente. Respirou fundo — e imediatamente se arrependeu quando inalou o cheiro dele; uma combinação perturbadoramente atraente de couro, fumaça de madeira e homem.

Não se distraia.

Ele pegou seu quadril com a mão grande e puxou-a os últimos centímetros restantes de seu peito. Cara se forçou a permanecer passiva, lutou contra o desejo de se afastar do contato íntimo e abrasador. Sua pele estava muito quente, muito tensa. Ele abaixou a cabeça, escondendo a luz, e afastou o capuz do cabelo dela.

Ela abaixou o queixo, escondendo o rosto contra a camisa dele enquanto ele pressionava o rosto em seu cabelo, então acariciou o lado de seu pescoço. A respiração dele aqueceu a pele sensível atrás da orelha dela. Cara balançou, seus sentidos cambaleando enquanto lutava contra uma nova onda de tontura.

Chega.

Ela deslizou a mão por sua caixa torácica, fingindo uma carícia, e sua lâmina encontrou o ponto sob sua axila onde a artéria latejava sob sua camisa branca folgada. Ela se inclinou para ele, tentando ignorar a pressão de seus seios contra o peito duro como pedra, e aumentou a pressão. Aço afiado espetou a carne.

Il Diavolo congelou.

E então, para seu espanto, ela o sentiu sorrir; a curva mais fraca de seus lábios apertando contra sua garganta.

— Guarde isso, querida. É um pouco tarde para defender sua virtude.

— Não estou aqui para defender minha virtude.

Sua risada era suave contra sua pele. — Boa coisa também. Nós dois sabemos que é uma memória distante.

Cara franziu os lábios. — Não entendeu o que eu quis dizer. É sua atenção que eu quero, não seus beijos.

— Acredite em mim, milady, tem *toda a minha* atenção. — Havia zombaria em seu tom, mas não sabia se era para ela ou para ele mesmo.

Cara recuou, apenas uma fração, a curiosidade guerreando com o ressentimento. — Não tem medo de que eu possa te matar?

Ele afastou a capa dela e deu um beijo demorado em sua clavícula, ainda sem olhar para o rosto dela.

— Muitos tentaram, mas nenhum conseguiu. Dê o seu melhor, no entanto. Se prevalecer, pelo menos morrerei feliz.

Capítulo 4



Cara mal o viu se mexer. Num minuto a faca dela estava pressionada contra suas costelas, no seguinte ele a empurrou de cara contra a parede. Duro.

A capa girou em torno de suas pernas e seu cabelo voou sobre seus ombros. A dor atravessou sua lateral quando suas costelas estalaram contra a pedra – e sua lâmina foi girando sob a vasta cama que dominava o centro do quarto.

Il Diavolo a prendeu contra a parede com uma facilidade ridícula. Ele se pressionou contra ela, usando seu peso para mantê-la ali, enfatizando sem esforço sua força superior. Uma mão segurava seus pulsos atrás das costas, presa entre seus corpos. A outra cobriu a boca e o nariz.

Cara abriu a boca para protestar e seus lábios se moveram contra a palma da mão dele. Tentou mordê-lo. Ele riu. Seu hálito quente soprava em sua nuca. Ela resistiu furiosamente, arqueando seu corpo para longe do dele e tentando não notar como eles se encaixavam nos lugares mais interessantes. Ele era maior em todos os sentidos possíveis. Mais alto, mais largo, mais forte. Suas coxas eram duras como pedra contra seu traseiro.

Ela se sentiu muito pequena e, de repente, com muito medo. Apesar de sua antiga lealdade a seu pai, este homem era praticamente um estranho. Ela tentou gritar, mas só conseguiu um murmúrio abafado.

— Shhh, querida. — Ele aliviou a mão de sua boca.

— Me solte

— Já, já. Onde estão suas maneiras? É falta de educação apontar facas para pessoas que acabou de conhecer. Ainda nem fomos apresentados. Eu sou Alessandro. E seu nome é?

Ela resistiu contra ele novamente e ele sorriu para sua rebeldia. — Vamos. Acabou de tentar me matar. Isso significa que nos conhecemos bem o suficiente para usar nomes próprios.

— Solte-me!

— Tsk. Seu pai não lhe ensinou boas maneiras?

— Meu pai está morto.

— Soa como se fosse minha culpa. Eu o matei?

— Não. Meu pai era Ercolo Montessori.

Isso chamou a atenção dele. Cada músculo de seu corpo ficou tenso. Houve um grande silêncio, como se ele pesasse a verdade de suas palavras, e então soltou seus pulsos, lhe permitindo apenas espaço suficiente para se virar dentro dos limites de seus braços. Pegou seu queixo e virou seu rosto para a luz do fogo. Olhos negros como carvão estudaram suas feições com uma intensidade dolorosa.

Cara ergueu as sobrancelhas de uma forma que esperava ser altiva.

— Cara di Montessori. — Seu tom continha mais acusação do que boas-vindas. — Bem, bem. Não te reconheci sem a cara feia. Há quanto tempo?

Quatro anos? Cinco?

— Não me lembro.

Seis anos, três meses, dois dias. Não que ela estivesse contando.

Os lábios dele se curvaram.

— A última vez que nos encontramos, eu bati na sua bunda.

E me beijou como se o mundo estivesse acabando. Não se esqueça disso, seu animal.

Seu olhar caiu para a boca dela como se ele também se lembrasse. Cara corou e ergueu o queixo. Deixou-o olhar. Aos vinte e dois anos ela passou a aceitar que não era o tipo de mulher que inflamava a luxúria de um homem.

Seu punho apertou.

— Disse que Ercolo está morto? Quando? Como?

— Meu ‘tio’, Lorenzo, o assassinou três dias atrás.

Ele franziu a testa para ela. — Seu pai nunca mencionou ter um irmão.

— Lorenzo é meio-irmão, filho do meu avô com uma das criadas. Ele chegou ao castelo na semana passada alegando parentesco, e meu pai o acolheu. Há três dias fomos caçar e os homens de Lorenzo nos emboscaram.

Cara engoliu em seco, relutante em reviver aquelas memórias terríveis. Não havia nada que ela pudesse fazer para trazê-lo de volta; ela tinha que se concentrar em seu problema atual. — Lorenzo assumiu o controle da minha casa. Sou a herdeira legítima de Castelleon.

Del Sarto ergueu as sobrancelhas. — Seu pai pretendia que governasse sozinha?

Ela sentiu suas bochechas esquentarem. Na verdade, o pai esperava que ela se casasse muito antes de herdar, mas isso não era algo que pretendia compartilhar com esse bruto arrogante. — Claro. Passei toda a minha vida adulta gerindo aquela fortaleza. Eu a administrei sozinha enquanto os dois estavam aterrorizando a Europa nos últimos anos.

Ele estreitou os olhos, ignorando a zombaria. — Por que não está morta também?

A bile subiu em sua garganta com as imagens que bombardearam seu cérebro, mas ela se forçou a continuar. — Papai e seus homens deram suas vidas, lutando para que eu pudesse escapar. E Lorenzo só mandou alguns homens atrás de mim. Ele pensou que eu seria fácil de pegar.

Os lábios de *del Sarto* se contorceram. — Ele obviamente não a conhece.

— Estão me seguindo há três dias.

O olhar dele se aguçou. — Por que veio *aqui*?

Porque meu pai me enviou.

Suas últimas palavras foram gritadas quando ele desembainhou a espada e deu um tapa na garupa do cavalo dela. *Il Diavolo, Cara! Vá!*

Cara respirou fundo. — Não posso desafiar Lorenzo sozinha. Seus mercenários superam em número as tropas leais a mim. Castelleon pode ser pequeno, mas sua localização e porto o tornam taticamente importante. É do seu interesse me ajudar a recuperá-lo.

Del Sarto ficou em silêncio, então ela seguiu em frente. — Eu tenho uma proposta.

Ele levantou uma sobrancelha. — Ah. Agora está começando a me interessar.

— É um mercenário. Isso significa que recebe ordens por dinheiro, não é?

— Depende do que é pedido. — Sua voz continha um traço de riso.

Ela ignorou isso. — Pagarei para que me escolte de volta a Castelleon e expulse meu tio. Suponho que tudo o que precisamos fazer agora é negociar um preço?

Ele negou com cabeça. — Eu não negócio. Exijo uma taxa. A outra pessoa paga. Ou não.

Cara conteve a vontade de bater o pé. Em vez disso, ela cruzou os braços. — Nomeie seus termos.

O silêncio subsequente abalou seus nervos e ela prendeu a respiração, desejando saber o que o demônio estava pensando.

— Hum. É um problema espinhoso. Qual é o preço da sua vida, hein? — Sua voz era pura maldade. — Como vai me pagar? Não parece exatamente carregada de moedas.

Ela não tinha nada *com* ela. Mal escapou com vida. Todo o seu dinheiro estava escondido em Castelleon - que estava sob o controle de seu tio. A soma deveria ter sido seu dote, mas ela não tinha intenção de se casar tão cedo. Se possível nunca. Não precisava de um marido para governar Castelleon. Não iria aceitar um casamento dinástico miserável só porque era esperado dela. Ela teria o que seus pais compartilharam; uma união de amor mútuo e respeito, ou nada.

Ela tentou dar de ombros indiferente. — Tenho o suficiente para pagar a um canalha do seu tipo.

— Eu duvido. Canalhas profissionais não saem baratos. Não com o meu nível de especialização.

A maneira como ele disse isso, carregado de insinuações, a fez estremecer. Ele fez uma pausa, como se pensasse, então mencionou um preço tão exorbitante que a fez ofegar.

— Acredite, valho cada florim.

Seu estômago caiu. Era mais do que ela tinha no mundo. E ele sabia disso, a besta.

A voz profunda dele estava cheia de diversão. — Não pode me pagar. Além disso, já tenho mais dinheiro do que sei o que fazer com ele.

— Não pode recusar! É um mercenário. Todo mundo tem um preço.

— Interessante dizer isso. Fiz a mesma observação ao meu capitão esta noite. Mas estou dando um tempo nas lutas no momento. Lamento.

Ele não parecia arrependido. E ela não tinha outras opções. Gostasse ou não, ela *precisava* dele.

— Pelo amor de meu pai, então — Cara disse desesperadamente. — Lutou ao lado dele por anos. Eram amigos. Isso não significa nada?

Il Diavolo encolheu os ombros. — Seu pai está morto. Eu não posso ajudá-la. E tenho como regra nunca apoiar causas perdidas, que é o que é. Esqueça sua casa e siga em frente. Vá e entregue-se à misericórdia de um parente gentil.

— Eu não posso fazer isso! Meu povo precisa de mim. Não posso abandoná-los. Além disso, o único parente que tenho está tentando me matar. Não tem honra?

— Mercenário, lembra? Os dois são mutualmente exclusivos.

— Um mercenário é o que eu preciso.

— Não, quer um *assassino*.

— Existe uma diferença? — ela zombou, completamente irritada. Tentou se afastar da proximidade perturbadora de seu corpo, mas ele a deteve com um movimento impaciente que só o pressionou mais perto.

— Claro. Um assassino só mata uma ou duas pessoas de uma vez...

— ...enquanto um mercenário mata centenas de uma só vez — ela terminou amargamente. — Entendo. Mas um assassino é um assassino, certamente?

Os olhos dele brilharam. — Matar um homem no calor da batalha é muito diferente de despachar alguém a sangue frio. E devo lembrá-la de que não é sensato me insultar quando meus métodos assassinos são exatamente o motivo para que esteja aqui.

Ela corou. — Não quero que Lorenzo morra. Quero que simplesmente desapareça.

Ele negou com a cabeça. — O quer morto. Qualquer ação que tome tem que ser final. — Ele a estudou atentamente. — Sabe, pagar para matar alguém é quase tão ruim quanto empunhar a lâmina pessoalmente.

— Não, não é.

— Ah. Então está tudo bem se *minha* alma eterna for condenada, mas reluta em arriscar a sua, é isso?

— Duvido que o estado de sua alma seja algo que o mantém acordado à noite — Cara retrucou, incitada além da resistência.

Os lábios dele tremeram.

— Bem verdade. Tenho coisas muito mais interessantes para me manter acordado à noite.

Seu rosto esquentou com a sugestão em seu tom. Ele riu e passou o dedo pela bochecha dela em uma carícia casual e devastadora.

— Deveria corar mais. Combina contigo. Está muito pálida.

Ela não estava muito pálida agora, suas bochechas estavam queimando. De repente se lembrou por que ele pensou que ela tinha ido ao quarto dele; ele estava esperando uma cortesã.

— Se não vai me ajudar, não vou afastá-lo das suas ... atividades noturnas por mais tempo. Solte-me!

Ele estalou a língua.

— Não deveria desistir tão facilmente. Como me disse, todo homem tem

seu preço. Incluindo eu. Faça-me outra oferta. Uma que talvez eu esteja mais inclinado a aceitar.

Esperança renovada e raiva apertaram seu estômago. Que jogo ele estava jogando agora?

— Acabou de me dizer que nunca negocia.

Ele encolheu os ombros musculosos.

— Há sempre uma primeira vez.

— Bem. O que *mais* quer?

— Algo que o dinheiro não pode comprar, é claro. — A parte inferior de seu corpo ainda a mantinha presa contra a parede. O calor cru que emanava dele contrastava nitidamente com o frio do ar noturno.

Cara deu um suspiro impaciente, fingindo tédio, mas todo o seu corpo formigava. — Continue, *del Sarto*.

— Há séculos que não tenho uma mulher.

Ela bufou. — O dinheiro pode comprar *esse* tipo de favor, como tenho certeza de que bem sabe.

—Esse não é o tipo de mulher que eu quero.

Começou a analisar todos os critérios impossivelmente difíceis de encontrar que ele poderia pedir. Ele provavelmente exigiria uma princesa da Núbia, ou uma concubina oriental. Ou um harém inteiro delas. — O que, então?

Ele abaixou a cabeça e, por um segundo de parar o coração, ela pensou que ele iria beijá-la, mas ele parou a um fio de cabelo de distância. Aqueles lábios lindos emolduraram apenas uma palavra. — Você.

Capítulo 5



Cara piscou. — O que?

Os lábios dele se curvaram para cima.

— Minha taxa é uma quinzena de sua vida. Além do dinheiro, claro. É uma troca justa. Não pode me pagar em moeda a menos que eu conclua a tarefa e não trabalho de graça. Tudo o que precisa fazer é morar aqui e atuar como minha anfitriã por duas semanas.

— Tem centenas de servos, pagos para cumprir suas ordens.

— Preciso de alguém bem-criado e educado. É a resposta para minhas orações.

— Duvido muito disso.

— Algumas das famílias mais importantes da Itália virão aqui em alguns dias para discutir uma aliança contra a França. Preciso de uma castelã. Alguém para desempenhar todas as funções de uma esposa. Pode enfeitar meu salão e atender meus convidados. Faz todo o sentido.

Cara estreitou os olhos, pressentindo uma captura.

— Exatamente até que ponto esses deveres de esposa se estenderiam?

O olhar dele nunca deixou seu rosto. — Eu disse ‘todas as funções de uma esposa’, não disse? Isso inclui compartilhar minha cama. Perguntou meu preço, é esse.

O cérebro dela congelou antes de bater de volta à vida. — Por que *eu*?

— Está aqui, é adequada e está desesperada.

Bem, essa não foi a declaração mais lisonjeira!

— Mal me conhece.

— Isso não é verdade. Sei que sobreviveu a uma tentativa de assassinato, cavalgou centenas de quilômetros sem ser morta, apontou uma faca para mim e quer o sangue de seu tio como vingança. Na verdade, provavelmente é minha mulher perfeita — ele zombou gentilmente.

Ela olhou para suas feições sombreadas com consternação. — Não é melhor que um animal. Eu prefiro morrer.

Ele riu, um som rico e sombrio, e colocou um dedo indicador sobre seus lábios entreabertos. — Isso é um pouco dramático, não é? O que são duas semanas comigo quando comparadas com uma vida inteira de liberdade? — Sua voz caiu para um sussurro. — Garanto que vai gostar.

Cara lutou contra o desejo de bater a cabeça contra a parede. Ou, pior ainda, descansar contra o peito largo na frente dela. Sua oferta escandalosa ficou girando em torno de sua cabeça como um sonho bizarro. Ele era um demônio por fazê-la *pensar* nisso.

— Está me pedindo para me prostituir para salvar meu povo.

— Se quer se colocar como mártir, vá em frente. — Ele virou o rosto dela para a luz do fogo e a estudou, suas próprias feições impassíveis. — Embora

eu tenha que dizer, não parece uma mártir.

O toque dele fez marcas de fogo queimarem sua pele.

— Não — ele murmurou, reposicionando o rosto dela em outro ângulo. — Não é nenhuma Joana d'Arc. Parece que rostos como seu começaram as guerras.

Ele a comparou a Helena de Tróia? Seu temperamento aumentou. — Não zombe de mim. Eu sei que não sou nenhuma beleza.

As sobrancelhas escuras dele se ergueram. — Acha que não? — Ele a virou para um espelho suspenso acima da lareira e se posicionou atrás dela.

Cara mal se reconheceu. As chamas deram a seu rosto um lisonjeiro brilho cor de pêssego. Sua pele estava corada e seus olhos pareciam luminosos. Ele arrastou os dedos ao longo de sua mandíbula em uma carícia vagarosa que ela sentiu até nos dedos dos pés. Alarmada, se desvencilhou dele e se afastou, criando um espaço frio entre eles, mas seu corpo ainda queimava com o contato. Ela se virou para encará-lo. — Mas *não vai* para a guerra por mim, vai?

Os lábios dele deram um sorriso amargo. — Não por *qualquer* mulher. Pelo menos, não sem pagamento.

— Dinheiro — ela disse com voz vazia — e sexo.

— Ambos excelentes motivações.

A mente de Cara girou. Ela não tinha outras opções; precisava de sua proteção. — Tudo bem. Aceito seus termos.

Ela teve a gratificante sensação de que o surpreendeu, embora sua expressão não tenha mudado.

— Me dá sua palavra? — A descrença escorria de seu tom.

— Confiaria na palavra de uma mera mulher? — ela rebateu.

— Raramente. Mas na sua? Sim, se me der. Seu pai foi o homem mais honrado que já conheci. Ele lhe teria ensinado a manter seus votos.

Suas palavras, surpreendentemente sérias, a fizeram estremecer. Ela certamente não pretendia manter sua promessa de dormir com ele, mesmo que isso significasse quebrar seu próprio código moral. Mas uma promessa a um mentiroso como ele não significava nada. *Ele* não hesitaria em renegar uma barganha. Ela cruzou os dedos atrás das costas e prometeu quinze minutos extras de orações na hora de dormir por um ano inteiro pelo que estava prestes a fazer. — Muito bem. Dou-lhe minha palavra.

Ele riu e deu tapinhas na bochecha dela. — Oh, querida, é uma péssima mentirosa. Posso praticamente ouvir as engrenagens girando em seu cérebro enquanto tenta pensar em uma saída. Não se preocupe. Vou cobrar sua palavra. — Ele estendeu os braços para os lados. — Então, eu sou todo seu. Vamos fechar nosso acordo, certo?

Ela olhou para cima, alarmada, e encontrou seus olhos estranhos, mais escuro que o preto, olhando para ela, intensos e insondáveis. Ele deslizou uma mão sob seu cabelo e embalou a parte de trás de sua cabeça. Cara manteve-se completamente imóvel. Lentamente, dolorosamente devagar, ele a puxou para

mais perto.

Ele ia beijá-la! Alessandro *del Sarto*, seu herói, seu inimigo, ia beijá-la! Esteve esperando por este momento por seis longos anos.

Cara fechou os olhos, determinada a saborear a sensação, para ver se realmente era tão bom quanto ela se lembrava. Os lábios dele eram quentes e levemente ásperos, mas pequenas e irritantes alfinetadas começaram a dançar atrás de suas pálpebras. Tentou ignorá-las, concentrar-se no beijo, mas seus joelhos começaram a ceder. Ela mal conseguiu impedir-se de gemer de frustração quando caiu para trás contra seu braço de apoio.

Del Sarto franziu a testa para ela.

— Qual é o problema? Deus, não vai desmaiar, vai?

Ela conseguiu fazer uma carranca desdenhosa. — Não seja ridículo. Nunca desmaiei em toda a minha vida.

Um túnel estreitava sua visão; ela tentou piscar para afastá-lo. Isso era apenas típico. Aqui estava ela, *finalmente* recebendo o beijo dos seus sonhos, e ela estava fazendo uma bagunça.

A escuridão era irresistível. Cara rendeu-se a ela com um suspiro resignado.

Capítulo 6



Alessandro pegou o corpo flácido de Cara em seus braços, surpreso com o quão pouco ela pesava. Passou um braço sob os joelhos dela e gritou por Francesco, então ficou parado, com medo de se mover de alguma forma e machucá-la ainda mais. Não a tinha empurrado contra a parede *com tanta* força, mas então, geralmente lutava contra homens adultos. Ele tinha o dobro do tamanho dela. Talvez tenha quebrado alguma coisa.

— Francesco!

Ela não se mexeu com o grito dele, o que o preocupou ainda mais. Ele a moveu para obter um melhor controle e seus dedos deslizaram em um pedaço de calor pegajoso sob seu braço. Não precisava olhar para saber que era sangue. — Francesco! — ele berrou novamente, depositando-a gentilmente em sua enorme cama.

Ela parecia angelical, inconsciente. Não angelical, exatamente. Ela estava muito escura e muito suja, seu rosto muito anguloso para mera beleza. Lama e poeira endureciam sua pele e roupas. Um anjo imundo, então.

Alessandro fez uma rápida busca em seu pequeno corpo e sorriu. Seu anjo imundo estava armado até os dentes. Além daquela adaga que ele enviara para debaixo da cama, ela tinha uma lâmina amarrada na parte interna do pulso e outra amarrada na coxa. *Boa menina*.

Ele empurrou para trás sua capa áspera e parou surpreso. Ela estava usando roupas de cavaliário; um par de meias rústicas e uma camisa de linho com gola amarrada. Sandro testou o material entre os dedos, identificando sua qualidade, antes de agarrar o pescoço e rasgar. Suas roupas não importariam se ela sangrasse até a morte.

Outra camada estava por baixo, um chemise de algodão, aparentemente sua única concessão ao traje feminino. Alessandro ignorou o volume tentador de seus seios logo abaixo das palmas das mãos e amaldiçoou a quantidade de sangue que manchava o tecido branco.

Francesco mal piscou quando a viu na cama.

— Mudou de ideia, não é? Isso foi rápido. Quer que eu mande outra?

— Ela não é uma prostituta, seu idiota. Ela é filha de Ercolo Montessori.

Francesco ergueu as sobrancelhas.

— Tem certeza disso?

— É ela.

Fazia seis longos anos, mas no instante em que viu seus olhos, Alessandro soube a verdade. E ficou tão atordoado como se tivesse caído de seu cavalo usando uma armadura corporal completa. Ninguém mais tinha olhos daquela cor. Seu pai costumava julgá-los como ‘verde musgo sujo’, mas eles mudavam dependendo do humor dela e da cor que usava. Alessandro os conhecia tão bem quanto conhecia sua própria alma enegrecida.

Francesco se aproximou e olhou para a cama.

— Ela não está morta?

— Vai estar, se não fizermos um curativo nesse corte nas costelas dela. Chame Renata. E diga a ela para trazer uma agulha.

Um momento depois Renata da Mosta irrompeu na sala. A mulher deu uma olhada em Cara, então olhou para Alessandro com toda a familiaridade de um empregado de longa data. — O que fez com ela?

Alessandro ergueu as duas mãos. — Nada, eu juro. Por que todo mundo acha que fiz algo com ela? Eu apenas a desarmeí.

E a beijou.

Ele nunca tinha visto uma mulher *desmaiar* com um de seus beijos antes, embora provavelmente não pudesse levar todo o crédito. Ele mal havia tocado os lábios dela com os dele, embora até aquele toque escasso tivesse sido suficiente para aquecer seu sangue.

— Ela estava ferida antes de vir aqui.

Renata colocou a mão na testa de Cara. — Pobrezinha, o que aconteceu?

Alessandro bufou. — Não sinta muito por ela. Essa ‘pobrezinha’ apontou uma faca para mim há menos de cinco minutos.

As sobrancelhas de Francesco desapareceram na linha do cabelo.

— Fique com ela — Alessandro ordenou a Renata. — Cuide de suas feridas e depois deixe-a dormir. Quando ela acordar, alimente-a. E dê banho nela. — Ele torceu o nariz para as roupas sujas e desgrehnadas. — Então mande me chamar. E Renata? — Seus olhos nunca deixaram a cama. — Não a perca de vista.

Renata franziu a testa. — Já vi esse olhar antes, Sandro. Normalmente, pouco antes de enganar alguém para que se renda. O que vai fazer com ela?

Alessandro lhe lançou um olhar inocente. — Ora, ficar com ela, é claro. Ela caiu no meu colo como uma oferenda dos deuses. Quem sou eu para ignorar um presente como esse?



Várias horas depois, Alessandro estava ao pé da cama e observava seu sono cativo. Ela era uma coisinha corajosa, e bravura e lealdade eram qualidades que ele valorizava acima de quase tudo. Acreditou quando ela disse que nunca havia desmaiado antes; sua teimosia era apenas uma das coisas que lembrava sobre ela.

Sua enorme cama a apequenava. Ela se enrolou em um canto, segurando a colcha como se tivesse medo de que fosse puxada dela. Uma satisfação primitiva aqueceu seu ventre. Gostava de vê-la envolta em um tecido que geralmente cobria a pele dele.

Ela parecia tão pequena, tão vulnerável. Esfregou o ponto dolorido debaixo do braço com um sorriso. Dificilmente indefesa, no entanto. Ela fez o que centenas de homens adultos tentaram e falharam em fazer; puxou uma lâmina para ele enquanto estava perto o suficiente para infligir algum dano.

Ele deu um passo para mais perto, inalando o leve perfume que emanava de

sua pele. Um toque de sabonete de pétalas de rosa de seu cabelo se misturava com o cheiro quente de seu corpo, quase imperceptível sob a camada de poeira da estrada. Inebriante.

Seu plano desesperado o divertiu. Estava claro que ela não tinha intenção de concluir o acordo, mas seria interessante ver até onde iria para recuperar seu direito de primogenitura. Alessandro balançou a cabeça. Ela era tão inocente. Tudo o que tinha que fazer era manter os olhos vidrados com um pouco da paixão que ele vislumbrou esta noite e ela seria fácil de controlar.

Cara di Montessori seria a esposa perfeita. Não para *ele*, claro. Mas seus convidados esperavam um casamento para cimentar as próximas negociações de paz e *ela* seria o cordeiro sacrificial. A ideia era ofuscante em sua correção. Ele também estaria ajudando a filha de seu velho amigo. Era caridade, na verdade.

Ela enfeitaria sua cama primeiro, é claro. Era exatamente o que ele precisava para aliviar sua inquietação atual. O destino a havia enviado para ele. Por que deveria negar a si mesmo tantas tentações quando elas estavam bem ali, debaixo de seu nariz?

Ela ainda era virgem? Todas as suas reações apontavam para isso. O sangue latejava em suas têmporas enquanto imaginava apresentá-la às complexidades do sexo. Ele a desfrutaria como amante por um par de semanas divertidas, então a entregaria a algum burguês estúpido e digno para viver uma vida de luxo mimado. Isso mataria dois coelhos com uma cajadada só.

Alessandro olhou para onde Francesco esperava pacientemente na porta.

— Envie uma mensagem a todos aqueles que chegarão na próxima semana. Diga-lhes que Cara di Montessori, castelã de Castelleon, se casará com quem eu considerar mais adequado. Diremos que o pai dela a deixou sob meus cuidados. Está perto o suficiente da verdade.

Francesco colocou uma mão pesada em seu ombro.

— Sinto muito por Ercolo.

Alessandro assentiu.

— Ele era como um pai para mim. Me acolheu quando eu tinha dezesseis anos e me ensinou a lutar. Provavelmente estaria morto agora, se não fosse por ele.

Cara suspirou e se virou em seu sono e Alessandro balançou a cabeça com os caprichos do destino que a trouxeram até sua porta. Seus olhos varreram de seus lábios macios, amuados no sono, sobre a curva de sua garganta para a pele sedosa de seu ombro, exposta ao ar fresco da noite e seu olhar quente. Ele podia apenas distinguir as sombras tentadoras entre seus seios, e amaldiçoou sua excitação imediata. Tinha mulheres caindo sobre ele para enfeitar sua cama, mulheres muito mais bonitas do que ela. Sua atração por essa criança abandonada tempestuosa era —e sempre foi— inexplicável.

Ela ficaria horrorizada se percebesse o quanto de sua história ele sabia. Enquanto ele estivera em campanha com o pai dela, seu tutor enviara cartas regulares para informar Ercolo sobre o andamento de sua educação. Nem um

mês se passava sem uma carta detalhando o último lapso de comportamento de Cara.

Ercolo adorava lê-las em voz alta e Alessandro ouvia atentamente. Sem família própria, ele ficava fascinado por aqueles vislumbres de sua agradável, embora um tanto caótica, vida doméstica. Essas cartas tinham sido o ponto alto de seus dias.

— Quem diria que uma garotinha poderia enrolar um mosteiro inteiro em seu dedo mindinho? — Ercolo riu, não sem um certo orgulho paternal.

Cara odiava sua inatividade forçada em Castelleon. Sua natureza vivaz sempre procurou maneiras pequenas, mas significativas, de se rebelar. Alessandro sorriu ao se lembrar. Os bons irmãos do Mosteiro de St. John, onde ela recebera as aulas, obviamente não conseguiram dominar o espírito mal-humorado que ele aprendera a apreciar.

Parte dele estava surpreso por não tê-la reconhecido imediatamente. A garota o atormentou por anos, entrando e saindo de seus pensamentos, sempre à espreita no fundo de sua mente. Em algum lugar ao longo do caminho, Cara di Montessori havia se tornado sua mulher de fantasia.

Para um soldado entre os combates, não havia muito a fazer, exceto sentar-se e pensar. Ele teve muitas oportunidades; noites longas e agitadas em que os homens se reuniam em volta das fogueiras e os temas das conversas giravam em torno dos interesses masculinos universais de vinho, mulheres e cavalos. Mas enquanto alguns discutiam sobre a primeira refeição que teriam quando chegassem em casa, ou o melhor tipo de cavalo para levar para a batalha, ele ficava acordado, pensando nela.

Ele foi amaldiçoado com uma imaginação diabolicamente vívida.

Só a queria porque não podia tê-la. Ela era proibida, inatingível. E, portanto, ainda mais desejável. Essa foi a *única* razão pela qual seu cérebro febril evocou literalmente centenas de cenários nos quais ele estava fazendo amor com Cara di Montessori.

Alessandro riu com ironia autodirigida. Ele perdeu a conta de quantas vezes nos últimos seis anos ele se pegou imaginando o tipo de mulher que ela se tornou. E agora aqui estava ela. A mulher dos seus sonhos; não apenas real, mas em sua casa, em sua *cama*.

Sua imaginação ainda não tinha começado a fazer justiça a ela.

Ele brincou - brevemente + com a ideia de tomá-la como sua própria esposa, em vez de dá-la a outra pessoa, então descartou esse plano. Casar-se com ela certamente seria um desafio encantador, mas a fictícia Cara di Montessori assombrara seus sonhos por tanto tempo que a realidade seria, sem dúvida, uma pálida decepção. Ele se cansaria dela em breve.

E, além disso, ela era uma dama bem-nascida, uma inocente protegida, enquanto ele era um bastardo violento e cínico, muito endurecido pela guerra para ser um companheiro adequado para qualquer uma. Ela merecia mais do que ele. Por mais que ele desejasse que fosse diferente, tudo o que poderia lhe oferecer era sua força e astúcia - por um preço.

Capítulo 7



Cara abriu as pálpebras, piscando contra um raio de sol que se filtrava por uma janela alta de vidro. Ela vagueou à margem da consciência, apreciando a maciez dos lençóis contra sua pele.

A cama estava quente e suas costelas doíam. Algo puxou no fundo de sua mente, irritantemente insistente. Ela tinha dormido em solo duro e folhas encharcadas nas últimas noites, não em lençóis de seda e travesseiros de veludo. A memória voltou à tona com uma velocidade desagradável. Um rápido olhar sob as cobertas confirmou seus piores temores. Ela estava nua. Na cama do próprio Diabo.

Em pânico, ela checkou sua garganta em busca do colar que sempre usava e deu um suspiro de alívio quando tocou seu peso familiar. O pequeno pingente de bússola foi um presente de seu pai.

Como foi parar ali? A última coisa de que se lembrava era estar nos braços de *del Sarto*, prestes a beijá-lo. E então... nada. Ela deve ter desmaiado. Que humilhante. Alguém havia cuidado de seu ferimento; uma bandagem apertada envolvia suas costelas. Quem a havia despido? Por favor, Deus, não tinha sido *ele*.

— Bom dia, milady. Eu sou Renata.

A oradora era uma atraente mulher mais velha, talvez com cinquenta anos. Seu rosto bronzeado e olhos escuros brilhantes lhe davam uma aparência jovem e atrevida, e seus longos cabelos negros, mesclados a alguns fios prateados, estavam soltos e sem estilo.

Cara tentou se sentar, gemeu e caiu de novo.

— Vai se sentir bem em um dia ou dois, eu prometo — a mulher sorriu.

Uma batida na porta fez Cara pular. Seu coração disparou ao pensar em ver *del Sarto* novamente, mas em vez disso dois ajudantes de cozinha entraram carregados com baldes de água fumegante. Renata os conduziu por outra porta e Cara ouviu barulho.

Renata acenou.

— Vamos, enquanto está quente.

Cara ficou boquiaberta com a enorme banheira de cobre que dominava o quarto. Que decadente! Sua própria banheira tinha metade do tamanho desta. Ela estremeceu quando Renata desenrolou as ataduras de tecido, então se curvou para inspecionar a fileira de pontos.

A serva assentiu, satisfeita. — Eu venho fazendo curativos em pessoas há anos, dentro e fora do campo de batalha. Isso só precisa de uma boa imersão.

Cara afundou na água. O calor fazia todos os músculos doerem, mas era maravilhoso. Renata deu a ela um sabonete e ela mergulhou na água para lavar o cabelo.

— Tem linho ali, na cômoda. Vou apenas avisá-lo que está acordada.

Não havia necessidade de perguntar quem ‘*ele*’ era. Cara se sentou, espirrando água na borda da banheira. — Espere! Onde estão minhas roupas?

Renata apontou para um vestido estendido no baú. — Isso não é meu.

— Eu sei. Uma das amantes dele o deixou aqui no ano passado.

— Eu não vou usar as sobras de uma prostituta.

A serva sorriu. — Acho que pertencia a uma duquesa. Ele disse que provavelmente recusaria. Ele *também* disse que se não estivesse vestida em quinze minutos, ele mesmo viria buscá-la. Vestida ou não.

Cara saltou da banheira, todos os planos para um longo banho esquecidos.

Renata riu enquanto lhe entregava um lençol de banho.

— Vamos. Um vestido não vai minar sua virtude.

Cara fez uma careta para a bela roupa. Ela nunca tinha usado nada tão luxuoso. Acariciou o veludo vermelho escuro, depois passou os dedos sobre o fio dourado bordado nos punhos, cintura e corpete. Era tão macio, tão pesado. *E tão caro.*

Renata a ajudou a vestir uma camisa de seda, uma saia e depois o próprio vestido. Cara puxou o corpete decotado, que expôs uma extensão indecorosa do peito, e ofegou quando a roupa foi amarrada e apertada nas costas. Ela estava tão acostumada a usar roupas de menino que tinha esquecido como os vestidos eram desconfortáveis. Quando se virou para o espelho, olhou boquiaberta para seu próprio reflexo. O corpete beliscou em sua cintura e empurrou seus seios para cima. Pela primeira vez na vida ela tinha algo parecido com um decote.

— Pronto — disse Renata, beliscando suas bochechas para adicionar um pouco de cor. — Assim que seu cabelo estiver seco, estará pronta para enfrentá-lo. Venha sentar-se perto do fogo.



Cara não pôde deixar de ficar impressionada com o luxo ao seu redor enquanto seguia a criada por vários longos corredores. Ela não estava olhando para a mobília quando entrou furtivamente no castelo na noite passada, mas aquela não era a residência de soldados espartanos. As paredes estavam decoradas com ricas tapeçarias e armas, pinturas e arandelas douradas. A casa em si era confortável, mas era a morada de quem apreciava a qualidade e tinha meios para a adquirir.

Desceram um amplo lance de escada e Renata a conduziu a uma sala que claramente servia como escritório e biblioteca. Uma mesa larga ficava perto de uma janela saliente e fileiras de prateleiras continham livros e pergaminhos. Mapas e desenhos pendurados nas paredes, mas a atenção de Cara foi atraída para o homem sentado em uma enorme cadeira esculpida atrás da mesa, suas longas pernas esticadas à sua frente.

Levou um momento para estudar seu anfitrião à luz do dia. Aquela boca fascinante era a mesma que ela lembrava; com uma curva desdenhosa nos cantos e um lábio inferior carnudo que o fazia parecer cínico e sensual. A luz do sol brilhava em seu grosso anel de sinete de ouro enquanto ele apoiava os

cotovelos nos braços da cadeira e juntava os dedos à sua frente.

Ele a lembrava de um lobo, selvagem e imprevisível. *Predatório*. Cara ficou desconfortável com seu olhar fixo. Uma demonstração de hesitação naquele momento seria fatal. Ela avançou e sentou-se à sua frente, colocou as mãos no colo e ergueu as sobrancelhas em uma pergunta educada.

Finalmente ele falou.

— Já passou do entardecer. Espero que esteja se sentindo melhor?

Ela dormiu quase o dia inteiro!

— Muito melhor, obrigada.

Seus olhos nunca deixaram seu rosto. Cara lutou para manter seu olhar.

— Quero saber sobre a morte de seu pai. Como ele foi morto? Como pode ter certeza de que seu tio foi o responsável?

Ela olhou para ele.

— Eu estava lá. — Seu estômago revirou e uma onda de raiva impotente ameaçou dominá-la enquanto a cena se renovava em sua mente com uma clareza horrível. Seu pai e seus homens leais, segurando os atacantes para que ela pudesse fugir. A culpa a inundou. Ela deveria ter ficado. Lutado.

Não. Ela também teria morrido. Tinha sido seu dever sobreviver. Para vingar suas mortes.

Del Sarto ficou sentado em silêncio, esperando pacientemente sua explicação como uma aranha no centro de sua teia.

— Lorenzo nos emboscou enquanto caçávamos na floresta. Seus homens mataram meu pai e três de nossos homens. Eles morreram me dando tempo para escapar. — *del Sarto* não respondeu, então ela limpou a garganta e continuou. — Eu não estava pensando claramente ontem à noite. Não posso aceitar sua proposta. Vou encontrar outra maneira de recuperar minha casa sem a sua ajuda. Devolva minhas roupas e irei embora.

— Eu não posso fazer isso. Mande queimá-las.

— *O que?*

— Estavam imundas.

— O que vou vestir?

— Se reconsiderar minha oferta, querida, não precisará de nada.

Ela ofegou. — Não tem vergonha!

— Dificilmente. Se eu fosse tão bárbaro quanto afirma, eu a teria enquanto estava insensível ontem à noite.

— Que civilizado! Preferir suas conquistas *inconscientes* enquanto as viola. Ele ignorou o sarcasmo dela.

— Por que estava vestindo roupas de menino?

Isso respondeu à pergunta de quem a despiu. Cara ficou irritada ao sentir um rubor tomar conta de suas bochechas. Homem horrível.

— Eu me juntei ao meu pai na caça. Dificilmente poderia cavalgar com minhas saias, poderia? — O pensamento lhe deu uma ideia. — Ontem à noite me disse que queria alguém refinado e acostumado a socializar, para atuar como sua anfitriã. Acredite em mim, não tenho nenhuma habilidade feminina.

Sou honestamente a última mulher de que precisa.

— Ah, sim. É ‘A Garota que Explodiu o Monastério’.

Cara reprimiu um gemido. Seria demais esperar que ele não tivesse ouvido falar desse incidente em particular.

— Seu pai frequentemente me contava histórias de suas travessuras — ele disse, como se estivesse lendo sua mente. — Sempre gostei de ouvir que nova catástrofe planejou.

Ela corou, mortificada por suas rebeldias infantis terem sido expostas ao ridículo deste homem.

— Em uma carta, eu me lembro, desviou água da horta do mosteiro e inundou os claustros.

— St. John’s precisava de um novo sistema de irrigação. Tivemos uma excelente safra naquele ano.

— E o filhote de raposa ferido?

— Como eu poderia saber que ele escalaria os tubos do órgão em uma tentativa de liberdade?

— Ele mijou contra o púlpito, eu me lembro. — A boca de *del Sarto* parecia prestes a se abrir em um sorriso, mas nunca o fez. Apesar de seu constrangimento, Cara mordeu o próprio lábio. Isso *foi* muito engraçado.

— Minha favorita, porém, foi a vez em que declarou o fosso de Castelleon muito estreito para deter os invasores e tentou provar isso pulando-o. Quantos ossos quebrou?

Ela cerrou a mão direita em memória. — Apenas três dedos. E eu abdiquei na minha segunda tentativa.

Ele se inclinou sobre a mesa e pegou a mão dela, tateando os nós dos dedos em busca de sinais do ferimento. Seu toque enviou línguas de calor correndo por seu braço.

— Teve sorte de não ter quebrado o pescoço.

Ela arrancou a mão da dele.

— Eu sempre me perguntei por que não foi enviada para um convento. As freiras não a aceitariam, não é? — ele cutucou.

Ela estremeceu com a verdade de suas palavras. — Não havia nenhum convento por perto — ela mentiu. — O mosteiro era muito conveniente.

Na verdade, o pai esperava que parte da piedade e calma de St. John’s passasse para ela. *Hah*.

A dor apunhalou seu coração. Embora nunca tivesse admitido, ela suspeitava que o pai sempre desejara um filho, em vez de uma filha. Ela passou a vida inteira tentando deixá-lo orgulhoso, para provar que não era apenas digna de seu amor, mas também de herdar Castelleon.

Agora era tarde demais. Todas aquelas horas estudando assuntos que ela sabia que iriam impressioná-lo — táticas militares, história antiga, idiomas — tudo em vão.

Ao contrário do que disse a *del Sarto*, ela também *aprendeu* algumas habilidades femininas, embora sob coação. Sua antiga babá que virou

governanta, Bianca, recebeu a tarefa de instruí-la, mas as ideias de Bianca sobre uma educação adequada eram diametralmente opostas às de Cara. Bianca preferia tarefas como engomar a roupa de cama, costurar, fazer arranjos de flores e fazer reverências. Ela ignorou os protestos de Cara de que as cozinhas funcionavam com muito mais eficiência *sem* sua interferência.

— Então, o que aconteceu no mosteiro? — a voz profunda de *del Sarto* interrompeu suas lembranças.

— Estou surpresa por não ter conseguido um relato completo disso também — suspirou Cara. — Eu estava ajudando o irmão Domenico a fazer uma pólvora explosiva que encontramos mencionada em um texto oriental e ocorreu um pequeno acidente, só isso.

Na verdade, ela dobrou as quantidades quando Fra Domenico virou as costas. Os resultados foram surpreendentemente incendiários. Quem teria pensado que uma quantidade tão pequena de pólvora negra poderia causar uma quantidade tão grande de dano?

— Apenas a torre oeste realmente *desabou* — ela murmurou. — E era praticamente escombros para começar. É por isso que estávamos usando para nossos estudos.

Não havia necessidade de mencionar os danos causados pela fumaça no refeitório, ou a estátua da Virgem Maria queimada na sacristia.

— No caso, descobrimos a maneira mais eficiente de evacuar o mosteiro — disse ela piedosamente. A inspiração a atingiu. — Veja, isso só mostra o quão inadequada eu sou para ser a anfitriã de alguém. Conheço fortificações e táticas muito melhor do que fofoca e conversa fiada. Não sei costurar, nem cozinhar, nem fazer *nada* remotamente feminino. Só canto quando quero fazer os cachorros uivarem. Eu mal consigo dançar.

— Vamos providenciar algumas aulas, para refrescar sua memória.

Cara cerrou os dentes.

— Posso ser extremamente difícil de se ensinar quando não quero aprender.

Capítulo 8



Del Sarto se voltou para as enormes letras esculpidas atrás dela na lareira. — Sabe o que isso diz?

Ela olhou por cima do ombro e depois de volta para ele. — Claro — ela disse com altivez. — *Quis Husa mei ego servo*. O que é meu, eu mantenho.

— Certo. E eu decidi ficar contigo. Pelo menos nas próximas semanas.

Ela estreitou os olhos e ele riu. — Por que a virtude ultrajada? Não para ser acusado de falsa modéstia, mas muitas mulheres matariam para estar em sua posição agora.

— Não me deitarei ao seu lado.

— Não quer? — Ele parecia apenas levemente interessado, como se estivessem discutindo o tempo, mas seu sorriso era perverso. — Mas irá.

Ele disse isso com a certeza absoluta de um homem que sempre conseguia o que queria. Cara riu para cobrir seu medo. — Que presunção! Se acha irresistível?

Ele deu de ombros negligente. — Veremos.

— A única maneira de me ter, é pela força.

— Agora, isso não é verdade. Nunca violei uma mulher na minha vida. Mas pode tentar resistir a mim. Isso adicionará um desafio às próximas semanas, enquanto for minha convidada.

— Convidada? Quer dizer refém. Eu não serei sua prostituta.

— Por que não? Todos nós nos vendemos, Cara. Eu mesmo faço isso desde os dezesseis anos de idade. — Sua boca deu uma contração cínica. — Só que, em vez de me vender por amor, o fiz pela guerra. Por alguma razão, pensei que me cansaria de ficar deitado de costas o dia todo e escolhi lutar em vez de me prostituir. De qualquer forma, é usar seu corpo para fornecer um serviço por dinheiro.

Ele estava sendo deliberadamente grosseiro para chocá-la. Ela nem sabia que existiam *coisas* como prostitutas, mas podia acreditar que alguém poderia pagar por seu corpo notável. A ideia a deixou sem fôlego e desconfortavelmente quente. Que mulher não gostaria de ter tanta força e beleza sob seu comando?

Poderia ordenar que ele fizesse coisas. Qualquer coisa.

Suas ideias sobre o que essas coisas poderiam ser eram bastante nebulosas, mas ainda assim, apenas o pensamento a fez suar frio e quente.

Seus lábios se contraíram. — Algo o diverte, Milorde? — ela estalou.

— Sim, você. Raramente sou entretido por meus semelhantes. É realmente uma novidade.

O homem era irritante. Ela poderia resistir a ele, apesar de sua beleza pecaminosa. — E a minha reputação? Estarei arruinada! Mesmo que eu *não* me deite contigo, todos pensarão que eu deitei.

— Amaldiçoada se fizer e amaldiçoada se não fizer — ele concordou alegremente. — Também pode se divertir.

Cara cerrou os dentes. Tanto, para apelar para sua consciência. — Não se importa?

— Com o que as outras pessoas pensam de mim? Nunca. Do que pensarão a seu respeito? Não. Seja honesta, *se importará* quando estiver de volta à sua amada Castelleon? Seu orgulho é um preço tão alto a ser pago?

Ele parecia tão razoável, mas era mais do que mero orgulho. Mais do que apenas sua virgindade, até. Ele queria sua integridade, sua honra. Sua alma.

Como se tivesse lido sua mente, ele disse: — Pare de ser tão dramática, querida. É só sexo.

— Então eu sou uma prisioneira aqui?

Ele fez um gesto elegante em direção à porta. — Pode ir a qualquer lugar que quiser dentro dos muros da cidade. Com acompanhante, é claro.

— Que gentil — ela disse secamente.

Um criado entrou trazendo uma bandeja fumegante com comida, seguido por outro trazendo louças e talheres.

— Não vamos brigar. Deve estar faminta.

Ela estava prestes a negar, mas seu estômago traiçoeiro roncou em antecipação. Talvez se ela pegasse uma coxa de frango e comesse como um cão faminto, ele pensaria duas vezes sobre sua adequação como dama do castelo.

O brilho em seus olhos sugeria que ele sabia exatamente a direção de seus pensamentos.

Ela lhe lançou um sorriso doce como mel.

— Estou surpresa que esteja me deixando perto de uma faca novamente tão cedo.

— Não é afiada. Além disso, se fosse uma assassina profissional poderia me matar com qualquer coisa. Sua colher, talvez. Ou suas próprias mãos.

Sem pensar, ela olhou para as mãos dele. Eram fortes e bronzeadas e certamente pareciam capazes de matar.

— Eu prefiro uma espada — ele disse, lendo sua mente novamente como um mago negro. — Experimente um pouco de vinho. — Ele derramou o líquido vermelho escuro em seu copo.

Cada item na mesa era da mais alta qualidade. Os talheres eram de prata, os copos requintados — venezianos, sem dúvida — com um desenho esmaltado sob uma borda dourada. Assassinato era obviamente um negócio lucrativo.

Por mais que ela tivesse adorado recusar sua hospitalidade, os aromas que emanavam da comida eram impossíveis de resistir. Cara deu um gole e quase gemeu de prazer. Não comia direito há dias. Tomou outro gole do vinho, um excelente tinto, e fez questão de ignorá-lo enquanto comia em silêncio. Assim que terminou, empurrou a cadeira para trás e se levantou. Ele fez o mesmo.

— Obrigada pelo jantar — ela disse, seu esforço de polidez forçando sua voz.

Ele sorriu, como se soubesse o quanto a irritava agradecer a ele, seu carcereiro, por qualquer coisa. — Está indo dormir?

— Eu estou extremamente cansada.

— Devo acompanhá-la? — Os cantos dos seus lábios viraram para cima quando a boca dela se abriu. — *Tem* dormido na minha cama. Mas talvez prefira seu próprio quarto? Pelo menos por esta noite.

Cara não sabia o que dizer. Ele contornou a mesa, pegou a mão dela e a beijou. Uma onda de calor disparou de sua garganta para o estômago.

— Boa noite, Milorde — ela disse com firmeza.



Os dois guardas pararam apenas dez passos adiante no corredor dos aposentos de *Il Diavolo* e Cara suprimiu um grunhido. Ele a colocou no quarto contíguo ao dele. Assentindo para seu acompanhante, ela entrou e afundou na cama.

No que ela se meteu?

Esteve cercada por homens toda a sua vida, mas *del Sarto* foi o único que já teve esse efeito bizarro em seus sentidos. Já tinha sido ruim o suficiente seis anos atrás, quando ela sucumbiu ao beijo inesperado dele, mas atribuiu isso à inexperiência da juventude e à insanidade temporária de sua parte.

Ela não tinha essa desculpa agora.

Era atração animal, pura e simples. Tinha ouvido os servos e soldados fofocando sobre isso com bastante frequência. Era tão irritante que sentisse isso em relação a este homem desagradável e inadequado, de todas as pessoas.

Olhou ao redor do quarto. Uma única vela havia sido deixada acesa em uma mesa ao lado da cama. Como o resto do castelo, o aposento era mobiliado no auge do luxo. Uma penteadeira com um espelho dourado ornamentado acima, havia sido colocado contra a parede ao lado da janela. Um conjunto de escovas prateadas e uma barra de sabonete perfumado repousavam sobre ela. Uma cadeira em forma de X com leões esculpidos nos apoios de braços sustentava uma pilha de lençóis limpos, e sua cama era de dossel bastante grande, embora menor do que a que ela dormiu na porta ao lado.

Havia outras duas portas no quarto. A primeira abrigava um quarto de banho com uma banheira grande o suficiente para chafurdar. A segunda porta se recusava a abrir e não tinha chave. De sua posição, ela deduziu que dava diretamente para os aposentos de *del Sarto*. Sem dúvida, o demônio imaginou que poderia entrar e sair de seu quarto quando bem entendesse. Ela arrastou a penteadeira pelo quarto e a colocou bem na frente da porta.

Um armário alto ficava contra uma parede. Ao abri-lo, Cara reprimiu um gritinho de triunfo. Uma dúzia de camisas e meias estavam cuidadosamente dobradas nas prateleiras. O ocupante anterior do quarto havia deixado algumas de suas roupas para trás. Ou talvez fosse um armário de armazenamento para convidados inesperados? De qualquer maneira, encontrou a roupa perfeita para uma fuga.

Foi até a janela e espiou pelas vidraças em forma de diamante. A parede abaixo estava em um estado irritantemente bom; toda a pedra lisa, sem um ponto de apoio útil à vista. Nenhuma hera para descer. Típico. Nas canções do trovador, o herói sempre resgatava a heroína graças a alguma treliça estrategicamente colocada ou a uma sacada conveniente. Não tinha essa sorte ali.

Cara sempre se perguntou em particular por que a heroína nunca se resgatou. Adorava ler histórias de romances da corte, mas as mulheres sempre eram deprimentemente apáticas.

A salvação veio na forma de uma enorme castanheira crescendo logo além da janela. Ela mediu a distância com cuidado. Os galhos maiores aguentariam facilmente seu peso, mas seria uns bons dez metros se ela caísse. Certamente alto o suficiente para quebrar seu pescoço. Fazia anos que não subia em uma árvore, mas a alternativa - ficar ali com o insuportável *del Sarto* - era muito pior. Ela errou, pensando que poderia lidar com ele.

Estava muito escuro para escapar esta noite. Cara tirou seu vestido pesado e se arrastou para a cama, deleitando-se com a maciez do colchão. Podia ser dourada, mas uma gaiola era uma gaiola, no entanto. Assim que amanhecesse, ela iria embora.

Capítulo 9



Cara acordou na primeira luz. A camisa que vestia pendia abaixo dos joelhos e teve que enrolar a cintura da calça três vezes para mantê-la no lugar, mas ainda assim era uma roupa melhor para escalar árvores do que um vestido.

A janela era pequena, mas ela era menor. Se espremeu e agarrou a armação de metal com os nós dos dedos brancos enquanto se equilibrava precariamente no parapeito externo de pedra. Dois servos cruzaram o pátio abaixo conduzindo um enorme cavalo preto, e ela congelou, mas eles estavam muito ocupados tentando controlar a bufante e nervosa besta para notá-la.

Enviou uma oração rápida para o céu e pulou. Por um segundo atemporal ela ficou suspensa no ar, então bateu na árvore com um estrondo que tirou o fôlego de seus pulmões. Agarrou o galho mais próximo o mais forte que pôde e pressionou a bochecha contra a casca áspera enquanto ela balançava e tremia.

Uma enxurrada de folhas e castanhas-da-índia choveu no chão abaixo, assustando um pombo torcaz em voo, e ela esperou, com o coração martelando, por um grito de alarme, mas nenhum veio.

Fácil!

Sua posição não era exatamente digna. Estava abraçada a um grande galho quase horizontal como um urso, com ambos os braços e pernas em volta dele. Pelo menos não quebrou com o peso dela. Libertou uma das mãos, cuspiu uma folha e avançou em direção ao tronco. O galho rangeu, mas resistiu. Seu lado ferido doía em protesto. A parte interna de suas coxas ficaria preta e azul, mas era um pequeno preço a pagar pela liberdade.

Outra criada atravessou o pátio assobiando, mas apressou-se sem notá-la.

Maldição. O galho mais baixo ainda estava a cerca de três metros do chão e o tronco abaixo era liso. Cara estava pensando em como se abaixar quando as portas do outro lado do pátio se abriram novamente. Seguiu-se um barulho de cascos e então uma voz tingida de riso que se filtrou através das grandes folhas verdes.

— Bom dia, *signorina*. Se divertindo?

Cara amaldiçoou - em cinco línguas diferentes. Era *del Sarto*, o porco, montado no mesmo lindo cavalo preto que ela vira momentos antes. O animal empinou, ansioso para partir em seu galope matinal.

— Agora, o que isso diz sobre minha hospitalidade quando os convidados se jogam pelas janelas? Alguma coisa a desagradou, milady? Uma cama desconfortável? Água quente insuficiente? Lençóis não arejados?

Cara olhou para baixo com exasperação.

— Vá embora!

— E deixá-la escapar? Eu não acho. Como iria descer? É muito alto para

pular, embora pareça tola o suficiente para tentar.

Ele desmontou em um movimento fluido e soltou as rédeas. O cavalo simplesmente esperou por ele, apesar de não estar amarrado. Sem dúvida, o homem estava acostumado à obediência cega. Bem, não conseguiria isso *dela* !

— Solte-se e eu a pegarei.

— Não!

— Não a deixarei cair. Pesa menos que um pardal faminto. Eu já a carreguei, lembra-se?

Ela corou em seu lembrete casual. Ele se aproximou do pé da árvore e ficou a olhando, com as mãos nos quadris.

— Me deixe em paz! — Cara agarrou uma das castanhas-da-índia e atirou com toda a força que pôde na figura presunçosa abaixo. Ela errou; atingiu-o no ombro, em vez do centro da testa. Ele saltou para trás, mas a satisfação dela durou pouco. Ele se abaixou e pegou um punhado das esferas duras e espinhosas a seus pés. Seus olhos se arregalaram em descrença enquanto ele mirava. — Não se *atreva*!

— Por que não?

Cara uivou quando um deles a atingiu no braço com força. Ele nem estava jogando-os *suavemente*. — Ai! Pare!

Um atingiu sua coxa. Outro golpeou o topo de sua cabeça e se enroscou em seu cabelo. Ela se abaixou para se proteger atrás do tronco, perdeu o equilíbrio e soltou um grito de horror quando mergulhou de cabeça no chão.

Del Sarto a pegou sem esforço.

Cara chutou as pernas e o esmurrou com os punhos. Rindo, ele a abaixou no chão, indiferente a suas tentativas de se libertar. — De nada, milady.

Ela o empurrou e tentou domar o cabelo em alguma aparência de ordem.

Seu olhar perspicaz percorreu-a. — Ora, parece um pouco corada. Vai se juntar a mim lá dentro para uma bebida? Saraceno e eu estávamos prestes a cavalgar, mas isso pode esperar.

— Oh, por favor, não, me deixe ir junto — ela disse com doçura forçada.

Sua fúria pulsava entre eles, uma força palpável. *Del Sarto* estendeu a mão em direção ao rosto dela e ela se encolheu, mas seus dedos desviaram no último momento. Ele puxou uma folha do cabelo dela e a deixou cair no chão.

— Venha.

Cara se irritou com o tom dele, então percebeu que ele estava falando com o cavalo. O animal trotou para a frente e acariciou sua mão estendida. O brilho sardônico nos olhos de *del Sarto* lhe disse que ele sabia exatamente o que ela estava pensando.

Feliz com a distração quando a cabeça do cavalo se interpôs entre eles, Cara acariciou o pescoço da fera, lustroso e brilhante ao sol da manhã. — Olá bonito.

O cavalo mexeu as orelhas e bufou em êxtase.

— Outra conquista — *del Sarto* se dirigiu ao cavalo. O animal balançou a

cabeca em sinal de concordância, olhando para Cara com enormes olhos inteligentes. O cavalo encostou o focinho no nariz dela e *del Sarto* o afastou de brincadeira. — É patético. Tudo por um rosto bonito. Bem, então, onde estão suas maneiras? Curve-se para a dama.

Cara não pôde reprimir um sorriso encantado quando o cavalo recuou três passos e estendeu a pata dianteira. Ele abaixou a cabeça e executou uma reverência perfeita. As travessuras tolas a dissiparam um pouco de sua raiva e ela lançou um olhar triste para seu captor.

— Muito impressionante. Essa é uma habilidade útil no campo de batalha?

— Ficaria surpresa. — Seu olhar ocioso percorreu seu corpo. — Arruinou essa camisa. Vou adicioná-lo à lista de coisas que me deve.

Sua raiva voltou como um raio. — Não tenho nada para vestir.

— O lamento de todas as mulheres que já conheci — ele zombou.

— No meu caso é *literalmente* verdade. Queimou minhas roupas.

— Bem, não podemos permitir que ande por aí vestida assim. Iniciará um motim. Os vestidos que forneci não eram do seu gosto?

— Eu não vou usar roupas descartadas de outra mulher.

— Não está em posição de escolher. Vai usá-las ou andar nua. Acredite em mim, não me importa qual. — Seu olhar perverso desmentia suas palavras. Não era nenhum segredo o que *ele* preferia. Ele se virou para ir, então virou novamente para ela. — Falando sério, não tente isso de novo. Poderia ter morrido. Quero sua palavra.

Cara cruzou os braços. — Não! Não pode esperar que eu fique sentada e aceite o que está fazendo comigo.

— É para o seu próprio bem.

— Meu bem-estar não é da sua conta.

— Me preocupou quando apareceu aqui, sozinha e ferida, e se colocou sob minha proteção.

— ‘Proteção?’ Me fez refém! Exijo ser libertada imediatamente.

Ele pegou o queixo dela com os dedos. — Ou o que?

Cara cerrou os dentes, mas ficou em silêncio.

— Exatamente — disse ele, com uma calma irritante. — Não há nada que possa fazer. Isso é o que mais a irrita, não é? Ter-se colocado nessa situação.

— *Achei que* seria um homem de honra!

Ele encolheu os ombros. — Outros cometeram o mesmo erro. Alguns até viveram para se arrepender.

Maldito seja! Ela era um brinquedo, uma diversão para ele, nada mais.

Seus dedos se apertaram. — Sua palavra.

Ela o olhou. — Tudo bem. Prometo que nunca mais tentarei escapar pela janela. — Seus olhos se chocaram, lutaram. Ela baixou o olhar primeiro.

Ele soltou seu queixo e acenou para um servo que estava passando.

— Massimo, faça a gentileza de acompanhar a *Signorina* di Montessori de volta aos seus aposentos. — Ele a olhou. — Quando estiver vestida com algo

mais apropriado, talvez possa me dar a honra de me acompanhar até o armazém?

Capítulo 10



Quinze minutos depois, e de volta com um vestido emprestado, Cara seguiu o criado pelo pátio. *Il Diavolo* estava à espreita na entrada de um grande edifício de pedra. Ele ficou de lado e a conduziu para a escuridão fria.

Ela passou por ele, com cuidado para não deixar nenhuma parte de seus corpos se tocarem. Apenas estar perto dele fazia suas terminações nervosas pularem da maneira mais alarmante. Ela semicerrou os olhos, demorando um pouco para se ajustar à luz do sol lá fora. Apenas uma fileira de janelas estreitas em forma de fenda no alto, perto das vigas, permitia a entrada de luz. Fileiras de prateleiras que iam do chão ao teto corriam ao longo da sala. O ar estava pesado com uma mistura de especiarias e outros aromas sedutores.

— O que é este lugar? Uma despensa?

Ele assentiu. — Um dos meus armazéns. Meus navios negociam ao redor do mundo. As mercadorias são armazenadas aqui antes de serem enviadas para o mercado em Veneza e Roma.

Cara caminhou para frente, espantada com a enorme quantidade de estoque neste único depósito. Ora, o homem deve fazer uma fortuna absoluta!

Como se tivesse lido sua mente, ele disse:

— Nós, pobres mercenários, mal ganhamos o suficiente para colocar comida na mesa. Temos que ganhar a vida da melhor maneira possível.

— Ah! Seus ‘serviços’ custam o suficiente para manter o país inteiro em chinelos de seda. Comerciante, negociante, sequestrador e extorsionário. Não há fim para seus talentos?

Ele ignorou seu sarcasmo. — Tenho muitos interesses comerciais. Sua comida, por exemplo, foi temperada com especiarias trazidas do Oriente.

— Se está me mostrando isso para provar o quão pouco precisa do meu dinheiro, está perdendo seu tempo. — Ela lhe lançou um olhar malicioso. — Tudo o que vejo é o quanto precisa do porto de Castelleon para obter esses luxos aqui. Pense na receita que perderá se tiver que descarregá-los em outro lugar.

Falhou em fazê-lo aceitar sua isca e a natureza inquisitiva de Cara levou a melhor sobre ela. Caminhou à frente, inspecionando o conteúdo de cada prateleira pela qual passavam, reconhecendo todas as ervas comuns usadas nas cozinhas. Outras, no entanto, eram inidentificáveis. Pegou um frasco que continha uma substância escura parecida com resina e abriu a tampa. Cheirava vagamente a incenso. — O que é isso?

Ele o pegou da mão dela. — Claro que iria direto às substâncias perigosas. Isso é ópio, feito de papoulas brancas persas.

Intrigada, ela olhou mais de perto. — Pode ser usado para aliviar a dor ou para fazer um homem ferido dormir para que possa ser tratado de seus ferimentos. Alguns o pegam apenas para se perderem nos devaneios que ele

provoca.

— Já o experimentou?

— Uma vez. Isso me deu a pior dor de cabeça que já tive na minha vida. E considerando que já participei de várias festas dos Bórgia, isso quer dizer alguma coisa.

— Eu gostaria de experimentar. Acho que se deve tentar de tudo uma vez, não é?

— Não recomendo assassinato — ele disse secamente.

Ela fez uma careta. — Bem, certo, *algumas* coisas se pode viver sem. Mas eu estaria interessada em ver o efeito que isso tem. Eu costumava ajudar o padre John, o médico do mosteiro. Ele usava suco de cicuta para fazer seus pacientes dormirem.

Cara sabia que estava tagarelando, mas estava incomodamente ciente da proximidade de *del Sarto*. Seus nervos zumbiam. Seu estômago deu uma cambalhota. Como ela poderia ter esperança e medo de que ele pudesse tocá-la? Para se distrair, pegou um punhado de cravos de uma bandeja, deixando as sementes pretas e perfumadas escorrerem entre os dedos.

— Pode-se ficar embriagado só com o cheiro aqui!

— É bastante esmagador. — Ele selecionou uma jarra de vidro e segurou-a na frente do nariz dela.

Cara inalou obedientemente. — Ah, eu conheço isso! Mantém as traças longe das roupas. É cânfora.

— Muito bom. Aqui está outro.

— Alecrim. Seus servos usam no chão para perfumar o salão.

— Muito observadora, senhorita Montessori. — Ele a guiou ainda mais ao longo da fileira de prateleiras. — Agora chegamos aos usados para perfume.

— Sua voz ficou mais baixa, mais íntima. — Os aromas usados para seduzir os sentidos. — Ele selecionou outra garrafa de vidro. O aroma era doce e inebriante.

— Mmm, Jasmim

— E isto?

— Flores de laranjeira. Sempre imaginei que é assim que a Espanha cheira.

— Tem cheiro de poeira. E burros.

Ela franziu a testa para ele.

— Não estrague minhas ilusões! Não pode ser mais romântico?

— Não.

— E aqui estava eu — ela brincou — imaginando que seu exterior áspero poderia abrigar secretamente uma alma sensível.

— Devo mentir e dizer que a Espanha cheira exatamente a flor de laranjeira?

— E limões e amêndoas.

— Pó de fada também, suponho?

Ela sorriu, encantada com seu tom brincalhão e zombeteiro.

— Muito melhor.

O braço dele roçou a manga dela enquanto ele oferecia outro frasco e seu coração disparou.

— Esse?

Ela franziu a testa, tentando identificar o cheiro estranho.

— Não sei.

— Sândalo. Vem das Índias.

Cara respirou profundamente. Tinha o cheiro dele, picante e perfumado. Viciante. Um calor inquietante se espalhou por seu estômago.

— Infelizmente, minha pequena romântica, a maioria dos aromas sedutores tem fontes pouco atraentes. — Ele escolheu outra jarra. — Pegue isso, por exemplo. Almíscar.

Ela deu uma cheirada hesitante.

— Vem dos sacos reprodutivos de um cervo — disse ele, sério.

Cara recuou horrorizada.

— Eca!

— E este — ele selecionou outro — é âmbar cinza, que vem das excreções gordurosas das baleias.

— Que revoltante!

— Sim, mas extremamente lucrativo. Assim como os venenos. — Ele apontou para a próxima prateleira.

Intrigada, Cara tirou a tampa do pote mais próximo e cheirou cautelosamente. Ela o olhou questionadora.

— O favorito do assassino — disse ele, aproximando dela. — Cantarela. Em pequenas quantidades induz um sono profundo. Às vezes parece que a pessoa está morta porque não tem pulso detectável. Porém, e é um veneno letal. É chamado de ‘licor da sucessão’. — Ele sorriu levemente. — É um dos favoritos do Papa. Há uma velha piada em Roma; muitas pessoas dizem ‘vou jantar com os Borgias esta noite’, mas quase ninguém diz ‘jantei *com* os Borgias ontem à noite’.

Cara riu. — Por que tão poucos vivem para se gabar da experiência?

— Exatamente. Nós, italianos, transformamos o envenenamento em uma bela arte. Já ouviu falar de um homem chamado Da Vinci? Ele é um artista que trabalha para o Duque de Milão. Injetou cianeto na casca de árvores frutíferas. As frutas resultantes são venenosas, mas contêm quantidades tão pequenas de veneno que é quase indetectável. Precisam ser consumidas por um longo período para surtir efeito.

Cara fingiu anotar algo em um livro invisível.

— Fique longe da fruta.

Ele sorriu. — Aparentemente, enviar a alguém uma série de cartas envenenadas está na moda agora.

Ela acrescentou à sua lista imaginária. — Não abra nenhuma correspondência.

Ele balançou a cabeça diante de sua tolice. — Veneno é a arma de um covarde. É preciso um ódio especial para envenenar alguém.

— Não odeia nenhuma das pessoas *que* mata?

Ele ergueu as sobrancelhas surpreso. — Claro que não! Eu não sinto nada por elas. Escolheram lutar comigo. Não é minha culpa se não têm talento para se manterem vivos. Não é nada pessoal. Um envenenador, por outro lado, mata sua vítima a sangue frio após planejar cuidadosamente seu crime. Muito mais mulheres recorrem ao veneno do que homens.

— Preocupado que eu possa tentar acabar contigo? — ela perguntou docemente.

Ele sorriu. — Eu duvido que se rebaixaria ao veneno. Preferiria uma boa facada no coração.

Ela sorriu com o elogio indireto. — Ora, obrigada.

Ele avançou. — Aqui está minha seção favorita. Os afrodisíacos. Uma parte extremamente lucrativa dos meus embarques. Pimenta. Alcachofras. Ostras. — Ele entregou a ela uma jarra cheia de estranhos carochos pretos. — Trufas.

Cara torceu o nariz para os pedaços pequenos e enrugados. De repente, na prateleira seguinte, ela reconheceu a raiz característica da mandrágora e seu coração deu um pulso excitado. O tubérculo irregular e nodoso tinha ramificações que o faziam parecer um homem, com braços e pernas projetando-se do tronco - e significava outra chance de liberdade. A mandrágora era o ingrediente principal de um remédio para dormir que ela sabia fazer. Ela se virou rapidamente, com medo de que ele notasse a direção de seu olhar.

— O que mais seu tutor usava para aliviar a dor? — *del Sarto* perguntou, recuperando sua atenção.

Cara franziu a testa, tentando ordenar seus pensamentos acelerados. — Casca de salgueiro, matricária e ulmária são todos bons. E arnica para dores nas articulações. Embebe as flores em óleo, deixa esfriar e esfrega nos músculos doloridos.

— Vou tentar isso. Meu ombro está me dando problemas.

Ela piscou, surpresa por ele admitir tal falha humana. E então ela viu uma oportunidade. — Se me deixar pegar algumas dessas ervas, eu farei algumas...

Ele passou por ela sem responder e ela reprimiu uma pontada de decepção quando ele contornou o final do corredor.

— Ah. Aqui está a razão pela qual eu a trouxe aqui.

Rolos e rolos de material foram armazenados de ponta-cabeça, cada peça de tecido enrolada firmemente em torno de um poste central de madeira. Todas as tonalidades possíveis foram representadas, do pêssego escuro ao dourado cintilante.

Del Sarto tirou alguns e desenrolou a parte superior ao longo da mesa. Metros de seda jade brilhavam nos feixes de luz. — O melhor do Oriente para milady.

Ele desenrolou outro e Cara estendeu a mão para tocar o veludo azul-

escuro. O luxuoso tecido deslizou entre seus dedos como a pele de um animal exótico.

Ele a olhou de soslaio, avaliando. — Esses dois vão servir. Uma das mulheres irá medi-la. Não podemos vesti-la com peças descartadas, podemos?

— Eu não teria pensado que um mercenário estaria interessado em moda feminina — ela provocou.

— Ah, eu tenho muitos talentos. — A alegria em seus olhos deu uma sugestão provocante do que esses outros talentos poderiam ser e Cara sentiu-se esquentar novamente.

Del Sarto virou-se.

— Eu tenho coisas para fazer. Pode voltar com a Renata e escolher mais alguns tecidos. E pegue o que precisa para me fazer esse unguento.

Cara não podia acreditar em sua sorte. O homem estava entregando a ela as chaves de sua prisão! Tentou não deixar sua emoção transparecer em seu rosto.

— Obrigada. É muito gentil. — Num impulso, ela esboçou uma reverência para ele.

— Essa não é a minha reputação. Mais uma coisa.

— Sim?

— Eu pensei que gostaria disso de volta. — Ele puxou a adaga das dobras de sua camisa e jogou a lâmina de ponta a ponta com segurança casual. Cara estreitou os olhos. Se ela tivesse tentado isso, teria perdido um dedo. O aço frio brilhou quando ele se aproximou. — Mande afiá-la.

Ela o arrancou da mão dele. — Não está preocupado que eu possa tentar esfaqueá-lo novamente?

— É bem-vinda para tentar.

Sua risada diabólica o seguiu da sala.

Capítulo 11



Cara franziu a testa para os ingredientes à sua frente e desejou poder combinar o unguento muscular com uma poção para dormir. Nada a deixaria mais feliz do que deixar seu senhorio satânico inconsciente por um ou dois dias.

Infelizmente, a única poção para dormir que conseguia se lembrar de como fazer tinha que ser administrada em uma bebida. Ela provavelmente nunca chegaria perto o suficiente do vinho do senhor *del Sarto* sem que ele percebesse, mas ainda assim, era melhor estar preparada.

Uma criada estava esperando para tirar suas medidas para os novos vestidos quando ela e Renata voltaram para seus aposentos com os tecidos. Era uma garota bonita e rechonchuda, usando com um vestido tão decotado que seu busto montanhoso parecia estar em constante perigo de cair. Um avental branco amarrado sobre o vestido pouco servia para cobrir ou tampar.

A garota bateu palmas com um suspiro de alegria quando viu Cara. Fez uma reverência apressada, falando o tempo todo.

— Oh, milady, deixe-me a olhar! Mal pude acreditar quando Milorde me disse que eu teria a tarefa de vesti-la! — Ela fez um círculo lento em torno de Cara, avaliando sua tarefa. — Não se preocupe, milady. Eu só faço algumas coisas muito bem neste mundo, mas costurar é uma delas! — Ela piscou sugestivamente e Cara não pôde deixar de sorrir de volta. — Oh, estou tão animada que mal consigo pensar!

Renata revirou os olhos.

— Esta é Pia. Uma de nossas costureiras.

A garota saltou sobre os rolos de tecido, seus olhos azuis redondos como pires.

— Uau! Olha esses! Vai parecer uma princesa!

Cara fechou os olhos. Se Pia ia fazer algo em seu próprio estilo inimitável, ela estava condenada.

— Sua senhoria a quer em algo simples e discreto — Renata disse com firmeza, e Cara lhe lançou um olhar agradecido.

— Eu trouxe meus alfinetes e agulhas, milady. — Pia lançou um olhar desdenhoso para o vestido mal ajustado que Cara foi forçada a usar. — Vamos tirar essa coisa da senhorita. Apenas suba aqui na cadeira e podemos começar.

Enquanto a garota prendia o veludo azul no lugar, Cara tentou puxar o decote do vestido para cima.

— Isso é um pouco mais baixo do que eu costumo usar — ela protestou.

A serva riu.

— Céus, se acha que *isso* é baixo, não está acompanhando a moda em Veneza e Roma. Isso seria modesto lá, acredite em mim!

— Mas eu não tenho nada para exibir...

— Absurdo! Tem um punhado, que é tudo que a maioria dos rapazes quer!
— Pia riu e puxou o tecido ainda mais para baixo. — Eu te daria um pouco do meu, se pudesse. Eu tenho mais do que o suficiente para todas.

— Quase pode ver meu...

— Peitos? — Pia terminou, imperturbável. — A palavra importante é *quase*. Nada melhor para chamar a atenção de um homem do que um vestido que promete um lampejo de safadeza quando se mexe.

— Não quero chamar a atenção de ninguém!

Pia bufou. O conceito de não querer atrair um homem era claramente ridículo. Cara invejava a alegre falta de moral da outra mulher. Rechonchuda, sedutora e atrevidamente confiante, Pia era tudo o que ela mesma não era.

— Quer um decote quadrado ou arredondado?

— Depende inteiramente da sua escolha.

Pia parecia ter recebido as chaves do paraíso. Ela tirou cuidadosamente o vestido preso na cabeça de Cara.

— Eu terminarei o primeiro até amanhã — ela prometeu. — Eu *deveria* encontrar um dos garotos do ferreiro hoje à noite. — Seus olhos assumiram um olhar distante. — Grande rapaz robusto, aquele Marco, mãos enormes...
— Ela piscou, saindo de seu torpor. — Ainda assim, vai ficar até amanhã. — Recolhendo os rolos de seda e veludo da cama, ela saiu apressada, cheia de nova importância.

Cara se virou para Renata e a encontrou estudando-a criticamente. — O que é agora?

— Cabelo. — Renata puxou a cadeira para ela e gesticulou para que se sentasse. — Sua senhoria disse que, se cooperar, pode usar o solar dele e pegar alguns de seus livros emprestados.

Cara se deixou cair na cadeira. — Eu sei que deveria ser imune a tal suborno flagrante, mas é muito tentador. Pegue seu pente.

Cinco minutos depois, Renata recuou com o floreio de um mágico.

Cara olhou no espelho e ofegou. Seus emaranhados erráticos foram domesticados em algo realmente parecido com um *estilo*. Um pente de marfim puxado para trás de cada lado. Cachinhos bonitos emolduravam seu rosto. Ela nunca se viu parecer tão feminina. Era um milagre.

Renata assentiu satisfeita.

— Agora, se não há mais nada que precise, vou garantir que Pia não crie nada muito ultrajante.

Quando ela finalmente ficou sozinha, Cara misturou o unguento prometido e a poção para dormir também. Sempre esperançosa, empurrou a penteadeira para o lado, encostou o ouvido na porta de comunicação e deu um empurrão experimental, mas ela se recusou a ceder. Claramente, uma das razões pelas quais seu senhorio satânico sobreviveu até agora, foi porque não se arriscou com sua segurança pessoal.

Em vez disso, abrindo a porta para o corredor, ficou cara a cara com seus dois guardas, que ficaram em posição de sentido. Um tinha mais ou menos a

idade de seu pai, rosto enrugado e barba grisalha, o outro alguns anos mais novo que ela.

Ela deu ao mais jovem seu sorriso mais cativante e estendeu a pequena tigela de unguento. — Poderia entregar isso ao Milorde *del Sarto* com meus cumprimentos?

Um rubor subiu pelas bochechas suaves do garoto.

— Ele não está no castelo, milady.

— Sabe onde ele está? Quando vai voltar?

O menino assentiu, como um cachorrinho ansioso para agradar.

— Está supervisionando a prática de armas no pátio.

Seu ânimo caiu. Não haveria chance de fugir com meio exército reunido do lado de fora. Ainda assim, era uma boa oportunidade para espreitar as defesas.

— Leve-me lá, por favor. Eu desejo vê-lo. *Posso* deixar meu quarto?

O guarda mais velho pareceu surpreso e ofendido com a pergunta dela.

— Claro, milady! É nossa convidada de honra.

Ela se sentiu envergonhada por perguntar.

— Tudo bem, vamos até lá.

— Não quer mudar para outra coisa primeiro, milady? — o guarda mais jovem perguntou incrédulo.

Cara olhou para a camisa e meia que ela vestiu para fazer seus remédios e sorriu.

— Não, acho que não.

Qualquer coisa para irritar seu anfitrião.

Os guardas se posicionaram um de cada lado dela enquanto caminhavam pelo corredor. Era como ser levada à sua própria execução.

— Tenho certeza de que posso encontrar meu próprio caminho.

— Ordens de *Il Diavolo*. Estamos aqui para sua proteção pessoal, milady.

Cara bufou baixinho. *Hah! Estavam aqui para ver se ela não tentaria fugir; claro.*

Depois de uma série desconcertante de voltas e reviravoltas, abandonou qualquer esperança de encontrar o caminho de volta para seu quarto. Desceram a escada principal, cruzaram o grande salão e saíram para a luz do sol do pátio. O barulho que os saudou foi instantaneamente familiar — o som de luta. Mais de cem homens estavam praticando suas habilidades com as armas na área gramada entre as muralhas do castelo.

— Capitão Neroni. — Os guardas saudaram quando se aproximaram.

O capitão de armas observava o treinamento de um lado do campo. Ele se virou para Cara com um sorriso acolhedor.

— Milady. Posso ajudá-la com alguma coisa?

— Eu estava procurando por Milorde *del Sarto*.

Neroni acenou com a cabeça em direção ao centro do campo.

— O encontrou.

Il Diavolo estava bem no meio da luta, demonstrando algum movimento de aparência complicada para um grupo de soldados. Cara não conseguia tirar os

olhos dele, a elegante economia de seus movimentos enquanto lutava. Comparado com os soldados menos experientes, cujos braços se agitavam por toda parte, ele mal parecia se mover. Cada ação era suave e deliberada, com uma graça controlada que era um prazer de se ver.

Não havia nenhum sinal óbvio de qualquer ferimento em seu ombro, mas ela ergueu a tigela de unguento.

— Eu fiz um pouco de unguento para ele. Para o ombro.

O capitão lhe lançou um olhar surpreso.

— Ele te contou sobre isso, não é? Huh.

O choque do metal chamou sua atenção de volta para o campo e Cara estremeceu com a ferocidade da luta.

— Parece um regime bastante punitivo — arriscou. Um jovem recruta mancou para o lado, um filete de sangue pingando de sua mandíbula, apenas para ser chamado de volta. — Eles não param quando o sangue é derramado?

— Não por algo tão insignificante quanto um nariz quebrado — o capitão zombou. — Em uma batalha real, seu oponente não vai esperar enquanto enxuga o suor dos olhos.

— Suponho que não. Ainda assim, parece um pouco... brutal. Meu pai nunca trabalhou tanto com suas tropas.

— Seu pai não era tão bom quanto *Il Diavolo*. — O capitão disse sem rodeios. — É difícil, mas necessário. Aqueles que não conseguem cumprir o padrão são colocados em outras funções. Não há espaço nas fileiras para fracos e covardes.

Do outro lado do pátio, um grande urso estava sendo escoltado por dois dos guardas do castelo. Ele usava um peitoral de couro sobre a camisa e botas marrons gastas e parecia assustador, com ombros enormes e uma barba preta eriçada que obscurecia a maior parte de seu rosto. Suas mãos estavam algemadas nos pulsos.

— Agora vamos nos divertir — o capitão sorriu. — Nós capturamos aquele em uma escaramuça recente.

Cara franziu a testa quando os guardas soltaram as algemas do prisioneiro e lhe entregaram uma espada. O homem girou a arma em alguns arcos largos para testar seu peso.

— Está soltando-o? Por que deram a ele uma arma?

— Desafiamos todos os nossos prisioneiros inimigos para aprendermos seus truques de luta. Se conseguirem vencer um de nós no combate corpo a corpo, serão liberados com a garantia de uma passagem segura para casa. Se não, têm que jurar lealdade ao Milorde e se juntar a nós.

Del Sarto se separou do grupo e se aproximou do estranho. Suas longas pernas fecharam a distância com passos arrogantes e confiantes.

— *Del Sarto* vai lutar com ele?

O capitão assentiu. — Ele não vai deixar ninguém fazer isso.

— Alguém já bateu nele?

Ele deu a ela um olhar ‘o que acha?’ e voltou para o campo.

O prisioneiro desabotoou o peitoral e tirou a camisa em preparação. *Del Sarto* fez o mesmo, tirando a própria camisa para revelar um conjunto de ombros musculosos e um torso moreno e ondulado. Não havia um grama de gordura nele. Ao contrário de seu oponente, cujo peito estava coberto por uma espessa camada de pelos escuros, *seu* corpo era suave e bronzeado e atraente demais. A boca de Cara ficou seca.

Os dois homens apertaram as mãos e assumiram uma postura de preparação.

Francesco continuou. — Ele diz que precisa provar aos homens que é digno de liderá-los.

Os dois homens circularam um ao outro lentamente e ela pulou quando se encontraram com um terrível choque de espadas.

— Nós treinamos nossos homens para o pior cenário possível. Dessa forma, as batalhas reais são mais fáceis do que esperam. — Neroni disse.

A luz do sol brilhou nas lâminas. Os dois homens lutaram com um nível de destreza que superava qualquer um que ela já tinha visto. Cara sentiu que estava ficando quente, o que era uma reação preocupante, considerando que não estava muito quente no pátio. Seu corpo parecia ter vontade própria. Estava despertando para a vida de maneira mais alarmante. E tudo culpa *dele*.

Ela rezou para que Sua imperiosidade sombria fosse derrubada em seu traseiro perfeito.

Capítulo 12



— Aí vem o problema — o capitão rosnou baixinho.

Cara olhou ao redor para ver Renata caminhando até eles com um brilho de malícia em seus olhos escuros.

— Agora sim uma visão para alegrar o coração! — Renata mexeu as sobrancelhas. — Esta é a minha parte favorita da semana.

O capitão franziu a testa.

— Controle-se, mulher. Já viu homens nus suficientes para durar uma vida inteira.

— Não há problema em olhar — Renata riu, sem se ofender com seu tom. — E não sou só eu. Não notou quantas criadas simplesmente encontram uma tarefa urgente no pátio sempre que há prática de habilidade em armas? — Ela apontou com a cabeça para um grupo de criadas da cozinha, reunidas e rindo perto da porta.

O capitão lhes lançou um olhar desdenhoso.

— Não está praticando, Neroni? — Renata olhou-o atrevida, analisando-o da cabeça aos pés. — Por que não tira a roupa e se junta a eles? Mostre-nos o que tem. Estou avisando, vai esquecer como fazer se não praticar. Ou está velho demais para tudo isso agora? — Havia uma riqueza de insinuações em suas palavras.

O pescoço de Francesco ficou vermelho. — Eu poderia superar qualquer um deles, e têm metade da minha idade.

Renata riu. — Prefiro dois rapazes de vinte e cinco anos a um homem de cinquenta, em qualquer dia! — Ela cutucou Cara nas costelas.

— Só porque não consegue lidar com um homem *de verdade*. — Francesco deu meia-volta e saiu pisando duro.

— Do seu tipo? — Renata gritou para suas costas recuando. — Sempre que quiser *lidar com isso*, Neroni, é só me avisar! — Ela notou o olhar questionador de Cara e suspirou. — Temos uma longa história, Francesco e eu.

Seu tom indicava que não era algo que ela queria discutir, então Cara mudou de assunto. — Estávamos conversando sobre como os homens são treinados.

— Eu sei que parece duro, mas *Il Diavolo* é um bom líder. — Renata olhou de soslaio para Cara. — Não deve acreditar *em tudo* que ouve sobre ele. Ele trabalha duro para manter sua reputação, mas é principalmente para impressionar. Se o inimigo acha que não há chance de vencê-lo, metade da batalha está ganha antes mesmo de uma espada ser desembainhada. Ele também é um estrategista brilhante. Se descobrir onde as tropas inimigas estão se reunindo, cortará sua linha de abastecimento. Se planejam atravessar um rio, ele fará uma emboscada enquanto estiverem no meio do caminho.

Cara bufou. — Essas não são táticas muito honrosas.

Renata encolheu os ombros, seus olhos na luta. — Melhor uma rendição sem derramamento de sangue do que enfrentar seu inimigo ‘honrosamente’ em um campo de batalha e perder metade de seus homens no processo. Já vi muitos homens bons mortos para não apreciar seus métodos, dissimulados ou não.

O prisioneiro girou sua espada em um enorme arco, *del Sarto* desviou e usou o desequilíbrio do homem para desferir um golpe punitivo em sua costela.

Cara estremeceu, consciente do corpo de *del Sarto*, a força mortal aparente no jogo de músculos em suas costas. Cada golpe era preciso, calculado para infligir o máximo dano, mas havia uma poesia, uma graça letal na economia de seus movimentos. Ele era como um animal selvagem no auge de sua forma física. Como seria tocar aqueles músculos planos duros e flexionados? Ela fechou as mãos em punhos.

O que havia de errado com ela? Castelleon estava cheio de homens fortes e bonitos. Ela mal conseguia virar uma esquina sem ver um atraente ferreiro sem camisa ou um belo soldado de infantaria treinando seus músculos no campo de armas. Este homem a provocava. Zombava dela. Sem dúvida a estava usando para seus próprios fins tortuosos.

Então, por que a visão de *seu* corpo a afetava como ninguém mais Sua fascinação por ele era ridícula. Era apenas um corpo. Apenas uma coleção de músculos e ossos.

Renata abanou-se com a mão. — Eu não sei o que sente, mas apenas observá-los me deixa quente! — Ela sorriu. — Toda essa carne suada...

As bochechas de Cara queimaram. Ela era *tão* óbvia?

— Ele não é *apenas* um fabuloso pedaço de músculos, sabe — Renata inclinou a cabeça. — Veja como ele luta. Nem sempre é ortodoxo, mas é eficaz.

Como se fosse uma deixa, os dois homens se engajaram novamente. *del Sarto* forçou seu oponente a recuar com uma série de golpes punitivos e então usou o cabo de sua espada para acertar um soco brutal no rosto do homem. Cara estremeceu com o som de osso sendo triturado.

Um rugido de apreciação veio da multidão. O prisioneiro uivou e cambaleou para trás, sangue escorrendo de seu nariz, mas ele se recuperou para investir com um novo ataque.

— Muito bem, Milorde! — Renata gritou, colocando as mãos em volta da boca.

Os dois homens ainda estavam golpeando um ao outro, cada um estremeçando os ossos. Nenhum dos dois mostrou qualquer inclinação para parar.

— Parece que eles estão realmente tentando se matar — Cara comentou.

— Não se preocupe com *Il Diavolo*. Ele vai ficar bem.

— Eu não estou preocupada.

— Oh, sério? Então por que está torcendo a frente de sua camisa assim?

Cara soltou os punhos cerrados.

— Eu gostaria que fosse o pescoço dele.

Renata riu.

— Estou apenas preocupada com o que vai acontecer comigo *se* ele se matar, só isso — Cara disse.

— Sem chance disso, olha.

Com certeza, *del Sarto* havia desarmado seu oponente. A espada do prisioneiro voou inofensivamente para a relva. Quando o homem tentou atacar com as próprias mãos, *del Sarto* desferiu um golpe em sua costela com a parte plana de sua espada e o jogou no chão. O prisioneiro estendeu os dois braços em sinal de rendição enquanto a lâmina pressionava sua garganta.

Del Sarto recuou e estendeu o braço. O prisioneiro deixou-se içar e os dois homens deram tapinhas nas costas um do outro em sinal de respeito e admiração.

Renata riu da expressão surpresa de Cara.

— Eu sei. Homens. Assassinando um ao outro em um minuto, compartilhando uma jarra de cerveja no minuto seguinte. E dizem que *as mulheres* são incompreensíveis.

— O que agora?

— O perdedor jura fidelidade ao Milorde.

Cara estava bem familiarizada com a cerimônia de fidelidade. Ela tinha visto isso acontecer muitas vezes com seu pai enquanto recebia novos homens em suas forças. Ela sempre gostou da formalidade disso, da solenidade do Juramento de Fidelidade. O vassalo ajoelhava-se diante de seu senhor em um ato de homenagem. Juntando as mãos como se estivesse em oração, fazia o juramento, prometendo serviço fiel. O senhor pegaria as mãos estendidas do homem e anunciaria sua aceitação.

Ambos os homens recolocaram suas camisas. O soldado derrotado aproximou-se de *del Sarto* e ajoelhou-se diante dele na grama. Aparentemente não iriam organizar uma cerimônia específica dentro do salão.

Del Sarto parecia completamente à vontade, cada centímetro do príncipe de má reputação. Uma mecha de cabelo escuro caiu sobre sua testa e seu rosto bronzeado era inescrutável enquanto examinava seu oponente derrotado. Não havia nenhum indício de regozijo com sua vitória, apenas a certeza de que isso era devido, a ordem natural das coisas. Que este homem *devia* se curvar a ele em deferência.

O prisioneiro falou suas palavras claramente, para que todos ouvissem, e Cara deixou que elas a inundassem, uma enxurrada de memórias a assaltando com as cadências familiares. Sentiu uma pontada de saudade do pai, de tudo o que havia perdido. Sua garganta doía com as lágrimas que ela se recusava a derramar, então ela mordeu o interior da bochecha e se concentrou na dor.

Del Sarto assentiu em aceitação e deu um tapinha no ombro do homem, sinalizando para que ele se levantasse. A multidão reunida aplaudiu e se

aproximou para dar as boas-vindas ao recém-chegado. Cara se virou para entrar, mas deu um pulo ao ouvir aquela voz rica e profunda chamando seu nome do outro lado do pátio.

— Signorina Montessori!

Ela se virou. *del Sarto* curvou um dedo para ela. Não tinha percebido que ele sabia que ela estava lá, mas provavelmente estava ciente de sua presença desde o momento em que ela pôs os pés no pátio.

— Sim? — ela gritou com cautela.

Seus lábios se contraíram em um meio sorriso diabólico.

— Agora é *a sua vez*.

Capítulo 13



— Perdão?

— Venha aqui e ajoelhe-se para mim.

Seus tom profundo se espalhou pelo pátio. Não havia como errar no comando. Ou o desafio. Cada cabeça no castelo se virou para olhá-la. O ar zumbia com sussurros. Cara negou com a cabeça e tentou se virar, mas uma mão em suas costas a impediu.

Renata a empurrou para frente com um sorriso alegre.

— Melhor ir. Ele odeia ficar esperando.

A fuga era impossível, dado o número de testemunhas. Cara se aproximou com as pernas trêmulas, olhando *del Sarto* com cautela enquanto ele enxugava o suor dos olhos com o antebraço. Pelo menos colocou a camisa novamente.

Ela parou a vários metros de distância.

— Acredito que não ouvi corretamente, Milorde. Queria falar comigo?

— Ouviu-me. — Ele gesticulou para o chão com a ponta de sua espada. — De joelhos.

— Quer que *eu me* ajoelhe? — Ela deu a ele seu olhar mais desdenhoso e baixou a voz para que só ele pudesse ouvir. — Nos seus sonhos!

Seu sorriso fez seu estômago dar uma cambalhota.

— Oh, eu certamente sonhei que se ajoelhava na minha frente, Signorina Montessori. Pronta para atender a todos os meus caprichos. — Seus olhos dançavam com diversão profana e seu olhar quente prometia prazeres incalculáveis. Ele a analisou da cabeça aos pés com uma inspeção insolente e vagarosa que a fez corar até a raiz do cabelo.

Cara ergueu o queixo. — Se acha que me curvarei e me rebaixarei na sua presença, está redondamente enganado.

— Vai se ajoelhar para mim, seu novo senhor e mestre. — Sua voz era de aço, implacável, e as bochechas dela queimaram com raiva e humilhação. Como ele *ousa*? Ela não era um soldado de infantaria humilde! Ela era filha de um conde. A fúria correu por suas veias. Ela deu um passo rápido para frente e, sem saber ao certo o que ia fazer, deu um tapa na bochecha dele. Duro.

Um suspiro audível subiu ao redor do pátio quando a multidão testemunhou sua rebeldia. A própria Cara ficou maravilhada. Ela abaixou a mão, estremecendo com o formigamento na palma. Nunca tinha esbofetado ninguém antes. Assistiu com fascínio horrorizado como a marca rosa de sua mão aparecia lentamente em sua bochecha bronzeada. Um pulso palpitou em sua mandíbula e ela ficou tensa, esperando que ele a golpeasse ali no pátio. Em vez disso, deu a ela um sorriso frio.

— Quer lutar comigo? *Isso* é o que é necessário para provar que está realmente derrotada?

Ela olhou para ele, atônita.

— Não sou conhecido por ser misericordioso, mas vou lhe dar uma última chance. Uma nova barganha, por assim dizer.

Ela estreitou os olhos.

— Estou ouvindo.

Seus olhos percorreram suas roupas masculinas.

— Parece determinada a ser tratada como um homem, então vou estender-lhe a mesma oferta que faço a *todos* os meus prisioneiros. Se pode me vencer em um único combate, pode ficar livre. — Ela abriu a boca para argumentar, mas ele ergueu a mão para detê-la. — Se perder, pertence a mim, corpo e alma. Vai jurar fidelidade incondicional. Sem mais argumentos, sem mais fugas.

A mente de Cara estava agitada. Parte dela estava surpresa por ele estar lhe oferecendo essa chance. Ele a estava tratando como uma igual digna de respeito, algo que nem mesmo seu pai havia feito antes. A outra metade dela estava furiosa. Não poderia vencê-lo, e ele sabia disso, o monstro. Só queria humilhá-la na frente de todos.

Ela curvou o lábio.

— É uma oferta inútil. Não está arriscando nada. Sabe que não sou párea para você fisicamente.

— Vamos. Nunca pensei que desistiria de um desafio. Pode até ter a vantagem. Estou treinando há mais de uma hora e acabei de travar uma luta extremamente cansativa com nosso amigo peludo ali. *E* eu tenho um ombro machucado.

Ele parecia tão razoável, mas ela podia ouvir a diversão subjacente em seu sotaque preguiçoso. Estava saboreando fazê-la se contorcer.

— Agora, quer lutar, ou quer apenas se ajoelhar e acabar com isso?

Ela fez uma careta, totalmente consciente de que tinha sido encurralada. — Eu vou lutar, maldito seja.

Ele sorriu. — Uma escolha corajosa. Estúpida, mas corajosa. Escolha suas armas. Não que isso vá fazer alguma diferença.

— Espadas — disse Cara imediatamente. Mesmo que ela não pudesse vencê-lo, o faria se arrepender de provocá-la.

Ele virou o pulso e ofereceu a ela o punho de sua própria espada e ela reprimiu um arrepio de consciência quando seus dedos tocaram o metal aquecido. Ele lhe lançou um sorriso preguiçoso e devastador e ela recuou, já arrependida de sua impetuosidade. *Por que* ela sempre deixava seu temperamento levá-la a essas situações?



Francesco reapareceu ao lado de Renata e ela lhe lançou um olhar de soslaio..

— O que eu perdi? — ele perguntou, ciente da tensão crescente no pátio, o ar de excitação zumbindo pela multidão.

— Sandro a desafiou para uma luta.

— O que?

Renata deu de ombros.

— Ele disse para ela se ajoelhar e prestar homenagem e ela recusou.

Francesco ergueu as sobrancelhas.

— Interessante.

Os olhos de Renata se estreitaram.

— Se ele machucar um fio de cabelo na cabeça dela, eu vou arrancar a pele dele. Aquela pobre garota já passou por muito.

Cara lhes lançou um olhar impotente através do campo. Renata lhe deu uma piscadela de apoio e um aceno.

Francesco riu.

— Ela pode se virar sozinha. Só precisa mostrar quem está usando calças neste castelo, só isso.

— Os *dois estão* usando calças.

— Esse é precisamente o problema — Francesco resmungou. — Ainda assim, ele não vai machucá-la. Ele quer atravessá-la, tudo bem — ele riu — mas não com sua espada!

Renata revirou os olhos. — Essa sua mente só pensa em uma coisa, Neroni.

— É no que gostaria que eu só pensasse, não é *da Mosta*?



Del Sarto aceitou uma nova espada de um de seus homens. Caminhou até o centro do campo e ficou de frente para ela, pernas afastadas, braços pendurados frouxamente ao lado do corpo, e ergueu uma sobrancelha negra em um convite desafiador para que ela fizesse o pior.

Cara cerrou os dentes. O homem era autoconfiante demais para seu próprio bem. Onde estava um raio amigável quando precisava dele? Ela tinha feito mais do que seu quinhão de orações no mosteiro. Talvez nem sempre com sua total atenção, mas ainda assim, tinha que contar para alguma coisa. Certamente uma pequena intervenção divina não era pedir demais? Ela era *claramente* a parte mais merecedora aqui. Qualquer coisa serviria; uma tempestade de granizo, inundação repentina, praga de gafanhotos. Ela olhou para cima. O céu permanecia teimosamente livre de nuvens.

A espada dele era pesada em sua mão, muito mais pesada do que aquelas que estava acostumada a manusear. Provavelmente sabia que ela acharia difícil usá-la quando lhe ofereceu, o demônio.

Cara circulou, procurando uma abertura. Nunca realmente se envolveu em uma luta *de verdade* antes. Lutou com os cavaleiros e escudeiros de Castelleon, é claro, apesar da desaprovação de seu pai, mas suspeitava que sempre se continham porque ela era uma menina.

Segurando a espada com as duas mãos, Cara a balançou alto, tentando pegar o pescoço de *del Sarto*. Ele aparou facilmente. O impacto de metal contra metal sacudiu seus pulsos e ela cambaleou para trás. *Ele* não estava suavizando seus golpes só porque era uma mulher. Bem, ele pode ser mais forte, mas ela era rápida e inteligente.

Ela franziu a testa e tentou se lembrar da localização dos pontos de combate; os pontos fracos do corpo que eram os melhores lugares para golpear um oponente. Acertou dois ou três tiros certos, acertando a espada dele, depois passou a perna para trás dele e o chutou na parte de trás do joelho. A multidão aplaudiu, saboreando a exibição como espectadores em uma competição de gladiadores romanos farejando sangue.

Del Sarto cedeu, mas se endireitou imediatamente e segurou os braços dela em um aperto de punição. A levantou do chão e um segundo depois ambos estavam no chão, seu corpo deitado meio em cima dela. A multidão rugiu.

Todo o ar deixou seus pulmões em uma corrida dolorosa. Oh, Deus, *de novo não!* Ele a havia derrotado em menos de um minuto. O peso de ferro de suas coxas esmagava as dela, seus seios estavam grudados no peito dele, e o calor dele pulsava através da fina camada de sua camisa.

Cara fechou os olhos em humilhação, tanto por sua vitória fácil quanto pela reação traiidora de seu próprio corpo. Tanta agressão. Tanta atração. Como poderia querer beijá-lo e matá-lo exatamente ao mesmo tempo?

Seu peito arfava com o esforço e seu coração martelava na garganta, mas *del Sarto* nem suara. Cara respirou fundo, abriu os olhos e o olhou.

O bastardo arrogante estava sorrindo! Seu olhar insolente foi para sua boca trêmula, depois para baixo, para os seios, e Cara corou ao perceber como a chemise fina era indecente. Seus mamilos eram visíveis onde o material estava esticado.

— Já estivemos aqui antes — ele murmurou.

É claro que ele falou sobre isso. Referia-se à O Beijo.

Seis anos atrás, ela esperava impacientemente o retorno de seu pai da Terra Santa. Quando soube que ele estava a apenas um dia de cavalgada, ela partiu de Castelleon para surpreendê-lo. Cara tinha acabado de passar pela aba de sua barraca quando *del Sarto*, o grande imbecil, a derrubou no chão.

Ele *alegou* que a havia confundido com uma aspirante a assassina, mas era muito bom em seu trabalho para tal erro. Ele sabia exatamente quem ela era antes de tocá-la, e fez isso de qualquer maneira, apenas por diversão. Acabaram nessa posição também. Logo antes dele colocar aquela boca perversa na dela e roubar um beijo que ela nunca foi capaz de esquecer.

Apenas para fins de comparação, ela havia permitido que o ladrão residente de Castelleon, Giulio Pescari, a encurralasse na leiteria algumas semanas depois, a fim de provar que o beijo de *del Sarto* não tinha sido tão devastador quanto pensava, mas não tinha funcionado exatamente como o planejado. O beijo de Giulio tinha sido úmido e babado, como se estivesse sendo beijada por um cavalo. E quando ignorou a ordem de Cara para parar, imobilizou-o com um movimento nada feminino que havia aprendido com os garotos do estábulo. Depois disso, os homens de Castelleon a deixaram em paz.

Portanto, *del Sarto* ainda era o único homem que já a havia beijado de verdade. E, maldição, sonhava com uma reprise desde então.

— Estou tão feliz que tenha vindo vestida para lutar — provocou-a,

fazendo com que voltasse ao presente. — Já está pronta para desistir?

— Não. — Cara partiu para cima dele com toda sua força.

Ele rolou de cima dela com um movimento ágil e ela estava consciente de que ele tinha escolhido soltá-la. Ela ignorou a mão estendida dele e se levantou sozinha, cambaleando para longe, seus flancos arfando enquanto ela respirava trêmula. Seus pulmões doíam e seu lado ferido estava em agonia. Ela provavelmente acabara de desfazer a maior parte do trabalho manual de Renata. O pensamento de seu ferimento a lembrou do dele; ela mudou o ângulo de seu ataque e golpeou seu ombro com uma série de golpes pungentes.

— Me desculpe por ter-lhe feito aquela pomada! — ela ofegou entre os golpes.

Seus dentes brancos brilharam enquanto ele ria. Era tão presunçoso, tão superior. Ela rezou para ter forças para machucá-lo como ele merecia. Atacou novamente, mas ele a afastou tão facilmente quanto faria com uma mosca irritante, então se abaixou sob sua espada e se aproximou, pegando-a pela cintura e esmagando-a em um abraço de urso brutal. Seu osso ilíaco pressionou contra seu estômago. Cara se contorceu, conseguiu liberar um braço e o socou com toda a força nos rins. Ele mal grunhiu em reação. Agarrando um punhado de seu cabelo, ele puxou para trás para que seu rosto se inclinasse para o dele.

— Renda-se, mulher! — ele rosnou.

Ela mostrou os dentes para ele. — Não!

Seu olhar caiu sobre os lábios dela novamente e ela teve o terrível pensamento de que realmente *iria* beijá-la, ali mesmo, na frente de todos. Em pânico, levantou o joelho e tentou acertá-lo na virilha, mas ele antecipou o movimento e ela acertou a parte interna de sua coxa dura como pedra.

Um grito ecoou do lado.

— Não o machuque, milady! — Francesco bateu palmas de alegria, ignorando o olhar sombrio que seu mestre lhe lançou.

Aproveitando-se da desatenção de *del Sarto*, Cara lançou a cabeça para frente e o mordeu com força no ombro. Com um grito de surpresa, ele a deixou cair de volta em seus pés. Ela correu de novo, lhe atirando um sorriso de triunfo enquanto tirava uma mecha de cabelo de sua bochecha, mas seu sorriso desapareceu quando ela viu o olhar maligno que lançou a ela. Ele deu um passo para trás e deliberadamente jogou a espada da mão esquerda para a direita.

Seu estômago caiu em uma percepção horrorizada. Ele estava usando sua mão mais fraca o tempo todo! Brincando com ela, como um gato com um pássaro ferido.

Capítulo 14



Quando ele avançou novamente, Cara fechou os olhos, puxou o punho para trás e o socou o mais forte que pôde no rosto. A dor disparou em seus dedos com o contato. Santo Deus! Ela tinha acabado de quebrar todos os ossos da mão!

A multidão urrou de alegria. Abriu os olhos e o viu levar uma das mãos ao nariz. A dor valeu a pena; o sangue escorria entre seus dedos. Ela balançou o pulso para tentar restaurar a sensibilidade e o presenteou com seu melhor sorriso. — *Rende-se*, milorde?

Ele lançou um olhar incrédulo para a mancha vermelha antes de enxugar o lábio superior na manga da camisa. Um sorriso perigoso pairou nos cantos de sua boca enquanto ele esboçou uma reverência zombeteira. — Boa jogada. Ainda a tornaremos uma mercenária.

— Não, obrigada — ela ofegou, apoiando as mãos nos joelhos enquanto lutava para respirar. — Eu tenho coisas melhores para fazer com meu tempo.

Ele balançou sua espada tão rápido que ela mal teve tempo de bloqueá-la; o golpe estremeceu até as omoplatas. Cara cambaleou para trás, seu tornozelo torceu em um terreno irregular, e com um grito de consternação ela caiu de costas. *Del Sarto* jogou sua lâmina para o lado e ela assistiu com horror mudo enquanto caía de ponta-cabeça no chão macio, fora de alcance. Ele agarrou o braço dela e a puxou para cima.

Ambos estavam ofegantes. Ele estava quente e suado, coberto de poeira, e quando ela olhou para cima em seu olhar encapuzado, sentiu calor também. Quente, inquieto e violento.

— *Agora* vai se render? — Seus olhos dançavam com risadas e algo mais que ela não ousou identificar.

Ela negou com a cabeça.

Ele pressionou sua boca contra a dela. Dificilmente poderia ser chamado de beijo; era rápido e punitivo, um símbolo de domínio e posse. Uma comemoração aumentou e Cara percebeu tardiamente que quase todos no castelo se reuniram para testemunhar sua humilhação.

— Vai. Se. Render? — Ele enunciou cada palavra.

Ela ainda tinha a faca na bota. Poderia esfaqueá-lo no ombro ferido. Mas se fizesse isso, ele perderia prestígio na frente de seus homens, e ela precisava de sua reputação mortal - e seu braço de espada - intacto se ele fosse derrotar seu tio.

Ele interpretou seu silêncio como outra recusa. Sua boca se aproximou de dela mais uma vez e Cara se preparou para outra investida, mas esse beijo não foi nada parecido com o primeiro. O hálito dele tremeluziu sobre seus lábios como ondulações na superfície de um lago e, então, seus lábios roçaram os dela, macios como pétalas.

Seu coração parou. Tal gentileza de um homem com tanta força física era gloriosa. Inesperada. Irresistível.

Uma urgência repentina tomou conta dela. Ele podia nunca mais beijá-la. Ela escaparia, e provavelmente morreria em alguma batalha estúpida em algum lugar e nunca mais voltaria para assombrá-la.

Não aceitável. Cara juntou as mãos na frente da camisa dele, abriu a boca e o beijou de volta.

Seu grunhido inarticulado, no fundo de sua garganta, fez seus joelhos tremerem. A mão em seu braço apertou, e sua língua varreu dentro de sua boca, dançando dentro e fora em algum ritmo estranho e erótico que era novo e ainda, de alguma forma, dolorosamente familiar. Cara ofegou. Ele a estava reivindicando. Marcando-a.

Bem, ela o reivindicaria de volta.

O beijo se tornou uma batalha pela supremacia. O mundo inteiro se dissolveu e se estreitou em seus lábios, sua língua, sua respiração em sua boca. Era escuridão e pecado, promessa e cumprimento, tudo enrolado em um redemoinho vermelho-escuro. O mundo inteiro se inclinou em seu eixo.

Então, tão repentinamente quanto havia começado, *del Sarto* se afastou e o juízo de Cara voltou com uma rajada de ar frio. O som da multidão se intrometeu e a realidade de sua posição pública a fez se encolher de vergonha. Ela olhou para o céu em busca de raios iminentes, desta vez direcionados a *ela*, por ser tão monumentalmente estúpida.

O canto de seus lábios se curvou para cima naquele irritante meio-sorriso.

— Bem, isso *foi* interessante.

Ela passou as costas da mão na boca, então a ergueu para bater nele de novo, só para garantir.

— Te odeio!

Ele pegou o punho dela e beijou os nós dos dedos em uma paródia de uma saudação cortês — o que provocou mais aplausos da multidão por sua tolice. Cara arrastou a mão para trás e a escondeu atrás dela. O local que ele tocou latejava como se estivesse queimando.

— Não me odeia — ele zombou. — Odeia o que a faço sentir.

Seu coração falhou uma batida quando ele passou a ponta de seu polegar sobre seu lábio inferior e ela observou com fascinação horrorizada como uma mancha brilhante de sangue manchou a ponta de seu dedo. Levou-o à boca e lambeu-o até limpá-lo, os olhos cheios de segredos e cumplicidade. O calor se acumulou entre suas pernas. Foi bárbaro o que ele fez.

— Acho que brigar contigo é estranhamente excitante — ele murmurou. — Da próxima vez que tirar meu sangue, na verdade, da próxima vez que me mostrar *qualquer* ato de agressão, vou tratar isso como um convite. Claramente, a maneira de subjugá-la é através de beijos, em vez de golpes. Ele levantou a voz para que todos os presentes pudessem ouvir.

— Cederá?

Cara reprimiu sua negação instintiva. Sua submissão agora era a opção

mais política se ela quisesse recuperar seu lar. Ela soltou um suspiro de desgosto.

— Sim.

Assentiu satisfeito, colocou as mãos nos quadris e olhou incisivamente para a grama à sua frente. Ela sabia o que ele queria. Com as pernas trêmulas, ela se curvou e se ajoelhou, o olhar fixo nas botas dele. Então o orgulho começou e ela ergueu os olhos para ele. Não seria intimidada. Ele poderia ter vencido esta batalha, mas a guerra estava longe de terminar.

— Repita depois de mim — ele murmurou, desfrutando completamente de seu desconforto. — Eu prometo pela minha fé que no futuro serei fiel a Milorde.

Com os lábios trêmulos, ela repetiu suas palavras, odiando-o por lhe infligir essa humilhação.

— Agradável e alto, para que todos possam ouvir — ele provocou.

Cara levantou a voz. — Nunca lhe causarei mal e cumprirei meu compromisso perante todas as pessoas, de boa fé e sem enganos. Torno-me sua súdita leal pela vida, pela integridade física, pela verdade e pelas honras terrenas, prestando-lhe homenagem diante de todos os homens que amam, se movem ou morrem, que Deus e a Virgem Santa me ajudem — Ela quase se engasgou com as palavras.

Seus olhos brilharam com triunfo.

— Agora me pertence.

Ela empalideceu com a satisfação em seu tom.

Ele se virou.

— Renata? Leve-a daqui e torne-a apresentável. Da próxima vez que a vir, certifique-se de que ela esteja usando um vestido e se comportando como uma mulher deveria. Se ela lhe der algum problema... — seus olhos se voltaram brevemente para Cara em advertência —... informe-me imediatamente e eu lidarei com ela como achar melhor.

Ele girou nos calcanhares e se afastou, deixando Cara ajoelhada na terra.



Alessandro voltou-se para a multidão reunida. — Alguém mais? — ele berrou.

A primeira linha de homens deu um passo para trás, interpretando com precisão sua postura encurvada e vigilante. Privado de outra luta, saiu do campo e olhou para Francesco enquanto enxugava uma nova gota de sangue de seu nariz.

— Pareceu-me que ela o surpreendeu algumas vezes! — Francesco riu. — Quer um pano para isso?

— Não.

— Pelo bem de todos, apenas leve-a para a cama e acabe logo com isso. É doloroso de assistir.

Alessandro estremeceu quando a dor percorreu seu braço. Seu ombro ainda doía. A pequena megera tinha acertado alguns golpes sólidos ali também.

Lutar com ela era como tentar domar um cavalo selvagem — excitante e totalmente imprevisível.

Ele pretendia provocá-la com aquele beijo e esperava um tapa na cara em resposta. Mas o que começou como uma punição breve e zombeteira mudou para algo completamente diferente quando ela o beijou de volta.

Ele se orgulhava de seu rígido autocontrole. Beijá-la tinha sido a coisa mais estúpida que ele já tinha feito. O que diabos estava pensando? Ele *não* estava pensando. Pelo menos, não com seu cérebro. Deus, ele a queria. Seu corpo endureceu em reação quando se lembrou dela embaixo dele, ofegante e suada. Estava tremendo com a necessidade de moldar suas mãos em seus seios, seus quadris, seu traseiro atrevido. Graças a Deus teve forças para se afastar antes que fizesse algo *realmente* idiota. Como arrastá-la para a cama mais próxima, ou estábulo, ou feno para aliviar a febre ardente que ela acendeu.

Alessandro balançou a cabeça. Ele desenvolveu uma curiosidade insana para saber como seria ter todo aquele fogo e fúria em sua cama. Ele queria Cara di Montessori mais do que jamais quis uma mulher em sua vida.

Não conseguia apagar a imagem dela ajoelhada a seus pés, derrotada, mas ainda desafiadora. *Magnífica*. Ele tinha estado tão distraído com a visão que ela apresentou em sua ridícula roupa de menino, com um rubor manchando suas bochechas e seus olhos lançando adagas para ele, que lutou para lembrar as palavras para prendê-la a ele.

Um lampejo de pura satisfação passou por ele. *Ela era dele*.

Francesco deu um tapa em seu ombro ferido, interrompendo sua autoflagelação mental.

— Estou falando sério. Vá tomar um banho frio!



Cara mal se lembrava de ter voltado para o quarto. Seu corpo inteiro estava tremendo com a reação retardada.

— Nunca ouvi falar de uma mulher fazendo juramento de fidelidade antes — Renata arriscou.

Lágrimas arderam nos olhos de Cara.

— Ele me humilhou. Na frente de todos!

Renata parecia intrigada. — Eu não acho que esse era o objetivo dele, milady. Na verdade, ele lhe deu uma grande honra. Fez uma declaração pública de que é igual a um de seus homens.

Cara afundou na cama e enterrou a cabeça nas mãos. — Ele me enganou! Não sabe o que eu fiz? Estou *ligada* a ele. É uma promessa diante de Deus. Tão solene quanto os votos de casamento!

Deveria ter colocado algo desagradável em sua pomada, como mostarda ou pó de coceira. Algo para lhe causar o mesmo desconforto lamentável que ela sentia, essa dor ardente de frustração e raiva.

E o pior era que o bastardo arrogante estava certo. Ela *odiava* o que ele fazia com ela. A lembrança de seu beijo zombava dela. Sua mão ainda formigava onde ele a havia tocado. Olhou para baixo e notou uma mancha

vermelha nos nós dos dedos - ele havia deixado uma mancha de sangue lá, como uma marca. Esfregou-a com a ponta dos dedos.

O homem era impossível de lidar. Sua sanidade desaparecia em correlação direta com a proximidade dele.

Capítulo 15



Cara não viu *del Sarto* pelo resto do dia, o que a deixou profundamente grata. Naquela noite, ainda pensava nisso quando foi convidada - ou melhor, ordenada - a jantar com ele. Lembrando-se de seus comentários sobre suas roupas, decidiu que, às vezes, a descrição era mais valiosa do que a coragem, e colocou o novo vestido que Pia havia entregado em seus aposentos.

Enquanto seus guardas a escoltavam pelos corredores labirínticos, lembrou-se de que estava equilibrada, inabalável. O tipo de mulher que lidava com homens como *del Sarto* todos os dias. Sua autoconfiança diminuiu quando foi levada a um pequeno solar e percebeu que comeriam a sós, em vez de no grande salão com o resto dos moradores da casa. *Del Sarto* levantou-se, seu olhar fervendo em direção a seu vestido novo e Cara esperou por alguma zombaria sarcástica sobre finalmente cumprir sua ordem, mas ele se absteve de comentar. — Acho que passou uma tarde tranquila?

— Eu estava entediada.

Seus lábios se contraíram. — Sabendo de sua preferência por atividades violentas, isso não me surpreende. Como vamos diverti-la? Posso pensar em inúmeras maneiras interessantes de passar o tempo.

Ela ignorou a sugestão em seu tom. — Tenho certeza de que nenhuma me interessaria.

— Um jogo de xadrez, talvez? — Ele apontou para um belo conjunto de marfim preto e branco, colocado em uma mesa lateral de carvalho. — Joga?

Cara reprimiu um sorriso, lembrando-se das inúmeras vezes em que havia superado o pai. Ela deu de ombros indiferente. — Um pouco.

Ele lhe lançou um olhar divertido. — Seus olhos a entregam. Aposto que joga muito bem, não é?

— Quer experimentar?



A virilha de Alessandro endureceu em resposta imediata às suas palavras inocentes. Experimentá-la? *Deus, sim. Em todas as posições concebíveis.*

Ela ocupou o assento oposto a ele; a enorme poltrona a tornava pequena quando ela cruzou as pernas e colocou os pés embaixo dela. Tão formal e adequado.

Mas ela precisaria ser implacável para lidar com os convidados que chegariam ao castelo. Ele poderia lhe ensinar essa lição.

Ele virou o tabuleiro para que as peças brancas ficassem na frente dela.

— Damas primeiro.

— Tentando me desequilibrar com uma demonstração de cavalheirismo?

A boca dele se contorceu com a ousadia dela. Poucos ousavam falar com ele dessa maneira. Ele amava o jeito que ela constantemente o desafiava.

— Está funcionando?

— Não.



Del Sarto apoiou as mãos nos braços da cadeira. — Preste atenção, estará em xeque em três jogadas.

Cara estreitou os olhos para o tabuleiro, mas levou um minuto inteiro para descobrir a armadilha diabólica que ele armou. Ela xingou baixinho e moveu sua torre.

Del Sarto deu um suspiro exagerado. — Se ao menos a vida fosse tão direta quanto o tabuleiro de xadrez.

— O que quer dizer?

Ele apontou para os quadrados. — Aqui é claro, preto contra branco. A vida real nunca é tão definida. — Ele a olhou por baixo de cílios pecaminosamente escuros. — Nenhum homem é totalmente bom ou totalmente mau. Nunca se sabe em quem confiar. — Sua mão pairou sobre seu cavaleiro. — Muitas vezes é mais simples não confiar em ninguém. — Ele atacou o cavalo e derrubou o rei dela - um movimento flagrantemente ilegal.

— Ei! Não pode fazer isso!

Ele sorriu, dentes brancos brilhando. — Por que não?

— É contra as regras!

— *Então?* A vida raramente é jogada pelas regras. Por que o xadrez deveria ser diferente? Eu tomei o seu rei. Importa como isso aconteceu?

Cara franziu os lábios. — Claro que importa.

— Sou um mercenário implacável. Deve esperar que eu vença de qualquer maneira. — Seu olhar quente desceu para os lábios dela. — Deixe-me usar outro exemplo, um mais próximo do seu coração. O que me impede de levá-la para a cama agora e reivindicar Castelleon como meu?

Seu coração se alojou na garganta. — Honra? Cavalheirismo?

— O cavalheirismo é para tolos.

— Decência básica, então?

— O que faz você pensar que eu tenho alguma?

Seu sorriso de lobo a deixou quente e doente ao mesmo tempo.

— Fizemos uma barganha — ela o lembrou.

— Então nós fizemos. — Ele manteve seu olhar fixo por um momento sem fôlego, depois se inclinou para trás, dissipando a tensão repentina. Colocou a mão dentro de seu casaco e retirou um pedaço de pergaminho dobrado. — Por falar em Castelleon, recebi uma carta de seu tio.

— Enviada para cá?

Ele assentiu. — Ele sabe que está viva. E aqui comigo. Está ‘preocupado com sua segurança’ e exige que volte para Castelleon. — Ele sorriu para sua expressão horrorizada. — Eu recusei em seu nome.

Cara não tinha certeza se deveria ficar aliviada ou irritada com seu comportamento autoritário. Sua expressão divertida sugeria que ele entendia seus sentimentos perfeitamente.

— Também pode gostar de saber que rejeitei a sugestão dele de que se

casasse com seu primo... — ele consultou a carta — ...um jovem chamado Piero.

— Que gentil.

O sarcasmo dela ricocheteou nele. — Pensei isso. Deve ter me pego em um raro momento de fraqueza caridosa. Tenho outros planos para você.

Ela ergueu as sobrancelhas. — Oh, sério? Posso saber quais são?

— Claro. Irá se casar. Só não com o seu primo.

— Se isso é uma proposta, eu recuso.

Ele lhe enviou um sorriso zombeteiro. — Ao contrário da opinião popular, não preciso nem desejo uma esposa no momento.

O calor escaudou suas bochechas. Nem era preciso dizer que ela estaria bem abaixo na lista de noivas em potencial.

— E eu não preciso de um marido! Posso fazer um trabalho perfeitamente bom administrando Castelleon sozinha.

— Isso provavelmente é verdade. Mas já vi centenas de fortalezas bem administradas — e as capturei logo depois. É muito confiante. Todos são corruptíveis. Não é sobre a força das paredes ou quem tem mais homens. Basta um traidor e centenas de inocentes morrem. Seu pai não queria que vivesse assim.

— Ninguém em Castelleon me trairia.

— Não seja tão ingênua. Só precisa de um pouco de chantagem, a alavanca certa para transformar alguém. Dinheiro, ameaças, promessas, tortura. Deve suspeitar de todos. Então nunca será surpreendida pela traição inevitável.

— Isso não é muito de uma vida.

— Não. — Ele a fixou com um olhar sombrio, seus olhos escuros e sem fundo. — Não é. E é por isso que pessoas do seu tipo pagam pessoas como eu para fazer seu trabalho sujo. Sem sangue em *suas* mãos, milady.

— Acha que fui tão protegida que não posso lutar minhas próprias batalhas?

Ela congelou quando ele estendeu a mão sobre a mesa e acariciou sua bochecha.

— É exatamente o que eu penso. Faz bem a alguém como eu saber que ainda há coisas neste mundo pelas quais vale a pena lutar. — Os olhos dele prenderam os dela por um momento antes que ele deixasse a mão cair e ela vislumbrou a sinceridade em seu olhar antes que desaparecesse em seu cinismo usual. — Toda corte está cheia de traições e intrigas. Os homens são implacáveis e famintos por poder. As mulheres são fofoqueiras mesquinhas e vingativas. Uma palavra sussurrada ou um olhar mal interpretado pode custar sua vida.

Cara estremeceu com a amargura em seu tom.

— Certamente não é *tão* ruim.

Ele encolheu os ombros.

— Talvez não em Castelleon, mas na maioria dos outros lugares. Precisaré de um homem forte ao seu lado se pretende governar Castelleon. Alguém rico

e politicamente astuto. Devo à memória de seu pai arranjar-lhe tal união.

Ela o olhou. — Vejo o que está fazendo; está apenas tentando escapar do nosso acordo. Quer me tornar o problema de outra pessoa.

— Longe disso. A vida sem sua presença aqui será muito mais monótona, eu juro.

— Isso é o que o abade Andreo disse quando deixei o mosteiro — Cara disse sombriamente. — Mas seu plano de me casar é falho. Nunca vai me encontrar um marido se todos pensarem que sou sua amante.

Ele correu um olhar avaliador sobre seu rosto e corpo, como um comerciante do mercado avaliando um porco. — Oh, eu acho que eles vão.

Ela suspirou. A determinação de *del Sarto* em encontrar um marido para ela era ridícula. Se ela fosse casada, no momento em que recuperasse Castelleon, ele se tornaria propriedade de seu marido, para dispor à vontade dele. Ela perderia não apenas sua querida independência, mas também seu amado lar.

A fé de seu pai na integridade de *del Sarto* foi claramente equivocada. Doía-lhe quebrar o voto de fidelidade que fizera, mas não havia nada a fazer senão retirar-se dessa situação. Ela voltaria ao mosteiro de St. John e encontraria outra maneira de reclamar seu direito de primogenitura.

Uma que não incluía mercenários irritantemente atraentes que pensavam ter o direito de brincar de Deus com sua vida.

— Estou cansada de discutir, Milorde. Vou para a cama.

— Não até que eu reivindique meu prêmio por vencer nossa partida de xadrez.

Ele não se moveu de sua cadeira, mas de repente ele estava muito perto, muito intimidador. Muito tentador.

Ela deveria sair. Mas a parte perversa dela a fez ficar ali, olhando para o rosto bonito e duro dele. Onde estava seu orgulho? Ela deveria estar agarrando o castiçal mais próximo e defendendo sua virtude, não gostando da emoção inebriante dessa luta verbal.

— Por meios injustos — disse ela.

— Não importa *como* eu ganhei. Terei meu prêmio. Ele se levantou e contornou a mesa.

Cara ficou onde estava, determinada a não mostrar nenhuma fraqueza. Ele pegou sua mão e levou-a aos lábios; seu beijo aqueceu as costas de seus dedos. Ela os puxou, com a respiração acelerada demais, e se dirigiu para a porta.

Ela *não estava* desapontada por ele não ter beijado seus lábios.

Capítulo 16



Cara sonhou com um lobo. Estava sentada em uma floresta com o enorme animal preto enrolado em volta dela. Estava acariciando sua barriga, apreciando a textura sedosa e macia de seu pelo entre os dedos. A cabeça do lobo estava descansando em seu colo, a língua rosa pendurada, e ela riu quando lambeu seu pulso com sua áspera umidade.

E então o sonho mudou. A floresta escureceu em um lugar de sombras ameaçadoras e pavor inominável. Ela estava correndo, tropeçando na pressa, gemendo de medo. Seu lobo a estava rastreando, perseguindo-a através do pesadelo na floresta com patas silenciosas e ela sabia, sem dúvida, que tinha sido marcada para morrer.

Ela não conseguia correr rápido o suficiente. Ofegante, apavorada, se virou no momento em que o animal saltou da escuridão, as presas à mostra, os olhos cinzas brilhando com intenção malévola. Ela jogou os braços na frente do rosto para se proteger, gritando em negação - e acordou com um sobressalto, o coração batendo forte, gotas de suor na testa e escorrendo entre os seios.

Não havia necessidade de um adivinho para interpretar *isso*.

A manhã trouxe Francesco, vestido para cavalgar. — Sua senhoria diz que devo acompanhá-la se desejar cavalgar. Achei que gostaria de um passeio pela cidade.

Cara sorriu. — Oh, sim, por favor! Demorarei apenas um minuto.

Ela vestiu uma capa de montaria e, fora da linha de visão de Francesco, recuperou sua adaga debaixo do travesseiro e a prendeu em sua bota. Enquanto ela o seguia até os estábulos, tentou conter a explosão de esperança em seu peito. Este passeio poderia revelar uma nova via de fuga.

O rosto negro de Saraceno apareceu sobre uma meia porta quando passaram pela fileira de baias e ele deu um relincho de boas-vindas quando ela parou para acariciar seu nariz aveludado. Ele balançou as orelhas em êxtase quando ela o acariciou atrás delas.

Francesco parecia surpreso. — Ele gosta de você!

— Ele não gosta de todo mundo?

— Está brincando? Esse é o cavalo mais mal-humorado que já encontrei.

Cara sorriu para o cavalo.. — Assim como seu dono, hmm?

Na hora certa, o cavalo passou por ela e tentou dar uma mordida no ombro de Francesco. Ele lhe deu tapinhas carinhosos no nariz. — Saia de cima de mim, seu bastardo insociável - quero dizer, er, bruto — ele emendou, corando. — Ele não deixa ninguém montá-lo, exceto Milorde.

— Ah, tenho certeza de que não é verdade! — Cara sussurrou. — Me deixaria montá-lo, não deixaria, bonitão? — A besta acenou com a cabeça como se concordasse completamente. — Está vendo? Ele deixa!

Francesco negou. — Sem chance. É mais do que vale a minha vida deixá-la

chegar perto desse criador de viúvas. Vamos. — Ele parou ao lado de um cavaleiro que estava apertando a cilha em um baio pardo. — Este é Pandolfo.

Cara deu uma olhada no animal e abandonou qualquer esperança de fuga.

Pandolfo estava velho. Com o dorso balançando e os joelhos bambos, a coisa patética tinha metade do tamanho de Saraceno e permanecia placidamente mastigando um bocado de feno e olhando-a com olhos enormes, parecidos com os de uma vaca. Suspirando, deu tapinhas em seu nariz grisalho. — Deixe-me adivinhar — disse ela secamente. — Ao contrário de Saraceno, Pandolfo é o cavalo mais lento, mais velho e mais equilibrado que tem em seus estábulos?

Francesco riu. — As crianças treinam nele quando estão aprendendo a cavalgar. Desculpe. Ordens do Mestre. Ele disse para não lhe dar nada que pudesse ir mais rápido do que um trote.

Em Pandolfo parecia que, qualquer coisa além de respirar, seria muito extenuante. Poderia muito bem tentar escapar em uma das cabras do castelo. Levou o animal dolorosamente lento para o pátio, onde nada menos que vinte homens totalmente armados estavam alinhados a cavalo, esperando por ela.

— Ah, pelo amor de Deus! Eu não preciso de uma guarda armada!

Francesco deu de ombros como se estivesse fora do controle. — Pode ir a qualquer lugar dentro dos muros da cidade. Pandolfo se cansa facilmente, então é melhor não irmos longe demais. Existe algum lugar em particular que gostaria de ir? Algo que gostaria de comprar, talvez?

Cara sorriu, um pequeno demônio dentro dela levando-a a provocar o rude soldado. Ela deu um suspiro feminino de excitação. — Oh, eu *adoraria* ir às compras. Ora, eu poderia visitar todas as lojas de vestidos e joalherias da cidade e nunca me cansar! E isso sem *contar* todas as roupas íntimas e itens pessoais de que uma dama precisa. — Ela lhe lançou um olhar significativo e gostou muito de seu olhar de horror crescente.

Uma risadinha escapou dela quando teve pena dele. — Tinha que ver sua cara! — Ela deu um tapinha no braço dele. — Não se preocupe. Por mais que eu adorasse levar Sua Alteza Irritante à falência, não tenho interesse nesse tipo de coisa. Eu gostaria de sentir o sol no meu rosto, no entanto. Um passeio pela cidade seria maravilhoso.

Francesco assentiu aliviado. — Claro, milady! Por aqui.

Apesar da escolta - que ela fez o possível para ignorar - e de sua montaria inútil, Cara começou a gostar da cavalgada. Logo estavam imersos na agitação das ruas estreitas dentro dos muros e ela descartou a ideia de tentar se perder na multidão. Mesmo que ela escapasse de sua escolta, nunca seria capaz de passar pelas muralhas do castelo; uma rápida olhada nos portões pelos quais passaram confirmou que estavam muito bem guardados.

Ela logo se distraiu com o zumbido da atividade. Todos os tipos de mercadorias eram negociados em pequenas lojas e barracas. Ela inalou o cheiro de couro de um sapateiro, vislumbrou um ferreiro martelando uma peça de armadura sobre uma forja incandescente. Um garotinho bombeava o fole

para manter o fogo vermelho, o cabelo suado grudado na testa.

— Aposto que ele faz um bom negócio.

— Quem? O armeiro? Ele nunca fica parado. — Francesco assentiu. — Com um exército permanente tão grande quanto o nosso, sempre há um escudo quebrado ou uma couraça rachada que precisa de atenção. — Notando o interesse dela em uma barraca de padaria, ele parou e comprou um pequeno pão torcido cravejado de passas.

Cara afundou os dentes nele, saboreando o toque de especiarias e canela.

— Deus, isso tem um gosto bom! — ela gemeu.

— A única coisa sobre estar em campanha é que realmente se aprecia todas as coisas que não se têm. Como doces.

— E uma cama macia — Francesco riu, balançando a cabeça. — Certo. Vamos.

Atravessaram uma praça em forma de concha onde um grupo de mulheres fofocava em torno de um poço de pedra central. Francesco desmontou e gesticulou para que Cara fizesse o mesmo. Deixando sua escolta do lado de fora, ele a conduziu através da porta cravejada de um grande prédio de tijolos vermelhos.

O interior era fresco e silencioso e Cara experimentou uma sensação instantânea de reconhecimento. O lugar irradiava serenidade, como o mosteiro.

— Isto é uma igreja? — ela sussurrou.

A risada de Francesco ecoou no teto abobadado. — Não, milady. É um hospital. Para aqueles que foram feridos em batalha. *Il Diavolo* tem alguns dos melhores médicos da Europa trabalhando aqui.

A entrada se abria para um jardim no pátio central com passarelas com pilares saindo de cada lado e Cara olhou ao redor maravilhada. Se algum lugar na terra pudesse se aproximar de sua ideia do Jardim do Éden, era aquele. Canteiros elevados continham uma profusão de plantas e ervas. Flores desabrochavam sobre treliças e passarelas cobertas. Árvores frutíferas espalhavam seus confetes rosa e branco a cada rajada de vento. Um longo lago retangular cheio de nenúfares refletia o céu acima. Era um contraste total com a agitação da cidade, um refúgio surrealmente perfeito.

Várias pessoas cuidavam do jardim; alguns ajoelhados para capinar os canteiros, outros colhendo frutas com um senso de propósito tranquilo. Todos os trabalhadores tinham algum tipo de deficiência. Alguns tinham ferimentos óbvios, como membros perdidos, enquanto outros pareciam menos feridos, pelo menos fisicamente. Nem todas as feridas eram visíveis do lado de fora. Cicatrizes mentais, Cara sabia por experiência, muitas vezes eram mais difíceis de curar do que as físicas.

Uma fileira de cadeiras havia sido colocada à sombra de um dos pórticos em arco. Quatro ou cinco inválidos menos capazes reclinavam-se em almofadas confortáveis, observando os outros.

— Isto é como o jardim de St. John's — Cara sorriu com a memória. — O

padre Giovanni tem paixão pela jardinagem. Foi ele quem me ensinou tudo sobre plantas curativas. Juntos melhoramos a horta e acrescentamos um jardim de rosas no meio dos claustros.

Depois que a inundação que ela causou foi drenada.

— Então reconhecerá as ervas que eles cultivam aqui. — Francesco quebrou a cabeça de uma flor seca.

Cara olhou de soslaio para ele.

— Suponho que está me mostrando isso para provar que *del Sarto* não é tão ruim?

— Ele é um homem difícil de conhecer, milady.

Ela levantou as sobrancelhas com o eufemismo. Ela nunca conheceu ninguém mais irritantemente protegido do que *Il Diavolo*.

— Ele é leal. — Francesco continuou. — Ele nunca deixa um homem ferido se defender sozinho. Quem não pode trabalhar, ele apoia aqui, no hospital. Os homens o adoram porque ele é um comandante do tipo ‘*vamos*’.

Quando ela franziu a testa, ele explicou. — Do tipo que diz “vamos” e galopa para a batalha, em vez de dizer “vão” e ficar em segurança na retaguarda da linha. É sempre o primeiro a entrar e o último a sair de uma luta. Bebe a mesma água, come a mesma comida, dorme no mesmo chão duro. Eles morreriam por ele, se ele pedisse

Cara ficou emocionada com esse discurso apaixonado. Os homens de seu pai sentiam o mesmo por ele.

Francesco interpretou o silêncio dela como um sinal para continuar. Ele se virou e chamou sua atenção.

— Não o julgue com muita severidade. Se ele fez algo do qual não gostou, pode ter certeza de que ele tem bons motivos. — Claramente decidindo que já havia falado o suficiente sobre o assunto, ele se abaixou para pegar uma folha de sálvia prateada da borda mais próxima. Esmagou-a em seus dedos e inalou o cheiro. — Aquela pomada que fez para ele fez maravilhas. Seu ombro definitivamente melhorou.

Ela sorriu com o elogio.

— Talvez possa encontrar tempo para dar uma olhada em alguns dos ferimentos aqui? Apenas ver seu rosto seria o suficiente para levantar o ânimo da maioria deles. — Francesco corou ao perceber que a havia elogiado.

A culpa a esmagou. Se ficasse na Torre di San Rocco, adoraria ter a chance de usar suas habilidades de cura. Ela vinha cuidando dos cortes e hematomas em Castelleon desde que se lembrava. Mas não seria a castelã aqui. Não ficaria por aqui tempo suficiente para ajudar ninguém. Deu a Francesco um sorriso sem compromisso enquanto o seguia para fora do pátio e subia uma escada estreita em espiral. — Agora, para onde vamos?

— A torre do sino — ele explicou por cima do ombro. — Tem a melhor vista da cidade daqui de cima.

Cara piscou quando emergiram na luz do sol brilhante e quando seus olhos se ajustaram ela estudou o campo abaixo dela. Campos de cevada ainda verde

ondulavam como mares cintilantes ao vento, pontuados por linhas de ciprestes mais escuros apontando para o céu. Ela voltou os olhos para o oeste, em direção a Castelleon. Como estaria sem ela? A que atrocidades seu tio estava sujeitando seu povo? Como diabos ela iria chegar em casa?

Suas preocupações a distraíram durante todo o caminho de volta ao castelo. Ao entrarem novamente no pátio, entretanto, ela se levantou o suficiente para notar que um grupo de trabalhadores havia erguido um andaime ao redor da castanheira-da-índia e a estavam podando.

Francesco notou a direção do olhar dela.

— Sua senhoria pensou que estava crescendo muito perto de sua janela. Ele estava preocupado que as batidas nos galhos pudessem atrapalhar seu sono.

Sua expressão inocente e olhos risonhos desmentiam suas palavras. Ele deve ter sido informado de sua tentativa de fuga ignominiosa.

Cara conseguiu dar um sorriso tenso.

— Que gentil. Ele pensa em tudo, não é?

Capítulo 17



Naquela tarde, Cara entrou no escritório, preparada para sair se *ele* estivesse lá, mas a sala estava vazia, exceto por um fogo crepitante. Contornou a imponente escrivaninha que dominava o centro da sala e cruzou até a grande janela saliente, que reivindicava uma vista sobre a entrada principal e o pátio. Escolhendo alguns livros ao acaso, ela se acomodou contra as almofadas de veludo e começou a ler.

Algum tempo depois ela deu um pulo ao som da porta. Era seu carcereiro.

— Renata falou que eu poderia entrar aqui — ela disse, começando a se levantar. — Eu vou sair se quiser.

Del Sarto avançou, moreno e bonito em camisa branca e gibão de couro, como se estivesse cavalcando. Ele acomodou seus quadris estreitos contra a mesa e cruzou os braços e Cara teve a sensação enervante de estar presa em uma jaula com algum animal selvagem; manso por enquanto, mas provavelmente atacará a qualquer momento. Idiota como era, ela achou isso mais emocionante do que aterrorizante. Incapaz de ficar parada sob seu escrutínio frio, ela se levantou e começou a andar pela sala.

— Tem uma biblioteca maravilhosa. Obrigada por me deixar usá-la.

Ele inclinou a cabeça.

— Pense nisso como uma recompensa por seu bom comportamento contínuo.

— Tudo *precisa* ser uma troca?

Ele encolheu os ombros. — É o princípio básico do comércio.

Ela se recusou a entrar em uma discussão sobre o assunto. Tendo examinado as prateleiras mais cedo, relutantemente percebeu que ele estava longe de ser o grosseirão iletrado que ela imaginara. — Esta é uma seleção muito maior do que a biblioteca de St. John's. Leu todos?

— Só aqueles com imagens — ele zombou. — Muitas palavras dão dor de cabeça a um pobre soldado como eu.

Ela ignorou seu sarcasmo. — Eu ouvi relatos sobre a biblioteca Medici em Florença. As pessoas dizem que é surpreendente.

— É, eu já vi. Lorenzo costumava enviar agentes para recuperar livros de todo o mundo, especialmente do Oriente. Meus navios os trouxeram.

Cara passou as pontas dos dedos pelas lombadas, impressionada com o escopo dos assuntos. História militar, mapas, tomos médicos. Uma grande seção preocupada com a guerra, naturalmente. Ela foi até a parede oposta, onde haviam sido pendurados desenhos de diferentes castelos. — Onde é isso?

— Um lugar chamado Crac de Chevalier. Na Síria.

— Esteve lá?

— Não, mas estudar fortificações é um interesse meu.

Ela olhou para ele por cima do ombro. — Meu também.

— É uma jovem incomum. — De alguma forma, ele fez soar mais como um insulto do que um elogio. — Suponho que já fez um estudo completo das defesas de San Rocco?

Ela lhe lançou um sorriso alegre. — Claro.

— Também estou supondo - já que ainda está aqui - que não encontrou fraquezas. Importa-se de sugerir alguma melhoria?

— E ajudar a fortalecer minha prisão? — bufou. — Acho que não. Se eu encontrar uma rota de fuga, será o último a saber.

Seus lábios se contraíram. — Estou devidamente avisado.

Ela voltou para o assento da janela e se jogou nos travesseiros.

— O que está lendo? — ele perguntou.

Ela virou um livro para que ele pudesse ver a capa. — Chrétien de Troyes. É um romance cortês. Um conceito que duvido que esteja familiarizado.

Ele fez uma careta. — Encontrou isso aqui? Deve ser da Renata. Ela adora essas bobagens.

— Deveria ler. É muito instrutivo. Cheio de exemplos de como se comportar com uma dama.

Ele riu. — Eu não chegaria ao ponto de chamá-la de dama, querida. Pode ser uma mulher, mas não é uma *dama*. — Afastou-se da escrivaninha e avançou. Pegando o volume dos dedos dela, abriu-o aleatoriamente e começou a ler em voz alta.

— *Através de seus beijos e carícias, experimentaram um júbilo e uma admiração jamais vistos ou ouvidos. Mas ficarei em silêncio... pois os prazeres mais raros e deliciosos são aqueles que são sugeridos, mas nunca contados.* Deus, que nauseante! — atravessou a sala e tirou um volume diferente das prateleiras. — Isto é melhor — entregou o livro para ela.

— Maquiavel? Achei-o bajulador e pomposo. — Na verdade, achava os comentários espirituosos e mordazes do homem sobre a vida na corte muito divertidos, mas não estava disposta a admitir isso. — Ele defende a vitória a qualquer custo.

Del Sarto revirou os olhos. — Aposto que é uma daquelas idiotas que acham que a guerra deve ser conduzida com honra.

— E por que não deveria ser?

— Um homem cavalheiresco no campo de batalha é um homem *morto*. Não há jogo justo envolvido. Lembra da nossa partida de xadrez?

Cara bufou. — Sim, eu lembro. E ainda acredito que cérebros são preferíveis a músculos. — Ela lançou a sua forma magra e musculosa um olhar mordaz.

Ele negou. — A força bruta é *sempre* preferível. Seu cérebro não a levou muito longe no pátio, não é? — Seus olhos caíram para a boca dela, como se ela precisasse ser lembrada de sua derrota humilhante. — Mas se quiser tentar novamente, eu ficaria feliz em ajudar. — Seu sorriso lento era conhecedor, cínico. Seus lábios formigaram em consciência.

Ele vasculhou as prateleiras novamente, rondando com a graça fluida que o caracterizava, então selecionou quatro ou cinco volumes e os colocou na mesa na frente dela. Tinham títulos estranhos e exóticos, como ‘*Ananga Ranga*’ e ‘*O Jardim Perfumado para a Recreação da Alma*’ - obviamente uma obra árabe - de alguém chamado *Sheikh Nefzaoui*. Cara franziu a testa. Talvez fossem sobre horticultura?

— Quer algo instrutivo? Leia isso — disse ele.

Intrigada, puxou o livro mais acima a seu lado. Parecia ser do Oriente. Linhas verticais de escrita incompreensível desciam da borda superior ao lado de uma bela imagem pintada de um homem e uma mulher sentados juntos sob um pagode florido em um jardim. O brilho perverso em seus olhos deveria tê-la alertado, mas ela abriu sem pensar. A princípio, ela ficou tão absorta nas pinceladas intrincadas e detalhadas das ilustrações que não percebeu o assunto real. Assim que o fez, no entanto, ela corou como uma beterraba. Pintadas em papel fino, com uma borda de seda, cada uma das imagens chinesas eram imagens extremamente explícitas de amantes, envolvidos em todos os tipos de posições sexuais. Absolutamente cada centímetro de sua anatomia foi retratado em detalhes gráficos.

Ela fechou o livro com força.

Ele riu.

— O que? Estou apenas ampliando sua educação. Duvido que os monges tenham sido particularmente instrutivos nesse assunto. Viu aquela com a fruta? Sinta-se à vontade para levá-lo para o seu quarto, se quiser dar uma olhada mais de perto em particular.

Cara sabia que seu rosto estava queimando. — É um sem-vergonha!

Ele deu de ombros, descarado. — Todo mundo faz. Bem, talvez não os monges. Aposto que nunca tiveram nada parecido *em* St. John’s. Pelo menos, não ao ar livre. Não fique tão chocada. Passou metade da sua vida perto de soldados. Nunca falou sobre isso com os seguidores do acampamento ou com as criadas?

Ela não podia acreditar que haviam tocado no único assunto que nunca quis discutir com ele.

— Não!

Ele suspirou.

— Pena. Poderia ter aprendido algo útil.



Alessandro riu da óbvia mortificação de Cara. *Ela era muito divertida de provocar*. O pensamento o fez parar. *Diversão*. Ele não conseguia se lembrar da última vez que usou a palavra. Desde seu retorno da Espanha, ele quase se esqueceu de como era interagir com o mundo e aproveitá-lo. Ela trouxe o demônio brincalhão nele, o fez rir, mesmo sem tentar. Ele gostava de sua companhia, seu raciocínio rápido e suas reações inesperadas.

Queria estender a mão sobre a mesa e beijar aquela carranca de desaprovação de seus lábios. Ouvi-la suspirar de prazer. Ah, as coisas que ele

ia ensinar a ela.

Ela merecia mais do que as poucas noites de prazer que ele poderia lhe oferecer, é claro, mas isso era tudo que tinha para dar. A qualquer mulher.

— Então, se não são manuais eróticos, o que *gosta* de ler? — ele perguntou.

Ela cruzou as mãos afetadamente no colo, como se até tocar nos livros ofensivos pudesse ser contaminante.

— Prefiro os clássicos.

Ele inclinou a cabeça para ler as lombadas dos livros que ela havia empilhado ao lado dela.

— Ah. As *Metamorfoses* de Ovídio.

— Leu?

— Absolutamente. Está cheio de mulheres escapando das garras nefastas dos deuses. Como aquela garota Daphne que se transforma em uma árvore em vez de fazer amor com Apolo. Isso foi um pouco drástico, se me perguntar. O que há de tão ruim em ser amado por um deus? — Ele capturou seu olhar novamente, inabalável, e apreciou a sacudida em seu pulso que sentia sempre que ela olhava diretamente para ele. — Se ela simplesmente parasse de correr, descobriria que gostou.

Como previsto, ela corou, e Alessandro amaldiçoou o efeito que isso teve sobre ele. Ele não conseguia se lembrar de uma época em que tivesse sido tão inocente. Talvez nunca. Ele matou seu primeiro homem e teve sua primeira mulher antes de completar quinze anos. As coisas estavam indo ladeira abaixo desde então. Mesmo assim, quando estava com Cara, sentia-se mais vivo, mais alegre do que nunca.

A força de seu desejo por ela o intrigava. Teve mulheres muito mais experientes e sofisticadas. Mulheres mais bonitas do que ela. Mas se interessava apenas por seus corpos, no prazer que podiam dar e receber. E certamente nunca quis passar muito tempo com elas completamente vestidas.

Ele sorriu.

— Até o seu santo Ovídio escreve pornografia. Há uma cópia de seu *Ars Amatoria* por aqui em algum lugar. — Ele cruzou de volta para as prateleiras, encontrou o volume fino e jogou para ela. — Olhe.

Ela o pegou automaticamente, junto com o próximo que ele lhe estendeu, e franziu a testa para o título. — *Lysistrata*? Nunca ouvi falar disso.

— Os gregos geralmente são muito chatos, mas isso é hilário, juro. Um bando de mulheres gregas odeia que seus homens estejam sempre em campanha. Então, elas se revoltam e se recusam a fazer sexo até que os homens prometam voltar para casa para sempre. É uma estratégia brilhante.

Cara colocou o Aristófanés sobre a mesa e ergueu Chrétien de Troyes.

— Eu gostaria de pegar este aqui emprestado, por favor.

Alessandro revirou os olhos, mas deu um aceno permissivo com a mão.

— E isto. — Ela pegou as *Metamorfoses*.

— Tudo bem. Mas tem de levar os outros também. Em um espírito de

mente aberta — voltou para a mesa e recolheu os livros maliciosos junto com as outras escolhas dela e, antes que ela pudesse oferecer qualquer resistência, precedeu-a até a porta e entregou a pilha a um criado próximo. — Serei cavalheiresco o suficiente para levá-los para milady.

Capítulo 18



Cara não podia deixar de olhar para os livros horríveis, é claro, uma vez que estava sozinha em seu quarto.

‘Amatoria’ de Ovídio parecia ser um conselho para as mulheres sobre como lidar com os homens. O autor ironicamente sugeriu levar amantes jovens e velhos e exortou as mulheres a aproveitarem ao máximo suas melhores características corporais ao fazer amor, escolhendo a posição mais adequada. Seu rosto se inflamou enquanto ela lia sobre as várias posições sexuais que descrevia, a maioria das quais ela nunca havia considerado. E, naturalmente, não pôde deixar de se perguntar que posição *teria* de adotar para tirar o melhor proveito de si mesma. Seus seios eram pequenos. Seu cabelo estava um desastre. Sua pele nunca seria o branco de porcelana preferido das elegantes mulheres da corte. Suas pernas não eram tão ruins, embora fossem musculosas por causa da cavalgada.

Não havia mal nenhum em ler sobre essas coisas. Afinal, a ignorância era algo que ela deplorava. E ler sobre uma batalha não era o mesmo que estar em uma, assim como ler sobre fazer amor não era substituto para, bem, conhecimento prático de primeira mão.

Não era como se *nunca* fosse fazer sexo. Ela também podia ter todas as informações relevantes à mão. O problema era que ficava imaginando *del Sarto* como seu parceiro.

Quando ela alcançou o discurso de Ovídio sobre os dedos de um homem dando prazer a uma mulher, jogou o livro de lado com consternação e pegou suas ‘Metamorfoses’ em seu lugar. Isso era garantido para ser muito mais reconfortante. Exceto que continuou pensando sobre o que *ele* disse sobre isso. Seu maldito argumento fazia um tipo distorcido de sentido. Ela estava fugindo dele como Daphne de Apolo.

Seria realmente tão ruim? Ser amada tão ferozmente e tão bem? Certamente, se alguém vai ter um amante, pode muito bem ser aquele que deseja. Mesmo que fosse apenas por um tempo limitado.

Seu estômago deu um estremecimento engraçado.

Tinha que parar de pensar nisso. Sobre ele.

Sobre *Ele* em relação a *Isso*.

Franziu a testa para a página à sua frente. *Del Sarto* estava arruinando tudo, fazendo-a questionar seu próprio senso arraigado de certo e errado. O homem tinha charme e astúcia suficientes para seduzir uma freira - e ela nunca chegara a noviça.

Era seu inimigo, o homem mais irritante que já havia encontrado. Discordava de tudo o que ele defendia. Tudo o que ele era. E ao contrário de seu pai, ou dos soldados ou dos monges, era o único homem que conheceu com quem não podia se intrometer. Ele era imune a suas exigências e truques,

sua persuasão e esperteza.

Foi, reconhecidamente, gratificante ter encontrado um oponente tão digno, mas *del Sarto* era simplesmente perigoso demais para sua paz de espírito. Quanto mais cedo ela deixasse Torre di San Rocco, melhor.

Cara olhou para cima, culpada, quando a porta se abriu, mas Renata estava ocupada demais com o que carregava para perceber seu rubor envergonhado. Cara colocou a cópia ofensiva de *Lysistrata* embaixo do *Chrétien de Troyes*. Não cederia à sua curiosidade quase insaciável de perguntar o que o autor queria dizer com uma posição sexual chamada “o leão em cima de um ralador de queijo”.

Renata carregava outro vestido. Ela o colocou na cama e o acariciou carinhosamente, como se fosse um animal de estimação favorito.

— Veja isso! Pia fez um trabalho maravilhoso. — Ela notou as bochechas coradas de Cara e colocou a mão em sua testa. — Parece um pouco febril. Eu disse a ele que não é bom para uma garota enérgica assim, ficar presa dentro de casa. — Ela correu até o batente e abriu a janela.

— Estou bem — Cara protestou fracamente.

Renata lhe entregou uma pequena caixa de madeira embutida.

— Ele lhe mandou isso, para usar com o vestido. Olhe.

A boca de Cara formou um O silencioso de surpresa quando levantou a tampa. Dentro, aninhado em uma cama de seda, estava um conjunto de pulseira e brincos mais requintados que ela já tinha visto.

— Eu não posso usar isso!

— Ele disse para lembrá-la sobre o juramento de lealdade...

Cara rosnou e inspecionou um brinco. Um pingente de ouro finamente lavrado envolvia uma pedra vermelha como um seixo polido. Ruby, ela supôs. Captou a luz e brilhou com um fogo de tirar o fôlego. Ela nunca teve nada tão bom.

Por que ele a enfeitaria com tal elegância? Que jogo estava jogando? Relutantemente, colocou a pulseira, virando o pulso para um lado e para o outro para admirar o efeito. Não usava brincos há tanto tempo que os buracos em suas orelhas quase fecharam; o lóbulo de sua orelha latejava enquanto ela colocava as gotas no lugar. Atingiram o lado de sua mandíbula quando ela moveu a cabeça.

Renata a ajudou a vestir o vestido e habilmente prendeu seu cabelo com um pente, mas quando Cara tentou sair do quarto, a criada a segurou pelos ombros e a conduziu até a porta que dava para os aposentos de *del Sarto* em vez do corredor.

— Jantaré em seus aposentos esta noite — disse Renata alegremente.



Cara passou pela porta e estreitou os olhos para a cena diante dela. O jantar estava posto na mesa. Velas brilhavam nos castiçais. Comparado com a agitação do grande salão, ou mesmo de seu escritório, era íntimo, privado, uma cena preparada para a sedução.

Era um campo de batalha. E como seu território natal, ela ficou imediatamente em desvantagem.

Ele estava esperando. Vestia um gibão de veludo azul-marinho, tão escuro que parecia absorver a luz. Seu olhar pensativo a varreu da cabeça aos pés e Cara sentiu um formigamento percorrê-la. Ele a achava bonita? Seria melhor se não o fizesse.

Ele indicou a mesa. — Venha. Sente-se. Eu gostaria de sua opinião sobre algo.

Notou o brilho perverso em seus olhos com suspeita quando ele estendeu a mão, descobriu um prato e o ofereceu-lhe com um olhar docemente inocente em seu rosto. Olhou para a oferta e apenas *sabia* que seu rosto estava ficando vermelho de vergonha.

A bandeja continha uma coleção do que só poderia ser descrito como seios brancos pálidos, cada um com um mamilo vermelho inchado em destaque no topo.

— Nossa discussão sobre alimentos outro dia me fez pensar. Pedi ao chef que inventasse algo para divertir nossos convidados. Estes são chamados de ‘*minni di virgini*’ - seios virgens. Primeiro cozido por freiras sicilianas. São maçapão cobertos com creme e finalizados com uma cereja. Bastante realista, não acha?

O monstro estava claramente saboreando seu constrangimento. Recusando-se a ser superada, Cara levou um à boca, deu uma mordida hesitante e teve que reprimir um gemido de prazer. Sempre teve uma queda por sobremesas e estas eram deliciosamente doces. Os lábios de *del Sarto* se curvaram com seu entusiasmo. Ele mesmo escolheu um e mordeu a curva arredondada. Seus próprios seios formigaram. Ela lambeu um pedaço de glacê do lábio inferior e os olhos dele seguiram o movimento avidamente. Quando terminou, ele empurrou outro prato e ela sorriu. — Começo a reconhecer um padrão.

— ‘*Capezzoli di Venere.*’ Mamilos de Vênus — disse ele. — Castanhas romanas em açúcar de conhaque, amêndoas torradas e noz-moscada ralada.

Cara fechou os olhos, saboreando a deliciosa doçura. Oh, bom Senhor! Essas coisas eram tão boas que deveriam ser proibidas.

— Não sei como fica tão magra se come assim o tempo todo — brincou ele.

— Doces são minha fraqueza. Todos em Castelleon sabem que eu daria meu braço direito por uma fatia de bolo de limão da cozinheira.

Bianca, sua criada, jurava que a única coisa melhor que o bolo de limão da cozinheira era fazer amor. Cara não tinha nenhuma experiência com o último, é claro, mas ela secretamente duvidava que *qualquer coisa* pudesse dar mais prazer do que o bolo - por mais talentoso que fosse o amante. Ela encontrou o olhar de *del Sarto*. — Está tentando me chocar, Milorde.

Ele não se preocupou em negar. — Acho divertido. Vejo que está usando os brincos que lhe enviei. — estendeu a mão e tocou em um, fazendo a bugiganga balançar, então se levantou e caminhou até uma mesa lateral.

Pegou uma caixa coberta de veludo e a abriu com um movimento descuidado. — Quero que use isso também.

Cara parou de respirar. Um enorme rubi balançava de uma intrincada treliça dourada de correntes para formar um colar.

Ele a levantou e se colocou atrás dela. — Este é conhecido como o rubi do Príncipe Negro. Embora, tecnicamente, seja um espinélio. — Os cabelos da nuca dela se eriçaram quando seus dedos afastaram uma mecha de cabelo para prender o fecho.

A pedra central estava aninhada como um ovo de pombo entre seus seios e ela se arrepiou com sua frieza, mesmo quando aqueceu, absorvendo o calor de sua pele. Seu olhar se encontrou com o dele no espelho na parede oposta e observou, paralisada, enquanto ele passava um dedo ao longo de sua clavícula, depois ainda mais abaixo, traçando o decote de seu vestido, deslizando sobre a parte superior de seus seios. Suave como a neve, quente como o fogo do inferno.

— Isso pertenceu a um príncipe mouro de Granada. Ele foi esfaqueado até a morte enquanto negociava uma trégua com Dom Pedro de Castela.

Ela murmurou uma exclamação muda de protesto, tanto pela história horrível quanto por seu toque leve como pluma. Seus dedos acariciavam para frente e para trás, sua magia sutil em desacordo com a secura de professor de história em seu tom. As gemas do colar brilhavam contra sua pele como pequenas gotas de sangue. Aturdida, ergueu as mãos para abrir o fecho, mas os dedos dele pararam os dela na nuca.

— Deixe. — Sua voz era baixa e hipnótica. — Don Pedro fez uma aliança com um cavaleiro inglês conhecido como o Príncipe Negro, que exigiu a pedra em troca de seus serviços.

— Todas as suas histórias contêm mercenários — disse fracamente. — Como conseguiu isso?

— O Príncipe Negro o levou para a Inglaterra, onde foi adicionado às joias da coroa. Quando Henry Tudor ganhou a coroa em batalha, ele a deu a *mim* pelos serviços que lhe prestei na França.

— Uma história tão violenta.

Ele sorriu e baixou a cabeça.

— Perfeito para uma mulher tão violenta. — Seus lábios roçaram a carne nua de seu ombro.

Por um breve momento, Cara fechou os olhos e saboreou a sensação, então ela se afastou.

— Pare com isso! Só faz isso para me controlar.

Ele deixou cair as mãos e deu um passo para trás, liberando-a da névoa sensual que ele teceu tão facilmente. O ar correu de volta para seus pulmões.

— Mas é claro. É muito mais fácil do que tê-la algemada, embora a ideia tenha um certo apelo. — O brilho em seus olhos era perverso.

— Eu não gosto de ser manipulada — ela disse friamente.

— Gosto demais para parar. — Ele gesticulou para o decote dela. — Vista

isso amanhã à noite. Como minha anfitriã, deve refletir minha magnificência.

— A auto zombaria em seu tom era evidente.

— Nós dois devemos ser exibidos em público como seus bens mais valiosos?

Ele riu de seu cinismo. — Precisamente. Também deverá começar a dançar. Preciso saber que não vai me envergonhar.

Cara franziu a testa. — Eu posso dançar.

Ele estendeu a mão. — Prove.

Ela estudou seus dedos longos e elegantes e balançou a cabeça.

— Com medo? — ele provocou.

— Não — ela mentiu. — Não tem música.

— Isso não importa. Siga o meu comando.

Ele pegou a mão dela e a ergueu até a altura do ombro. Sua mão livre pousou na curva na parte inferior de sua coluna; seu toque queimou todo o tecido grosso de seu vestido.

Onde estavam as centenas de servos quando precisava deles?

Ela manteve o olhar em sua garganta bronzeada enquanto ele se movia, guiando-os através dos intrincados padrões de um mosaico, e ficou maravilhada com a forma como eles fluíam juntos tão facilmente. Ela geralmente era uma bagunça na pista de dança, mas sua habilidade ágil se transferiu para ela como por magia. O único som era o sussurro de seus pés no chão de madeira.

Ela se sentia estranhamente segura em seu abraço, apesar da inegável emoção do perigo, como se seu corpo reconhecesse que ele era forte o suficiente para protegê-la do pior que o mundo pudesse lançar sobre ela. Um refúgio em uma tempestade.

Mas sua proteção tinha um preço alto.

— Olhe para mim — ele ordenou suavemente.

Ela ergueu os olhos e o ar entre eles vibrou, tenso como a corda de um arco.

— Virá para a minha cama esta noite?

Ele parou. Ficaram parados, seus corpos se tocando, os seios dela contra o peito dele, as coxas duras dele contra as dela. O sangue latejava em seus ouvidos. Ela sentiu como se estivesse pairando à beira de um abismo e desesperada para cair. Ela o queria há anos. Tudo o que tinha que fazer era dizer sim.

A sanidade veio em seu socorro. Ela recuou de seu aperto.

— Não. Não me quer realmente. Considera essa ‘pechincha’ apenas um jogo, uma diversão.

Seus olhos brilharam. Ele agarrou seu pulso, puxou-o para baixo e colocou a mão diretamente sobre a protuberância latejante na frente de suas calças. Ela ofegou quando sentiu a dureza dele através do material.

— Nenhum jogo. — Ele balançou os quadris, empurrando-se contra a palma da mão dela. — Vai honrar sua parte no trato?

Ela estava se afogando em seus olhos.

— Não! — Sua voz era um mero coaxar. — Eu...

Ele se afastou, e a perda de seu corpo contra o dela era como uma dor física. Foi até a porta, abriu-a e gesticulou para que ela saísse. Não pareceu nem surpreso nem desapontado com a recusa dela.

— Então eu vou lhe desejar boa noite.

Cara soltou um suspiro trêmulo com a suspensão inesperada. Passou por ele o mais rápido que seus membros trêmulos permitiam.

De volta ao seu quarto, se olhou no espelho e mal se reconheceu. As gemas do colar enviavam reflexos vermelhos em sua pele aquecida. Com dedos desajeitados, abriu o fecho e o deixou cair sobre a penteadeira, tirando a pulseira também com uma sensação de alívio. Tentou tirar os brincos, mas eles machucaram suas orelhas e ela desistiu frustrada. Não importava se os deixasse. Ela mal pregaria o olho de qualquer maneira.

Capítulo 19



Os primeiros convidados começaram a chegar logo após o café da manhã. Cara observou de sua janela uma procissão aparentemente interminável de cavalos e carruagens serpenteando pela ponte da cidade até os portões da frente.

Cada uma das grandes casas parecia estar competindo para superar as outras em extravagância e o número dos convidados na festa. Casais ricamente vestidos eram ajudados a sair das carruagens e levados ao salão, acompanhados por dezenas de criados e bagagens. Seu estômago se contraiu. Todos eram tão elegantes e sofisticados. Raramente recebia convidados, exceto os amigos militares de seu pai que visitavam Castelleon. Estava muito mal preparada para esta noite.

Um novo vestido havia sido colocado sobre a cama. Era de veludo azul meia-noite, tão escuro que quase chegava a ser preto, com um decote quadrado e uma cintura estreita que se alargava em uma saia cheia nos quadris. Uma fina túnica de seda com um corpete franzido proporcionava um pouco mais de modéstia, mas não muito.

Inquietou-se enquanto Renata mexeu em seu cabelo, tecendo uma fina fita dourada em sua trança, então sofreu com a aplicação de delineador e espirrou quando Renata passou um pé de lebre coberto de pó sobre o nariz. Por fim, prendeu o colar de rubi no pescoço, passou o bracelete pelo pulso e deu um passo para trás para admirar sua obra.

Cara arriscou uma olhada no espelho. Seus olhos brilhavam de excitação, sua cor estranha se transformou em um verde musgo assombroso pela escuridão do vestido. Seu cabelo também não parecia um ninho de passarinho. Ela deu um pequeno aperto de gratidão no braço de Renata.

A mulher mais velha olhou pela janela para ver os recém-chegados e bufou. — Oh, que maravilha. Os Canozzis.

Cara olhou por cima do ombro. Uma bela mulher desceu de uma carruagem, seguida de perto por um homem muito mais velho. Ambos estavam vestidos no auge da moda. Cara teve um breve vislumbre do cabelo louro-claro e da pele de alabastro antes de a mulher subir apressadamente os degraus, deixando o cavaleiro em seu rastro para dar ordens aos batedores e supervisionar o descarregamento de vários baús de viagem.

— Esse é o marido dela? — ela perguntou, surpresa.

Renata bufou. — Sim, pobre diabo. Uma palavra de advertência, milady; Vanessa Canozzi só traz problemas. — Ela se virou antes que Cara pudesse perguntar mais. — Vejo-a mais tarde.

Quando Cara foi para as festividades, encontrou *del Sarto* pairando no final da escada, parecendo tão sombriamente elegante como sempre em um gibão de veludo preto com gola alta e mangas cortadas. Seus olhos nunca a

deixaram enquanto ela descia os degraus, e Cara mordeu o lábio enquanto esperava por seu veredicto.

— Servirá.

Ela soltou a respiração que estava segurando. — Que bajulação! — ela riu. — Lembre-me de não deixar isso subir à minha cabeça.

Ele ignorou seu sarcasmo e a conduziu ao grande salão, que já estava lotado. Seus dedos formigaram com o contato. Ela tentou se desvencilhar, mas ele a segurou com força e inclinou a cabeça em direção ao ouvido dela para ouvisse em meio ao barulho da conversa.

— Deixe-me falar sobre alguns de nossos convidados, antes de começar uma guerra. Os Sforzas de Milão, ali, são os inimigos tradicionais dos Medici de Florença, à sua esquerda.

— E os colocou na mesma sala? Isso é muito corajoso ou muito estúpido.

— Eles vão se comportar. Todos nós jogamos o jogo quando precisamos.

— Quem é aquele fuinha ali? — Cara indicou um cavalheiro alto e bem-vestido que examinava a multidão reunida com ar alerta. — Ele está me observando desde que chegamos.

— Don Michelotto, o braço direito de Cesare Borgia. Ele é um dos assassinos mais letais da Itália. Deveríamos estar honrados por ele ter saído do lado de Cesare para vir nos espionar. — Ele chamou a atenção do homem, curvou-se e recebeu um aceno educado em troca.

— Não está preocupado em tê-lo aqui? — Cara disse.

— Prefiro tê-lo como convidado do que vagando por aí, sem ser convidado, nas sombras. ‘Mantenha seus amigos por perto e seus inimigos ainda mais perto’, dizem. — Ele pressionou contra ela, enviando uma emoção quente por seu corpo. — Não se preocupe. Estará perfeitamente segura comigo.

Ela quase bufou com essa mentira flagrante. Segura era a última coisa que ela estava.

— Agora, quem mais é interessante? — ele perguntou. — Alguns membros da família Borghese de Siena estão aqui. Aquele ali é o Niccolò. — indicou um homem de cerca de sessenta anos, envolvido em uma conversa, enquanto guiava Cara suavemente através da multidão, sua mão pressionando a parte inferior de suas costas.

Uma mulher bem-vestida, um pouco mais velha, aproximou-se deles.

— Ah, agora aqui está alguém que gostaria que conhecesse — murmurou. — Caterina Sforza, Senhora de Imola e Condessa de Forlì. Desde que seu primeiro marido foi assassinado, ela governa como regente de seu filho primogênito, Ottaviano. — Ele se curvou quando a mulher os alcançou. — Catarina! Deixe-me apresentar minha convidada de honra, Signorina Cara di Montessori.

Cara fez uma reverência. A mulher sorriu.

— Encantada! É filha de Ercolo di Montessori, não é? Eu ouvi sobre seu falecimento. Sinto muito por sua perda.

Cara inclinou a cabeça.

— Obrigada.

A testa da mulher enrugou. — Não é a...

— ...garota que explodiu o mosteiro? — Cara terminou com um sorriso triste. — Sim, milady. — Ela ergueu as mãos. — Culpada da acusação. Isso vai estar na minha lápide, eu acho: ‘Cara di Montessori. Destruidora de lugares sagrados.’

Os lábios de *del Sarto* se contraíram. — Ficaré feliz em saber que compartilham muitos dos mesmos interesses. Caterina é fascinada por experimentos em alquimia.

A mulher mais velha assentiu. — Absolutamente! Alessandro, deixe-nos em paz. Pare de pairar como uma terrível ave de rapina.

Ele se curvou novamente. — Se me derem licença, madames.

A Condessa puxou Cara gentilmente pelo braço. — Ora, ora. Ele parece muito protetor contigo, minha querida!

— Acredite em mim, ele é igualmente possessivo com seu cavalo. — Cara fungou. — Mais ainda, na verdade.

— Absurdo! Eu vi o jeito que ele a olha. — A dama mais velha piscou. — Como se ele quisesse comê-la! — Ela riu da expressão de Cara. — Perdoe-me, eu te envergonhei. Disseram-me que sou muito franca, mas estou muito velha para ser sutil. Agora me diga, o que *exatamente* usou para derrubar a parede de um mosteiro? Estou compilando um registro de todos os tipos de experimentos alquímicos. É um pequeno hobby meu. — Ela observou o nariz de Cara com olhos duvidosos. — Vou te dar uma receita maravilhosa para melhorar essas suas sardas em troca.

Cara não podia se ofender; a mulher estava tentando ser útil.

— Fiz pólvora negra chinesa, que é uma mistura de enxofre, carvão e salitre — disse ela. — Moe cada ingrediente separadamente e adiciona água fervente apenas o suficiente para umedecê-lo e misturar. Deixe secar, embrulhe em papel e guarde até precisar. E, obviamente, *não* o deixe perto de fontes de calor ou chamas!

— Que educação notável teve, minha querida! — a Condessa disse com aprovação. — Tão mais interessante do que algumas dessas gansas de cabeça vazia que encontramos hoje em dia que só pensam no corte de seus vestidos. — Ela acenou com a mão, dispensando um grupo de jovens sorridentes perto do fogo. — Agora, se me der licença, vejo que o odioso lacaiozinho de Borgia, Don Michelotto, está aqui. Por mais que eu odeie falar com *alguém* ligado aos Bórgia, sei que ele terá as receitas de vários novos venenos que posso incluir em meu livrinho de segredos.

Capítulo 20



Vanessa Canozzi ficou furiosa.

Como era seu costume, meia hora depois de sua chegada, seus servos leais a informaram de todas as fofocas importantes. E o único assunto na boca de todos era a 'hóspede' do *Il Diavolo*.

Vanessa conferiu seu reflexo no espelho, em busca de imperfeições. Ela alisou um cabelo loiro claro de volta no lugar e olhou de perto. Não, ainda sem rugas para manchar sua pele perfeita. Seus pálidos olhos azuis endureceram. Como *Il Diavolo* poderia preferir qualquer outra pessoa? Era inexplicável. Ela olhou para seus seios perfeitos, suaves e cremosos, inchando indignados acima de seu corpete. Simplesmente não fazia sentido. Ao que tudo indicava, a ratinha mal tinha seios para falar, e *Il Diavolo* deixou bem claro o quanto ele gostava de *seus* seios amplos.

Ela era sua amante há vários meses, incentivada por seu marido sapo, que não via razão para que ela não usasse seus óbvios encantos para ficar do lado bom de um dos jogadores mais poderosos do cenário político italiano.

Não foi uma dificuldade. Vanessa suspirou, lembrando-se da sensação de seu corpo delicioso e da sensualidade crua de sua paixão. Ela sabia que compartilhava seus favores com outras mulheres, mas era um preço pequeno a pagar por um amante tão magistral. Ela sorriu. Ele nunca havia recusado sua cama para ela e ela não o via há meses. Não há razão para que ele seja imune a seus encantos agora. Ainda assim, a presença da pequena senhorita ratinha era um aborrecimento.

Ela observou os dois secretamente do outro lado da sala e seu estômago se contorceu de inveja. O olhar quente de *del Sarto* devorava a garota sempre que ela não estava olhando para ele. Vanessa conhecia aquele olhar de luxúria pura e possessiva. Ela mesma o havia jogado em *Il Diavolo* em mais de uma ocasião. Se ele ainda não tivesse a garota em sua cama, era apenas uma questão de tempo.

Vanessa rangeu os dentes, furiosa com o fato de que uma zé-ninguém tão ingênua pudesse ter usurpado sua posição. Ainda assim, não temia que a garota fosse algo mais do que uma conquista temporária. Sandro logo se cansaria dela, mas, ainda assim, era irritante. Ela lhe lançou suas melhores sedução e olhares convidativos durante toda a noite, mas até agora ele se mostrou completamente imune. Tinha sido geladamente educado. E não tinha aparecido em seu quarto, apesar de seu bilhete cuidadosamente redigido.

Bem, não iria simplesmente ficar sentada e aceitar isso. Era hora de mostrar à srta. ratinha que ela tinha uma rival.

Vanessa acenou para sua criada e lhe entregou dois pedaços de papel dobrado. — Certifique-se de que este seja entregue a Milorde *del Sarto*. Espere dez minutos e depois dê este para aquela ratinha marrom que ele está

acompanhando. Mas não deixe que ela a veja.

— Sim, Signora.

Vanessa beliscou as bochechas para adicionar um pouco mais de cor e pensou se teria tempo de trocar de vestido, mas decidiu que não. Este brocado era atraente o suficiente e, além disso, *Il Diavolo* raramente prestava muita atenção em suas roupas quando as estava removendo. Saindo de seus aposentos, ela se dirigiu para fora.

Gratificadamente, ela ouviu sua entrada nos estábulos menos de cinco minutos depois e seu coração palpitou com antecipação enquanto ele caminhava em direção a ela pela fileira de estábulos. Sem se deixar intimidar por sua expressão desinteressada, ela levou o dedo aos lábios e o chamou para uma das baias mais afastadas.

— Bem, Vanessa, o que é essa notícia de extrema importância?

Vanessa fez beicinho. Ela sabia que era um truque cativante - mostrava sua boca em sua vantagem mais beijável.

— Oh, querido, não seja assim. Sabe que não tenho notícias, importantes ou não. É que senti sua falta nesses últimos meses. — Ela se pressionou de corpo inteiro contra ele. — Faz tanto tempo desde a última vez que te vi.

Ele mal lançou um segundo olhar para ela enquanto pegava seus braços e a afastava dele.

— Agora não. Estou ocupado. Devo voltar para meus convidados.

— Oh, vamos, sabe o que dizem sobre só trabalhar e nada de lazer... — Vanessa deslizou a mão pela frente da camisa dele, apreciando os músculos tensos sob o tecido. Sua mão desceu e o segurou com ousadia, lambendo os lábios e olhando em seus olhos.

Sentiu uma pontada de aborrecimento quando se levantou na ponta dos pés para beijar sua boca, apenas para vê-lo virar a cabeça para que ela roçasse sua bochecha. Ela deu a ele um sorriso sedutor.

— Eu sei o quanto gosta quando eu faço isso... — Ela o empurrou contra a parede e deslizou por seu corpo para que ela estivesse ajoelhada diante dele na palha. Seus dedos ágeis começaram a desatar os laços na frente de suas calças.



Cara franziu a testa para o bilhete. Alguém o colocou em sua palma enquanto ela assistia à dança, mas quando se virou, o mensageiro já havia se misturado à multidão. A nota pedia que ela fosse aos estábulos.

Obviamente, qualquer um que assinasse como ‘amigo’ provavelmente não seria. Ela não tinha amigos ali. Podia ser um truque do tio dela. Outro de seus assassinos? Mas e se fosse alguém com notícias genuínas de Castelleon? Ela tinha sua adaga. Seria cuidadosa.

A sala lotada deu a ela a chance perfeita de escapar despercebida. Olhou ao redor, certa de que *del Sarto* olharia para seu rosto e imediatamente suspeitaria de algo, mas a sorte estava do seu lado — ela não conseguia vê-lo em lugar nenhum. Evitando Francesco e Renata, que se posicionaram um de

cada lado da porta principal e fingiam ignorar um ao outro, ela escapuliu por uma porta lateral e atravessou o pátio escuro em direção aos estábulos com os sentidos em alerta máximo.

A porta estava às escuras, mas sobre a fileira de baias de meia altura ela podia ver uma lanterna brilhando no outro extremo. Os cavalos relinchavam e batiam as patas na palha quando ela passava. O focinho feio de Pandolfo empurrou suas saias através das ripas de madeira, mas Cara ignorou sua saudação e avançou na ponta dos pés com sua adaga em punho.

Sons suaves e abafados vinham da baia final. Ela dobrou a esquina, tensa para um confronto, mas em vez disso, sua boca se abriu em descrença chocada. Vanessa Canozzi estava na baia, assim como *Il Diavolo*.

E eles não estavam prestando atenção *alguma* nos cavalos.

Cara parou, paralisada no lugar como um coelho pego no olhar da raposa. Vanessa estava de joelhos. *Del Sarto* estava encostado na parede, a cabeça jogada para trás, os olhos fechados. Suas mãos seguravam cada lado da cabeça de Vanessa enquanto ela se atrapalhava para liberá-lo de suas roupas.

Cara pode ter sido criada com cuidado, mas ela não era estúpida — e ela leu aqueles livros horríveis. Não havia dúvidas sobre o serviço que Vanessa estava prestes a fornecer. Ela estava chocada e ainda assim estranhamente fascinada pela visão. Ler sobre algo e realmente vê-lo eram duas coisas completamente diferentes.

Determinada a não perturbá-los, ela começou a se retirar, mas algo — algum instinto perverso e aguçado pela batalha — fez a cabeça de *del Sarto* se erguer. Seu coração parou. O olhar dele encontrou o dela infalivelmente e por um breve momento ela registrou o choque em seu olhar, que rapidamente se transformou em diversão zombeteira. Ela se virou e correu, indiferente ao barulho.

Deus, ela era tão estúpida! Como poderia ter pensado que ele era atraente? Como ele *ousa* olhar para ela daquele jeito quente e faminto por cima da cabeça de outra mulher! Claro *que* ele estava fazendo sexo, o porco no cio. Era um homem típico. Isso é tudo o que sempre pensavam. Isso e encher seus estômagos. Ela estava certa em recusá-lo na noite passada. Não era ela que ele queria; qualquer corpo feminino disposto faria isso.

Segurando as mãos nas bochechas em chamas, ela subiu correndo a escada em espiral até seu quarto e se jogou na cama. Ela enterrou a cabeça sob o travesseiro de penas com um gemido de mortificação, então socou os travesseiros algumas vezes para garantir.

O que ela estava sentindo não era nem um *pouco* de ciúme. Aquela mulher Canozzi era bem-vinda para ele.



Alessandro praguejou em silêncio. Ele se perguntou o que Vanessa estava fazendo quando o chamou para os estábulos. Ela *sempre* teve um motivo oculto.

— Feliz agora? — ele murmurou, segurando seus pulsos para impedi-la de

desabotoar suas calças ainda mais.

Ela olhou para cima de sua posição a seus pés.

— O que quer dizer? — Seus olhos azuis eram toda inocência.

— Fez seu ponto. A Signorina di Montessori entendeu o recado, mas não havia necessidade dessa pequena cena, garanto.

— Eu não sei do que está falando. Não me pare, querido. Deixe-me ajudá-lo com isso. Eu quero.

O pior de tudo é que ele mal havia se excitado com o toque de Vanessa, mas agora estava duro como uma rocha contra a mão dela, e não tinha nada a ver com ela e tudo a ver com a pequena bruxa que acabara de sair. Não era Vanessa que ele queria ajoelhado diante dele; era exatamente assim que imaginou Cara quando ela se ajoelhou para jurar-lhe fidelidade. A mão dela em sua carne quente, a boca tentadora se fechando ao redor dele. Seu eixo pulsou em resposta e Vanessa sorriu, sentindo a vitória, mas ele a levantou e a afastou.

Vanessa estava ofegante, gostando do manuseio bruto, e ele de repente perdeu a paciência. Virou-a, pressionando-a contra a parede para que não pudesse ver seu rosto. Ela riu baixinho e encostou a testa na parede, esperando que ele continuasse, mas a empurrou e deu um passo para trás.

— Mas querido, ainda não terminamos! — ela choramingou. — Não me diga que não me quer!

Alessandro encontrou seu olhar. — Eu lhe disse, não estou de bom humor.

Ela lançou um olhar zombeteiro para a protuberância entre as pernas dele.

— Realmente? Não parece assim.

— Acabou, Vanessa. Encontre outra pessoa. Ou melhor ainda, volte para o seu marido. — Ele saiu dos estábulos sem olhar duas vezes.

Alessandro voltou para o corredor, mas um rápido olhar lhe disse que Cara não estava lá. Ficou tenso, alerta para um de seus truques, mas relaxou quando Francesco relatou que ela havia se retirado para seu quarto. Alessandro fez uma careta. Ela provavelmente estava morrendo de mortificação. Ou planejando esfaqueá-lo durante o sono.

Ela tinha se saído bem esta noite. Ficou impressionado com o fato de ela ter escondido bem o nervosismo de aparecer em público a seu lado. Eles também tinham dado o que falar. Havia muita especulação sobre a natureza exata do relacionamento deles, mas ninguém teve a coragem de lhe perguntar abertamente.

Um pouco de mistério era bom. Não havia mal algum em deixar que os outros acreditassem que ele se deitou com ela. Para alguns, isso só a tornaria mais interessante. Ele não teria dificuldade em encontrar um marido que fizesse vista grossa para o fato de que sua nova noiva poderia não ser virgem em sua noite de núpcias.

Alessandro franziu a testa. Não, a dificuldade seria encontrar um homem que pudesse lidar com ela. Protegê-la. Valorizá-la, como seu pai havia feito.

Um homem digno dela.

Ele massageou a nuca e suspirou. Seria uma tarefa hercúlea.

Capítulo 21



Cara olhou de um lado para o outro no corredor, em seguida, bateu na porta de Vanessa Canozzi. Quando foi aberta por uma criada de rosto azedo, ela colocou o pé na abertura para evitar que fechasse em seu rosto.

— Quem é? — A voz queixosa de Vanessa Canozzi veio de trás da criada.

— Cara di Montessori. — Cara passou pela criada sem esperar ser convidada a entrar.

Vanessa estava sentada na cama. A mulher estava perfeitamente vestida, nem um fio de cabelo fora do lugar para mostrar o que ela estava fazendo recentemente nos estábulos. Seus olhos percorreram toda a extensão do corpo de Cara e seus lábios se curvaram em desdém. — O que quer?

— Deixar este lugar, — Cara disse, igualmente sem rodeios.

Vanessa riu. — Não estou surpresa. O castelo inteiro está fofocando que subiu em uma árvore para escapar das garras malignas de Alessandro. — Olhos azuis duros varreram Cara da cabeça aos pés com um olhar crítico que conseguiu transmitir total incredulidade. — Há rumores de que ele está obcecado em levá-la para a cama. — Sua risada tinha um tom amargo e quebradiço. — Deve ser por causa da novidade, imagino. Duvido que ele já tenha tido uma virgem, e provavelmente acha que será divertido. Ou talvez a veja como um desafio? Homens como ele não resistem a isso, seja no campo de batalha ou no quarto. — Ela inspecionou uma unha delicada. — De qualquer forma, ele se cansará rapidamente, assim que conseguir o que quer.

Cara tentou não estremecer com o veredicto contundente da mulher mais velha e assentiu. — Concordo. É por isso que me recuso a ficar aqui e jogar seus jogos. Preciso que me ajude a fugir.

Vanessa jogou uma mecha de cabelo claro por cima do ombro. — E por que eu faria isso?

— Então poderá tê-lo totalmente.

A mulher mais velha ergueu as sobrancelhas e soltou uma gargalhada aguda. — Ah. Direto ao ponto. Como eu, uma mulher de coração.

Cara deu de ombros. — Quer que eu vá embora, e estou ansiosa para ir embora. Nós duas queremos a mesma coisa.

— O que sugere?

— Eu posso selar um cavalo nos estábulos, mas preciso que crie uma distração para que eu possa sair sem ser detectada.

Vanessa sorriu. — Eu acredito que a maioria dos cavaleiros foram dispensados esta noite. — Seu tom de conhecimento deixou claro que ela estava ciente da presença de Cara lá antes.

Cara tentou não corar. Mulher odiosa. — Eu também preciso passar pelos guardas no final do corredor. — Ela inclinou a cabeça para a criada. — Se eu usar o manto de sua serva e fingir ser ela, posso seguir para fora daqui.

Quando eu tiver um cavalo selado, pode distrair os guardas na guarita por tempo suficiente para eu sair cavalgando.

Vanessa estreitou os olhos pensativa, então assentiu. — Muito bem.

Cara ergueu a trouxa contendo seus lamentavelmente poucos pertences. Ela desejou que ainda estivesse de calça, mas o vestido de veludo que ela usava era quente o suficiente para passar uma noite ao ar livre. A criada entregou seu manto com capuz e Cara o puxou para proteger o rosto.

Vanessa puxou a frente de seu vestido para baixo para expor mais de seu decote, fixou um sorriso brilhante em seu rosto e abriu a porta com uma risada alegre. Cara seguiu, mantendo o rosto para baixo, e quando se aproximaram dos dois guardas no final do corredor, Vanessa ‘tropeçou’ na bainha de seu vestido. Ambos os homens instintivamente estenderam a mão para ajudá-la.

— Oh, como sou tola! — Vanessa ofegou sem fôlego, apertando o bíceps do soldado mais próximo para se firmar e, ao mesmo tempo, conseguindo se colar ao peito dele. As bochechas do guarda ficaram coradas. Vanessa se esfregou contra ele como uma gata carinhosa e lhe lançou um olhar cheio de promessas indecentes por baixo dos cílios. — Devo voltar para a festa. — suspirou. — Vamos, Júlia.

Os guardas mal olharam para Cara quando ela se posicionou atrás de sua ‘*senhora*’. Seus olhos estavam ocupados demais seguindo o traseiro balançante de Vanessa, como abelhas atraídas para um campo cheio de trevos.

Assim que saíram, Vanessa se afastou com um breve aceno de cabeça. — Depressa.

Cara entrou nos estábulos cautelosamente e dirigiu-se à baia de Saraceno. O cavalo relinchou de prazer enquanto ela acariciava seu pescoço lustroso. — Agora, bonito — ela sussurrou. — Vai me deixar montá-lo?

Del Sarto ficaria furioso se ela roubasse seu cavalo, mas ele ficaria furioso de qualquer maneira, então o que isso importava? Saraceno era a montaria mais rápida em centenas de quilômetros. Ele era sua melhor chance de escapar.

A besta era enorme; teve de subir no palheiro no canto do estábulo só para montar no lombo dele. Saraceno se mexeu quando se acomodou sobre ele, mas, felizmente, não tentou derrubá-la. Estalando a língua, ela o incentivou a avançar. Sua pelagem escura misturava-se perfeitamente com as sombras.

— Parem o ladrão!

Cara deu um pulo, certa de que havia sido descoberta, mas era Vanessa na entrada principal, segurando a garganta e gritando como uma peixeira enfurecida. Cara teve que admirar seu desempenho. A mulher deveria estar no palco.

— Guardas! Não fiquem aí parados! Vão atrás dele! Um homem - ele roubou minhas pérolas e fugiu! Rápido - por ali! — Ela apontou na direção oposta aos estábulos.

Cara passou pelo portão sem ser impedida, mas mal se atreveu a respirar até que tivesse atravessado a cidade, passado por baixo das muralhas e

chegado à segurança dos campos. Então, arfou com prazer.

— Vamos então, bonito. — Saraceno aguçou as orelhas. — Vamos ver se é tão rápido quanto todos dizem.



— O que quer dizer com ‘ela não está no quarto’?

O tom de Alessandro, praticamente um sussurro, fez o pajem trêmulo dar um passo para trás inadvertidamente. Dois dos cães de caça do castelo choramingaram e se esgueiraram para fora.

— Exatamente isso, senhor. Renata foi verificar se ela estava dormindo, como ordenou, mas ela havia sumido.

Alessandro já caminhava pelo corredor em direção aos aposentos de Cara. O infeliz servo correu atrás dele.

— Tem certeza de que ela não está escondida em algum lugar? Alguém a viu sair?

Meu Deus. Uma pequena pausa na campanha e seus homens não conseguiam nem mesmo conter uma mulher indisciplinada. O lugar inteiro estava ficando mole. Precisava bater em algumas cabeças. Ainda assim, sua pequena problemática não poderia ter ido longe. Estava sozinha e a pé. Que Deus a ajudasse quando a alcançasse.— Mande selar Saraceno. Eu mesmo irei atrás dela.

— Quer que eu o acompanhe? — Francesco perguntou, alcançando-o.

— Não, eu serei mais rápido sozinho. — Alessandro franziu a testa quando outro pajem apareceu. — O que é agora?

O menino cedeu. — Ah, senhor? Parece que ela... levou seu cavalo.

Os lábios de Francesco se curvaram. — Tem que admitir, ela é uma diabinha corajosa...

— Mais uma palavra e eu vou estrangulá-lo! — Alessandro subiu três degraus de cada vez.

Francesco lutou para manter o rosto sério. — Alguma ideia de onde ela pode estar indo? Não de volta para Castelleon, certamente?

— Ela não é *tão* estúpida. — Alessandro chegou aos estábulos e montou em um baio já selado. Ele olhou para seu segundo em comando. — Ela irá para o único lugar que acha que é seguro; o mosteiro de St. John.

— Vá com calma com ela, Alessandro. Sabe que faria exatamente o mesmo no lugar dela.

Alessandro fez uma careta, principalmente porque Francesco estava certo. — Isso não me faz querer estrangulá-la menos.

O pensamento de Cara, sozinha e desprotegida, fez seu estômago revirar. E se ela encontrasse seu tio bastardo assassino? Ou bandidos? Ele esporeou o cavalo a galope. Seu coração batendo combinava com a batida dos cascos do cavalo. Se algo acontecesse com ela, ele nunca se perdoaria.

Capítulo 22



Estava indo tão bem.

Cara havia cavalgado por horas, apreciando o magnífico animal que havia roubado. Não se atreveu a dar rédea solta a Saraceno na escuridão, com medo de que ele se machucasse, e o passo lento deu tempo de sobra para repetir a cena que ela testemunhou nos estábulos. Como seria tocar um homem dessa maneira? Para tê-lo em seu poder, à sua mercê? Ela sempre imaginou que seria repulsivo, mas pensar nisso em relação a *del Sarto* era tudo menos isso. Pensar nisso a deixou vermelha e dolorida.

O amanhecer estava tornando o céu rosa salmão quando chegou ao rio e olhou para a água com desagrado. Tinha planejado evitar estradas e pontes, mas havia se esquecido desse obstáculo em particular. Sabia nadar bem, mas o rio era amplo e de correnteza forte.

Seguiu rio acima até encontrar um lugar que parecia raso o suficiente para Saraceno atravessar. Mesmo assim, a parte mais funda ainda parecia que chegaria até a barriga dele, então ela começou a desamarrar os laços de seu pesado vestido de veludo. Se acabasse na água, não queria ficar atolada com o peso de suas saias. Tirou o vestido e colocou o material caro em um dos alforjes. O ar da manhã estava frio contra sua pele exposta e ela tremeu só com a fina roupa de algodão. Passou as saias de baixo pelos joelhos e as amarrou na cintura para que não molhassem.

Um galho quebrou e ela pulou, então soltou um suspiro aliviado quando um pássaro voou baixo sobre a água. Não há razão para ficar tão nervosa. Não havia ninguém para vê-la por quilômetros. Ela incitou Saraceno para a água rasa e o garanhão avançou, pisando com cuidado nos seixos arenosos que margeavam o fundo. A água subiu, primeiro até os joelhos do cavalo, depois até a barriga. No centro do riacho, a água batia no peito do cavalo.

Cara tinha acabado de tirar os pés dos estribos e equilibrá-los na sela para evitar que se molhassem quando ouviu o som mais horrível que já ouvira em sua vida.

Foi uma risada, profunda e rica — acompanhada por aplausos lentos e sarcásticos.

Ela amaldiçoou em todas as línguas que poderia pensar.

Um assobio estridente soou da vegetação rasteira. Saraceno parou de repente.

Cara se virou e, claro, era *ele*. Seu pior pesadelo. Esperando na margem atrás dela, como se tivesse todo o tempo do mundo.

Outro assobio e o cavalo traidor se virou. Nenhuma quantidade de chutes ou puxões nas rédeas poderia fazê-lo voltar. Cara gritou de frustração.

— Sentiu minha falta? — *del Sarto* gritou.

— Não!

— Eu estava conversando com o cavalo — disse ele secamente. — Parabéns por chegar tão longe, no entanto.

Cara o ignorou. Não foi fácil; ela estava de frente para ele, em uma montaria incontrolável, no meio de um rio gelado. Tentou virar a cabeça de Saraceno novamente, mas o teimoso ficou parado como uma estátua.

Del Sarto riu. — Não desperdice sua energia. Ele é muito bem treinado para ignorar meus comandos.

Tarde demais, Cara se lembrou da reverência perfeitamente executada que o cavalo fez no dia em que ela desceu da árvore. *Maldito inferno sangrento*

— Percebe que roubar um cavalo é uma ofensa punível com a morte?

— Eu só estava pegando ele emprestado! Eu o teria mandado de volta, quando chegasse...

— St. John? Seu tio vai mandar vigiar.

— Eu sei que vai! Não ia cavalgar até os portões da frente. Conheço muitas maneiras de entrar e sair sem ser vista.

— Claro que sim. Mesmo assim, não posso deixar esse crime impune. É o princípio da coisa.

— Não *tem* nenhum princípio!

Ele levantou uma mão para silenciá-la. — Sabe nadar?

Cara estreitou os olhos com a pergunta inofensiva. — Claro.

Ele assobiou novamente. Saraceno começou a afundar na água. — Respire fundo! — ele gritou alegremente.

— Não se atreva!

Seu grito de indignação foi interrompido quando o cavalo do diabo sentou-se na corrente gelada, imergindo totalmente os dois. Ela se engasgou em choque. Suas mãos escorregaram no couro molhado quando Saraceno rolou para o lado, desalojando-a de suas costas. Submersa na água gelada, ela tentou agarrar desesperadamente o pomo, mas a correnteza rápida arrancou-a de seus dedos e ela afundou. Ressurgiu, tossindo e cuspiendo, apenas para ouvir *del Sarto* assobiar novamente. Saraceno, a besta enganosa, levantou-se, passou por ela chapinhando, subiu na margem e sacudiu-se vigorosamente.

Del Sarto deu um tapinha em seu pescoço molhado e o cavalo bufou de prazer. — Bom menino! Isso vai ensinar a dama má a não roubá-lo.

Seus pés descalços encontraram apoio no fundo rochoso quando percebeu tardiamente que a água chegava apenas até o seu peito. Pensou em fingir que não sabia nadar, só para que ele pulasse e a salvasse, mas descartou a ideia. *Del Sarto* não se molharia para impedir que ela se afogasse. Apenas observaria e riria.

Rosnando, olhou para a margem oposta, avaliando suas chances. Não conseguiria ir muito longe sem um cavalo, mas qualquer plano que o irritasse parecia bom.

— Nem pense nisso — ele disse, lendo sua mente. — Não quer saber o que farei se me obrigar a persegui-la. E prometo que não vai gostar.

Ela cerrou os dentes e partiu em direção a ele. — Eu vou te matar, *del Sarto*

— ela disse docemente. — Talvez não hoje, mas em breve. E vou aproveitar cada minuto disso. Deveria tomar cuidado.

Ele sorriu, totalmente impenitente. — Palavras corajosas, vindas de alguém que parece um rato afogado. Esqueceu seus votos para mim tão cedo? Lembro-me claramente de que havia algo naquele juramento de fidelidade sobre salvar minha vida e meu corpo. Isso a inclui.

Cara engoliu outro gole de água.



— Afogam bruxas por aqui, sabia? — disse Alessandro alegremente. — As inocentes sempre se afogam. Somente as culpadas voltam à superfície. *Deve* ser uma bruxa.

Ao dizer as palavras, ele percebeu como eram verdadeiras. Cara era uma feiticeira. Ela o fazia desejar sua companhia. O fez desejá-la em sua vida.

A luz do amanhecer delineava seu corpo com um halo brilhante; o tecido molhado de seu chemise era praticamente transparente e o tecido grudava em suas curvas femininas. Ela poderia muito bem, estar completamente nua. Alessandro se mexeu desconfortavelmente na sela. Não conseguiria desviar o olhar nem se o céu estivesse caindo.

Seus longos cabelos pingavam sobre os ombros, parando pouco antes de cobrir os seios, que estavam delineados em toda a sua glória atrevida. Eram pequenos, perfeitamente formados, perfeitos para suas mãos. Os picos de seus mamilos pressionados contra o tecido. Seu olhar caiu mais baixo, para sua cintura estreita e quadris largos, os mistérios escuros mal revelados na junção de suas coxas e um comprimento fantástico de coxa esbelta. Ele respirou fundo quando ela se ergueu da água como uma mítica ninfa aquática cercada pela névoa prateada da manhã.

Ela o olhou. Com um olhar de desafio, empurrou o cabelo molhado para trás sobre os ombros, em seguida, baixou as mãos para os lados, encarando-o como um prisioneiro condenado indo para a forca. Ombros para trás, cabeça erguida, ela chapinhou em direção à margem.

Era o espetáculo mais maravilhoso que ele já havia visto. Deveria se ajoelhar, agarrar a bainha de seu chemise e pedir perdão a essa criatura celestial e brilhante. Tinha que se esforçar ao máximo para não pular do cavalo, puxá-la para a margem do rio e beijá-la sem sentido, condenando-o ao tormento eterno.



Cara fez uma careta para ele enquanto escorregava na margem lamacenta do rio.

— Poderia ajudar!

— Estou aproveitando a vista.

Ela franziu a testa. *Del Sarto* estava olhando para ela com a expressão mais estranha em seu rosto. A melhor maneira que ela poderia descrever era... pasmo. Reverente, até. Era a mesma expressão que ela às vezes notava nos rostos dos monges quando olhavam para a estátua da virgem sagrada, exceto

que não havia nada remotamente sagrado em *del Sarto*.

Ela olhou para baixo e se engasgou de horror. *Santa mãe de Deus!* O homem podia ver *tudo*!

Colocou as mãos sobre os seios e afundou na água gelada. O chemise inútil ondulava ao redor de suas pernas, inchada de ar, e ela teve que usar uma mão para puxá-la de volta para baixo.

— Vire-se neste minuto! — Suas bochechas queimaram em mortificação.
— Não tem vergonha? Honra?

— Nenhuma. — Ele cruzou os braços sobre o peito. — Eu posso ficar aqui o dia todo, mas essa água parece bem revigorante. Não quer pegar um resfriado.

Ela xingou por entre os dentes batendo. — Eu não vou sair a menos que me dê algo para me cobrir. Dê-me sua capa.

Ele negou. — Não arruinarei uma capa perfeitamente boa. Isto é forrado com zibelina.

— Seu gibão, então.

Outra negativa.

— Couro. Muito pesado quando está molhado. Não conseguiria se levantar. Agora saia e pare de ser uma virgem tão certinha. Acredite em mim, o seu não é o primeiro corpo feminino nu que eu já vi na minha vida.

Cara ficou mortificada com sua dispensa casual. Então a raiva veio em seu socorro. Maldito seja! Deixe-o olhar. Ela não tinha do que se envergonhar. Era culpa dele que estava molhada de qualquer maneira. Ela se levantou, juntou o cabelo, torceu-o e marchou até ele. Como ainda estava montado, o topo da cabeça dela mal chegava ao joelho dele, mas ela inclinou a cabeça e o olhou diretamente nos olhos.

— Sua capa.

— Não até que tire essa coisa molhada.

— Eu *não vou*. Assim estarei nua.

— Está bem perto disso agora — ele disse, com uma lógica irrefutável. — Fique tranquila, pois não tenho nenhum interesse em sua pessoa no momento. Prefiro minhas mulheres quentes e secas. — Desatou sua capa e lhe entregou.
— Envolve-se com isso, mas tire seu chemise. Acabará morrendo de frio.

A capa era de veludo preto até o tornozelo e o interior era forrado com a pele mais macia que Cara já havia encontrado. Ainda retinha o calor de seu corpo e ela saboreou a sensação contra sua pele gelada enquanto tentava parar os calafrios que atormentavam seu corpo.

Ele se inclinou e remexeu em seus alforjes.

— Para sua sorte, eu sempre viajo com uma muda de roupa. — Ele jogou algo branco nela, e ela tentou agarrá-lo enquanto mantinha seu aperto mortal na capa. — É uma das minhas camisas. Parece ser um hábito e tanto roubá-las.

Ela aproveitou o fato de ele ter desmontado para se esforçar para tirar a roupa molhada.

— Esperava que eu tentasse escapar de novo, não é?

Ele riu. — Eu teria ficado desapontado se não o fizesse. — Ele trocou a sela molhada de Saraceno pela do baio, depois amarrou o baio atrás. Cara esperava que ele a mandasse pegar a sela molhada, mas ele a pegou, jogou-a em cima de Saraceno e subiu atrás dela.

Cara se contorceu e tentou cair de volta no chão, mas os dedos dele apertaram sua coxa.

— Segure firme. Saraceno tem mais de dezoito mãos de altura. Se cair, provavelmente quebrará um tornozelo.

Capítulo 23



Cavalgaram o dia todo. Quando a luz começou a diminuir, pararam em uma clareira arborizada, mas Cara não tinha ideia de onde estavam. Ela ainda estava tentando decidir sobre a forma mais satisfatória de vingança. Era um empate entre ter as entranhas de *del Sarto* comidas por lobos ou arrastá-lo atrás de uma parelha de cavalos em disparada.

Só quando ele desmontou, ela se deu conta de quão quieto estava na floresta. Podia-se ouvir alguns pássaros, o leve murmúrio do vento nas folhas lá no alto. — Por que não voltamos a San Rocco?

Para ajudá-la a descer, ele segurou sua cintura e seu corpo escorregou pelo dele em um deslizamento lento e tentador. Os músculos dos braços dele se flexionaram com o esforço de baixá-la e seus seios roçaram no peito dele. Seus pés tocaram o chão. As mãos dele ainda estavam em seus quadris, seus corpos se tocando por toda a extensão, e ela se permitiu um breve momento para saborear a sensação. Seu cheiro era maravilhoso; uma combinação de couro e terra que fazia seu estômago dar cambalhotas como se houvesse borboletas presas em seu interior.

Ela deu a ele seu sorriso mais doce. Ele estreitou os olhos. Ela tentou fazer sua voz soar doce como mel e enjoativa, como as criadas quando falavam com ele, todas risadinhas esvoaçantes, mas não veio naturalmente. — Oh, *obrigada*, Milorde, — ela sorriu afetadamente, piscando.

Parecia que ele queria bater em seu traseiro.

Ela tentou dar uma joelhada na virilha dele.

Ele era muito rápido; se esquivou e o joelho dela atingiu a parte interna da coxa dele. — Calma, calma — ele repreendeu, rindo. — Essa é uma parte vital da minha anatomia.

— Ha! Eu odiaria privar todas as vadias e meretrizes em um raio de oitenta quilômetros de seus serviços duvidosos.

— Não zombe do que não provou. Na verdade, talvez devêssemos ver se consegui arruinar minha masculinidade. — Ele colocou a mão sugestivamente no cinto e ela corou quando o significado de suas palavras afundou.

Ela deu a ele um olhar sufocante e puxou sua capa mais firmemente ao redor dela. — É desprezível, dissimulado, desonroso...

— Poupe-me o rubor. Tenho certeza de que acumulou uma série de nomes para mim, mas espere até que eu acenda o fogo e prepare o jantar para nós antes de começar. Pense em quanto mais energia terá para me amaldiçoar depois de tomar uma bebida quente.

Ele voltou sua atenção para os cavalos. No segundo em que virou as costas, ela se aproximou da cobertura das árvores.

— Em seu lugar eu não faria isso — disse ele, sem nem mesmo se virar. —

Para começar, não irá muito longe a pé e não estou com vontade de sair tropeçando pela floresta no escuro para persegui-la. E por outro lado, há lobos por aí. Não quer conhecer um deles. Ou um javali. Eles estão mal-humorados nesta época do ano. É a estação do cio.

Cara nunca havia considerado os ciclos reprodutivos de javalis ou lobos, mas a floresta de repente pareceu bem menos atraente. E uma bebida quente soava convidativa. Com um suspiro, retirou o pacote molhado com seus pertences do alforje de Saraceno. Seu vestido de veludo, que tinha ficado do lado de fora da trouxa, estava encharcado. Colocou-o sobre um arbusto para secar. No entanto, suas botas estavam apenas um pouco úmidas, então as calçou, junto com uma saia de linho que havia levado, e sentiu-se um pouco mais protegida.

Del Sarto a pegou enfiando a adaga na bota e riu.

— Ainda armada até os dentes? É uma coisinha violenta. O que vai fazer com isso? Me furar como uma peneira e esperar que eu sangre até a morte?

Sua adaga era uma arma insignificante contra alguém como ele, é verdade, mas era reconfortante saber que estava ao seu alcance.

— Eu posso me defender se necessário — ela fungou.

— Não duvido. Seu pai uma vez me contou como aleijou um desgraçado que se atreveu a beijá-la.

Suas bochechas queimaram. — Meu pai claramente o presenteou com todas as minhas façanhas mais embaraçosas.

Tirou do alforje um odre, uma pequena panela e um copo de lata.

— Seja útil e junte um pouco de madeira seca, boa menina.

Cara se irritou com sua suposição de que ela obedeceria a suas ordens sem questionar, mas estava com frio e com fome e desesperada por uma bebida, então obedeceu. Resmungando enquanto pegava galhos caídos, sufocou um grito quando um espinho penetrou seu dedo. Sugou a gota de sangue e olhou para cima para ver se ele havia notado sua inaptidão.

Ele estava olhando para ela com um leve sorriso curvando seus lábios e ela corou, desconcertada por seu olhar.

— Incrível o incômodo que uma coisa tão pequena pode causar, não é? — Sua inflexão cínica não a deixou com dúvidas de que ele estava se referindo a mais do que apenas o espinho.

Em poucos minutos ele acendeu o fogo e pendurou a panela em uma vara acima das chamas, aquecendo um pouco de vinho. Cara ficou com os braços em volta do corpo, logo além do brilho da luz do fogo, observando-o enquanto ele trabalhava. Ele se movia com tanta economia de movimento, uma graça nascida da familiaridade com essa rotina. Quantas centenas de vezes realizou os mesmos rituais básicos?

Ele tirou um coelho morto de seu alforje e o esfolou com uma destreza surpreendente. Logo o estava assando sobre as brasas, enviando aromas deliciosos para o céu noturno. Ficou com água na boca de tanta expectativa. Aceitando a derrota - temporariamente - soltou as mãos dos cotovelos e se

dignou a arrastar uma tora de madeira para perto do fogo. Não havia razão para que ele ficasse com todo o calor, a besta.



Alessandro levantou os olhos do coelho e viu Cara estudando-o do outro lado da fogueira. Ela desviou o olhar para as mãos, para as árvores, para qualquer lugar, menos para seu rosto. Ele serviu um pouco de vinho, tomou um gole e lhe ofereceu, estendendo a mão sobre o fogo. A pequena raposa fez questão de limpar o copo com a manga e virá-lo para que não tivesse que tocar no mesmo local que os lábios dele haviam contaminado. Ela torceu o nariz ao sentir o gosto, mas tomou um belo gole.

Sorriu pelas travessuras dela. Era como uma princesa das fadas em um surto real, enfurecida com seus humildes súditos porque não faziam o que lhes era ordenado.

O fogo mostrava suas feições claramente e seu peito se contraiu enquanto ele estudava a curva de seu rosto. Ela tinha uma testa lisa, maçãs do rosto oblíquas, queixo arredondado. Seu nariz era pequeno e reto, com uma leve inclinação para cima na ponta, apenas implorando para ser beijado.

Ele lembrou a si mesmo de expirar. *Devagar*.

Estava escuro demais para ver a cor extraordinária de seus olhos, mas isso não importava. Conhecia a sombra deles de seus sonhos; um indefinível cinza-esverdeado-azulado. Estavam atualmente olhando-o como se estivesse lançando uma maldição sobre ele. A bruxinha provavelmente estava murmurando encantamentos baixinho. Mal sabia ela que já era tarde demais. Estava sob seu feitiço há anos.

Seu cabelo escuro estava desgrenhado, com pequenas mechas escapando da trança que ela amarrara para praticidade à noite. Amava o cabelo dela. Estava sempre bagunçado, apesar de suas constantes tentativas de domá-lo. Ela parecia deliciosa despenteada, como se tivesse acabado de rolar no feno. Isso eliminou aquela expressão severa de freira que ela estava tentando manter. Ele podia apenas imaginar maneiras novas e excitantes de irritá-la ainda mais.

Ela lambeu uma gota de vinho com a língua e ele viu um brilho de medo em seus olhos quando ela percebeu a fome em seu olhar. Tentou esconder atrás de um olhar altivo, mas ele tinha visto, mesmo assim.

Meu Deus, será que *realmente* estava com medo dele? A última coisa que faria seria machucá-la. Mataria qualquer homem que tentasse. Não havia demonstrado ontem à noite que nunca a forçaria a fazer nada? Será que ela achava mesmo que a levaria como um animal, aqui no chão da floresta? A julgar pela forma como sua mão pairava perto daquela faca lamentavelmente pequena, realmente achava.

Ele poderia ter a arma antes que ela percebesse que estava faltando, é claro, mas adorava o fato de que ela a carregava, ingenuamente certa de sua eficácia. Ela o lembrava de um gatinho encurralado, sibilando e arranhando com suas minúsculas garras de agulha. Ele bagunçaria o cabelo dela, exceto que provavelmente tentaria cortar seu braço se ele tentasse.

Alessandro reprimiu um breve jorro de humor autodirigido. A opinião da Signorina di Montessori sobre ele só poderia ir em uma direção - para cima. Ele se acostumou tanto com as mulheres da corte lhe fazendo propostas que era uma boa mudança ser tão cuidadosamente ignorado. Talvez isso fosse parte de sua atração.

— Oh, vamos, não olhe para mim assim — ele persuadiu.

— Assim como?

— Como se eu fosse te comer viva. Está a salvo de minhas garras nefastas esta noite.

— Quer dizer que está me liberando de nosso acordo estúpido?

A ansiedade em sua voz o fez sorrir. — Sem chance, meu amor. Nossa barganha está de pé. Mas eu não completaria *aqui*, mesmo que me implorasse.

— Sua bondade e nobreza me surpreendem.

Ele sorriu para seu sarcasmo fulminante. — Nada a ver com bondade. Por mais agradável que seja rolar nas agulhas de pinheiro, acho que devemos esperar por uma cama confortável e agradável.

Seu rubor era encantador. Ela tomou outro longo gole da bebida e respirou ao mesmo tempo, o que deu início a um ataque de engasgos nada feminino. Ele lhe lançou um olhar astuto e continuou comendo.

— Sente-se. O coelho está pronto.

Ele rasgou a carcaça e entregou a ela uma porção.

Ela afundou os dentes pequenos e uniformes na carne, fechou os olhos e soltou um suspiro de felicidade. — Ahhh. Isso tem um gosto celestial!

Alessandro mal reprimiu um gemido. *Celestial era a palavra*. Ela não tinha ideia de como ele a achava provocante. *Graças a Deus*. Ele ajustou a protuberância desconfortável na frente de sua calça, grato pela escuridão que a ocultava.

Eles se acomodaram em um silêncio amigável por alguns minutos, mas assim que a refeição terminou a cautela reapareceu em seus olhos. Ele se levantou e limpou a comida, guardando tudo nos alforjes. Tantos anos como soldado haviam incutido nele a necessidade de estar pronto para partir ao menor aviso. Checou a corda de Saraceno, então voltou para o fogo, chutando as brasas de volta à vida com sua bota.

Ela estava pálida, com olheiras sob os olhos. A pobrezinha estava cansada. Na verdade, ele apostaria que a única coisa que ainda a mantinha de pé era a determinação teimosa. Ela o lembrou de seus novos recrutas após o primeiro gosto da batalha, entorpecidos pela exaustão, mas tentando desesperadamente parecer não afetados.

Uma onda de ternura o invadiu. Queria pegá-la em seus braços e abraçá-la enquanto ela dormia.

— Hora de dormir. Relaxe, não vou tocá-la esta noite, por minha honra.

— Isso deveria me tranquilizar? Não *tem* nenhuma honra, *del Sarto*.

— Certo. Por minha vida, então. Que tal?

— Vai servir — ela fungou. — Não que valha muito, também. Agora, se não se importa, eu gostaria de alguns momentos de privacidade.

Ela pegou a pequena trouxa com seus pertences e Alessandro franziu a testa, percebendo que teria que perdê-la de vista.

— Vá em frente. Há um pequeno riacho logo ali, atrás daquelas árvores. O suficiente para se lavar. Só não se esqueça dos javalis — ele gritou. — E os lobos. Grandes lobos famintos e temíveis.



Cara deu um suspiro de alívio quando se escondeu atrás de uma árvore, feliz por estar fora de seu olhar penetrante. Estava bastante certa de que a única coisa remotamente parecida com um lobo na vizinhança era *ele*.

Os pálidos raios de luar mal penetravam no dossel de folhas acima de sua cabeça e sons sinistros de farfalhar assumiram um novo significado. Com medo de que ele viesse procurá-la se demorasse muito, lavou as mãos no fio de água e desenrolou o pacote de coisas que trouxera de San Rocco. O pequeno frasco de vidro contendo o remédio para dormir que ela havia preparado caiu em sua mão. Se pudesse encontrar uma maneira de colocá-lo no vinho, ainda poderia escapar dele.

Voltou para a clareira. Ele desenrolou um cobertor perto do fogo e se esparramou à vontade, apoiado em um cotovelo, usando a sela como travesseiro. Parecia um senador romano depois de uma orgia, a própria imagem do poder animal relaxado.

— Apenas um cobertor, receio. — Ele entortou um dedo para ela, acenando para a frente. — Teremos que usar minha capa para nos cobrir.

— Que aconchegante.

— E aqui estava eu, pensando que admiraria meu cavalheirismo ao me oferecer para compartilhar.

— Se fosse realmente cavalheiresco, o daria para mim e dormiria sem ele.

Ele lhe lançou um sorriso enigmático.

— Me dê seu pulso.

— Por quê?

Ela pegou um fino novelo de corda de seu lado.

— Para que eu possa amarrá-la ao meu.

Ela revirou os olhos.

— Eu juro que não vou tentar escapar.

— Perdoe-me se eu duvido do que diz — disse ele. — Eu sou cauteloso, se não cavalheiresco. É o que me manteve vivo todos esses anos. — Seu olhar inabalável lhe assegurou que a obediência era a única opção.

Cara deu de ombros. Ela estava com a adaga na bota. Poderia cortar a corda se quisesse, mas estava cansada demais para tentar escapar naquela noite. Ela drogaria seu vinho pela manhã.

— Vá em frente. — Ela ofereceu um pulso como uma rainha concedendo o título de cavaleiro a um cortesão.

Seu polegar acariciou a pele sensível da parte interna do pulso dela

enquanto dava um nó de aparência complicada, depois esticou o braço e amarrou a outra ponta em volta do próprio pulso. Seus dedos hábeis enlaçaram e torceram a corda ao redor de sua pele morena e, quando ele a apertou com os dentes, ela sentiu um puxão correspondente em algum lugar na região de seu estômago.

— Lá. Tempo suficiente para que se vire e durma. Mas saberei no minuto em que tentar escapar. Lembre-se disso.

Ela se dobrou ao lado dele no cobertor, notando que a colocou no lado mais próximo do fogo. Poderia negar qualquer reivindicação de cavalheirismo, mas o pequeno gesto desmentia essas reivindicações. Ela se deitou de lado, de costas para ele, com cuidado para não fazer contato, e puxou a capa ao seu redor. A corda se arrastava frouxamente sobre seu ombro. Ele se acomodou às suas costas, sem tocá-la, mas ela podia sentir o calor irradiando de seu corpo. Era surpreendentemente reconfortante.

Acreditou em sua promessa de não a tocar. Ele poderia ser um canalha, mas se disse que não o faria até que ela o procurasse por vontade própria, então não o faria. Além disso, devia ter uma aparência totalmente desagradável. Mesmo quando não estava suja e desarrumada, não era do tipo que inspirava desejo incontrolável em um homem. Era infernal demais, muito pouco feminina. Ele estava acostumado a escolher entre as belas mulheres das cortes italianas. Provavelmente, sentia-se tão atraído por ela quanto por um caso de peste.

Suspensa entre a vigília e o sono, Cara fechou os olhos e permitiu-se um sorriso. De todas as situações em que pensou se encontrar quando se levantou ontem de manhã, estar deitada no chão da floresta com sua nêmesis a menos de alguns metros de distância, fisicamente amarrada a ela, pelo amor de Deus, não era uma das que imaginaria, nem em seus sonhos mais loucos.

Bem, talvez em seus sonhos mais *loucos*...



Alessandro ouviu pacientemente até que a respiração de Cara se normalizou e, quando teve certeza de que ela dormia, apoiou-se em um cotovelo para observá-la.

Era uma tortura. Nenhuma outra palavra para isso. Prazer e dor ao mesmo tempo. Ponderou a ironia de ter a mulher de seus sonhos a menos de trinta centímetros de distância e ser totalmente incapaz de tocá-la. Era pior do que estar a dez mil milhas de distância.

Ele se permitiu o mais leve roçar de um dedo contra sua bochecha. Poderiam estar de volta a San Rocco agora se ele tivesse tomado uma rota menos tortuosa. Mas estava aproveitando seu tempo com ela e não queria compartilhá-la com seus convidados. Logo se obrigaria a entregá-la a algum burguês digno e estúpido, alguém que pudesse amá-la como ela merecia. Mas apenas por mais algumas noites, ela era dele. E ele iria saborear qualquer tempo que restasse juntos.

Estendeu a mão e puxou a ponta do cobertor sobre o corpo dela. Seria outra

maldita noite desconfortável. Olhando para as estrelas, ele começou a nomear as constelações.

Capítulo 24



Um gemido baixo e desumano e um puxão na corda despertaram Cara. Com o coração martelando em alarme, ela rolou e se deparou com as costas enormes e sombrias de *del Sarto*. Seu ombro se contraiu. Em seguida, ele estendeu o braço com um grito, como se estivesse tentando afastar um inseto invisível. Seu movimento fez com que o pulso dela se movesse desajeitadamente em resposta. Ela se sentou. — *Del Sarto*?

— Pelo flanco! Agora! — ele murmurou, rolando de costas, quase a esmagando.

Suas feições estavam iluminadas pelas brasas opacas do fogo. Seu belo rosto era feroz. Um músculo palpitou em sua mandíbula, como se seus dentes estivessem cerrados e seus olhos estivessem bem fechados. Ela arrastou seu corpo para mais perto, observando enquanto a mão direita dele fechava o punho.

Sua cabeça latejava como se estivesse com febre. — Não! Não vai morrer. Volte! — ele rosnou.

Silêncio.

A mão dela pairou perto de seu ombro retesado; seus músculos tensionaram-se contra o tecido da camisa. Então, seus olhos se abriram, arregalados e selvagens, e ele se sentou ereto. — Pare! Mantenha a linha! — Ele se esquivou de um golpe de um inimigo invisível.

Cara o tocou gentilmente no bíceps. — Acorde! Está sonhando.

Ele jogou todo o seu peso sobre ela, derrubando-a no chão com tanta força que cada grama de respiração foi forçada a sair de seus pulmões. Ele montou em suas coxas, prendendo suas pernas entre as dele. A luz da lua delineava seus ombros poderosos e os cabelos despenteados pelo sono. Seus olhos estavam arregalados, com um brilho escuro e sem foco. Ele rosnou algo incoerente e fechou a mão áspera de batalha ao redor da garganta dela.

Cara se esforçou para respirar. — Pare!

Seu olhar negro e impiedoso não tinha nenhum lampejo de reconhecimento. Seu rosto escureceu. Na periferia de sua visão, pequenas luzes começaram a piscar em preto e branco, dançando e circulando como flocos de neve. Cara colocou as mãos em volta dos pulsos dele e cravou as unhas nos tendões, desesperada para quebrar o aperto dele em sua garganta. Quando isso não funcionou, ela bateu cegamente na cabeça e nas costelas dele, fazendo chover golpes onde quer que pudesse alcançar. Isso não surtiu efeito algum.

Então ela se lembrou de sua adaga. Procurou em sua bota, encontrou o cabo e, com uma força nascida do desespero, atingiu a ponta no braço dele.



O aço frio cortando sua carne clareou a visão de Alessandro. Ele desviou a

lâmina em uma ação reflexa que a fez cair na vegetação rasteira e, à medida que a névoa vermelha se dissolvia, deu-se conta, com horror, da posição em que se encontrava. Cara - não um inimigo imaginário - estava esmagada embaixo dele. Ele pairava sobre ela, com as coxas sobre seus quadris. E uma de suas mãos enormes e assassinas estava em volta da garganta dela.

— Cristo Todo-Poderoso! — A bile subiu em sua garganta e ele a soltou abruptamente, enojado pelas marcas vermelhas que seus dedos haviam feito em sua pele pálida.

Ela ficou onde estava, ofegante como um peixe em terra, e ele passou a mão trêmula pelo cabelo e arriscou um olhar para ela. O luar mostrava seu rosto muito claramente. Seus olhos magníficos estavam enormes em seu rosto pálido, olhando para ele com medo e espanto. Sentiu como se tivesse levado um chute no estômago.

Como perdeu o controle tão completamente? Esteve a um fio de cabelo de sufocar a vida dela. *Oh Deus, ele a machucou.*

O que diabos estava acontecendo com ele?

Estava, claramente, sonhando com um campo de batalha. Corpos empilhados, rios cheios de cadáveres. E tanto sangue que o encharcou; nas mãos, no corpo, no rosto. Ele estava atravessando com dificuldade, na altura da coxa, pegajoso, cada movimento um esforço, como caminhar sobre melaço. Seus inimigos estavam por toda parte, isolando-o de seus homens. Ele tinha que matar, sobreviver, liderá-los para fora do perigo...

Isso o assustou, a selvageria de sua reação, aquele lampejo de violência que o deixou cego. Deus, ela deve julgá-lo louco. Não estava longe da verdade, mas ainda assim, ter isso revelado tão abertamente, ter sua alma queimada e quebrada exposta diante dela era a maior humilhação.

Ele rolou de cima dela em um movimento rápido, deitando-se de costas, reprimindo um gemido de desespero enquanto cobria os olhos com o antebraço. Ele deveria se desculpar, explicar, mas não tinha ideia por onde começar. Por que *diabos* permitiu que ela dormisse tão perto dele? Sabia muito bem que não devia ter feito isso.

— O que há de errado contigo? — ela resmungou.

Alessandro limpou o gotejamento de sangue de seu braço. Ela havia feito um corte raso com a adaga, nada mais.— Será preciso mais do que isso para acabar comigo..

— Bem, sinto muito — disse ela. — Mas foi sua própria culpa. Eu só estava me defendendo. — Ela se sentou e tirou as folhas do cabelo. — Está bem?

A preocupação dela por ele - o mesmo homem que quase a estrangulou - o fez querer se matar.

— Há quanto tempo esses pesadelos o atormentam?

— Eu não quero falar sobre isso — ele rosnou.

— Com o que estava sonhando? Diga-me. Talvez eu possa ajudar.

— Eu disse, que não quero falar sobre isso.

Esta era *exatamente* a razão pela qual ele sempre fazia seu escudeiro dormir fora de sua tenda, em vez de compartilhar com ele, como era de costume. Marco achou aquilo estranho, assim como seus homens, mas pelo menos nunca descobriram a verdade humilhante; que seu líder destemido e intocável acordava regularmente para se encontrar tremendo e banhado em suor, tão confuso e apavorado quanto um cão vadio em uma tempestade.

Ele conseguiu esconder a verdade irritante deles por anos. Até Francesco não tinha ideia de como era ruim. E ainda na companhia de Cara ele conseguiu se expor completamente. O que havia com essa mulher? Apenas estar perto dela era o suficiente para desmoralizar suas defesas.

Ele não era adequado para estar perto dela.

Era um assassino treinado. Poderia ter quebrado o pescoço dela com as próprias mãos agora mesmo. Homens adultos se encolhiam diante dele. Mas ela, pequenininha como uma garota, olhou para ele com pouco mais do que surpresa e confusão. E pena.

A pena fez sua raiva aumentar. Ele encontrou seu olhar e o sustentou ameaçadoramente, observando como a cautela se insinuava em sua expressão. *Bom. Ela deveria* estar com medo. Se ela tivesse um pinga de autopreservação, correria gritando para a floresta. Ela precisava ser ensinada a ficar longe dele.

Em um movimento rápido, ele rolou para cima dela e prendeu seus pulsos, empurrando-os contra o cobertor sobre sua cabeça, segurando-os facilmente em uma de suas mãos. Ela ofegou em alarme. Os ossos de seus pulsos eram tão frágeis sob seus dedos, e a facilidade com que poderia machucá-la só aumentou sua fúria.

— O que diabos estava pensando? — ele rosnou. — Eu poderia tê-la matado!

Seus olhos brilharam. — O que mais eu deveria ter feito?

— Me deixasse sozinho.

— Eu estava tentando ajudar!

Ele deu a ela seu melhor sorriso de escárnio. — Isso não é algo que possa medicar com suas ervas e poções. Ou iria oferecer uma distração?

A cor inundou seu rosto quando ela entendeu o que ele queria dizer.

— Não é uma má ideia — ele continuou suavemente. — Talvez a melhor maneira de dormir tranquilo à noite seja ir para a cama tão exausto que não tenha energia para sonhar. Uma boa foda pode resolver o problema.

Seus olhos se arregalaram. — Não fale assim comigo!

— Falarei da maneira que quiser, milady .

Ele estava perfeitamente ciente de sua posição. Os cumes de seu estômago pressionavam contra sua barriga e sua virilha dura e dolorida estava pressionada entre suas coxas. Apenas algumas camadas de tecido os separavam. Seu pênis latejava dolorosamente e ele cerrou os dentes. *Cristo vivo, ele a queria.*

— Permita-me levantar-me!

— Ah, acho que não. — Ele deu-lhe o sorriso que usava para incutir o temor de Deus nos novos recrutas. Foi igualmente eficaz nela. Ela empalideceu e engoliu em seco. — Nunca teve que lidar com um homem de verdade antes, não é querida?

— Claro que sim. Eu lido com homens todos os dias da minha vida.

— Monges! — ele zombou. — E servos. Eles não contam. Deixaram-na em paz porque respeitavam seu pai ou porque o temiam. Eles trataram-na como uma Madonna, remota e intocável. — Ela congelou quando ele acariciou sua bochecha. — *Eu* ousou tocá-la. Agora. Aqui. Sempre que eu quiser. Aqui no mundo real, as maneiras corteses não significam nada. Tudo se resume a coisas simples e selvagens, como qual de nós é mais forte. A força vence de novo, Cara. Sou mais forte. Isso a faz minha. Para fazer o que eu quiser.

Capítulo 25



Cara fez uma careta para ele, seu coração batendo dolorosamente contra suas costelas. — Muito bem. Deixou claro seu ponto de vista. Da próxima vez que tiver um pesadelo, vou deixá-lo sofrer. Agora afaste-se. — Ela balançou os quadris e tentou rolar, mas ele não se moveu nem um centímetro. Estava esmagada pelo peso dele, sufocada por seu olhar quente e faminto. Só poderia se levantar se ele decidisse soltá-la. E ele não queria.

— Eu poderia tomá-la agora — ele rosnou. — Conhece minha reputação. Eu saqueio sem piedade e não dou trégua aos vencidos. Que importância teria para mim mais uma inocente violada?

Ela sustentou seu olhar. — Não vai me forçar. — Apesar de todas as suas ameaças e fanfarronices, ela tinha certeza disso. Ele só estava atacando porque estava envergonhado por ter mostrado qualquer tipo de vulnerabilidade. Homem típico. — Onde estaria o desafio nisso?

Suas sobranceiras se juntaram, como se ele estivesse tentando apresentar um contra-argumento, e então toda a tensão deixou seu corpo. Ele suspirou e soltou seus pulsos. — Tem razão.

Ele parecia enojado consigo mesmo. Mudou seu peso, prestes a rolar dela, e ela foi tomada pela necessidade de banir aquele olhar desolado e derrotado de seus olhos. Antes que pudesse pensar melhor, pegou a camisa dele, puxou-o para baixo e pressionou seus lábios nos dele.



Por um breve e atordoado momento, a mente de Alessandro ficou em branco. E então Cara abriu a boca, convidando-o a entrar, e ele se perdeu. Com um gemido de derrota, deslizou sua língua contra a dela.

Ele pretendia assustá-la, para que nunca mais se aproximasse dele. Deus, isso era uma loucura. A qualquer minuto ela cairia em si. Provavelmente tentaria esfaqueá-lo novamente.

Ele não lhe daria tempo para pensar.

Ele a beijou de novo e de novo, beijos longos e entorpecentes que mal lhe davam tempo suficiente para respirar, muito menos raciocinar, perdido em um ritmo desesperado e intenso que fazia seu sangue engrossar e cantar.

Ele pressionou sua boca em suas bochechas, suas pálpebras fechadas, beijos suaves sobre sua pobre garganta machucada em um pedido de desculpas silencioso. Ele fez um som, em algum lugar entre um soluço e um gemido, pelo dano que tinha lhe feito, mas ela apenas inclinou a cabeça para trás para lhe conceder melhor acesso.

Sua simples confiança o dizimou. Ele passou uma mão trêmula pelo corpo dela, do ombro até a curva de sua cintura, então de volta. Ela ainda usava a camisa dele. Traçou a abertura da gola, afastou o tecido para o lado e segurou seu seio. Cabia na palma da mão; um punhado perfeito. Como os bolos que

ele a viu comer.

Ela ofegou e deslizou os dedos pelo cabelo dele.

Ele abaixou a cabeça, apertou os lábios sobre o pico e chupou, usando a língua para sacudir e provocar, e as mãos dela apertaram em seu couro cabeludo. Ele respirou seu perfume como se fosse um homem se afogando. *Deus, sua pele.* Seus sentidos vacilaram. Estava tonto de desejo. Ele se aplicou ao outro seio, esbanjando-o com a mesma atenção, e observou com satisfação como o mamilo dela enrijecia no ar frio da noite. *Loucura. Paraíso. Pecado.*

Quando seus dedos encontraram a pele macia e nua de seu joelho, ele quase gemeu alto. E então a mão dele estava na parte de trás da coxa dela, então ainda mais alto, na curva quente da nádega nua. Nenhuma roupa de baixo barrava seu caminho. Sua pele era macia, *tão macia*, como um pêssego aquecido pelo sol.

Seu cérebro anuviado clamava para que desamarrasse a calça e se perdesse dentro dela, para tomar e tomar e tomar até que ambos estivessem esgotados e completamente exaustos. Esquecer-se de si mesmo no ritmo pulsante, glorioso e irracional do sexo. *Faça isso! Reivindique-a!*

Agora.



Del Sarto com a mão em seu traseiro nu trouxe Cara de volta à realidade. Como as coisas ficaram tão fora de controle? Ela só pretendia confortá-lo. Bom Deus, a boca dele estava em seus seios! Estava a meio caminho de tomá-la, ali, no chão da floresta!

Chocada até o âmago, ela usou ambas as mãos para afastá-lo. — Pare!

Felizmente, ele fez o que ela ordenou. Ergueu a cabeça, a olhou por um momento ofegante, então com uma exalação áspera rolou de cima dela e de costas e olhou carrancudo para o céu. Ela puxou as bordas da camisa juntas, cobrindo seus seios ainda sensíveis. Depois de alguns momentos de agonia, ele virou a cabeça e observou enquanto ela se arrastava para trás nas folhas e reorganizava suas roupas.

— Vá dormir — resmungou asperamente..

Cara virou as costas para ele e fechou os olhos com força, desejando que seu coração diminuísse seu ritmo frenético.



Quando teve certeza de que ela dormia, Alessandro soltou um suspiro longo e trêmulo. Graças a Deus ela o afastou. Ele esteve a segundos de perder a cabeça.

Ela sozinha o fazia perder o controle, o desafiava a cada passo. E isso a tornava perigosa - para sua sanidade, seu orgulho. Seu coração. Não importava que ela preenchesse os espaços vazios dentro dele, que o fizesse esquecer seus pesadelos na pura alegria de lutar com ela. Não havia espaço em sua vida para uma garota que só trazia problemas.

Este pequeno interlúdio não mudou nada. Na verdade, isso mostrava como

era importante casá-la o mais rápido possível. Ele a mandaria embora, em algum lugar seguro, com alguém bom.

— Sinto muito por tê-la assustado — ele sussurrou para as estrelas.

Sua torturada confissão foi recebida com um pequeno ronco feminino.

Capítulo 26



O sol estava surgindo na névoa da manhã quando Cara emergiu de um sonho no qual ela era Ariadne, amarrada por um fio de seda ao Minotauro, esperando que o heroico Teseu a salvasse. Só que, em algum lugar do sonho, os dois ficaram confusos até que ela não sabia quem era quem, herói ou monstro. Seu olhar turvo seguiu a corda ao longo do chão até onde terminava... nada.

Assustada, se sentou e olhou em volta. Não havia sinal de *del Sarto*, mas um farfalhar à distância indicava que ele tinha ido ao riacho para se lavar.

Agora era sua chance! Ela se arrastou até sua trouxa de roupas e desenterrou a garrafa de sonífero. Com um rápido olhar por cima do ombro, ela pegou o odre do alforje, destampou-o, serviu-se de uma taça de vinho puro para si mesma e depois derramou o sonífero no odre. Ela girou o vinho para misturá-lo e recolocou a rolha.

Quando ouviu *del Sarto* retornar, estava de joelhos, procurando por sua adaga. Estava em algum lugar entre os arbustos, onde ele o jogara na noite anterior.

Ele reapareceu, puxando a camisa por cima da cabeça e ela teve um breve e tentador vislumbre do torso moreno e esculpido, com todas as ondulações intrigantes e planos sombrios, antes de ser escondido pelo linho branco opaco. Seu estômago se apertou com a sensação de tê-lo contra si.

Ele deu um bocejo exagerado e esticou os braços sobre a cabeça. — Agora há uma visão para contemplar! A alta e poderosa Signorina di Montessori de joelhos diante de mim. Finalmente me reconhecendo como seu novo senhor e mestre?

Ela deu a ele um olhar duro. — Nunca. Aproveite este momento. É a última vez que terá essa visão. — Ela localizou sua lâmina e guardou-a com segurança de volta em sua bota. — Se acha que vou me curvar, rastejar e chamá-lo de “sua alteza”, pode repensar.

Ela o observou com o canto do olho enquanto ele vestia sua cota de malha de couro. Não havia se barbeado, e suas bochechas e queixo estavam cobertos por uma barba por fazer. Isso só o tornava mais atraente. O homem não tinha o direito de parecer tão bem a esta hora ímpia da manhã.

Seu vestido de veludo ainda estava úmido. Desculpando-se, ela atravessou os arbustos até o riacho e estremeceu ao vestir o tecido grosso. O calor subiu em suas bochechas quando se lembrou dele beijando seus seios. Ela balançou a cabeça. Fingiria que tanto seu pesadelo quanto o que se seguiu nunca aconteceram.

Ele chutou o fogo para a vida quando ela voltou para a clareira. Jogou para ela um pedaço de pão velho, e ela pegou a taça de vinho não adulterado de onde a havia equilibrado em uma pedra, tomou um grande gole e observou

com satisfação enquanto ele levava o odre aos lábios. Seu pomo de Adão balançava enquanto ele engolia.

Dependendo de quão forte ela fizesse a poção para dormir, ele estaria dormindo ou muito sonolento para impedi-la de escapar em questão de minutos.

Ele inclinou o queixo para ela. — Beba. Temos que voltar para San Rocco. Mais convidados chegarão hoje.

Cara bebeu o resto do vinho, saboreando a queimação em sua barriga, se não o gosto amargo. Ele recolocou a caneca vazia no alforje, montou em Saraceno em um movimento fluido e ofereceu a ela sua mão enluvada.

Ela ignorou; poderia precisar segurá-lo se ele começasse a escorregar da sela. Não seria capaz de suportar todo o peso dele, é claro, mas poderia amortecer sua queda e evitar que ele se machucasse muito. Podia ser uma besta, mas não queria que quebrasse o crânio numa pedra.

— Prefiro caminhar. — Ela saiu para a floresta.

— O castelo é ali.

Ele apontou na direção oposta e ela reprimiu o forte desejo de arrancar os olhos dele. Com tanta dignidade quanto pôde reunir, ela se virou e começou a andar novamente.

Sua voz, irritantemente presunçosa, soou atrás dela. — Ainda são vários quilômetros até San Rocco. Cavalgue comigo.

— Não, obrigada.

Ela praticamente podia *ouvi-lo* encolher os ombros. Alcançando seu corpete, ela retirou o medalhão que sempre usava; a pequena caixa circular de metal acobreado suspensa por uma corrente fina. — O que é isso? Uma mecha do cabelo de seu amado?

— Nada tão romântico. — Cara olhou para o mecanismo em suas mãos. A tampa articulada se abriu para revelar uma agulha fina flutuando em um disco de bronze. — É uma bússola, presente do papai. — Ela sorriu em memória agri-doce. — Ele costumava *me chamar* de sua bússola. A única coisa que o manteve voltando para casa. O ponto pelo qual ele estabeleceu seu curso.

— Feitiçaria da moda.

— Nunca usou uma?

— Nunca precisei de uma. Qualquer idiota pode dizer para onde é o norte. Ele apontou um dedo enluvado.

Ela olhou para baixo para verificar. Ele estava certo, malditos sejam seus olhos.

Ele acenou com a cabeça para o sol nascente. — Isso é *leste* — ele falou lentamente, como se estivesse ensinando uma criança simples. — E onde se põe, à noite... esse caminho é *o oeste*.

— E quando está escuro?

— Tem as estrelas.

— E se estiver nublado?

— Bem, então eu desistiria e choraria como um bebê. Pelos Santos,

mulher! Nunca conheci ninguém tão argumentativo assim!

Encantada por tê-lo irritado, ela seguiu em frente, mas engoliu uma maldição quando tropeçou em uma pedra. Cascos bateram atrás dela. Sem aviso, ele a pegou na frente dele como se ela não pesasse mais que um saco de grãos e a colocou de lado em seu colo.

— Não discuta! — ele rosnou.

Sua voz era áspera em sua têmpera, e seu estômago se contraiu quando seu antebraço duro como ferro apertou sua cintura, logo abaixo de seus seios. Ela agarrou a crina de Saraceno e se afastou dele.

— Segure firme! — Ele a puxou de volta contra seu peito. — Eu não posso cavalgar se estiver inclinada para frente. Sente-se e não lute.

Para sua mortificação silenciosa, lutar era a última coisa na mente de Cara. Em todos os lugares que ele tocou formigou com consciência. Ela balançou a cabeça. Estava com febre, isso explicaria. Pegou um resfriado no rio e estava ficando delirante.

Seu cabelo estava soprando em seu rosto. Ele alisou-o de volta com a mão enluvada e ela mordeu o interior do lábio e lutou contra o desejo de virar a bochecha na palma da mão. Ela era uma idiota.

Depois de um tempo começou a garoar e ele colocou sua capa sobre os dois, envolvendo-a na escuridão e no calor. Cara deslizou os braços em volta da cintura dele e enfiou a cabeça sob o queixo dele. *Del Sarto* a fazia se sentir segura, assim como seu pai.

Seus olhos se encheram de lágrimas inesperadas. Ela sentia falta do pai. Era fácil fingir que ele ainda estava fora, em campanha, que a qualquer momento cruzaria o horizonte e viria galopando em sua direção, com os braços estendidos em sinal de boas-vindas. Mas ele nunca mais voltaria. Ela nunca mais veria seu sorriso paciente e exasperado. Nunca mais o teria abraçando-a assim. Era uma órfã de vinte e dois anos.

Cara manteve os olhos fechados. A chuva havia parado, mas ela se sentia sonolenta e estranhamente satisfeita. Uma estranha lassidão tomou conta de seus membros. Ela pressionou a bochecha contra o peito de *del Sarto* e o inspirou.

Isso estava errado. Ela não deveria se aconchegar a ele como uma patética vira-lata, desesperada por um pingo de afeto. Mas era difícil encontrar seu orgulho quando ele cheirava tão bem. Ela bocejou.

Ele abaixou o queixo para olhá-la. — Com sono?

— Um pouco. Está com sono? — Com certeza já havia passado tempo suficiente para ele sentir os efeitos da poção para dormir? Ele era um homem grande, é verdade, mas... Cara gemeu quando o verdadeiro motivo de seu cansaço ficou claro. — Seu monstro! Trocou o vinho, não foi?

Sua risada reverberou contra sua orelha. — Eu certamente fiz isso.



Alessandro se preparou para a fúria justa de Cara, mas depois de alguns segundos de silêncio, ela simplesmente suspirou. Ele ergueu as sobranceiras

em espanto. — O que? Não vai me esfaquear?

Ela se contorceu em seu colo para ficar mais confortável. — Como se isso fosse adiantar alguma coisa. É impossível te matar. — Suas pálpebras estavam caídas enquanto ela lutava contra os efeitos sonolentos da droga. — Isso me serve bem, eu suponho — ela murmurou. — Eu queria fazer o mesmo contigo.

Alessandro sorriu com seu senso inato de jogo limpo, algo que lhe faltava completamente.

— Como soube? — ela perguntou.

— Estou acostumado com pessoas tentando me envenenar. É uma segunda natureza cheirar meu vinho antes de bebê-lo. A coisa no odre tinha um cheiro estranho. Quando percebi que o vinho na taça cheirava bem, soube que estava tramando algo. Então joguei fora o vinho da taça e tornei a enchê-lo com o odre. E eu apenas fingi que bebia.

— Me viu beber um copo inteiro! E se eu *estivesse* tentando envenená-lo!

Ele riu de sua justa indignação. — Eu reconheci o cheiro de mandrágora — como maçãs vermelhas. E embora eu nunca tenha ouvido falar de alguém envenenado com uma mistura de mandrágora, já vi isso ser usado para fazer os feridos dormirem. Eu sei que é desonesta o suficiente para me dar algo assim.

— Não pode me culpar por tentar. — Ela encolheu os ombros contra seu peito. — Sabe, eu nunca tentei isso sozinha. É uma sensação estranha.

— Com medo de revelar seus segredos mais profundos e obscuros? — ele brincou.

Ela deu um bufô nada feminino. — Dificilmente! Eu não tenho nenhum.

— Ah, tenho certeza de que *não* é verdade. Todo mundo tem segredos. Coisas com as quais sonha no escuro da noite. Como *eu* — acrescentou maliciosamente. — Certamente sonhou comigo, Cara?

— Os únicos sonhos que tive são de assassiná-lo — ela disse docemente. — São sonhos adoráveis.

E ainda assim suas ações desmentiam suas palavras. Ela se aconchegou mais perto, como um gatinho se aconchegando na frente do fogo.

Alessandro franziu a testa, amaldiçoando o fato de não ser imune à proximidade dela. Ele não a deixou montar em sua própria montaria porque em seu estado drogado teria caído. E porque aceitaria qualquer desculpa para estar perto dela. Seu corpo respondeu ao dela como se fossem velhos amigos. Tê-la sobre ele, moldada a ele, como se de repente ela tivesse perdido qualquer noção de onde seu corpo terminava e o dele começava, era um efeito colateral que ele não havia previsto.

Olhou para a frente e começou a se lembrar de cada escaramuça menor que já lutou, cada ferimento que recebeu, analisando as táticas que usou. Não conseguiu tirar sua mente do fato de que Cara estava dolorosamente pressionada perto dele. Cada vez que ela exalava, podia sentir o ar quente contra seu pescoço. Era uma agonia. E sempre ávido por punição, estava

gostando da tortura lenta, de uma forma meio perversa. Os dedos dela brincaram distraídos com o colarinho dele e ele cerrou os dentes contra o delicioso tormento até que sua mandíbula doeu.

Ela levantou a mão e acariciou a bochecha dele, como se ele fosse Saraceno. — Este músculo fica tenso, aqui na lateral, quando faz isso, sabia? Devia tentar relaxar. Eu *estou* relaxada..

— Sim, eu posso ver isso — ele falou lentamente, mas seu fino tom sarcástico foi completamente perdido por ela. Os dedos dela percorreram sua mandíbula e ele congelou, sem vontade de detê-la, rezando silenciosamente para que ela continuasse sua torturante exploração.

Ele era patético! Ansiava por seu toque como um homem em um deserto confrontado por uma lagoa cheia.

Ela traçou seus lábios, franzindo a testa para ele em intenso escrutínio. — Quando sorri, o canto dos seus lábios se curva, bem aqui. — Tocou o local descrito e depois deslizou o dedo sobre o lábio inferior dele. A única coisa que ele foi capaz de evitar foi levá-lo à boca e chupá-lo. *Cristo*.

— Foi para a Terra Santa com meu pai, não foi?

Alessandro piscou com a mudança repentina de assunto, então deu um meio sorriso irônico. *Sua* mente estava obviamente em outras coisas.

— Eu sempre tive tanto ciúme dos anos que passou com ele — ela admitiu calmamente. — Como foi?

Ele franziu a testa. — Damasco? Quente. E cheio de gente tentando me matar.

— É muito bom em despertar instintos assassinos nas pessoas.

— Eu sou um mercenário. As pessoas *deveriam* querer me matar. É o meu trabalho.

— E a Espanha? Eu sei que estive em Granada. Viu o palácio mourisco lá?

— Eu lutei em sua sombra por três semanas.

— Ouvi dizer que é lindo.

A última vez que ele tinha visto o lugar, a planície empoeirada estava cheia de corpos. A maioria dos mortos eram espanhóis, lutando pelo rei Fernando e sua esposa Isabella, que foram ferozes em sua determinação de expulsar os mouros de volta ao norte da África. Eles pagaram bem por sua experiência militar.

Imagens terríveis queimaram sua mente. Um aglomerado de mouros mortos amontoados como brinquedos descartados enquanto os corvos comiam os corpos insepultos. Eles lutaram bravamente, defendendo suas crenças contra probabilidades intransponíveis. Ele admirava a paixão deles, até invejava, mas a emoção tornava um homem fraco. Seu distanciamento era a razão pela qual ele ainda estava vivo - um feito improvável após dezoito anos de guerra constante.

Ele não saiu completamente ileso, no entanto. Seus pesadelos eram a prova. Eram frequentes, vívidos. Como se sua mente tivesse tido tantas visões diferentes do inferno que estivesse transbordando. Ele estava tão cansado de

ver bons homens morrerem. Cansado de lutar nas guerras de outros homens.

Ele balançou a cabeça para dissipar seus pensamentos taciturnos e trouxe sua consciência de volta para a sensação muito mais agradável da mulher em seu colo.

— O palácio fica no topo de um cume alto, com vista para as terras ao seu redor, — disse ele. — Se olhar para as planícies, as montanhas além dela brilham com o calor. Só se chega por uma colina íngreme e a entrada é um enorme portão de pedra com um arco mourisco. É deliberadamente escuro por dentro, então os inimigos ficam cegos por alguns segundos, após o sol deslumbrante. É mais fresco também - o suficiente para arrepiar os cabelos em seus braços - e as paredes são cobertas com azulejos, muitos para contar, em padrões vertiginosos, azul e branco. Os tetos parecem favos de mel.

— Parece maravilhoso, — Cara suspirou. — E os jardins?

— Cheiro de resina de pinheiro. Ouve-se água correr, mas está sempre escondida por um muro ou por uma sebe, fora do alcance. É duro, mas bonito.

— Alessandro parou, constrangido.

— Obrigada por descrevê-lo para mim. — Ela alisou os dedos sobre o vinco entre suas sobrancelhas. — Não deveria franzir a testa, sabe. Vai ter dor de cabeça. Talvez eu possa te dar uma massagem? Costumava dar ao meu pai. Eu sou muito boa com minhas mãos.

Ele revirou os olhos para o duplo sentido inocente dela. — Eu posso imaginar.

Ele tentou banir as imagens esplêndidas e pecaminosas que suas palavras produziram e falhou miseravelmente. Aquelas mãos pequenas e pálidas em seu peito, suas coxas. Seu pênis. *Oh, inferno*. Saraceno deu um bufo de protesto indignado enquanto o esporeava com força desnecessária. Misericordiosamente, o súbito solavanco desalojou seus dedos.

Ela estava tagarelando sobre outra coisa agora. Alessandro ouviu a conversa dela, mal absorvendo as palavras, apenas deixando os sons entrarem em seus ouvidos. As cadências suaves tamborilavam ao seu redor como gotas de chuva, repousantes e calmantes. Ela tinha uma voz adorável - quando não o estava repreendendo - baixa e levemente rouca. Sua paixão pelo assunto, seu interesse pelos tópicos mais secos e mundanos a tornavam fascinante. Ele poderia ouvi-la por horas.

O pai dela estava certo. Ela era como uma pedra fundamental, ou a estrela polar. Só que, em vez de apontar para o norte, apontava para a verdade. Era brilhante, doce e luminosa. E para alguém como ele, que havia passado a vida inteira na escuridão e na intriga, ouvi-la era tão refrescante quanto o primeiro gole de água para uma garganta seca depois de anos no deserto. Ansiava pelo otimismo juvenil dela para purificar sua alma e lavar as manchas de sangue de suas mãos.

Quando ela finalmente adormeceu, Alessandro respirou aliviado e se mexeu desconfortavelmente na sela. Toda aquela pele macia, a apenas alguns centímetros de distância. Ele ajustou sua ereção latejante e insistente, que

parecia ser seu estado permanente em torno desta mulher irritante. Não havia nenhuma chance de seu pênis cair devido ao fluxo sanguíneo insuficiente, havia?

Ela não tinha dito nada sobre seu estado duro como pedra, apesar de praticamente ter sentado em cima dele por uma hora, e ele reprimiu uma onda de justa indignação. Como uma mulher podia ser tão ignorantemente ingênua na idade dela? Ainda assim, provavelmente era uma bênção. Se ela descobrisse o poder devastador que tinha sobre ele, ele estaria em sérios apuros.

Ela mexeu o traseiro durante o sono e ele rezou por paciência. O Todo-Poderoso obviamente decidiu não esperar até que ele morresse para entregá-lo aos tormentos do inferno. Ele o enviara Cara di Montessori, para assassiná-lo aos poucos.

Capítulo 27



Cara abriu os olhos e franziu a testa para as cortinas vermelhas escuras da cama que giravam acima dela. Estava de volta em seu quarto em San Rocco. Ela gemeu e lutou para se sentar, mas só conseguiu erguer-se sobre os cotovelos. Seu corpo parecia chumbo; mesmo manter a cabeça erguida parecia muito difícil, então a deixou cair sobre o travesseiro no momento em que *del Sarto* apareceu na porta entre os dois quartos.

Ele havia tirado a camisa. Ainda tinha nos quadris o cinto e as adagas, e as linhas duras de suas longas pernas estavam claramente delineadas sob a calça de couro preto. Ela sorriu para o peito nu dele em uma apreciação sonolenta. O homem era realmente lindo de se ver.

Ele se moveu para o final da cama e ficou a olhando, sua expressão ilegível. Ele claramente fez uso do lavatório. Uma gota de água escorreu pelo ângulo de sua clavícula e então desceu, sobre as saliências de seu estômago, passando por seu umbigo e na intrigante linha de cabelo escuro que desaparecia abaixo de sua cintura.

Sua boca ficou seca. — Pareceu suficiente, milady? — ele perguntou secamente.

Cara tentou pensar em algo - qualquer coisa - para dizer, mas seu cérebro estava embotado e lento.

— Eu posso ver por que todas as mulheres o bajulam.

Bom Deus! Ela realmente disse isso em voz alta? Pela expressão atordoada em seu rosto, ela deve ter feito. E, no entanto, não conseguia se importar. Claramente, os efeitos da droga ainda não haviam passado.

Seu olhar caiu para uma crista pálida de pele sobre uma de suas costelas. — Pensei que nunca tivesse sido ferido em batalha.

Ele olhou para baixo e deu de ombros. — Eu sangro, como qualquer homem. Cada cicatriz é um lembrete de um erro que cometi.

Ela o olhou. A sugestão de imperfeição só o tornava mais humano, mais acessível.

Eu queria que realmente me quisesse.

O pensamento lamentoso ecoou tristemente em sua cabeça. Graças a Deus ela não disse isso em voz alta.

E então, para seu horror absoluto, deu-se conta de que *havia feito isso*.

As sobrancelhas de *del Sarto* desapareceram na linha do cabelo e, por um breve momento, reinou um silêncio atordoante. Cara queria morder a própria língua. E então a colcha caiu quando ele colocou as duas mãos ao lado da cabeça dela e se inclinou.



Alessandro sentiu como se tivesse levado uma pancada na cabeça com uma das panelas do cozinheiro. Este não era um estratagema feminino para

bajulação: Cara acreditava genuinamente que ele não se sentia atraído por ela. Deus, para uma mulher inteligente ela tinha as noções mais idiotas.

Ele deveria deixá-la em paz. Ela ainda estava sentindo os efeitos do remédio para dormir. Ele era apenas uma aparição nebulosa que ela conjurara em seu delírio. Alguma combinação febril de sonhos românticos de infância e amante demoníaco sem rosto.

Mas a ideia de que ele não se sentia atraído por ela era tão ridícula que *precisava* ser remediada. Ele se sentou perto de seu quadril. A cama cedeu sob seu peso e a rolou para ele.

— Eu a quero, Cara di Montessori — ele sussurrou perto de seu ouvido.

— Quer?

Seus olhos estavam sonolentos, já fechando. Ele acariciou uma mecha de cabelo de sua testa e ela se virou para o toque como um gato.

— Muito. — *Mais do que a própria vida.* — Tanto que estou quase louco com isso. Mas conhece nossa barganha. Tem que vir a mim de bom grado. Isso significa sem vinho ou poções que possam prejudicar seu julgamento. — Ele passou o polegar sobre o pulso palpitante em sua garganta e ela se arqueou na carícia. O sangue se acumulou em sua virilha. — Eu a quero totalmente consciente. Totalmente compatível. Porque vai querer se lembrar de cada coisa que faremos.



Cara reprimiu um arrepio quando ele ergueu a mão dela e colocou os lábios na cavidade macia na parte interna de seu cotovelo. Ela prendeu a respiração enquanto ele beijava a parte interna de seu antebraço até chegar à pele sensível da parte interna de seu pulso. Ele lambeu ali com a língua e ela estremeceu em estado de choque.

Os pontos de luta, ela percebeu atordoada.

Ele estava beijando os pontos de luta - aqueles lugares sensíveis onde as veias corriam mais perto da superfície da pele. Ela os estudou, praticou para atingi-los como os lugares para infligir dano máximo em um inimigo em combate.

Nunca imaginou que poderiam ser usados dessa maneira; para prazer, não para dor. Ela se sentiu tonta com a descoberta. Um mundo totalmente novo existia. Que estranho, que *del Sarto* - este negociante de morte e destruição - seja o único a mostrar sua *vida*.



Alessandro deslizou a mão sobre sua garganta, saboreando a suavidade cremosa de sua pele, o jogo flexível de músculos e carne sob seus dedos.

Ela estava mordendo o lábio inferior, tremendo com sua carícia, e ele percebeu que nunca quis mais nada em toda a sua vida; não a rendição de um castelo, nem a capitulação de um inimigo. Levou cada grama de seu autocontrole para não tirar a própria roupa e mostrar a ela exatamente o prazer que poderia haver entre um homem e uma mulher. Mas se ele a tomasse agora, nunca saberia se era por causa da poção para dormir ou do próprio

desejo dela.

Ele afastou a mão de sua pele, puxou a colcha de linho sobre seu corpo e deu um beijo casto em sua têmpora. Seu suspiro pode ter sido de decepção ou apenas exaustão. Ela virou de lado e se aconchegou nos lençóis.

— Durma bem, Cara mia — ele disse.

Alessandro caminhou até a porta e a fechou silenciosamente atrás de si.

Capítulo 28



— Eu compilei aquela lista de pretendentes que me pediu.

Alessandro acenou com a cabeça para Francesco continuar. — Vamos ouvir, então.

— Bem, primeiro há Os Medici de Florença. O mais velho, Lorenzo já é casado. E seu segundo filho, Giovanni... — Francesco acenou com a cabeça do outro lado do corredor em direção a um jovem que estava conversando com seu irmão — foi prometido à igreja.

— Algum outro irmão?

— Giuliano. — Francesco indicou um jovem de cabelos castanhos e rosto magro que brincava com dois cachorros do castelo. — Mas ele só tem treze anos.

Alessandro dispensou-o com um movimento imperioso da mão.

— Quem está flertando com Catherine Sforza?

— O filho adotivo de Lorenzo, Giulio. Ele é realmente seu sobrinho, o filho bastardo de seu irmão assassinado.

— Giulio, Giuliano, Giovanni. Os Medici não podem escolher nomes diferentes?

Francesco riu. — Confuso, não é? De qualquer forma, ele ainda tem apenas quatorze anos.

— Tudo bem. E quanto aos irmãos Este? O mais velho está aqui, pelo visto.

Francesco balançou a cabeça. — Casou-se com Anna Sforza no ano passado. Os outros são muito jovens.

Alessandro franziu a testa. — Cara é muito espirituosa para alguém mais jovem do que ela. Ela passaria por cima do pobre coitado em quinze dias.

— Eu tenho mais velhos — Francesco consultou sua lista. — Lá está Francesco Gonzaga...

— Ele é um mercenário!

As sobranceiras de Francesco se ergueram. — Um soldado seria o ideal para ela. Forte o suficiente para mantê-la na linha.

— Absolutamente não. Nada de mercenários.

— Vitelli, então?

— Muito velho.

— Ele tem trinta e quatro anos! Da sua idade.

— Cara pode ser velha na idade, mas ela carece de um mundo de experiência.

— Mais uma razão para emparelhá-la com alguém mais velho. Farnesi?

— Pier Luigi? Cristo! Mesmo *ela* não merece ser presa a ele. Ele acaba de ser julgado por molestar o bispo de Fano. Talvez me diga que tem Cesare Borgia na lista.

Francesco, sorrateiramente, riscou um nome de seu papel. — Eu não! E Urbino então? Há rumores de que o duque impotente planeja deixar tudo para seu irmão, Giovanni. *Ele* seria bom.

— Ele ainda é um mercenário?

— Bem, tecnicamente, sim. Mas essa regra elimina quase todos, exceto o Papa. Os Baglioni...

— ... estão em busca de vingança contra todos — interrompeu Alessandro.

— Estou surpreso que tenha restado algum deles.

Um músculo palpitou na mandíbula de Francesco. — Aqui é a Itália. A vingança é a força vital do nosso país. Todo mundo *está* buscando uma vingança.

— Eu a quero casada, não assassinada.

Francesco deu um longo suspiro de sofrimento e fez um grande espetáculo ao riscar mais um nome de sua lista. — Tudo bem, e Jacopo Petrucci de Siena? Nunca ouvi falar mal dele.

— Siena fica a menos de 80 quilômetros de distância.

— Perto demais para seu conforto, hein? — Francesco disse maliciosamente.

Alessandro lhe lançou um olhar sombrio.

Francesco engoliu em seco. — Em nenhum lugar em um raio de 160 quilômetros. Entendi. Veneza é longe o suficiente? Leonardo Loredan é cotado para ser o próximo Governador.

Alessandro balançou a cabeça. — Muito chato. Milady odeia ficar entediada, lembre-se.

— Luca Orsini?

— Muito gordo.

Francesco enterrou a cabeça nas mãos com um gemido. — Vamos esclarecer isso; Estou tentando encontrar um nobre solteiro, com idade entre vinte e cinco e trinta e cinco... — ele marcou os atributos em seus dedos grossos — que não seja *um* mercenário. Ele deve ser rico o suficiente para mantê-la, forte o suficiente para domá-la e *magro* o suficiente para não *esmagá-la*? É isso?

Alexandre sorriu. — Precisamente.

Francesco deixou cair a testa na mesa à sua frente com um baque.

— É impossível. Mesmo se descontar sua estúpida regra de ‘não mercenários’, provavelmente *ainda* há apenas um homem em toda a Itália que se encaixa na sua descrição.

Seu tom fez Alessandro estreitar o olhar. — E quem é esse?

Francesco ergueu os olhos e sorriu. — *Você*, Milorde.

— Francesco — Alessandro tornou sua voz muito suave e, portanto, ainda mais ameaçadora. — Saia.

Francesco levantou-se e curvou-se irreverentemente. — Sim senhor. Imediatamente.

Capítulo 29



Cara permaneceu em seu quarto com uma dor de cabeça latejante durante toda a manhã, mas a dor havia diminuído quando Renata lhe trouxe uma bandeja de comida.

— Sua senhoria pensou que poderia ter apetite, depois de todas as suas aventuras. — Os olhos da criada estavam com um brilho perverso.

Cara sabia que seu rosto estava cheio de calor culpado, mas ela deu um suspiro resignado quando Renata a convenceu a vestir um dos extraordinários novos vestidos de Pia e arrumou seu cabelo. Ela teria que aparecer lá embaixo em algum momento da noite; não podia ignorar *del Sarto* para sempre.

— Mais convidados chegaram ontem enquanto esteve fora — Renata disse. — Todo o lugar está lotado até o teto.

Cara deu um sorriso pálido quando Renata prendeu habilmente os rubis em sua garganta. As pedras aqueceram sua pele como uma carícia. — Ah, que bom.

Ela encontrou *del Sarto* na parte inferior da escada principal. Seu passo vacilou e um arrepio de consciência percorreu sua pele. Ela tivera alguns sonhos eróticos embaraçosos com ele na noite passada, sem dúvida um efeito colateral indesejado da poção para dormir.

Ele estendeu a mão e a acompanhou pelos últimos degraus, recuando para admirar sua roupa. — Está parecendo bem esta noite, milady. — Seu olhar a devorou. — Todo esse galope pelo campo colocou um pouco de cor em suas bochechas.

Besta! Ele sabia exatamente o que a fazia corar, e não tinha nada a ver com paisagens bucólicas e tudo a ver com a lembrança da boca dele em seus seios. Sua pele se aqueceu. Foi poupada de ter de responder quando entraram no grande salão e foram imediatamente cercados por uma horda de pessoas, todas clamando por apresentações. Ele os afastou e habilmente a guiou até o estrado para que pudesse ter uma visão melhor dos eventos. Cara pegou uma taça de vinho de um criado que passava e bebeu o conteúdo, desesperada por um pouco de coragem líquida, então olhou para o perfil dele. Ele parecia estar observando a multidão com uma mistura de diversão e desgosto. Ela tentou não reagir quando ele baixou a cabeça em seu ouvido, mas um arrepio de consciência deslizou por sua espinha, arrepiando os pelos de seus braços.

— Os homens e mulheres mais poderosos da Itália estão nesta sala esta noite. Preste atenção. Sinta as correntes no ar. Quem está falando com quem? Quem está evitando um ao outro? Quem está flertando? Quem está tramando? Se quiser sobreviver na corte, precisa saber essas coisas.

Ela se afastou dele. — Eu não preciso sobreviver na corte. Vou voltar para Castelleon.

Seu suspiro exasperado foi audível.

Para dar ao diabo o que lhe é devido, o salão parecia magnífico. Os vestidos das damas eram um turbilhão de cores suntuosas, um caleidoscópio de clarete e vinho, âmbar e azul-petróleo. A pele cintilava. A luz das velas brilhava em redes de cabelo de ouro e uma obscena superabundância de joias. Era exatamente como Cara tinha sonhado que a corte seria; luxuosa, extravagante e hedonista. O ar estava quente e inebriante com os perfumes misturados.

Del Sarto certamente estava fazendo uma declaração com a magnificência de sua hospitalidade. O vinho corria livremente e as mesas de comida praticamente gemiam, transbordando de carnes assadas, doces e pastéis e tigelas com pilhas altas de frutas exóticas. As travessas eram de prata maciça. Apenas um dela alimentaria uma família em Castelleon por um mês.

Ele parecia ler sua mente. — As pessoas sempre se impressionam com as aparências. É tudo pompa e espetáculo. Tudo depende de eu não mostrar nenhuma fraqueza. Se qualquer uma das outras cidades estado suspeitar que sou fraco, mesmo que temporariamente, descerão como corvos carniceiros após uma batalha para se banquetear com meu cadáver.

— Que linda imagem.

Ele ignorou seu sarcasmo. — San Rocco fica entre os estados rivais de Milão e Veneza. Tenho os franceses ao norte e Roma e Florença ao sul. Estou cercado por chacais. Devo estar sempre vigilante. — Ele chamou sua atenção. — Às vezes não se pode se dar ao luxo de ser gentil.

Isso provavelmente era o mais próximo de um pedido de desculpas pelo comportamento dele que ela conseguiria. Ela aceitou uma taça de vinho de um criado que passava. — Vejo que sua comida erótica está indo bem.

Ele olhou para duas matronas idosas rindo como colegiais travessas sobre os bolos de mamilo. — Mmm. Sexo e escândalo são universalmente populares, seja qual for a ocasião.

Cara se abanou com a mão. A pressão dos corpos era quase avassaladora. Ou talvez fosse a proximidade de apenas um corpo que ela achava tão desconcertante.

Era fácil imaginar tramas e conspirações, atribuições e intrigas sendo sussurradas no burburinho da conversa. Tinha que admitir que o perigo era definitivamente picante. O hálito quente dele acariciou seu ombro nu. — Esse é Lorenzobaldo, o duque de Urbino e sua esposa Elisabetta. — Ele dirigiu sua atenção para um homem mais velho na porta, conversando com um dos Sforzas. O homem parecia bastante doente, com uma coloração amarelada na pele. A mulher pairando ao lado dele usava um manto de veludo marrom, com mangas cortadas e presas por enormes correntes de ouro. — Há rumores de que ele é impotente, mas sua esposa sofredora se recusa a se divorciar dele.

Cara franziu a testa. — A esposa deve ser leal ao marido, sejam quais forem seus defeitos. E ele deveria ser leal a ela. Talvez ela o ame?

Ele bufou. — Talvez ela ame ser a Duquesa de Urbino. — Ele indicou

outro homem. — Esse é Ludo Sforza, o duque de Milão. Ele muda de lealdade política com a mesma frequência com que muda de camisa. Não deixe que ele a engane; é um intrigante sem escrúpulos. Venha, vou apresentá-lo.

Cara estava determinada a ter sua própria opinião sobre o homem. Quase a contragosto, ela o considerava um companheiro encantador, com uma inteligência divertida e astuta. Não pôde deixar de rir enquanto ele a entretinha com fofocas sobre quase todos na sala.

Depois de um tempo *del Sarto* voltou para o lado dela. — Gostou de conversar com Il Moro?

— Ele é extremamente divertido.

Seu sorriso era cínico. — Ele pode ser, quando quer. Ele te propôs? Uma palavra de alerta; sua esposa e sua amante já estão aqui. Duvido que ele tenha tempo para dedicar-lhe também.

— As duas?

O choque dela pareceu diverti-lo. — Aquela é a amante dele ali, Cecilia Gallerani. Ela deu à luz o filho dele no ano passado, um menino chamado Cesare.

— Sua pobre esposa! Ela sabe? — Ela seguiu seu olhar para uma bela jovem do outro lado da sala.

— Beatrice? Claro que ela sabe. Essas coisas são comuns.

Cara balançou a cabeça, estudando discretamente as duas mulheres.

— Como podem suportar estar na mesma sala?

— Política. Se toleram porque devem. Observe como cuidadosamente ignoram uma à outra. É uma arte e tanto.

A amante era loira e bonita, com um rosto magro e inteligente. Seu vestido era azul profundo, os braços dobrados para trás para revelar uma manga interna vermelha escura. Enganosamente simples, realçava o balanço sedutor de seu corpo. Em vez de deslumbrante, insinuava. Uma longa fileira de pérolas perfeitas envolvia seu pescoço de cisne.

— Ela está vestida tão bem quanto a esposa dele — Cara disse com desaprovção.

— É uma medida da proeza de Il Moro que ele pode manter uma amante tão cara, bem como uma bela esposa. — Seu olhar deslizou sobre seu corpo, fazendo suas terminações nervosas zumbirem. — Um homem gosta de olhar para uma mulher e saber que ele pagou pelas roupas que ela está vestindo. Isso lhe dá o direito de removê-las.

Seu sangue esquentou. Ele pagou por cada peça de roupa que ela vestia.

— Essa é mais uma razão pela qual eu nunca quero me casar — ela disse com firmeza. — Eu gostaria que meu marido fosse fiel apenas a mim.

— Que novidade!

— Il Moro não me propôs, de qualquer maneira. Estávamos discutindo maneiras de desenvolver a agricultura milanese.

Del Sarto revirou os olhos.

— Nem todo mundo gasta seu tempo em guerra contra seus vizinhos — ela o repreendeu. — Algumas pessoas cultivam coisas, fazem coisas. Achei muito interessante.

— Já conheceu a esposa dele? Beatrice é a filha mais nova de d'Este. Ela tem apenas dezesseis anos.

Cara deu-lhe um olhar de lado, divertida com sua inferência pouco lisonjeira. — Enquanto eu tenho vinte e dois anos e ainda sou solteira.

— Oh, não perdi toda a esperança a seu respeito. Tenho certeza de que encontraremos alguém que ignore seu cérebro super educado e seus modos sanguinários.

— Eu não quero ou preciso de um marido. Quantas vezes devo dizer-lhe?

Ele ignorou sua rebelião contínua. — Há muitos homens elegíveis aqui. Gostaria de me esclarecer sobre seus critérios?

Ela fingiu surpresa. — Está interessado na minha opinião? Bom Deus!

Ele levantou uma sobrancelha e gesticulou para que ela continuasse.

— Muito bem. Se algum dia eu me *casasse*, gostaria que meu marido me tratasse como uma parceira, uma igual. Eu não gostaria de um tirano que me dominasse, me sobrepujasse e me tratasse como uma imbecil.

— Isso é tudo? — Foi a vez dele de usar sarcasmo.

— Bem, seria bom se ele não fosse horrível de se olhar — ela acrescentou maliciosamente. — Eu gostaria de ter filhos relativamente atraentes.

— Esqueceu de mencionar rico e poderoso.

— Dinheiro não pode te fazer feliz.

— Claro que pode. É *exatamente* por isso que precisa de mim. Deixada por conta própria, escolheria algum estudioso fraco e amante da paz e Castelleon cairia diante do primeiro invasor de braços fortes que aparecesse em seu caminho.

Cara não teve tempo de discutir esse ponto. Um jovem bonito se aproximou deles com uma expressão determinada no rosto. Ele parou na frente deles e lançou um olhar nervoso para *del Sarto*, mesmo enquanto se dirigia a ela.

— Posso ter a honra desta dança, Signorina di Montessori?

— Oh, não. Eu realmente... isto é, eu não danço...

— Claro que sim — *del Sarto* forneceu suavemente, empurrando-a para frente. — Ela *adoraria*.

Cara lhe lançou um olhar sujo por cima do ombro enquanto era arrastada para uma fila recém-formada de dançarinos.

Del Sarto queimou sua pele quando ela girou e deu a volta no chão. Sem dúvida ele estava observando para ver se ela se envergonhava — e, portanto, a ele, por associação. Mas os passos eram fáceis de seguir e ela relaxou rapidamente. Foi muito menos estressante do que dançar com *ele*. Seu parceiro fez alguns comentários engraçados sobre a moda de outro casal e ela riu, começando a se divertir.



Alessandro ignorou uma pontada escaldante de ciúme enquanto observava Cara mover-se para a dança intrincada, corada e sorrindo para seu parceiro apaixonado. Isso era exatamente o que ele queria, não era? Encontrar um marido para ela e cimentar uma aliança pacífica na região.

O rapaz com quem ela estava dançando era bonito, de um jeito espalhafatoso e superconfiante. Ele estava sorrindo para ela como se quisesse comê-la. Metade dos homens na sala também a observava. Alessandro fez um esforço consciente para não mostrar os dentes e rosnar.

Cara era ingenuamente inconsciente de sua própria atração, o que a tornava uma lufada de ar fresco entre as coqueterias praticadas dos cortesãos. Seu vestido brilhava enquanto se movia com graça inconsciente e as joias em seu pescoço refletiam a luz.

Ele tinha dado joias para amantes anteriores, é claro, bijuterias generosas que não significavam nada. Mas ele manteve o espinélio trancado. Na verdade, Cara era a única que ele imaginara usando. Em seus sonhos, ela geralmente não usava mais nada; gemas vermelho-sangue para a mulher que se infiltrou em seu sangue. Ele franziu a testa. A ideia de permitir que outro homem a possuísse fazia seu peito doer.

Capítulo 30



O parceiro de Cara a devolveu a um carrancudo *del Sarto* e saiu correndo.

— Aquela é a esposa de Il Moro, Beatrice, ali — disse ele.

Ela seguiu seu olhar. A mulher mais jovem parecia estar em seu elemento, rindo e confiante. Seu cabelo escuro estava repartido ao meio e preso em uma rede dourada que brilhava com pérolas. O decote de seu vestido era tão baixo que o avental por baixo mal conseguia preservar sua modéstia. O vestido em si era listrado de preto e dourado, bordado com fios metálicos que refletiam a luz. O efeito era suntuoso e totalmente fascinante.

A mulher notou a atenção deles; ela se desculpou com seus companheiros, atravessou a sala e fez uma reverência para *Il Diavolo*, que se curvou sobre sua mão.

— Milorde, obrigado por nos convidar para sua magnífica casa. — Sua voz era baixa e melódica, e continha um traço de riso.

— De nada. Beatrice, lhe apresento Cara di Montessori, minha convidada de honra. Se me derem licença, senhoras, vou deixá-las conversar.

Ele se retirou quando a morena deu a Cara um sorriso deslumbrante. Sua própria postura deixou Cara nervosa. O que diabos ela poderia ter em comum com uma criatura tão impressionante?

— Seu vestido é adorável — ela deixou escapar desesperadamente.

— Ah, gostou? — a garota sorriu e alisou o tecido de uma das mangas, depois baixou a voz e deu um sorriso conspiratório para Cara. — Esta é a primeira vez que o uso em público. Seja sincera, acha que as mangas são exageradas? As fendas foram copiadas de um vestido que vi na Alemanha. Estou tentando lançar uma nova moda, mas não sei se a Itália ainda está pronta para isso!

Seus olhos castanhos brilharam e Cara teve que sorrir. O senso de humor da garota era contagiante; ela claramente não se levava muito a sério. — Não me pergunte. Não entendo *nada* de moda. Cresci rodeada de homens.

— Foi o que ouvi — Beatrice riu. — Todo mundo está falando a seu respeito. *Realmente* explodiu um mosteiro?

— Apenas parte de um. Foi um acidente.

— Que interessante! Eu espero que me conte tudo sobre isso algum dia. Então, vai ficar com o *Il Diavolo*?

Cara fez uma careta. — Essa é uma maneira de colocar isso. Eu sou efetivamente sua refém.

Essa revelação não conseguiu a reação simpática que ela esperava. Beatrice sorriu. — Oh, sua sortuda! Não é à toa que Vanessa Canozzi está de mau humor. — Ela riu. — Mulher odiosa. É ela ali, flertando com ele agora. Ele terminou com ela meses atrás, mas ela não entendeu. Aquele homenzinho atrás dela é seu marido sofredor.

Cara estreitou os olhos.

— Nós já nos conhecemos. — Beatrice levantou uma sobrelanceira, farejando a intriga.

— Então já sabe que ela é horrível. Não a aceitarei em *minha* corte. Ainda assim, ela é uma mulher de sorte. *Del Sarto* é extremamente atraente, não acha?

— Suponho que sim.

Beatrice lhe lançou um olhar travesso. — O que há para não gostar em alto, moreno e perigosamente bonito?

Cara olhou através da sala. O maldito homem parecia devastador, como sempre. Seu olhar caiu para os lábios dele e seu sangue esquentou quando ela se lembrou da sensação deles contra sua pele. Ele olhou para cima e a pegou estudando-o, e seu coração deu um salto quando seus olhares se encontraram. Ele ergueu a taça de vinho em um brinde zombeteiro.

Beatrice seguiu seu olhar.

— Uh-oh. Ele está falando com meu pai. Aposto que papai está lhe oferecendo um dos meus irmãos como marido em potencial.

Cara sentiu o sangue sumir de seu rosto.

— Qual é o problema? — Beatrice tocou seu braço em um gesto reconfortante.

— Eu não quero me casar. Nunca. — Cara mordeu a língua e saboreou a picada. Ela era uma idiota por estar sonhando com um homem que estava fazendo tudo o que podia para se livrar dela.

Beatrice interrompeu sua autoflagelação.

— Casamento não é *tão* ruim assim, sabe. Até os homens têm seus usos ocasionais. Ainda assim, vou tentar afastar papai da ideia. Adoraria tê-la como cunhada, mas ninguém merece um dos meus irmãos. Eles são muito jovens, de qualquer maneira. A experiência *sempre* é preferível em um marido. — Ela deu um sorriso conhecedor. — Quantos anos tem o senhor *del Sarto*?

Cara revirou os olhos. — Não sei. Pelo menos trinta.

Por um breve momento, ela se imaginou casada com ele, e seu coração disparou. A visão era ao mesmo tempo enervante e estranhamente convincente.

— Está honestamente dizendo que nunca pensou sobre isso? — brincou Beatrice. — Eu sei *que eu sim*! Não há uma mulher aqui que não tenha se imaginado com ele.

— Ele não está pensando em casamento. Comigo ou com qualquer outra pessoa. De fato, não consigo pensar em ninguém mais inadequado para ser marido. Ele só quer saber de brigar e ganhar dinheiro.

Beatrice parecia compreensiva. — Bem, terá sorte se evitar se casar com *alguém*. — Ela olhou para o outro lado da sala e suspirou. — Oh, céus. Eu deveria ir e arrastar meu marido para longe dos Medici. Eles não podem ficar na mesma sala sem discutir. — Ela deu um aperto na mão de Cara. — Foi bom conhecê-la. Espero que tenhamos a chance de conversar novamente em

breve. — Ela foi rapidamente engolida pela multidão.

Cara tinha acabado de se virar para procurar *del Sarto* quando ele reapareceu silenciosamente em seu ombro. Ela pulou. — Pare de se aproximar das pessoas assim!

Ele lhe lançou um sorriso diabólico. — Força do hábito. Gostou de fofocar com Beatrice?

— Eu fiz de fato.

— O casamento de sua irmã com o duque de Mântua foi uma boa aliança. Só a cerimônia custou mais de vinte mil ducados.

— Deve pensar em tudo em termos de dinheiro e poder?

— Sim. É assim que o mundo funciona. — Ele parecia entediado. — Já escolheu um marido?

— Não.

Ele retirou um papel dobrado de seu sobretudo e Cara olhou para ele com desconfiança.

— O que é isso?

— Apesar de sua falta de habilidades femininas e sua total incapacidade de receber ordens, recebi oito ofertas diferentes por sua mão. Estes são os nomes. Escolherá um pela manhã. Se não, tomarei a decisão em seu lugar.

Choque e fúria guerrearam com decepção em seu peito. Ela se sentia quebradiça, como uma taça de vidro que pode quebrar em mil pedaços a qualquer momento. Ela não conseguia olhar para ele. Pegou o papel e examinou a lista.

— Duvido que algum deles atenda aos seus padrões de exigência — disse ele sombriamente. — Nenhum deles cavalgará para resgatá-la em um deslumbrante cavalo branco ou fará uma serenata com flores e sonetos.

Ela empalideceu. Sua descrição zombeteira era incrivelmente precisa para os devaneios que ela *tinha* quando era uma garotinha, ainda ingenuamente esperançosa por um futuro feliz. Ela ergueu o queixo e forçou as palavras a saírem de sua garganta dolorida.

— Se isso é tudo, Milorde, acho que vou para a cama.

Ele assentiu friamente.

— Eu te desejo boa noite.

Capítulo 31



Cara sentou-se no assento da janela em seu quarto e olhou para a escuridão. *Del Sarto* era um bruto e sua insistência em um casamento dinástico para ela era irritante.

Seus próprios pais se casaram por amor, não por terras ou poder. Ela estava orgulhosa e com um pouco de inveja do que eles compartilharam; ela queria o que eles tinham, aquela convicção de que ninguém mais faria isso. E se ela não pudesse ter, não se contentaria com menos. Mesmo a perspectiva de viver sozinha pelo resto de seus dias era melhor do que um casamento sem amor.

Pelo menos *del Sarto*, o vira-lata miserável, finalmente forneceu a ela um meio de escapar. Aceitaria um desses pretendentes infernais e deixaria San Rocco. Usaria as forças do homem para reconquistar Castelleon, romper o noivado e voltar para casa. Sozinha.

Não era o plano mais honroso, com certeza, mas era o melhor que poderia imaginar dadas as circunstâncias. E pelo menos ela estaria livre de *del Sarto* e de sua barganha ridícula.

Ela estudou a lista novamente. Nenhum dos homens era remotamente atraente, mas a escolha mais lógica era o velho duque de Parma. Ele tinha o maior número de tropas permanentes, depois de *del Sarto*. Era viúvo, tinha cerca de sessenta anos, rosto bronzeado e olhos bondosos. Seria cruel enganá-lo, mas ele se recuperaria. Ele poderia viver sem uma esposa, mas ela não poderia viver sem vingar seu pai e recuperar sua casa. Seu principal dever era para com o povo de Castelleon, libertá-los da tirania de seu tio.

Cara deu um suspiro frustrado. Mas e suas próprias necessidades? Seus próprios desejos? Ela fez o que os outros queriam durante toda a sua vida. A parte mais irritante de tudo isso era que, de todas as características que ela desejava em um marido, *Il Diavolo* possuía mais delas do que qualquer outro homem que ela já conheceu.

Ele era inegavelmente bonito. Protetor. Forte. Ele a incentivou a ler e apreciou seu conhecimento militar. Ele achava sua falta de habilidades femininas divertida, em vez de repulsiva. Ele a fazia rir, a fazia se sentir segura. Ela até apreciaria sua mente diabolicamente inteligente se estivesse trabalhando *com* ela, não *contra* ela, e adorava bater de frente com ele. A emoção de sua luta verbal, o desafio de testar a inteligência dela contra a dele, era revigorante. A ideia de deixá-lo, de nunca mais vê-lo, fez com que ela se sentisse estranhamente infeliz.

Cara olhou para seu reflexo, distorcido pelas imperfeições onduladas do vidro, e a terrível e irrefutável verdade a atingiu no rosto como um galho baixo.

Bom Deus. Ela estava apaixonada por del Sarto!

Ela se sentou completamente imóvel, atordoada. Como ela pôde se

apaixonar por um homem tão indigno, de coração negro, conivente e arrogante... a lista continuou e continuou.

Ele não a queria, nem a ninguém, como esposa. Estava usando-a para seus próprios fins políticos. Tudo o que havia lhe oferecido foi algumas noites de prazer.

Cara tirou o vestido e as joias e vestiu a camisola de seda transparente que Pia havia providenciado - tão insubstancial que ela poderia muito bem não estar usado nada. Desfez as tranças apertadas de seu cabelo e sentou-se na beira da cama para escová-lo, então jogou a escova de lado, caiu para trás e olhou cegamente para o dossel acima.

Ela partiria em breve. Não precisava estar com ele por causa de sua barganha.

Mas isso não significava que não poderia estar com ele se *quisesse*.

Seu coração começou a bater forte. Tito Lívio, o historiador grego, disse que - a temeridade nem sempre é bem-sucedida. Ela nunca foi boa em ficar sentada, esperando que as coisas acontecessem. Ela seria como a Dafne de Ovídio, sempre fugindo? Não. Ela queria *del Sarto*. Ele a queria.

Então, por que não pegar o que ele estava oferecendo? Por que não se permitir uma noite de pecado, de prazer, antes do resto de sua vida sem ele?

Ela olhou para a porta de ligação. Já passava da meia-noite, mas ela o ouviu vir para a cama apenas momentos atrás, ouviu-o se mover pelo quarto; o respingo de água, o arrastar de uma cadeira.

Sem se dar tempo para pensar, ela atravessou o quarto, os pés descalços silenciosos nas lajes frias, e empurrou para o lado a mesa que estava em frente à porta. Experimentou um momento de pânico cego enquanto a abria. *O que ela estava fazendo?* Isso era uma loucura! Deveria se virar e ir direto para a cama. Já arrependida de sua tola impetuosidade, olhou ao redor do quarto dele, de repente desejando que estivesse vazio.

— Procurando algo para me matar? — *del Sarto* falou devagar.

Maldição.

Ele estava deitado na cama, apoiado nos travesseiros como um sultão preguiçoso, observando-a junto às brasas do fogo. Seu peito, visível acima da colcha, estava nu. Seu coração ficou preso na garganta.

Seu olhar estreito observou o que ela estava vestindo. Ou melhor, o que ela *não* estava vestindo. A seda pura era uma peça de roupa escandalosa, totalmente impraticável para qualquer coisa que não fosse sedução. Era a coisa mais reveladora que ela já usara, e Cara de repente se sentiu ridícula, como uma criança flagrada experimentando as roupas da mãe.

— Onde conseguiu essa camisola?

Ela olhou para baixo estupidamente. — Pia me deu.

— Uma melhoria definitiva em minhas camisas. Atrevo-me a perguntar por que está aqui?

Ela deu um passo à frente e adotou uma expressão fria e profissional. — Escolhi um pretendente. O duque de Parma.

Ele levantou uma sobrancelha. — Uma escolha interessante. Mas não poderia ter esperado até de manhã?

A temeridade nem sempre é bem-sucedida.

Ela se esforçou para manter a voz calma, como se entrar no quarto de um homem e fazer propostas a ele fosse uma ocorrência regular todas as noites.

— Eu mudei de ideia.

Seu olhar ficou alerta. *Predatório.* — Sobre o quê, especificamente?

Ela estremeceu sob seu olhar intenso. — Disse que eu tinha que vir de bom grado. — Ela abriu os braços em um gesto de desafio e aceitação, e ergueu o queixo. — Então aqui estou. Disposta. Eu quero que me ensine.

Ele estreitou os olhos, obviamente suspeitando de uma pegadinha. — Ensiná-la?

— Tudo o que há para saber entre um homem e uma mulher. — olhou-o bem nos olhos. — Quero entrar no meu casamento preparada.

Sua reação era impossível de avaliar; se o surpreendeu, ele não deu nenhum sinal externo. Ele apenas levantou a mão em um gesto imperioso e entortou um dedo. Levou toda a sua coragem para não virar as costas e correr.

— Venha aqui.

Ela deu um pequeno passo à frente.— Mais perto.

Outro passo.

Ele a observou com um olhar sonolento e apertado, um lobo avaliando sua fraqueza. As crianças de Castelleon jogavam um jogo chamado *Lupo del'ore*. Os jogadores provocavam o 'lobo' até a meia-noite, momento em que ele se virava e os perseguia até que alguém fosse pego. Comido no jantar.

Que horas são, senhor lobo? Uma hora.

Que horas são, senhor lobo? Duas horas.

Que horas são, senhor lobo?

Hora do jantar!

O pensamento ridículo trouxe um sorriso aos lábios de Cara. Estava claro que ela estava no cardápio, mas de repente a ideia era menos assustadora do que excitante. Ela escolheu seu lobo; não desistiria agora, por mais enervante que parecesse.

Ela caminhou até a cama e parou quando suas canelas bateram na estrutura de madeira. Seu olhar vagou por seus bíceps, costelas, as curvas intrigantes de seu estômago. A maioria dos homens que ela conhecia tinha pescoço e antebraços bronzeados, mas peito pálido. Mesmo quando despídos, eles pareciam estar vestindo camisas. Ele não. Era todo dourado, todo plano esculpido e sombras interessantes que faziam seus dedos coçarem para tocá-lo.

Ela ficou tensa quando ele se moveu, mas apenas rolou de bruços. O lençol expôs suas costas até as reentrâncias no topo de suas nádegas.

Cara engoliu em seco. *Oh, senhor. Ele estava nu lá embaixo.*

Ele descansou a cabeça nos braços cruzados e virou o rosto para ela.

— O que gostaria que eu fizesse? — ela conseguiu dizer, com a boca seca.

— Me dê uma massagem. A ofereceu, se lembra? Na floresta.

Ela o fez? Suas lembranças do que eles discutiram eram vagas, na melhor das hipóteses. Ainda assim, ela estava intrigada.

— Tudo bem.

Ela se inclinou sobre ele, estendeu as mãos e as colocou timidamente em seus ombros.

Sua pele era quente e os músculos se contraíam como os de um garanhão arisco. Ela achatou as palmas das mãos e acariciou para fora, então, tornando-se mais ousada, correu-as pelos duros cumes de músculos que envolviam sua coluna vertebral. Ela parou quando chegou ao topo do lençol e deslizou de volta, sobre suas costelas, de volta aos ombros, em um padrão rítmico e hipnotizante.

O quarto estava silencioso, exceto por sua respiração e o crepitar do fogo. Ele estava completamente à vontade, olhos fechados. Seus cílios eram ridiculamente longos, espalhados contra suas bochechas. Ela mataria por cílios assim. Foram desperdiçados em um homem.

Ganhando confiança, ela alternou golpes firmes com um toque leve e suave, e ficou satisfeita ao ver arrepios na pele dele. A curandeira nela estava satisfeita por poder fazê-lo relaxar. A mulher nela simplesmente gostava de tocá-lo.

Ele deu um profundo gemido de apreciação e ela parou um momento para admirar a paisagem de suas costas. Puramente de uma perspectiva acadêmica e imparcial, é claro. Ele era tão bem proporcionado quanto os guerreiros da *Iliada* de Homero; Aquiles talvez, ou Heitor, seus heróis literários secretos. Ela podia apenas imaginá-lo invadindo as muralhas de Tróia ou roubando a esposa de outro homem.

Com um dedo ela esfregou a borda pálida de uma velha cicatriz, como se seu toque pudesse apagar a dor que devia ter causado. Quão dura e violenta sua vida tinha sido. Um erro, ele chamou isso. Ele era humano, afinal. Apenas um homem.

Mas que homem.

Ela abriu bem os dedos. Eles não chegavam nem na metade de seu bíceps. Ele ficou tenso quando ela pressionou um ponto sensível em seu ombro; presumivelmente o ferimento que ainda estava lhe causando problemas.

Um arrepio de admiração por sua força a percorreu. Havia tal poder depositado em seu corpo. Mesmo em repouso, ele parecia pronto para explodir em ação. Seus dedos se contraíram no travesseiro. Prendendo a respiração, ela baixou as mãos, passando por baixo do lençol.

Capítulo 32



Alessandro reprimiu um gemido profundo quando os dedos de Cara patinaram em direção à base de sua espinha. A maldita mulher tinha feito isso de novo; surpreendeu-o, quando cinicamente imaginou que nada poderia surpreendê-lo nunca mais.

O que quer que a tivesse feito mudar de ideia sobre dormir com ele - e ele tinha certeza de que havia algum motivo complexo e complicado -, ele não estava disposto a questionar sua decisão, nem a deixar de aproveitar o que ela estava oferecendo. Ele a desejava há muito tempo.

— Chega — ele rosnou, mais áspero do que pretendia. Ele virou e ela pulou para trás como se pensasse que ele fosse mordê-la. A ideia só o deixou mais duro. — Tire isso. — Ele acenou com a cabeça para a camisola frágil, divertindo-se com o tom de sua voz. Ele também lhe disse para tirar a roupa na primeira vez que ela visitou seu quarto.

Ela não iria continuar com isso. A qualquer segundo cairia em si e fugiria.

Ela agarrou a bainha de sua camisola.

Alessandro observou, impassível por fora, incrédulo por dentro, enquanto ela levantava a fina peça de roupa sobre as coxas. Passando por quadris suavemente dilatados, o triângulo escuro entre as pernas, a pele pálida de seu estômago.

A boca dele ficou seca quando ela expôs seus seios pequenos e perfeitos, os mamilos rosados brilhando no ar frio. Ele prendeu a respiração quando ela puxou o tecido sobre a cabeça e seu cabelo caiu sobre os ombros em uma nuvem escura.

Por um momento, ela apertou o embrulho de seda contra o peito, então reuniu coragem e lentamente estendeu o braço para longe do corpo. Abrindo a mão, ela deixou cair a camisola desafiadoramente no chão, como se lançasse uma manopla para desafiá-lo para uma luta.

Sua bravura estava custando caro; ele podia ver o nervosismo dela na tensão de seus ombros e seu coração deu um salto de admiração. A luz do fogo cintilou sobre seu corpo enquanto ela o encarava, uma rainha amazona, ativa e orgulhosa. Seu sangue trovejou em seus ouvidos. *Bravo, Signorina Montessori.*

Um vislumbre indesejável de mal-estar o assaltou. Ela estava oferecendo exatamente o que ele exigia; rendição total. Confiança total. Ele não era digno de nenhuma dessas coisas. Mas ele não estava acima de levá-los.

— E agora? — ela sussurrou incerta.

— O que acha que devemos fazer?

Seus pequenos dentes brancos morderam o lábio inferior em indecisão e seu pênis se contraiu em resposta. Deus, ela o estava matando.

— Beijo? — ela arriscou.

— Um bom começo. Venha aqui então.

Ela não se mexeu.

Ele se recusou a facilitar as coisas para ela. A decisão tinha que ser dela e somente dela.

— Se quer, tem que vir e pegar.



Agudamente consciente de sua nudez, Cara bebeu na visão dele, longo e magro, estendido na cama. Terror e excitação agitaram dentro dela e seu olhar quente transformou seus ossos em água. Ela dobrou o joelho na cama perto do quadril dele, ganhando tempo.

Sua metade inferior mal estava coberta pelo lençol; ela podia sentir o calor de sua coxa através da fina barreira. Colocou uma mão em cada lado do rosto dele e se inclinou para frente de modo que seus lábios pairassem a poucos centímetros dos dele. Os seios dela roçaram o peito dele e ela parou, apavorada com o passo importante que estava prestes a dar.

— Minha educação não incluiu sedução — ela admitiu. — Padre Andreo corava só de ler o Cântico dos Cânticos. Especialmente a parte em que diz ‘os seios do meu amante são como os filhotes gêmeos de uma gazela’.

— Ah, a única parte boa da Bíblia.

Ela se engasgou com sua blasfêmia indiferente, e ele riu.

— Eu li. ‘Põe-me como selo sobre o teu coração, como selo sobre o teu braço. Pois o amor é forte como a morte e o ciúme é cruel como a sepultura’.

Ela estremeceu com a intensidade de seu olhar.

— Me beije. — A voz dele era como fumaça de lenha, envolvendo-a. A respiração dele provocava os lábios entreabertos dela. — Apenas coloque sua boca na minha. É tão difícil? — Havia riso em seus olhos. E desafio. — Não recue agora, Cara. Nunca a tomei por uma covarde.

E ela o fez! Baixou a boca para a dele e passou a língua pela costura de seus lábios, saboreando-o, persuadindo uma resposta.

Seus lábios permaneceram firmemente fechados.

Ela levantou a cabeça em aborrecimento. Seus olhos ainda estavam abertos, francamente avaliando. Suas mãos estavam exatamente onde estavam antes, nos travesseiros atrás de sua cabeça. Ele não agarrou seu cabelo para segurá-la no lugar, não a jogou sobre as cobertas com impaciência. Como ele poderia não ser afetado? Ela era realmente tão ruim?

— Tem que me beijar de volta! — ela repreendeu.

Seu sorriso era lento e incrivelmente sexy. — É assim que funciona? — Ele deslizou as mãos pelos braços e ombros dela, deixando-a arrepiada, depois passou os dedos pelos cabelos e a puxou para frente. Ele abocanhou seu lábio inferior, mordendo suavemente. Seu estômago revirou. — Deixe-me mostrar-lhe — disse ele.

Seus lábios reivindicaram os dela e, por alguns segundos, Cara simplesmente se contentou em se maravilhar com sua arte. *Deus do Céu*, o homem sabia beijar. Ele atormentou, provocou e acalmou ao mesmo tempo.

Ela o beijou de volta, desajeitada, inexperiente, de todo o coração, e ela deve ter feito algo certo, porque ele fez um ruído baixo e rosnado no fundo de sua garganta e apertou seu cabelo com mais força. O som era de pura excitação animal.

O teor do beijo mudou. Tornou-se uma competição, cada um deles competindo pela supremacia, o prazer o único objetivo. Suas línguas se emaranharam e lutaram, um jogo interminável de avanço e recuo. Arrepios percorreram sua pele.

Minutos, ou talvez horas mais tarde, ela se levantou, com a respiração ofegante. Seus lábios estavam molhados e brilhantes. Seu coração palpitava como se ela tivesse uma matilha de lobos atrás dela.

— Definitivamente está melhorando.

As palavras dele eram de escárnio, mas havia uma aspereza em sua voz que o traía. Ele não estava indiferente.

— Continuo não gostando de você — ela sussurrou contra sua boca. — Ainda é um demônio.

Seus lábios se curvaram. — Eu sei.

Em um movimento rápido como um relâmpago, puxou-a para a cama ao seu lado e a rolou de modo que ficasse deitada embaixo dele, como na floresta. Ele prendeu suas mãos contra as cobertas amarrotadas. Ela ofegou quando o peito dele a pressionou contra a maciez do colchão e depois se aquietou, intensamente consciente de seu tamanho, de sua força, de seu domínio absoluto.

— Não me dê a tímida virgem Cara — ele sussurrou, sentindo sua incerteza. — Dê-me a garota que fez meu nariz sangrar no pátio. A garota que me esfaqueou na floresta.

— Mereceu — ela sussurrou. — Mostre-me o que fazer.

Seu sorriso era pura maldade. — Não precisa fazer nada. Apenas deite-se e divirta-se.

Ele beijou seu corpo inteiro, como se tivesse todo o tempo do mundo. Primeiro o pescoço, depois a clavícula, depois a parte superior dos seios.

Cara teve dificuldade para respirar. Até pouco tempo atrás, mal pensava em seus seios. Estavam apenas, digamos, *ali*. Coisas incômodas que balançavam dolorosamente quando ela cavalgava e atrapalhavam quando praticava arco e flecha. Nunca imaginou que pudessem ser tão incrivelmente sensíveis.

Ele tocou um mamilo com a língua, em seguida, circulou-o com um redemoinho preguiçoso. E quando ele pôs a boca sobre o pico e chupou, ela arqueou para fora da cama com um suspiro. Seus dedos traçaram o arranhão em suas costelas e suas sobranceiras escuras abaixaram em uma carranca, como se ele estivesse com raiva por ela ter sido ferida, então ele beijou sua barriga e ela ficou tensa, de repente com cócegas. Ele traçou seu caminho para cima por suas pernas, dedos patinando sobre suas panturrilhas e o ponto fraco atrás de seus joelhos, e ela estremeceu quando ele beliscou a pele macia de sua coxa com os dentes. Seu sangue pulsava densamente em suas veias

quando ela agarrou seus ombros. Se sentiu tonta, superaquecida.

— O que está fazendo?!

— Relaxe, Caríssima. Aproveite.

Sua língua traçou a dobra onde o quadril encontrava a perna. Ela agarrou o cabelo dele com as duas mãos e tentou puxá-lo de volta, mas ele a ignorou e se abaixou.

Envergonhada além de tudo, Cara sentiu-se molhada, ali, onde ele estava.

Oh, Santa Mãe! Ele a estava beijando *lá* ! Em lugares que ela nem sabia o nome. Ela fechou as pernas ao redor da cabeça dele no momento em que ele a tocou com a língua.

Cara fechou os olhos, certa de que estava prestes a morrer de mortificação. Ovídio não havia mencionado *isso*. Um raio de energia pura atravessou-a.

— Bom Deus!

Seu olhar para cima era totalmente perverso.

— Duvido que Ele tenha muito a ver com isso.

Estava certo; os sentimentos que produzia eram realmente pecaminosos. Este era o toque do Diabo - estava queimando e desesperada, como o próprio Inferno de Satanás. *Del Sarto* abanou as chamas com a língua e soprou suavemente sobre ela, provocando arrepios gelados por todo seu corpo.

Ela puxou seu cabelo em desespero selvagem.

— Não pare! Não se atreva a parar!

Ele riu sombriamente contra sua pele. Ele beijou e lambeu, provocou e atormentou, e Cara quase pulou da cama. Talvez *fosse* divino, afinal. Seu coração parecia que ia explodir no peito.

Quando ele se afastou, ela gemeu em negação sem palavras, dolorida e de alguma forma desolada. Por que ele parou? Ela poderia ter uivado de frustração. Se tivesse sua adaga, ela o teria esfaqueado, sem hesitar. Estava inquieta. Febril. Incompleta.

— Vire-se — ele murmurou. — É a sua vez de receber uma massagem.

Cara franziu a testa, mas obedeceu sem questionar. O homem claramente sabia o que estava fazendo. As mãos dele pousaram nas costas dela, ásperas e suaves ao mesmo tempo. Ela podia sentir a pele em suas palmas, seções ásperas pela prática constante de armas. Se moveram sobre ela, massageando os músculos tensos de seus ombros e ela conteve um gemido. Era tão bom.

Ele acariciou as saliências que envolviam sua espinha uma e outra vez em um ritmo hipnotizante, então alisou as reentrâncias no topo de suas nádegas e moveu-se para baixo, nas curvas de seu traseiro. Cara flutuava, seu corpo estranhamente lânguido, relaxado e cada vez mais excitado ao mesmo tempo. O lugar entre suas pernas latejava.

Suas mãos se moveram sobre suas nádegas até o topo de suas coxas, então inverteram a direção, deslizando para cima novamente. O V feito por seus polegares e indicadores abertos empurrou suas bochechas para cima antes que ele voltasse para a parte inferior das costas. Ela enterrou a cabeça na colcha e prendeu a respiração. E então seus dedos mergulharam para baixo e ela

ofegou quando ele separou suas dobras lisas e esfregou o local onde sua boca tinha estado.

Cara nunca havia experimentado nada parecido em sua vida. Era glorioso.

Então ele empurrou a ponta de um dedo *dentro* dela. Ela se contorceu, mas ele descansou a outra palma na parte inferior de suas costas, pressionando-a gentilmente sobre a roupa de cama. A voz dele em seu ouvido era áspera como veludo.

— Aproveite, Cara. Deixe acontecer.

Não sabia sobre o que ele estava falando. Ela se mexeu na cama, ansiando por seu toque. O dedo dele foi mais fundo, depois se retirou e entrou novamente. Era uma invasão monstruosa, mas a sensação era tão boa. Cada deslize parecia atingir um ponto dentro dela que a deixava desesperada por algo fora do alcance.

Ela cerrou os punhos nas cobertas, repentinamente relutante em ceder todo o poder a ele. Se ressentia da maneira como seu corpo se rendeu tão facilmente às mãos perversas e inteligentes dele. Tentou resistir aos sentimentos que cresciam dentro dela, mas não adiantou; estava tremendo, ofegando, quase lá, procurando algum fim para a deliciosa tortura.

O mundo explodiu. Pontinhos de relâmpagos prateados brilharam atrás de suas pálpebras, como um dos fogos de artifício de Fra Domenico, e seu corpo se apertou, se contraiu. Desfazendo-se em pedaços e reconstruindo-se. Por um instante, nada mais existia além de escuridão e prazer. E então, pouco a pouco, voltou à terra e se deitou atordoada e ofegante. *Que coisa mágica e perversa.*

Capítulo 33



Quando Cara finalmente encontrou forças para rolar, encontrou *del Sarto*, meio encostado na cabeceira da cama, observando-a. Seu rosto se inflamou com as liberdades que ele havia tomado com seu corpo, mas ele lhe deu um sorriso divertido e afastou o cabelo de seu pescoço. — Linda.

Ele havia puxado um lençol sobre o colo, mas os olhos dela foram imediatamente atraídos para a protuberância perturbadora que estava arruinando os contornos da roupa de cama. O corpo dela ainda estava quente e formigando, mas de repente lhe ocorreu que eles ainda não haviam terminado. Ele não havia tido seu próprio prazer.

Estava deitado ali como um sultão aguardando os cuidados de uma de seu harém, com o peito musculoso e duro. Ele é que era lindo.

— Toque me. — Sua voz era profunda, rouca de desejo, e ela estremeceu.

Reunindo sua coragem, ela colocou a mão espalmada em seu peito. O coração dele batia forte e constante sob a palma da mão dela. Cheia de curiosidade, ela usou um dedo para traçar um círculo ao redor de seu mamilo marrom achatado, como ele havia feito com ela com um efeito tão surpreendente.

Seu corpo inteiro ficou rígido.

Uma emoção perversa a percorreu ao se lembrar de todas as conversas entre risos que ouvira entre as garotas da cozinha em Castelleon. Coisas que pareciam nojentas agora soavam... bastante intrigante. Ela se lembrou do que Vanessa Canozzi estava fazendo com ele nos estábulos.

Prendendo a respiração por sua própria ousadia, Cara arrastou os dedos para baixo e observou fascinada como os músculos de seu abdômen se contraíram em retransmissão responsiva. Ela passou um dedo provocadoramente pela linha de pelos que começava em seu umbigo e ele ergueu as sobancelhas, silenciosamente desafiando-a a se afastar.

Ele achava que não faria isso. Bem, ela *nunca* desistia de um desafio. Ele já deveria saber disso a seu respeito.

Afastou o lençol para o lado e um pequeno arrepio a percorreu quando viu sua forma nua. Ele era magnífico. Seu membro se erguia orgulhosamente em direção a sua barriga, aninhado em uma esteira de pelo escuro encaracolado. Um zumbido de satisfação a aqueceu com a evidência da reação de seu corpo. Claro, provavelmente fazia isso ao ver *qualquer* mulher nua, mas ainda assim, *desta vez* era para ela, e somente ela.

Ela olhou para cima para encontrá-lo observando-a, avaliando sua reação, completamente sem vergonha de sua nudez. Não era de admirar; se ela tivesse um corpo como o dele, como um semideus olímpico, provavelmente andaria nua o dia inteiro. Era um pecado cobrir algo tão bonito com roupas. Ele era um animal no auge da potência, tão musculoso e vital quanto Saraceno. E esta

noite era dela.

Sua mão se arrastou para baixo, mas pouco antes de tocá-lo, ela a ergueu e a colocou de volta em seu colo.

Ele praticamente rosnou. — Por que parou?

Ela adotou uma expressão afetada. — Eu nem sei seu nome completo.

Ele sustentou o olhar dela por vários segundos e Cara pensou que ele poderia estar contando até dez. Ou rezando para ter forças para não estrangulá-la. Ela esperava que sim. Serviu bem para ele. Ele a atormentou por anos. Era justo que também sofresse um pouco.

— Por que diabos isso importa? — ele perguntou laconicamente.

Ela deu de ombros. — Simplesmente importa.

Sua exalação frustrada indicou seu descontentamento quando ele se curvou para ela e a beijou nos lábios. — Sabe meu nome; *Il Diavolo*. Deu-lhe outro beijo, mais forte desta vez. — Criador de Reis. — Outro beijo, mais urgente. — Mercenário. — Beijo. — Soldado da fortuna. — Beijo. — Eu tenho muitos nomes, querida. Faça sua escolha.

— Sabe o que quero dizer — ela conseguiu falar sem fôlego. — Seu nome verdadeiro.

Ele se deitou e cobriu o coração com a palma da mão como se estivesse fazendo um juramento sagrado. — Meu nome é Alessandro Rafael *del Sarto*.

Rolou de sua língua como mel quente de uma colher e Cara quase riu da ironia. Claro que o diabo teria um nome de arcanjo.

Ela estendeu a mão e o tocou.

Ele agarrou os lençóis e soltou uma respiração irregular enquanto ela acariciava com os dedos da ponta à base. Ficou impressionada com o calor, a suavidade sedosa da pele cobrindo a dureza por baixo.

Um músculo se contraiu em sua mandíbula. Ele cobriu a mão dela com a sua, enrolou os dedos dela ao redor de seu eixo e começou a se mover, seus dedos envolvendo os dela. Quando ela pegou o ritmo, ele a soltou e deitou-se e ela continuou sozinha, acariciando para cima e para baixo. Ele fechou os olhos e sua expressão era quase torturada. Estava claro que ele estava lutando para manter o controle. Cara sentiu um lampejo de satisfação feminina.

E então ela se lembrou de outra coisa que tinha visto naqueles livros impertinentes que ele lhe dera. Cautelosamente, ela abaixou a cabeça e tocou a ponta dele com a língua. Ele quase pulou da cama.

Ela recuou em alarme. — Isso está errado? Eu o machuquei?

Ele fez um barulho estranho, a meio caminho entre um gemido estrangulado e uma risada. — Deus não. Está me matando! Está perfeito. Continue.

Suas palavras foram contraditórias, mas ela foi encorajada por sua resposta; seu corpo estava tenso como a corda de um arco. Cheia de uma sensação inebriante de poder, ela se curvou e deu beijos lentos ao longo nele, aprendendo a textura, o sabor, mal conseguindo acreditar no que estava fazendo. O cheiro dele encheu seu nariz e aumentou seu próprio desejo.

Curiosa, encorajada, ela abriu os lábios e o tomou em sua boca.

Ele sibilou uma maldição entre os dentes e suas mãos subiram para embalar a cabeça dela, mas não a afastou. Seus dedos enfiados em seu cabelo. Com o coração batendo forte de excitação, Cara brincou com ele com a língua. Seus quadris se contraíram. Ele tinha um gosto salgado, maravilhoso. Ela reprimiu um sorriso de triunfo e chupou.

Ele se moveu abruptamente, pegando-a de surpresa. Ele a levantou e a afastou dele, chutou os lençóis restantes, pegou os quadris dela e a girou, arrastando-a para baixo e se acomodando em cima dela.

— Suficiente! — Sua voz estava tensa. Ele parecia um homem levado ao limite de sua resistência.

Cara fechou os olhos ao senti-lo entre suas pernas. Os duros planos de seu estômago pressionados contra os dela, seu peito aquecendo o dela. Os pelos de suas pernas faziam cócegas em suas coxas. Não havia barreira de roupas como havia na floresta. Ela podia senti-lo na abertura de seu corpo; enorme e duro, escorregadio e quente contra ela.

— Última chance de mudar de ideia — ele rosnou.

Ela encontrou seu olhar ardente e negou. Sempre foi assim, desde o primeiro momento em que o viu, anos atrás. Queria isso - o queria - mais do que qualquer outra coisa no mundo. Tocou os lábios dele com a ponta dos dedos. — Não pare.

Seus olhos brilharam. Ele balançou os quadris e ela sustentou seu olhar em um silêncio ofegante enquanto seu corpo invadia lentamente o dela. Ele pressionou para frente, mais fundo desta vez, e ela não conseguiu esconder um estremecimento de desconforto.

Ele se acalmou.

Ela tentou se esquivar, mas ele acariciou sua testa, alisando seu cabelo para trás, então beijou o canto externo de seu olho. A gentileza daquele gesto, mesmo quando ele a estava machucando, foi de partir o coração.

— Não tenha medo de mim — ele sussurrou. — Não se assuste. Deixe-me entrar.

Isso nunca funcionaria.

Ela era pequena demais e ele grande demais. As lágrimas ameaçaram, e Cara piscou com força. *Não chorava nunca.* Seu corpo estava quente demais, apertado demais. Tudo demais.

Ele se curvou e beijou seus lábios. — Relaxe. Pare de pensar. Apenas sinta. E, pela primeira vez em sua vida, Cara fez o que foi lhe pedido.



Alessandro olhou para baixo, dando a Cara tempo para se ajustar ao seu corpo. Ele mal estava dentro dela e Deus, estava matando-o ficar parado quando cada instinto que ele possuía estava gritando para continuar, para deslizar mais fundo, para encontrar aquele êxtase ardente que ele sabia que encontraria em seus braços.

Seu coração martelava em seu peito, sua respiração ofegante. Ele se

orgulhava de seu controle de aço, mas por um momento, observando seu clímax, ele quase o perdeu. A visão dela - quente, corada, olhos semicerrados, o doce corpo desejando seu toque, tinha sido delicioso. Mesmo agora, a parte selvagem dele estava exultante com o fato de ter dado a ela o que ninguém mais tinha. Que ela o escolheu.

Ela ofegou quando ele retirou uma fração e empurrou de volta, mais fundo desta vez. Ele baixou a cabeça para o ombro dela e beliscou sua clavícula, apenas com força suficiente para fazê-la esquecer o que estava acontecendo entre suas pernas, então capturou sua boca, persuadindo uma resposta até que todo o foco dela estivesse em seus lábios, sua língua, sua respiração compartilhada.

Oh, Deus, ela parecia tão certa. Como voltar para casa depois de uma vida inteira vagando. Tão doce. E *dele*. Finalmente, indiscutivelmente dele.

Alessandro se enterrou totalmente dentro dela, absorvendo seu suspiro com a boca, inalando o cheiro inebriante dela - deles - e conteve um grito incrédulo de triunfo. Ele - o pecador menos merecedor de todos - de alguma forma, milagrosamente, encontrou seu caminho para o céu.



Cara não podia acreditar. Ele estava dentro dela. *Dentro dela!*

A dor diminuiu quando ele pressionou mais, esticando, invadindo, mas suavemente. Ela acariciou as costas dele com as mãos e o sentiu tremer em resposta; seus músculos se contraíram e ficaram tensos. Ele se moveu novamente e uma onda de puro prazer disparou até os dedos dos pés. Ela soltou um suspiro surpreso e esperou que ele fizesse isso de novo e quando o fez, ela pegou um vislumbre do êxtase que ele deu a ela com as mãos. Ela se contorceu, desesperada para recapturar aquele elusivo fragmento de raio.

Não é de admirar que as pessoas continuem fazendo isso! Era... extraordinário. Ela arqueou para cima enquanto ele aumentava o ritmo, e lutou para não gritar de espanto. Ele choveu beijos ao longo de sua mandíbula e bochechas, sua testa e pálpebras, ardor desgastando as bordas de seu autocontrole. Cara fechou os olhos.

Eu te amo, ela cantou, uma ladainha silenciosa que combinava com cada golpe dele. Seu coração doía quase a ponto de explodir. Ela estava ofegando para respirar, cercada pelo cheiro dele, o poder e o incrível calor de seu corpo.

Eu te amo, seu monstro. Eu te amo.

Ele fez um som perdido e agarrou a coxa dela, em seguida, puxou a perna para cima e envolveu-a em torno de seu quadril. Cara fez o mesmo com a outra perna e seus olhos se arregalaram quando a mudança de ângulo aumentou ainda mais a sensação. Ela encontrou suas estocadas com as suas próprias, balançando os quadris para embalar seu corpo, dando tudo, sem segurar nada.

Mais. Mais. Mais.

Eles se encaixaram tão perfeitamente. Ele encontrou seus lábios novamente e a beijou profundamente, avidamente, o impulso de sua língua imitando o

impulso de seu corpo.

— Agora, querida — ele gemeu.

Cara entendeu. Ela também queria, aquele relâmpago, aqueles fogos de artifício prateados. Ela resistiu contra ele, alcançando-o cegamente.

Seus movimentos inoportunos pareciam libertá-lo do último vestígio de controle. Ele avançou, deslizando para dentro dela uma e outra vez, como se pudesse fundi-los ainda mais, mais perto do que esta incrível fusão de corpos e almas. Ele estava perdido, frenético, e com um grito ele a levou consigo, arremessando os dois sobre a cachoeira e na escuridão e felicidade. Doçura ofuscante encheu cada canto de seu corpo enquanto Cara se desfez como uma detonação de pólvora negra.

Ele baixou a cabeça para o ombro dela em exaustão ofegante e Cara soltou um suspiro trêmulo. Não é de admirar que as mulheres lutassem para compartilhar sua cama. O homem claramente tinha algum talento sobrenatural. Talvez ele realmente *tenha* feito um pacto com o diabo; vendeu sua alma em troca dessas habilidades sobrenaturais. Ela conseguiu dar uma risada incrédula. Se tivesse, tinha feito um bom negócio.

Quando a respiração deles se igualou lentamente, ele rolou para o lado, retirando-se de seu corpo, mas levando-a com ele. Ele aninhou seu longo corpo contra ela, peito contra peito, e colocou um braço pesado sobre sua cintura.

Quase pensou tê-lo ouvido ronronar de satisfação. Todo o seu corpo estava brilhando e formigando; parecia um esforço muito grande mover qualquer parte dele. Cara encostou a cabeça em seu esterno, mal ousando olhá-lo no rosto.

— O que agora? — ela sussurrou trêmula.

Sua risada perversa aqueceu seu coração.

— Agora temos um descanso. E então fazemos de novo.

Ela inclinou a cabeça e olhou para ele.

— *Novamente?*

— Oh, sim. — Seu tom era cansado, mas provocador. — Temos muitas instruções para embalar em poucas horas.

— Quer dizer que tem *mais* ? — Ela lhe lançou um olhar incrédulo. — Mais que isso?

Seus lábios roçaram os dela. — Muito mais. Eu prometo.

Capítulo 34



À luz fraca das velas, Alessandro observou Cara dormir. Ela estava deitada de bruços, a nuvem escura de seu cabelo ondulado ao seu redor, e seus dedos se contraíram, antecipando a sensação novamente. Um de seus braços estava estendido, segurando um travesseiro, e sua pele pálida brilhava como creme contra o veludo vermelho-sangue de sua colcha.

Seu corpo se agitou. Ele a queria de novo, embora tivesse feito amor com ela em praticamente todas as posições retratadas naquele livro oriental com imagens que lhe dera. Não é de admirar que ela estivesse exausta, pensou ele, arrogantemente satisfeito consigo mesmo.

Com um vislumbre de surpresa, percebeu que realmente estava maravilhado com ela. Aquela que confundiu-o, torturou-o, torceu-o em nós. Era corajosa e destemida, mas ainda tão inocente, apesar do que acabaram de fazer. Seus lábios se curvaram em lembrança. Quase riu alto de sua expressão atordoada quando agarrou suas coxas e a virou para que estivesse sentada em cima dele, montada nele.

— O que está fazendo? — ela murmurou, chocada.

— Monte-me. Como um cavalo.

Um olhar de compreensão surgiu em seu rosto. — Ah. Então *foi isso* que Ovídio quis dizer!

Seu rosto se abriu em um sorriso. Tinha sido uma experiência incomum para ele. Não conseguia se lembrar de quando o sexo já tinha sido tão *divertido*. Ela se entregou tão alegremente, tão generosamente.

Tão amorosamente.

Seu coração batia forte. *Eu te amo*. Ela murmurou aquelas três palavrinhas incendiárias contra o ombro dele, febril e frenética. Seu coração estúpido e cheio de cicatrizes paralisou por um instante - e então a absorveu, mesmo quando ele disse a si mesmo para não confiar no que saía da boca de uma mulher em um momento como aquele.

Ela não estava apaixonada por ele. Ela estava apaixonada por uma versão romântica e fictícia dele. E, no entanto, quando ela olhou em seus olhos, foi como se pudesse ver até sua alma despedaçada e quebrada - e o aceitou de qualquer maneira.

Sacudiu a cabeça. *Impossível*. Não precisava de uma mulher complicando sua vida. Teve que se defender sozinho desde os doze anos de idade. Era forte, distante, totalmente autossuficiente. Se algum dia se casasse, seria com uma bela simplória - alguém que ficaria em sua cama e fora de seu coração.

Cara se virou durante o sono, esfregando o rosto no travesseiro para ficar confortável, deslizando o braço pelos lençóis como se o procurasse, e Alessandro soltou um suspiro lento. Em algum momento durante a semana passada, a verdadeira Cara di Montessori se fundiu com sua ficcional Cara di

Montessori - e então a superou em todos os sentidos. Suas carícias não treinadas o afetaram mais do que os movimentos praticados de qualquer uma de suas amantes mais experientes. Eram intercambiáveis; rostos bonitos, corpos como o de Vanessa; agradável, mas totalmente esquecível.

Cara era mais do que apenas mais uma conquista fácil, mais do que ele jamais imaginou. Muito mais do que ele merecia.

Ele se acomodou ao lado dela. Estendendo o braço, a envolveu em seu corpo e enterrou o nariz em seu cabelo, saboreando a textura sedosa contra seus lábios. Ela se enrolou contra ele como se fosse a coisa mais natural do mundo e o pensamento que o atormentava a noite toda voltou para assombrá-lo novamente: nenhum dos *homens que a tinham pedido em casamento também a merecia*.



Cara acordou em sua própria cama com o cheiro dele em sua pele.

Cara di Montessori. Agora conseguiu.

Del Sarto a havia deixado nua. Não apenas fisicamente, mas emocionalmente também. E ela não se arrependeu nem por um minuto. A noite anterior foi a melhor experiência de sua vida: terna e áspera, apaixonada e emocionante. Ela tinha visto um lado dele que nunca tinha imaginado, uma faceta brincalhona e provocante de sua personalidade que ela tinha certeza de que ele exibia apenas raramente e apenas para alguns poucos selecionados. Estava absurdamente satisfeita por ele ter mostrado a ela.

Ela se espreguiçou, deleitando-se com as dores desconhecidas em seu corpo. Sentia como se tivesse cavalgado pelo país por uma semana. Então era essa a sensação de ser uma mulher caída.

A noite passada não mudou nada, é claro. Ela ainda deixaria San Rocco - e ele ficaria feliz em vê-la partir. Mas pelo menos ela tinha essa experiência sublime para guardar em sua mente para sempre.

Renata entrou no quarto, carregando mais um vestido. — Cansada esta manhã, não é? — ela disse maliciosamente.

Cara reprimiu um bocejo. — Não dormi bem.

Renata lhe lançou um olhar compreensivo, mas absteve-se de comentar. — Milorde levou os homens para uma caçada ao javali. Eles não são esperados de volta até esta noite.

Cara ficou aliviada e irritada. Esta era uma maneira conveniente de evitá-la? Provavelmente. Isso apenas atrasou o próximo encontro, mas ela deu as boas-vindas à breve pausa. Não tinha certeza de como agir quando o visse em seguida.

Algumas horas depois, estudou seu reflexo no espelho com um olhar crítico. Ela *brilhava*. Rosa tingiu suas bochechas, seus lábios estavam carnudos e rosados, e havia uma leve contusão em seu ombro onde ele a mordeu. Corando, ela o cobriu com o decote do vestido. Pela primeira vez em sua vida se sentiu uma mulher de verdade; misteriosa, feminina e desejável.

O barulho dos convidados restantes aumentou enquanto ela descia a escada

principal. Obviamente ainda estavam aproveitando ao máximo a hospitalidade do *Il Diavolo*. Ela pairou na porta, examinando o local. O salão estava excessivamente quente, quase lotado.

Tinha acabado de ver *del Sarto* mantendo a corte no outro extremo da sala quando Vanessa Canozzi se separou de um grupo e se aproximou dela no meio da multidão. Cara reprimiu um gemido quando a mulher lhe lançou um olhar depreciativo da cabeça aos pés. Sua expressão sugeria que ela preferia pisar em um rato morto do que suportar sua presença.

— Não escapou — ela disse estupidamente.

Cara deu de ombros. — Sua senhoria me pegou.

Um sorriso de escárnio desfigurou o belo rosto da mulher. — Não pense que ele a trouxe de volta porque está se apaixonando. — Suas palavras deslizaram para o ouvido de Cara como mel envenenado. — Ele simplesmente não suporta perder nada que pensa ser dele. Eu o entendo melhor do que ninguém. — Ela deu a Cara um olhar de pena. — É apenas um peão útil para ele. Um meio para um fim.

Do outro lado da sala, *del Sarto* se virou e franziu a testa quando a viu conversando com Vanessa. Para alguém que dizia não gostar dos costumes da corte, ele parecia não ter problemas em lidar com a multidão. Estava completamente à vontade, dominando a situação. Os olhos das mulheres o seguiam; famintos, convidativos, sedutores. Conversavam sobre ele depois que passava, rindo atrás de seus leques. Os homens ouviam atentamente sua opinião, inclinando a cabeça em deferência, esforçando-se para captar qualquer comentário casual que ele deixasse escapar, rindo de seus comentários irônicos.

O sorriso de Vanessa era pura malícia enquanto ela olhava para a multidão. — Metade dos homens aqui são seus pretendentes, sabe. Alessandro enviou mensageiros dizendo a todos para trazerem seus homens mais qualificados.

— Eu estou ciente disso.

— Então também deve saber que era para ele cimentar esse tratado casando-se com uma herdeira adequada — Vanessa gesticulou com a mão. — Isso não impedirá que sejamos amantes, é claro. Ele não me abandonará, mesmo quando se casar — As pedras preciosas em seus dedos brilharam de forma malévola. — Oh, lá está meu marido me chamando! — Ela sorriu, mostrando dentes brancos e afiados. Lembrava a Cara um arminho, elegante e mortal. — Deixe-me lhe dar um conselho de amiga, minha querida — Ela deu tapinhas no braço de Cara que fez de tudo o que pôde para não bater em sua mão. — Não se case com um homem velho. Eu tinha quinze anos quando me casei com meu marido, e ele tinha quarenta e três. Ele é bom para mim, permite que eu tenha amantes, desde que seja discreta, mas escolha um homem jovem e agradável, se tiver a chance. Eles são muito mais fáceis de lidar.

Cara ficou tremendo por vários minutos depois que Vanessa saiu, tentando controlar suas emoções. *Del Sarto* apareceu ao seu lado.

— O que Vanessa estava lhe dizendo?

— Nada de importante.

Ele aceitou sua evasão com um encolher de ombros. — Eu disse ao Duque de Parma que aceitou seu pedido. Ele está encantado.

O estômago de Cara caiu na ponta dos pés. O que ela esperava? Que de repente ele declararia seu amor eterno só porque se entregou a ele? Não. Estava além de tais sonhos tolos. Isso era o que ela queria, uma chance de deixar San Rocco. Lutou para manter a voz firme.

— Onde ele está? O duque, quero dizer?

— Está se preparando para partir.

— Tão cedo?

— Amanhã, à primeira luz.

Sua cabeça girava. — Ele espera que eu vá com ele?

— Não. Ficaré aqui enquanto eu mando alguém preparar os documentos do casamento. O duque cavalgará na frente para se preparar para o casamento. Francesco irá acompanhá-la a Parma na próxima semana.

Sua voz era casual, desprovida de emoção, como se realmente não se importasse com o que ela fazia e Cara engoliu um pedaço de decepção. Poderia ser este o mesmo homem que acariciou seu corpo, lhe mostrando tanta glória, tanta paixão? Ela olhou para seu rosto bonito e a miséria revirou seu estômago. Lágrimas picaram seus olhos, mas envolveu a dignidade em torno dela como um manto protetor. Não iria chorar. Orgulho era tudo o que lhe restava.

— Isso parece perfeito.



Assim que o último dos convidados se retirou, Renata entrou no quarto de Alessandro sem se dar ao trabalho de bater. Ignorando Francesco, que já estava lá, ela fixou seu senhor e mestre com um olhar que deixaria as Górgonas orgulhosas.

— É verdade? Que Cara está noiva do Duque de Parma?

Alessandro ergueu as sobrancelhas. Renata estava usando seu melhor tom de eu-tenho-idade-para-ser-sua-mãe, um sinal claro de que ele estava prestes a receber um sermão. Aparentemente, Cara não era a única mulher no castelo que dava pouca importância à sua reputação mortal.

— Achei para a senhorita Montessori um marido admirável — disse ele calmamente. — Deveria estar me parabenizando.

— Por quebrar o coração da pobre garota?

— Ela vai sobreviver.

— Ela ficará muito feliz sendo uma Duquesa — Francesco acrescentou.

Renata se virou para ele e o cutucou no peito. — *Pode* calar a boca! Não sabe nada sobre mulheres, Francesco Neroni. Nunca soube. — Ela se virou para Alessandro, irritada. — Como pode ser tão cruel? Usou-a e agora a está descartando.

— Muitas vezes sou conhecido por minha bondade, não é?

Renata não se deixou enganar. Ela estreitou os olhos para ele.

— Eu vi o jeito que a olha. — Seu olhar se tornou calculista. — Não é do seu feitio deixar outro homem pegar o que quer, Sandro.

— Não me lembro de ter pedido sua opinião.

Ela apoiou as mãos nos quadris. — Bem, está conseguindo, querendo ou não. Ela não é como aquela prostituta Canozzi. Ela é uma garota decente e educada e a está vendendo para um homem com o dobro da idade dela.

— Ele é um bom homem.

— Ele é um homem *velho*.

Francesco interrompeu novamente.

— E todos nós sabemos o que pensa sobre *esse* assunto, não é?

Alessandro levantou a sobrancelha em questão.

— Dois garotos de vinte e cinco anos são melhores do que um homem de cinquenta, de acordo com Renata aqui — Francesco explicou acidamente. — Não é mesmo?

— Certo! — Renata disparou. — Ainda assim, espero que o duque cumpra seu dever de marido, apesar de sua idade avançada. Ele não é cego. Mesmo uma cabra velha e murcha como ele vai querer consumir o casamento. Ele não vai conseguir tirar as mãos dela.

— Antes a queridinha de um velho do que a boba de um jovem. — Alessandro brincou, embora a ideia de alguém além dele tocar Cara fosse impensável. Na verdade, ele era muito cruel para não contar a Renata sobre sua decisão, mas não pôde evitar bancar o advogado do diabo. Renata era quase tão divertida de provocar quanto Cara. — Ela será bem cuidada. É o que o pai dela queria.

Renata soltou um grunhido de frustração. — Honestamente acha que é isso que ela quer? Segurança? Uma vida de tédio luxuoso?

— É o melhor para ela.

— E se por algum milagre ele *não* a tocar? A condenará a uma vida inteira de celibato.

Alessandro deu de ombros. — Ela pode ter um amante, desde que seja discreta. E em alguns anos ela será uma viúva rica. Ela poderá se casar com alguém de sua própria escolha, então. Alguém mais jovem.

Sobre seu cadáver.

Ele chegou a sua decisão importante ontem à noite enquanto segurava Cara em seus braços. Renata estava certa; ele não podia entregá-la a outro homem, por mais dignos que fossem. Nenhum deles poderia protegê-la como ele.

Renata jogou os braços para o céu.

— Oh, Deus, *homens*! Como pode ser tão estúpido?

Alessandro a tratou com seu olhar mais insolente.

Renata o olhou como se ele fosse um simplório.

— Sabe o que mais? Vou com ela para Parma. Por que eu tenho que ficar *aqui*? — Ela deu meia-volta e saiu magnificamente do quarto.

Francesco soltou um longo assobio.

Alessandro acenou com a cabeça em direção à porta. — Não vai atrás dela?

Francesco deu de ombros. — Ela é uma mulher adulta. Pode fazer o que quiser. Não tenho controle sobre ela.

Alessandro serviu duas taças de vinho e entregou uma ao amigo, que a pegou e franziu a testa.

— Ela está certa, no entanto. Não está realmente mandando Cara embora com o Duque, está?

— Não.

Francesco bateu com a palma da mão na mesa.

— Eu sabia! Tem um plano.

— Eu tenho. Primeiro vou retirar a ameaça do tio dela, como prometido. E então eu mesmo me casarei com ela.

Francesco ergueu as sobrancelhas e lhe lançou um olhar perspicaz. — Para colocar as mãos em Castelleon?

— E porque devo à memória de Ercole protegê-la. Como apontou, nenhum desses outros pretendentes está à altura do trabalho. Não posso deixá-la sozinha e indefesa.

Alessandro não estava preparado para admitir qualquer outro motivo para sua súbita mudança de opinião. Essas eram razões lógicas, sensatas e *sem emoção*.

— Mas por que dizer a todos que ela aceitou o duque ? — Francesco franziu a testa.

— O tio dela tem informantes aqui. Eu os levei a acreditar que Cara partirá amanhã para Parma.

— Acha que Lorenzo vai atacar o comboio?

— Estou certo disso. Homens como ele são entediadamente previsíveis. Seu desejo de eliminar Cara supera tudo, até mesmo seu bom senso.

— E o duque concordou em aceitar esse engano? Ele sabe que não vai se casar com ela?

— Aceitou. Ficou desapontado, até saber quanto eu estava disposto a pagar por sua cooperação. Eu disse a ele para esperar um ataque. E deixar Lorenzo comigo.

Capítulo 35



Cara estava de pé e pronta para sair ao amanhecer.

Ela *não* ia ficar sentada esperando que seu noivo mandasse buscá-la, como uma bagagem errante. Mais uma semana na companhia de *del Sarto* era mais do que seu coração machucado - e seu orgulho amassado - poderia suportar. As horas que passara na cama dele tinham sido inesquecíveis, extraordinárias, mas se ficasse tinha medo de sucumbir à tentação repetidas vezes.

Ela tinha sido apenas mais um corpo disposto para ele, um pouco de novidade para seu paladar cansado. Em seis meses provavelmente nem se lembraria do nome dela. Permitir-se envolver ainda mais profundamente com ele seria um erro fatal.

O Duque havia trazido um grande séquito com ele. Resolveu que iria sorrateiramente até os estábulos e se esconderia em uma das carroças de bagagem. Então, quando estivessem em segurança longe de San Rocco, ela se revelaria e o convenceria a levá-la para Parma em vez de devolvê-la a *Il Diavolo*.

Sentia-se culpada por manipulá-lo; ele parecia um bom homem, mas - maldição - não *queria* um bom homem. Ela queria *del Sarto*. A própria antítese de um homem bom. Devia estar louca.

Com urgência renovada, caminhou até a porta e girou a maçaneta. Estava trancada. Girou a maçaneta novamente e puxou com mais força, mas permaneceu teimosamente fechada. Raiva e descrença cresceram em seu peito. *Del Sarto* a havia trancado! Ela abafou uma risada histérica. Ele estava desconfiado de seu acordo fácil para se casar com o duque? Ele achava que ela também tentaria escapar desse acordo? Ele estava certo, é claro, ela não tinha intenção de se casar com o Duque. Amaldiçoado fosse o diabo sorrateiro por conhecê-la tão bem!

Cara respirou fundo. Ela era engenhosa. *Não* seria frustrada pelos caprichos arrogantes de algum presunçoso, indiferente e desdenhoso... ela nem estava *pensando* na besta de coração frio.

Tentou a porta que dava para os aposentos dele, mas também estava trancada e a janela não dava saída desde a poda da castanheira do lado de fora.

Cara se sentou na cama, completamente irritada. Bem, teria que esperar até que um dos criados viesse acordá-la. Certamente *del Sarto* não iria mantê-la trancada em seus aposentos até que os documentos do casamento fossem concluídos e o Duque a mandasse buscar.

O som de alguém tentando abrir a porta a fez pular. O sussurro urgente de Renata veio do outro lado da porta. — Milady? Por que trancou a porta? A senhorita está bem?

— Não fui eu! — Cara sibilou de volta, indignada. — Deve ter sido *del Sarto*. Tem uma chave?

— Um momento.

Os passos abafados de Renata desapareceram no corredor, e alguns minutos depois Cara ouviu um rangido na fechadura. Renata deslizou para dentro e olhou para a roupa de viagem de Cara com camisa e calça sem surpresa.

— Não pensei que fosse querer ficar mais uma semana com Sandro — ela disse sucintamente. — Está planejando partir para Parma?

Cara assentiu. — Eu sei que devo ficar aqui até que os acordos de casamento sejam concluídos, mas simplesmente não posso.

— Então eu irei junto.

— A Parma? Mas e Francesco...?

O olhar melancólico e arrependido no rosto de Renata dizia muito. Isso ecoou os sentimentos de Cara em relação a *del Sarto* perfeitamente.

— Francesco e eu? — Renata disse finalmente. — É complicado. Há atração entre nós, é verdade, mas sou muito velha para ele. O homem precisa de filhos. Ele deveria se casar com alguma jovem tola e se estabelecer.

Cara fez um som de protesto.

— Já fui casada duas vezes — disse Renata gentilmente. — Na primeira vez, nós dois tínhamos dezoito anos. Marco foi morto seis meses depois e eu fiquei no exército porque não tinha para onde ir. Eu trabalhava em troca de comida, cozinava, ajudava a montar o acampamento. Recebi muitas outras propostas de casamento e finalmente aceitei a de um dos capitães. Achei que um homem mais velho teria mais sorte em permanecer vivo. — Ela encolheu os ombros ironicamente. — Ele caiu do cavalo e quebrou o pescoço. Depois disso, perdi o apetite pelo casamento. Tantos homens precisavam de cuidados que parecia inútil me prender a apenas um deles. Seus olhos assumiram um olhar distante. — Alguns eram tão jovens, longe de casa pela primeira vez. Eles precisavam de alguém para cuidar deles. Outros só queriam o conforto de um toque suave para ajudá-los a esquecer os horrores que tinham visto. Dei isso a eles. O que suponho que me torne uma prostituta. — Seu olhar desafiador brilhou para Cara. — Não me arrependo nem por um minuto.

Cara descobriu que não tinha palavras para lhe dizer. Um mês atrás ela provavelmente desaprovava, mas os eventos da semana passada a fizeram questionar sua própria bússola moral. Ela dificilmente era tão pura quanto a própria neve. Quem era ela para julgar?

Seu silêncio não pareceu incomodar Renata. Ela balançou a cabeça como se para limpá-la de memórias.

— Então, de qualquer maneira, qual é o sentido de me casar com Francesco? Ele sabe que eu dormiria com ele se pedisse. Mas nunca o fez. Em vez disso, me trata como uma dama e eu não suporto isso. Não mereço isso!

— Todo mundo merece ser amado — Cara disse suavemente.

Renata bufou. — Quando ameacei ir para Parma contigo, ele nem tentou me impedir.

— Talvez ele tenha pensado que estava sendo nobre?

— Nobreza é só para livros — Renata disse amargamente. — Infelizmente,

além do casamento, não há muitas opções abertas para nós, mulheres. Podemos ser freiras, esposas ou prostitutas.

— Bem, eu tentei ser freira — Cara confessou ironicamente. — Aguentei apenas uma semana. Foi antes de meu pai me mandar para St. John's. Se ofereceu para financiar um novo retábulo para as Irmãs da Misericórdia em Siena se elas me aceitassem. Eu estava lá há apenas seis dias quando todas foram acometidas por uma misteriosa intoxicação alimentar. Fui mandada para casa para me recuperar.

Renata percebeu o brilho em seus olhos e soltou um suspiro scandalizado.

— *Envenenou as freiras?* Devia se envergonhar!

— Estava desesperada! E, em minha defesa, fiquei tão doente quanto elas porque comi o ensopado para evitar que qualquer suspeita caísse sobre mim. Felizmente, quando me recuperei, convenci meu pai de que não fui feita para a vida de freira.

— E, convenhamos, daria uma péssima cortesã — Renata suspirou. — Não pareça tão insultada! Tem a aparência, mas seu coração não estaria nisso. — Ela deu tapinhas na mão de Cara. — Não há vergonha em dormir com um homem que ama. — Ela a olhou de perto. — E o ama, não é?

— Não sei de quem está falando.

Renata ergueu uma sobrancelha incrédula.

— Oh, tudo bem — disse Cara irritada. — Sim. Eu o amo. Não que ele mereça, o porco sem coração. — Ela ergueu sua parca trouxa de pertences e gesticulou em direção à porta. — Existe algum guarda postado do lado de fora?

Renata negou.

— Nesse caso, vamos.

Chegaram aos estábulos sem contratempos e aproveitaram a agitação de inúmeros criados que se preparavam para a partida de seu mestre. Carruagens estavam sendo empilhadas com baús, cavalos selados, acréscimos de última hora jogados nas carroças. Avistando uma carroça coberta pesadamente carregada com as armas do Duque de Parma na lateral, Cara e Renata entraram e se esconderam entre os diversos baús e móveis domésticos que o Duque considerou necessários para sua estada.

Enquanto rodavam pelas ruas de paralelepípedos e sob os portões da cidade, Cara soltou um suspiro melancólico. Liberdade. Ao custo de seu coração.

Capítulo 36



Abade Andreo Bernotti entrou nas paredes da Torre di San Rocco e pronunciou uma sincera oração de agradecimento. Tinha quase setenta anos; velho demais para esse tipo de coisa.

Andava vagabundeando por todo o interior desde que Ercolo levara a filha aos sagrados salões de St. John's. Desde o momento em que pôs os olhos em Cara di Montessori, não teve um minuto de paz. A garota era como uma força da natureza, sempre se metendo em uma enrascada ou outra. Andreo sorriu com carinho pela memória. Ele não aceitaria de outra maneira. Amava a criança, apesar de seus inúmeros defeitos.

Desejando ter tempo para apreciar a impressionante arquitetura - só essa entrada já era uma obra-prima da arte do pedreiro - ele desmontou e mancou rigidamente escada acima do castelo, parando no meio do caminho para recuperar o fôlego. Um servo o cumprimentou com cortesia no topo.

— Posso ajudá-lo, padre?

Andreo ofegou ao subir o último degrau. — Preciso ver Lorde *del Sarto*. Imediatamente.

— Fale do diabo e ele aparecerá — disse uma voz irônica do corredor.

Andreo deu um pulo quando o próprio *Il Diavolo* se materializou de uma porta à direita e fez uma reverência. — O que posso fazer pelo senhor, padre?

Andreo o observou por baixo de suas espessas sobrancelhas brancas. — Saudações, Milorde. Ouvi muito a seu respeito ao longo dos anos.

— Nada de bom, aposto.

— Prefiro julgar por mim mesmo — Andreo disse calmamente. — Milorde Ercolo falou muito bem do senhor. É um prazer finalmente conhecê-lo. Sou Fra Bernotti, abade do mosteiro de St. John. Vim ver minha protegida, Cara. Tenho motivos para acreditar que ela veio para cá?

— Ela realmente fez.

— Estava ferida?

— Nada muito sério.

O Abade soltou um suspiro aliviado. — Graças a Deus. Quando soube da morte de Ercolo e seu desaparecimento, temi o pior. — Ele franziu a testa. — Mas, no caminho pela cidade, ouvi o rumor mais incrível; que ela ficou noiva do duque de Parma!

— O noivado foi anunciado ontem à noite.

A boca de Andreo se abriu de surpresa. — Mas Cara? *Noiva*? Estamos falando da mesma jovem?

A boca de *Il Diavolo* se curvou em um dos cantos. — Pequena, irritante, mais ou menos desta altura — ele manteve a palma da mão espalmada na horizontal na altura do meio do peito — cabelo como um ninho de pássaro, nunca para de discutir?

Andreo olhou para ele especulativamente. — Bem, isso certamente *soa* como ela. — Ele se firmou em uma cadeira próxima. — Me surpreende, meu filho. Tem *certeza*? Eu teria apostado todo o conteúdo dos cofres de St. John que ela nunca concordaria em se casar com ninguém. Ou abandonar seu povo e sua casa. — Ele franziu a testa com desconfiança. — O que fez com ela? A confiança de Ercole em sua pessoa foi equivocada?

Del Sarto negou. — Não foi. Na verdade, o duque foi escolha dela.

Andreo lhe lançou um olhar interrogativo. Ele estava prestes a exigir mais explicações quando um criado os interrompeu.

— Desculpe, Milorde, mas Lorenzo di Montessori foi avistado a dez léguas daqui, indo para o norte.

Del Sarto assentiu. — Ele tentará interceptar o Duque na Passagem Fontana. Diga ao Capitão Neroni para preparar os homens. Nós cavalgaremos imediatamente.

Andreo franziu a testa em alarme. — O que é isso? Cara está cavalgando com o Duque? Ela está em perigo?

Il Diavolo fez uma pausa no ato de calçar suas luvas de couro.

— Não, padre. Sua carga está segura lá em cima, trancada em seu quarto para sua própria segurança. Ela e eu fizemos um acordo. Concordei em livrá-la de Lorenzo... e estou prestes a fazer exatamente isso.

Andreo benzeu-se ao vislumbre de ameaça profana que apareceu na expressão do outro homem.

— O que está planejando, *del Sarto*? Lembre-se, é pecado prejudicar outra criatura de Deus, por mais merecedora que ela seja. '*A vingança é minha, diz o Senhor.*'

O sorriso malicioso e antecipado que curvou a boca de *del Sarto* não era tranquilizador. — Às vezes, o Senhor não é rápido o suficiente para o meu gosto, padre.

Andreo deu um suspiro resignado.

— Hum. Bem, então, rezarei por seu retorno seguro.

Il Diavolo deu uma risada sombria.

— Guarde suas orações para Lorenzo. — Ele se virou para outro servo. — Massimo, diga à Signorina Montessori que o abade está aqui e escolte-a para baixo. — Ele se voltou para o abade. — Eu acredito que pode ficar confortável na minha ausência, padre?

Andreo acenou para ele se afastar. — Claro. Colocarei minha confiança no Todo-Poderoso.

Os olhos de *del Sarto* brilharam de diversão. — Belas palavras. Mas eu encontrei um beduíno uma vez que disse 'confie em Deus, mas sempre amarre seu camelo'. Então, se não importa, vou pegar minha espada, assim como sua bênção, para lidar com Lorenzo.

Andreo deu uma risada quando *Il Diavolo* caminhou até a porta. — Que Deus o acompanhe, meu filho.

Del Sarto virou abruptamente na soleira. — Ainda bem que está aqui,

padre. Quando eu voltar, pode officiar o casamento de Cara.

— Com o Duque?

Os olhos de *del Sarto* brilharam. — Oh, não. Comigo.

Capítulo 37



Cara se encolheu no canto da carruagem, cansada de ser sacudida. Ela revirou os ombros. Não *se sentia* como uma mulher caída. Se sentia muito bem, na verdade. Um pouco dolorida em lugares interessantes, talvez, mas era como se seu corpo tivesse sido despertado pelo toque de Alessandro. Ela sentiu... mais. Mais consciente de sua roupa tocando seu corpo, o linho de seu chemise roçando seu estômago e seus seios.

Se mexeu em seu assento, suas bochechas esquentando com a memória. *Maldito homem*. O que ele fez com ela? Ele *a chamou* de bruxa, mas era ela quem estava sob seu feitiço. Ele era como um mágico das trevas, fazendo-a sentir coisas que deveriam fazê-la confessar orando fervorosamente por absolvição, mesmo quando ele estava a léguas de distância.

Ela bateu a cabeça contra o painel lateral da carruagem, saboreando a dor. Talvez isso colocasse algum sentido nela.

O Duque passou cavalgando, sua capa voando atrás dele, e ela se abaixou para evitar ser vista, mas ele não lhe deu atenção, examinando a estrada à frente.

As rodas da carruagem bateram em um sulco e ela agarrou a lateral. Fazia horas desde que deixaram San Rocco. A princípio, passaram por campos agrícolas ondulantes, com campos de trigo e fileiras de vinhas bem cuidadas, mas recentemente a paisagem tornou-se mais esparsa, as fazendas mais isoladas. Os campos exuberantes deram lugar a pastagens, e então entraram nas encostas arborizadas de algumas colinas baixas.

Renata cochilava em um baú à sua frente, encolhida sob um tapete de pele. Cara olhou indiferente para as árvores que passavam. Ela nunca se sentiu tão totalmente desanimada.

A estrada tornou-se mais estreita e as árvores mais próximas quando entraram em algum tipo de desfiladeiro estreito, subindo por uma trilha cortada em um dos lados. Encostas íngremes elevavam-se de ambos os lados e os homens do duque foram forçados a diminuir o ritmo e se espalhar em fila única. A trilha esburacada mal era larga o suficiente para a carruagem e Cara olhou para fora, observando como a borda em ruínas se aproximava cada vez mais das rodas.

Passaram por algumas pontes estreitas enquanto subiam, pouco mais do que fileiras de tábuas de madeira unidas por cordas, e ela reprimiu um súbito tremor de inquietação. Estava muito quieto, muito quieto. Não havia canto de pássaros, nem chilrear de cigarras. Nada para quebrar a quietude antinatural. Floresta densa de um lado, desfiladeiro profundo do outro. *Nenhum lugar para correr*.

Assim que o pensamento entrou em sua mente, um grito veio dos cavaleiros à frente e a carroça parou. Ela espiou por entre a cobertura de

tecido. Um único cavaleiro bloqueava o caminho à frente e ela respirou horrorizada ao reconhecê-lo.

Renata acordou sobressaltada.

— O que é? Por que paramos? Chegamos?

— É meu tio! — Cara sibilou. *Oh, Deus. Seu pai havia morrido em uma emboscada exatamente como esta.* Ela examinou a carruagem em busca de armas; ela tinha a adaga na bota, mas isso era tudo.

Como que para confirmar seus temores, um grupo de cavaleiros apareceu atrás de Lorenzo e uma linha de arqueiros surgiu entre as árvores, com flechas encaixadas em suas bestas. Os homens do duque formaram um círculo protetor ao redor da carruagem e dos cavalos, sacando suas armas em alarme, mas Cara sufocou um soluço. Por mais bem treinados que fossem, os homens do duque estavam em desvantagem numérica. Lorenzo não tinha piedade. Haveria um massacre.

— Talvez eu não tenha sido claro o suficiente em meu pedido. — A voz de Lorenzo ecoou pela clareira. — Estou apenas pedindo o que é meu.

Ele parecia eminentemente razoável, para um louco.

O duque esporeou para frente. — Sua sobrinha é minha noiva.

— Ela está prometida ao meu filho, Piero. Entregue-a e deixarei que siga seu caminho ileso com seus homens.

O duque desembainhou a espada. — Assassinou o pai dela.

O rosto de Lorenzo escureceu. — Afaste-se, velho.

Cara queria gritar com o duque por ser tão temerário, mesmo apreciando sua lealdade. Lorenzo virou o cavalo e ela prendeu a respiração, esperando que ele fosse embora, mas quando chegou às árvores fez um sinal com a mão e seus arqueiros dispararam uma saraivada de flechas.

Renata gritou quando o cavaleiro mais próximo a eles foi lançado de sua montaria, com uma flecha cravada em sua coxa. Mais flechas bateram na lateral da carroça.

Cara a jogou no chão. — Abaixar-se. Aconteça o que acontecer, *não* venha atrás de mim!

Ela saltou da carroça, com a adaga em punho, a tempo de ver o duque se defender de um ataque de três dos homens de Lorenzo. Ele derrubou um no chão e avançou, mas foi rapidamente atacado pelos outros.

— Pare! — Ela correu para ajudá-lo, mas era tarde demais; ele já tinha sido desarmado. Seus homens baixaram as armas e Cara respirou agradecida por ele não ter sido morto. Ainda.

Dois dos homens de Lorenzo a agarraram e a levaram para a frente, e o duque a olhou horrorizado. — Milady! Deveria estar segura em San Rocco!

Cara lhe lançou um olhar de desculpas.

Lorenzo sorriu triunfante. — Ah, minha sobrinha! Muito bem. Foi tolice sua fugir de mim.

Como se ela fosse uma criança errante pega fugindo da babá.

— Sua presença é exigida em Castelleon.

Cara o encarou.

— Lamento privá-la de seu noivo aqui, mas não se preocupe. Estou providenciando outro. — Lorenzo fez um gesto para trás dele. — Piero!

Cara observou a aproximação de seu primo com os olhos semicerrados. Ele tinha quase a idade dela, era alto e magro, com olhos cinza-claros, cabelos escuros e pele pálida. Seu rosto estava contorcido em uma careta de desgosto. Ele claramente não queria se casar com ela mais do que ela queria se casar com ele. Que baixeza.

Seu tio lançou ao jovem um olhar de aguda antipatia. — Oh, pelo amor de Deus, garoto, pare de olhar assim!

— Milorde!

Lorenzo franziu a testa com a interrupção, mas se iluminou ao ver Renata sendo arrastada para fora da carruagem, com os punhos e os cabelos esvoaçantes.

— O que temos aqui? — Ele se virou para Cara para avaliar sua reação. — Sua criada?

Cara empalideceu com o brilho malévolo em seus olhos. — Solte-a.

— E fazê-la correr de volta para San Rocco contando histórias? Acho que não. — Ele se dirigiu ao soldado que a segurava. — Mate-a.

— Não!

O homem ignorou o grito de negação de Cara, mas, para sua surpresa, olhou além de Lorenzo para outro homem de cabelos claros em busca de confirmação. O soldado atarracado e barbudo balançou sutilmente a cabeça e se dirigiu a Lorenzo.

— Deixe a mulher em paz. Tem sua sobrinha, como combinamos. Não matamos inocentes desarmados. — Ele apontou para o duque e seus homens, sendo mantidos na ponta da espada. — Eles não são uma ameaça agora. Deixe-os ir.

O rosto de Lorenzo ficou com um tom nada atraente de roxo. — Estou pagando para que faça o que eu mandar!

Cara piscou. Esses homens deviam ser mercenários que ele pagou para ajudá-lo, que aparentemente ainda tinham um pingo de honra.

Lorenzo arrancou Renata das mãos dos soldados, enfurecido com a desobediência do homem. Ela soltou uma torrente de insultos e afundou os dentes em seu antebraço.

— Cadela boba! — Ele a golpeou com as costas da mão na mandíbula, seu rosto manchado de fúria, então agarrou sua adaga de seu cinto e a enfiou fundo no estômago de Renata.

Cara gritou.

Renata soltou um suspiro estrangulado e dobrou-se para a frente como uma boneca de pano. Lorenzo empurrou o corpo dela para longe dele, observando-a desapaixonadamente enquanto ela caía no chão e se deitava de bruços, totalmente imóvel. Ele limpou a lâmina na frente da túnica.

— Parece que tenho que fazer tudo sozinho. — Seus lábios se curvaram

com a expressão de desgosto do capitão. — O que é isso? Um mercenário que se acovarda ao ver sangue? Está na profissão errada, meu amigo.

— Seu bastardo! — Os esforços horrorizados de Cara fizeram com que voltasse sua atenção para ela. Apesar de ter os dois braços imobilizados, ainda conseguiu chutá-lo quando ele se aproximou. Ele se esquivou de suas pernas agitadas e agarrou seu cabelo.

— Cale a boca, sua putinha. — Sua respiração sibilou em seu ouvido. Sua adaga cutucou suas costelas. — Só está viva porque eu suporto isso. Não cometa o erro de acreditar que é indispensável. Irá se casar com seu primo ou acabará como sua amiga e seu santo pai. — Sinalizando aos soldados para soltá-la, ele a incitou a avançar. — Segure-os até que estejamos longe — disse para o capitão. — Então mate-os ou não, como achar melhor.

Ele puxou Cara em direção à linha das árvores, sua força rija a surpreendendo. Seu couro cabeludo ardia por causa do aperto dele em seu cabelo, mas ela fincou os calcanhares no chão e tentou se desvencilhar. Recebeu um golpe forte na bochecha por seus esforços. Ela cambaleou, mal conseguindo se manter de pé, enquanto Lorenzo a empurrava para a frente.

— Acha que não sei o que tem feito? — ele rosnou em seu ouvido. — Abrindo as pernas para aquele filho da puta do *del Sarto*. Oh, sim, eu tenho meus espiões. Pelo menos o leito conjugal não lhe trará nenhuma surpresa. — Ele a puxou para mais perto, seu hálito rançoso quente em seu rosto. — É melhor não estar criando o pirralho daquele bastardo. Quero um herdeiro legítimo para Castelleon. — Ele olhou para o filho. — E se Piero não for homem suficiente para o trabalho, terei o maior prazer em fazê-lo por ele.

O sangue de Cara gelou quando ela percebeu o que ele estava sugerindo. Ela se afastou dele com repulsa.

Lorenzo pressionou sua adaga contra a costela dela e a cutucou para frente — e então parou, olhando para a linha das árvores como se estivesse vendo o próprio diabo.

Capítulo 38



Cara piscou. Seus ouvidos zumbiam por causa do golpe de Lorenzo e ela balançou a cabeça, certa de que estava vendo uma aparição. Sua mente exausta estava sonhando com uma visão da única coisa que ela mais queria ver: *del Sarto* passeando casualmente por entre as árvores.

Ele parecia bastante real. A luz do sol refletiu em seu cabelo escuro e brilhou em sua espada, que ainda estava embainhada. Um sorriso ameaçador pairava nos cantos de sua boca e seus olhos brilhavam com uma promessa mortal.

— Vai pagar por isso — disse ele calmamente a Lorenzo.

Não é um sonho.

Ele se aproximou com uma postura arrogante e foi imediatamente cercado por soldados, mas lançou um olhar mordaz para suas lâminas e continuou caminhando em direção a ela e Lorenzo, parando a alguns passos de distância.

— Bem, bem. *Il Diavolo*. — Lorenzo examinou a linha das árvores enquanto falava. — Chegou bem a tempo de me parabenizar. Minha sobrinha acaba de concordar em se casar com meu filho.

— Eu não fiz isso! — Cara rosnou.

Del Sarto nem se voltou para ela. Sua atenção estava focada em seu tio, tão implacável quanto um falcão com um coelho em sua mira.

— Ela não parece muito interessada — disse devagar. — E, além disso, ela me pertence.

O coração de Cara deu uma palpitação engraçada.

Lorenzo virou-se para o mercenário à sua esquerda. — O que está esperando? Desarme-o!

O homem lhe lançou um olhar que dizia claramente: '*faça sozinho*'.

Del Sarto surpreendeu a todos. Ele desafiou o cinto da espada e entregou sua arma ao soldado mais próximo.

Cara estreitou os olhos. Todos aqueles anos de guerra devem ter confundido seu cérebro. É certo que ele provavelmente ainda poderia matar todos os homens ao seu redor com as próprias mãos, mas, mesmo assim, não fazia sentido. Onde estavam suas tropas? Francesco? Sarraceno?

Lorenzo parecia tão confuso quanto ela. Lançou um olhar nervoso para seu primo. — Piero, vamos.

Del Sarto deu mais um passo à frente.

— Fique onde está! — Lorenzo comandou. Ele girou Cara para que suas costas estivessem pressionadas contra seu peito, prendeu um braço em volta da cintura dela e pressionou a ponta de sua adaga em sua garganta. — Vamos voltar para aquela ponte. Não se aproxime mais ou enfiarei uma faca nela. Estou falando sério!

Del Sarto se curvou. — Não, não vai. Não tem bolas para isso. Nem teve

coragem de matar seu próprio irmão. Tem seus mercenários para fazer isso em seu lugar.

Ele avançou, impassível. Os homens que o cercaram o observavam com fascinação perplexa, como se ele tivesse enfeitiçado cada um deles.

— Peguem-no! — Os nervos elevaram a voz de Lorenzo a um guincho.

Del Sarto voltou-se para o líder dos mercenários. — Ouvi um boato de que estava trabalhando para esse merda, Kaspar. Achei que tinha um gosto melhor.

A boca do comandante se abriu em um sorriso que transformou seu semblante sombrio. Ele agarrou a mão estendida de *del Sarto* e deu de ombros teatralmente.

— O que posso dizer? Um homem tem que comer.

Lorenzo ofegou. — Se *conhecem*?

Del Sarto sorriu zombeteiro. — Infelizmente para você, o mundo da guerra europeia é bem pequeno. Já lutamos juntos várias vezes.

— Como está o ombro? — perguntou o mercenário.

— Demorou um pouco para cicatrizar, mas já está melhor. O que quer que esse bastardo esteja lhe pagando, eu vou dobrar.

O mercenário assentiu amigavelmente. — Não tenho nenhum problema com isso.

Ele embainhou sua espada e seus homens fizeram o mesmo. Armas desapareceram em suas bainhas por toda a clareira.

Lorenzo sibilou de indignação. — Seus bastardos infiéis!

O capitão encolheu os ombros e voltou-se para *del Sarto*. — Quer que eu fique?

— Não. Eu lidarei com isso. Leve seus homens para San Rocco. Encontro lá e nos acertamos.

O mercenário apontou para Cara, que ainda estava nas mãos de Lorenzo.

— Se eu soubesse que ela tinha algo a ver contigo, teria ido embora em paz. — Ele devolveu a espada de *del Sarto*. — Ele me disse que era um simples trabalho de sequestro e resgate.

— Sem danos causados. — *Del Sarto* recolocou a lâmina em volta da cintura com a facilidade de uma longa prática e finalmente voltou seu olhar zombeteiro para Cara. — Signorina Montessori, quero lhe apresentar Kaspar von Silenen, líder deste belo bando.

O capitão acenou brevemente para ela, depois voltou-se para *del Sarto*. — Vemo-nos em San Rocco, então. É melhor que tenha um bom vinho.

Cara se sentiu tonta. A situação toda era surreal. Ambos os homens pareciam ter esquecido o fato de que ela ainda tinha *uma faca pressionada contra a garganta*. Assistiu incrédula enquanto o bando de mercenários desaparecia na floresta tão silenciosamente quanto haviam chegado.

Para surpresa de todos, seu primo falou. — Deixe-nos partir, Diavolo, e nós lhe devolveremos a garota.

Lorenzo sibilou em fúria. — Cala a boca, seu babaca! Não estamos aqui para negociar. Atravesse aquela ponte.

Piero deu de ombros, obviamente acostumado a tal tom de seu pai.

Del Sarto deu um assobio baixo. Francesco, Saraceno e vinte de seus próprios homens emergiram das árvores. Ele tirou uma adaga do cinto e a jogou de uma mão para a outra com uma precisão enervante.

Lorenzo pigarreou. — Fique para trás ou eu vou matá-la, eu juro que vou.

Ele recuou, puxando Cara com ele. Ela não teve escolha a não ser ir, e lançou um olhar suplicante para *del Sarto*. As mãos de Lorenzo tremiam tanto que sua lâmina cortou a pele dela; ela sentiu um fio de sangue escorrer pelo pescoço.

Del Sarto viu e seus olhos se estreitaram. Sem tirar os olhos de Lorenzo, dirigiu-se a Francesco. — Veja Renata.

Francesco correu para a frente e se ajoelhou ao lado de seu corpo, sentindo o pulso.

— Não está morta! — Sua voz tremeu de alívio quando afastou o cabelo de Renata para trás de seu rosto.

— Pena. Achei que tinha matado a cadela. — Lorenzo lançou outro olhar rápido para o filho. — Piero, atravesse aquela ponte. Agora.

Piero fez o que lhe foi pedido. Sua travessia fez com que a fina ponte de corda balançasse de um lado para o outro sobre o desfiladeiro. Lorenzo manteve Cara apertada contra o peito, usando-a como um escudo humano, enquanto os levava em direção à ponte.

As tábuas de madeira seca rangiam ao recuar e o menor movimento fazia a coisa toda balançar de forma alarmante. Cara estendeu as mãos para as cordas para se firmar, mantendo os olhos fixos em *del Sarto*. Ele estava chegando mais perto. Ela poderia se esquivar da lâmina de Lorenzo e se jogar em seus braços? Uma rápida olhada na queda vertiginosa abaixo dela a fez descartar esse plano. Seu estômago revirou. Seria muito fácil tombar para o lado.

— É isso. Devagar. — A respiração quente de Lorenzo em sua orelha fez seu estômago revirar ainda mais. — Quase lá.

Del Sarto pisou na ponte quando chegaram ao outro lado, onde três cavalos os esperavam.

— Fique onde está! — Lorenzo mudou seu controle sobre Cara e cortou uma das cordas de sustentação. Estalou com um som metálico e a ponte balançou para o lado, balançando e quicando sobre o precipício.

Del Sarto saltou para trás, apenas seus reflexos anormalmente rápidos impedindo-o de cair, e Lorenzo lhe lançou um olhar triunfante e exultante através da estreita abertura.

— Oh, céus. Nunca vai aguentar o seu peso agora. E é longe demais para pular, mesmo para o grande *Diavolo*.

Aproveitando a chance, Cara se jogou para o lado e tentou agarrar a faca, pegando o pulso de Lorenzo em suas mãos. Ele cambaleou para trás e a empurrou com força contra a parede de pedra. Sua cabeça bateu contra a pedra e ela afrouxou o aperto, momentaneamente atordoada.

Lorenzo ergueu o braço para atingi-la, mas deixou cair a lâmina com um

súbito uivo de dor. Olhou incrédulo para a adaga que se projetava de seu braço e depois para *del Sarto*, que já estava pronto para lançar outra.

Os cavalos, assustados com o barulho, soltaram-se das garras de Piero. Um recuou, bloqueando o segundo arremesso de *del Sarto*. Lorenzo soltou Cara, agarrou as rédeas e subiu na sela, mantendo-se abaixado enquanto tentava agarrar o braço dela. A manga de sua roupa rasgou quando se abaixou sob a barriga do cavalo para evitá-lo e Lorenzo lutou para controlar sua montaria no caminho estreito. Ele empinou e Cara tropeçou, tentando evitar os cascos e a borda da ravina. Ela mal conseguia ver alguma coisa através da nuvem sufocante de poeira levantada pelos cascos dos cavalos.

Lorenzo investiu contra ela. A princípio pensou que estava tentando puxá-la para cima do cavalo, mas então seu rosto se enrugou em um sorriso assassino. — Pequena vadia! — ele ofegou loucamente. — Dê meus cumprimentos ao seu pai!

Ele deu um empurrão selvagem em seu peito.

Cara cambaleou para trás. Com um grito de alarme, Piero se lançou para ela, sua mão estendida para puxá-la de volta da borda, mas nada poderia deter seu impulso para trás. O caminho se desintegrou sob seus pés e de repente toda a encosta parecia estar se movendo, um borrão aterrorizante de barulho e confusão.

Cara arranhou a rocha que deslizava à sua frente. Enquanto se esforçava às cegas para se firmar, uma de suas mãos pegou uma muda que crescia em uma fenda na rocha e agarrou-se a ela com toda a força. Chuvas de pedras caíram ao seu redor, saltando e rolando pela encosta íngreme até o abismo abaixo. Seu ombro gritava em protesto enquanto suportava todo o seu peso.

O deslizamento de pedras diminuiu, deixando um estrondo surdo como um trovão em seu rastro. A poeira pairava pesada no ar e chuvas de pedras soltas choviam sobre sua cabeça, mas o pior parecia ter passado.

Ela mal conseguia respirar. Tateou com a mão livre, mas o penhasco era tão calcário que se desfazia sob a ponta dos dedos. Chutando as pernas, finalmente conseguiu um ponto de apoio em uma saliência de um lado. Pedras cavaram em seu estômago e ela fechou os olhos, ofegando, tossindo, saboreando a dor como prova de que ainda estava - milagrosamente - viva.

Ela não estava caindo mais, mas também não conseguia se mover de sua posição atual. Estava completamente presa. Tinha areia nos olhos e queria coçá-los, mas mal conseguia se segurar com os dedos. Virou a cabeça, atrevendo-se a olhar para o primo, e sufocou um gemido. O corpo de Piero jazia apenas alguns metros abaixo dela em um afloramento rochoso, meio coberto de escombros. Ela não podia ver seu rosto, mas o ângulo não natural de seus membros lhe dizia sem dúvida que ele estava morto. A culpa e a náusea a atormentavam; ele estava tentando salvá-la. *Oh, Deus.*

Seus braços começaram a tremer. Ela engoliu a poeira com a boca e soltou um pequeno resmungo.

Patética.

Ela tentou novamente e quase chorou de alívio quando ouviu *del Sarto* chamando seu nome bem acima de sua cabeça.

— Cara! Fique aí! Não se mexa.

Apesar de sua situação terrível, ela foi atingida por um flash mórbido de humor. *Para onde ele achava que ela iria?*

— Milorde, tome cuidado! — A voz de Francesco ecoou.

Ela arriscou um olhar para cima, mas não conseguiu ver nada, exceto uma encosta rochosa e um pedaço de céu azul. Então o azul desapareceu quando o ventre de um cavalo preto passou por cima.

O louco tinha pulado a ravina!

O barulho de cascos acima de sua cabeça confirmou isso, e momentos depois o rosto sombrio de *del Sarto* apareceu sobre a borda.

— Feche os olhos — ele ordenou. — Estou descendo para te pegar.

Ele amarrou uma corda em volta da cintura e começou a descer a encosta de seixos, desalojando as pedras pelo caminho. Cara se encolheu ao ser atingida por uma pedra maior que seu punho. Amaldiçoando, ela agarrou o galho com mais força e fechou os olhos contra a poeira.

Del Sarto alcançou seu lado; seus braços fortes rodearam sua cintura. — Está tudo bem, querida. Te peguei.

Ela conseguiu soltar um gemido incoerente e apertou o galho com força.

— Vai ter que largar o galho, Cara. — Ele parecia quase divertido.

Ela abriu os olhos. — Não se atreva a me derrubar! Sou muito jovem para morrer!

Ele riu. — É muito *teimosa* para morrer. Eu não a deixarei cair, eu juro. — Sua voz era gentil, suave. Com o mesmo tom com que falava com Saraceno. — Agarre-se a mim.

Cara jogou um braço, depois o outro, em volta do pescoço dele, e segurou firme. Ela não se importava se o estava sufocando. Pressionou o rosto em seu ombro, absorvendo a segurança de seu corpo. Ele poderia ser um monstro, mas ela tinha fé absoluta em sua capacidade de resgatá-la.

Ele deu um assobio estridente e eles começaram a subir; deve ter amarrado a outra ponta da corda a Saraceno. Ele os manteve longe da rocha com as pernas, segurando a corda com uma mão e segurando a cintura dela com a outra. As costelas de Cara pareciam que iam quebrar, mas era melhor uma ou duas costelas quebradas do que uma queda para o fundo.

Quando finalmente chegaram ao topo, ela não conseguia se soltar. *Del Sarto* arrastou-a para longe da borda e deitou-a de costas, lhe tirando os braços rígidos do pescoço. Ela olhou para os galhos de pinheiro ondulantes e para as nuvens que passavam enquanto ele passava as mãos por seu corpo, verificando se havia ossos quebrados com rápida eficiência. Encontrou um corte na cabeça dela e fez uma careta enquanto limpava uma mancha de sangue de sua têmpora. Seu rosto estava pálido e sujo de sujeira e ele parecia inexplicavelmente feroz.

Cara franziu a testa, seus pensamentos confusos e desconexos. — Não sei

por que está com raiva de mim — ela murmurou. — Eu não *me joguei* do penhasco.

Ele a ergueu, seus braços gentis, e ela ouviu uma ovação fraca do outro lado da ravina.

— Não posso pular de volta com dois — ele gritou de volta para Francesco. — Vamos encontrar uma ponte mais baixa. Leve Renata para casa e mande chamar o cirurgião.

Cara mal registrou a conversa. Sua cabeça estava muito pesada. Ela a deixou cair contra o braço dele. *Del Sarto* olhou-a preocupado. *Aquilo era gentil*. Ele podia estar um *pouco* preocupado com ela.

— Não se atreva a desmaiar! — ele rosnou.

Ela conseguiu dar um bufo nada feminino. Ela *nunca* desmaiava. Disse isso a ele várias vezes. Ainda assim, não faria mal descansar um pouco. Ela estava se sentindo um pouco tonta e ele obviamente tinha as coisas sob controle. Ela fechou os olhos e mergulhou na escuridão com um suspiro agradecido.

Capítulo 39



Cara estava toda machucada - o que presumivelmente significava que não estava morta. A lembrança voltou à tona.

— Oh Deus. Renata! O Duque! — Ela tentou se sentar, mas se viu sentada no colo de *del Sarto*, no lombo de Saraceno. Sua mão enluvada pressionou a cabeça dela contra seu ombro.

— Os dois estão bem.

— Verdadeiramente?

— Renata está ferida, mas viverá. O duque está um pouco abalado, mas fora isso ileso.



Cara virou a cabeça em seu pescoço quando seu corpo começou a tremer. Alessandro pensou que ela estava com soluços e estava prestes a provocá-la por causa disso, até que percebeu com um sobressalto que ela estava chorando. Silenciosamente, orgulhosa demais para fazer barulho na frente dele.

Nunca a tinha visto chorar. Ele a tinha visto com raiva, frustrada, até mesmo assassina, mas nunca recorrendo às lágrimas. Seu coração, ou algo naquela região de seu peito, pelo menos, doía por ela. Ele soltou o braço e para sua surpresa ela não usou a liberdade para se afastar. Em vez disso, se aproximou mais, abaixando a cabeça para aninhar-se sob o queixo dele. Suas lágrimas quentes escorriam pela pele nua de seu pescoço, onde sua camisa estava aberta e seu corpo, sempre inútil, respondia à sua proximidade. Mesmo suja, ensanguentada, e chorando, ele ainda a achava atraente. Inferno, teria que estar *morto* para não achá-la atraente.

Ele procurou um assunto para desviar sua atenção.

— Eu já te falei sobre mulheres mercenárias?

Isso despertou seu interesse, como ele sabia que aconteceria. O tremor parou. Ela levantou a cabeça. Fungou.

— Nunca ouvi falar de nenhuma. — Sua voz era abafada, rouca.

— É claro que não. Os homens não gostam de fazer propaganda quando são derrotados por uma mulher. — Ele sentiu o sorriso dela contra seu pescoço e continuou. — A minha favorita é Onorata Rodiana. Ela começou como artista. O senhor de Cremona a encarregou de pintar um afresco, mas ao ser atacada por um de seus funcionários, esfaqueou o agressor e fugiu, vestida de homem. Quando as buscas por ela foram abandonadas, havia se juntado a um dos bandos de *Condottieri*, ainda disfarçada de homem. Por fim, ela se tornou líder de seu próprio grupo de mercenários e se destacou no banditismo pelos trinta anos seguintes. Ela morreu com a espada na mão, lutando contra os venezianos, há cerca de quarenta anos. Sua feminilidade só foi descoberta em seu leito de morte.

Alessandro olhou para Cara. — Agora tem uma nova heroína para se inspirar.

Ela deu uma fungada aquosa. — Admiro qualquer pessoa que se defende e luta suas próprias batalhas.

Ele riu, aliviado. Ela podia estar espancada e machucada, mas seu espírito ainda estava intacto.



Cara ficou mortificada por ter desmoronado na frente de *del Sarto*. *Ela nunca chorava*. Na verdade, muitas vezes invejava a capacidade de Bianca de produzir torrentes de lágrimas - ou pelo menos olhos lindamente umedecidos - sob demanda.

Ela ergueu a cabeça com relutância quando ele puxou as rédeas. A luz estava diminuindo, a floresta ficando mais indistinta ao redor deles. O som de água corrente vinha de perto e havia um cheiro estranho e salgado no ar. Era levemente medicinal, mas não desagradável.

— Por que paramos?

Del Sarto desmontou, ainda segurando-a em seus braços. Ele empurrou a vegetação rasteira e parou na beira de uma grande piscina. A névoa rodava e dançava sobre a superfície da água e Cara olhou ao redor maravilhada.

— Estes são os banhos de San Casciano — fontes termais naturais conhecidas por suas propriedades curativas. Parece que precisa de uma lavagem. — Ele sorriu enquanto a colocava de pé. — Durante o dia fica lotado de viajantes. As pessoas vêm de longe para nadar.

Ele tirou o gibão de couro e o deixou cair no chão. — Vamos. — Tirou a camisa pela cabeça e atirou-a para o lado, totalmente inconsciente, tirou as botas de couro e desamarrou os cadarços da calça.

O guincho estrangulado de Cara lhe rendeu um olhar divertido.

— O que? Já me viu nu antes. — Ele se curvou pela cintura e tirou a calça.

Era o homem que se despia mais rápido em toda a Itália! Ela teve um vislumbre das costas esculpidas e do traseiro tonificado antes que se afundasse na água. Ele soltou um longo suspiro e nadou até o lado oposto da lagoa, depois se virou e a olhou maliciosamente. — Vai entrar?

Ela tentou afastar de sua mente a visão tentadora de toda aquela carne nua, agradecida pela escuridão que se aproximava e escondia seu rubor. — Tudo bem. Mas só porque estou suja. Vire-se para que eu possa me despir.

— Não vou espiar.

E os porcos podem voar! Escondendo-se atrás de uma árvore, despiu-se, estremecendo quando seus cabelos ficaram presos no sangue seco em sua testa. Devia parecer um verdadeiro desastre. Espiou ao redor da árvore.

— Seus olhos estão fechados?

— Sim.

Não conseguia vê-lo do outro lado da lagoa. Avançou, usando o chemise como escudo, e mergulhou um dedo do pé na água. Estava surpreendentemente quente, mais quente do que os banhos que tomava.

Deixou cair a roupa e deslizou para baixo da superfície com um gemido de felicidade.

— Essa é uma visão que levanta o ânimo de qualquer homem.

— Disse que não estava olhando!

Dentes brancos brilharam enquanto ele ria, totalmente impenitente. — Eu continuo dizendo para que não acredite na minha palavra para nada. Mercenário, lembra? Eu pego o que posso. Principalmente quando é gratuito.

Lutando para não sorrir, Cara mergulhou na água, deleitando-se com o calor, sentindo o leve sabor salgado em sua língua. Voltando à superfície, ela se acomodou o mais longe possível dele, devido aos limites da lagoa.

Dedos de névoa se erguiam em torno deles. Samambaias e musgos se aglomeravam ao redor, e as copas das árvores acima filtravam a luz da lua em formas pontilhadas que dançavam na água. Todo o efeito era mágico, primitivo. Era tão calmo, tão particular; como se fossem as duas únicas pessoas no mundo, e este fosse o Jardim do Éden. E, assim como Eva, a atração secreta e proibida latejava no sangue de Cara.

Deveria se vestir novamente e sentar-se na beirada.

Ah.

Del Sarto desapareceu sob a água e ela examinou a superfície com cautela, suspeitando de um truque. Sem dúvida, ele emergiu a menos de um metro de distância. Lentamente, tão lentamente que ela poderia ter se afastado, ele se aproximou e pegou sua mão, virando-a para inspecionar a palma, que estava cheia de cortes e arranhões. Passou a ponta do polegar sobre as linhas com uma ternura que fez o sangue pulsar em suas veias.

Seus olhos se estreitaram enquanto ele estudava o corte em sua testa. — Seu tio é um homem morto. — Lavou o sangue de sua têmpora, seu toque gentil em desacordo com sua expressão feroz.

— Por me machucar? — ela resmungou.

Ele assentiu e se aproximou para colocar os lábios no corte, tão suavemente que a fez querer chorar. Cara não conseguia se mexer. Estava enfeitiçada por seu toque, observando-o com os olhos semicerrados, aceitando seus cuidados como se ele fosse a criada de sua dama. Quando afastou os lábios de sua pele, ela sentiu sua perda como uma dor em sua alma.

— Aceitar a proposta do Duque foi uma decisão estúpida — ele murmurou.

Seu aborrecimento ressurgiu rapidamente. — Eu não tive muita escolha, pelo que me lembro!

— Não o quer — ele continuou como se ela não tivesse falado. — É a mim que quer.

Cara fez uma careta e ele a olhou de soslaio por baixo do cabelo molhado.. — É uma luxúria boa e honesta, Cara. Admita. Ele não pode fazê-la se sentir como eu faço.

Ele se inclinou mais perto e a frequência cardíaca dela disparou outro degrau, como se estivesse correndo muito. Podia sentir seu corpo se inclinando para o dele, como se atraído por alguma força invisível.

— Ele não a fará queimar. — Sua voz era baixa e perversa. — Ao passo que eu posso fazê-la gritar meu nome em menos de cinco minutos.

— Só em exasperação — disse com rispidez. Como esse homem é arrogante!

Ele sorriu, presunçosamente confiante, e cruzou os braços sobre o peito. O movimento fez os músculos de seus braços se contraírem e ondas de água baterem na parte exposta de seu peito e Cara mordeu o lábio. Seu corpo estava trêmulo, pesado. Ela queria colocar a boca na pele dele e traçar aqueles contornos com a língua.

— É perfeitamente normal em situações como essa. Tudo o que qualquer soldado quer depois de uma batalha é um bom banho quente e uma boa trepada.

— Que romântico! Permita-me desmaiar.

Ele ignorou seu sarcasmo. — São as melhores coisas a se fazer para lembrá-lo de que não está morto. A noite após uma escaramuça é sempre o período mais movimentado para as garotas do acampamento.

Cara esteve com as tropas de seu pai tempo suficiente para saber a verdade disso. Ela quase *morreu* esta tarde. A vida era preciosa; bastava olhar o que tinha acontecido com seu primo. Por que não agarrar esta breve chance de felicidade?

A água continuou oferecendo vislumbres tentadores da forma nua de *del Sarto*. Ela cruzou os braços sobre o peito.

— Certo. Eu te *desejo*. Feliz agora?

— Nem mesmo perto.

— Estou disposta a admitir que pode ter razão — ela concedeu. — Sobre não-estar-morto.

— Isso é esportivo da sua parte.

— E eu não te agradei por salvar minha vida — ela disse, determinada a ser justa. — Então, obrigada.

Ele abaixou a cabeça e tocou com a boca no lado do pescoço dela. — De nada.

Seus lábios deixaram um rastro de fogo e gelo fazendo Cara estremecer.

— Isto é o que imaginei fazer contigo naquela manhã em que a vi no rio — ele murmurou. Deu uma fileira de pequenos beijos ao longo de sua mandíbula, enviando rajadas por ela.

Cara inclinou a cabeça para trás para lhe dar melhor acesso. — Quer dizer quando me *jogou* no rio.

— Mmm. Sonhei em lamber cada gota da sua pele. — Sua língua combinava com suas palavras e Cara fechou os olhos.

— E isto. — Seus lábios se arrastaram mais abaixo, sobre sua garganta, sua clavícula.

Ela arqueou a coluna, oferecendo-se descaradamente. Seus lábios se fecharam ao redor de seu mamilo e ela sufocou um gemido quando ele o mordeu suavemente, então circulou a ponta com a língua. Estremecimentos de

necessidade correram por ela. Ela passou os dedos por seu cabelo molhado e o segurou com força contra ela por um instante ofegante antes de puxar sua cabeça para cima, incapaz de suportar a doce tortura por mais tempo. Seus olhos se encontraram, se chocaram.

— O que quer, Cara? — ele sussurrou.

Capítulo 40



Cara se reconheceu naquele momento. Ela não queria sua doçura, suas cortesias praticadas. Ela o queria suado e terreno, elementar e feroz. Ela manteve os olhos fixos nos dele.

— Usa a paixão para esquecer seus pesadelos. Eu quero esquecer o meu também.

— Será um prazer.

Ele a puxou para si, levando os dois para a água mais profunda, e o corpo dela se chocou contra o dele enquanto ele a puxava para um beijo. Ambos estavam famintos, desesperados por essa afirmação de vida. A língua dela encontrou a dele ansiosamente, com urgência, e ele rosnou em sua boca.

Ele tinha gosto de chuva e desejo e ela queria mais profundo, mais selvagem, mais. *Mais*. Ela jogou tudo o que tinha no beijo; todo o medo, frustração e dor do dia. Sua tensão se dissolveu com a magia de seu toque. O desejo floresceu dentro dela, contorcendo-se em seu sangue como veneno, insidioso e doce.

Ela estava fora de si, em mais de uma maneira. Tinha muito a perder, mas naquele momento ela não se importava. Seu corpo parecia leve na água e ela passou os braços em volta do pescoço dele e se agarrou a ele para se apoiar, fechando os olhos e se afogando na sensação. Sua nudez total era chocante e inacreditavelmente excitante.

Ele se afastou e acariciou o cabelo molhado de suas bochechas. Vapor perlava seu rosto, prata brilhava em seus cílios pecaminosamente longos e Cara se animou com o fato de que suas mãos não estavam totalmente firmes. Ela poderia não ser capaz de derrotá-lo com uma espada, mas nesta arena eles poderiam se enfrentar como iguais. Ela pegou o lábio inferior dele entre os dentes e puxou-o gentilmente, então deslizou a língua para aliviar a dor.

Os olhos dele se estreitaram e o coração dela disparou em resposta. *Ah, brincar com fogo era tão divertido!*

— Eu criei um monstro — ele murmurou.

Ela lhe lançou um olhar perverso sob seus cílios. — Meus tutores sempre diziam que eu era uma excelente aluna.

Ele puxou as pernas dela ao redor de sua cintura e segurou suas nádegas em suas mãos. O comprimento duro de seu eixo pressionado contra seu estômago. Cara se contorceu experimentalmente, e ele mostrou os dentes para ela com um grunhido frustrado. Mas ele a deixou jogar. Ela se levantou e o reposicionou entre suas coxas, exatamente onde ela o queria, e sorriu de satisfação quando ele gemeu baixo em sua garganta. Os músculos de seu pescoço e ombros ficaram tensos enquanto ele a mantinha em posição.

— Safada!

Ela cruzou as mãos atrás do pescoço dele e recostou-se na água. Ele moveu

uma mão para apoiá-la, seus dedos abrangendo sua cintura, e acariciou com a outra a curva de seu estômago, entre seus seios e ao longo de sua garganta. Cara se deleitou com seu toque, arqueando-se de prazer como um gato.

Ele brincou, pressionando-se deliberadamente no limiar de seu corpo, em seguida, afastando-se, então ela deslizou contra os cumes suaves e duros de sua barriga plana. A fricção era pura tortura.

Ela arqueou os quadris, mudando o ângulo para que ele ficasse pressionado contra ela, e apertou as coxas ao redor dele para mantê-lo no lugar. Ela não era Cara; era uma das ninfas da floresta de Ovídio, aquelas que viviam em lagoas secretas e riachos ocultos. Era uma deusa que assumiu a forma humana, incapaz de resistir a seduzir este belo mortal, apesar do castigo que isso poderia trazer. Não havia amanhã, só agora, aqui; neste instante no escuro e no calor.

Mantendo os olhos fixos nos dele, ela se empurrou para baixo, empalando-se lentamente em seu eixo, reivindicando-o da maneira mais básica possível, centímetro por centímetro lento e delicioso. Ele ofegou e ela sufocou seu próprio grito de exultação. Doeu, brevemente, e estava feliz — divertia-se com a onda inebriante de dominação. Podia não ser capaz de mantê-lo para sempre, mas neste momento perfeito, ele era dela.

Ele permaneceu imóvel, inserido profundamente dentro dela, descansando a testa na dela. As mãos dele agarraram seus quadris e ela percebeu com um sorriso afetuoso que ele estava esperando, dando a seu corpo tempo para se ajustar a sua invasão, lutando contra sua própria necessidade desesperada de se mover. Ela se mexeu um pouco e ele deu uma risada quebrada.

— Tão impaciente!

Ele a ergueu e puxou quase até a ponta, então empurrou para frente novamente. Água espirrou entre seus corpos e Cara mordeu o lábio em sua aspereza, sua urgência. Isso não era uma sedução imponente. Isso era o que ele havia prometido, o que ela queria; luxúria e desejo e necessidade irracional. Ela inclinou a cabeça em seu ombro, saboreou sua pele quente e lisa e seu grunhido de reação.



Alessandro estava perdido. Orgulhava-se de ser um excelente amante, mas seu lendário controle o havia abandonado. Cara estava lisa e molhada ao seu redor, agarrando-se a ele como uma luva de seda. Tentou diminuir a velocidade, mas ela não parecia querer isso e, de qualquer forma, não poderia fazê-lo. Ela o envolveu com os braços e o apertou ainda mais, beijando-o com os lábios e a língua, exuberante e profundamente, tão desesperada por ele quanto se sentia por ela.

Uma sensação de urgência selvagem o dominou, lembrando o pavor. Por um instante, lá na ravina, vendo-a cair na borda, acreditou que estivesse morta, que tinha chegado tarde demais para salvá-la. A sensação de raiva impotente tinha sido quase demais para suportar. Agora, com cada impulso de seu corpo, derramava sua fúria por ela ter sido ferida, seu alívio esmagador

por tê-la salvo.

Ela era tão vital, tão convincente. Tão bonita. A ideia de um mundo sem ela era muito sombria, muito impossível de considerar. Não queria viver em um mundo assim. Preferia morrer.

Ele fechou os olhos e se deleitou com a respiração superficial dela, enquanto cravava as unhas na pele de suas costas, marcando-o. Aquelas eram cicatrizes que ele carregaria com orgulho, pensou atordoado. Não eram evidências de um erro, mas de algo inevitavelmente certo. Algo perfeito.

Naquele momento, ela o dominou completamente. Ele, que não era dominado por ninguém, havia sido vencido por essa garota. Não poderia ter evitado nem que os próprios céus se abrissem e lhe oferecessem um lugar.

Ele se inclinou para trás para olhar para ela. Ela era magnífica; seu cabelo escuro jogado para trás, as pontas flutuando na superfície da água. Seus seios pequenos e perfeitos saltavam para cima com cada uma de suas estocadas e seu corpo musculoso e ágil se ajustava perfeitamente ao dele. Seus olhos estavam fechados, como se ela tivesse se retirado para um mundo de fantasia.

— Olhe para mim! — ele rosnou quando um súbito fragmento de incerteza se apoderou dele. — Abra os olhos e olhe para mim!

Ela obedeceu e ele capturou seu olhar, recusando-se a deixá-la desviá-lo. — Saiba quem a está levando, Cara. Sou eu. — Ele pressionou contra ela novamente para enfatizar seu ponto. — Não um cavaleiro em um cavalo branco. Não algum maldito santo. *Eu*.

Ela sustentou seu olhar, sem piscar, e a selvageria desapareceu de seu peito tão rapidamente quanto surgiu. Ela acariciou uma mecha de cabelo de sua testa com uma mão trêmula. — Eu sei exatamente quem é.

Pegou o rosto dele entre as mãos, puxou sua boca para a dela e o beijou.

Suas defesas desmoronaram; ele estava totalmente desfeito. Ele empurrou nela.

— Diga meu nome — ele exigiu com a voz rouca. Ele precisava desse prazer final, seu nome nos lábios dela. — O meu nome. Nunca o disse.

— *Del Sarto*! — ela ofegou, franzindo a testa enquanto ficava tensa e mordida o lábio inferior em concentração, desejando sua própria liberação.

— Não. Não esse. — Ele deu outro impulso provocador. — Meu nome de batismo, Cara. Diga.

— Sandro! — ela praticamente gritou. — Alessandro!

— *Sim*. — Ele estendeu a mão entre seus corpos, tocou-a, e ela explodiu com um pequeno grito selvagem contra seu pescoço. A sensação de seu corpo convulsionando ao redor dele enviou-o ao limite. Com um impulso final, seu próprio clímax o reivindicou, tão forte e rápido que ele quase desmaiou de prazer.

Cara desabou contra ele, desfalecida, e as próprias pernas dele ameaçaram ceder, de modo que os dois quase afundaram. Conseguiu levá-los de volta para a lateral da lagoa, para águas mais rasas, para que pelo menos não se afogassem.

Gentilmente, ele desembaraçou seus corpos e a colocou de lado em seu colo. Puxou a cabeça dela para seu ombro, acariciou seu cabelo molhado e sorriu para sua completa exaustão.

Suas pernas ainda estavam bambas quando ele se levantou da água e a carregou de volta para suas roupas. Cara ficou quieta enquanto ele brincava de criada e a enxugava. Ele ignorou suas roupas sujas de poeira e rasgadas e, em vez disso, jogou a camisa sobre a cabeça dela e a envolveu em sua capa.

— É sempre assim? — ela murmurou.

Sentiu-se tentado a mentir, mas não conseguiu fazê-lo. — Não.

Nunca tinha sido assim com mais ninguém. Ele nunca sentiu tanto calor, uma necessidade tão angustiante de possuir, reivindicar, satisfazer, com qualquer mulher além dela.

Eu sei exatamente quem é, ela havia sussurrado, com uma dor na voz. Alessandro fechou os olhos em desespero. Ela não tinha ideia de como aquilo era verdade. Seu olhar claro enxergava até os cantos mais escuros de sua alma. Fazia-o sentir-se desnudado, indefeso, como ele tanto odiava se sentir. *Que Deus o ajudasse. Eles estavam prestes a ter uma jornada* difícil. Pensou que ela exigiria uma explicação para o que havia acontecido na ravina, mas ela já estava dormindo antes de terem cavalgado meia légua. Não demorou muito para que as luzes das tochas da Torre di San Rocco brilhassem ao longe.

Alessandro suspirou. Ele tinha um novo plano para colocar em ação. E a mulher em seus braços não ia gostar nem um pouco.

Capítulo 41



Cara acordou em seu próprio quarto em San Rocco. Sozinha. De novo.

Uma criada desconhecida estava se movendo silenciosamente pelo quarto e ela se sentou quando a lembrança do pânico a atingiu. — Onde está a Renata? Ela está bem?

A garota fez uma mesura e um sorriso tranquilizador. — Ela está bem, milady, se recuperando bem. Ela está no quarto no final do corredor. O médico a atendeu a noite toda.

— Eu devo ir até ela.

Vestindo-se rapidamente, sem se importar em se olhar no espelho, Cara correu pelo corredor. Encontrou Renata na cama, aparentemente dormindo, com um dos médicos que conhecera no hospital, ao seu lado. O homem sorriu em resposta ao seu olhar questionador.

— Dei-lhe uma tisana, então está um pouco sonolenta. O ferimento foi profundo e ela perdeu uma boa quantidade de sangue, mas a lâmina não atingiu os órgãos vitais. Os esforços do capitão Neroni para enfaixá-la e trazê-la para cá tão rapidamente foram inestimáveis. Acho que não haverá nenhum dano duradouro.

Cara cheirou o copo vazio ao lado da cama. — Usou matricária? E arnica? Que tal mandrágora?

O médico sorriu com o interesse dela. — Sim. Todos esses. Acrescentei mel e hidromel para adoçar a mistura. — Ele se curvou. — Irei deixá-las agora.

Cara pegou a mão de Renata. Suas pálpebras estremeceram e então se abriram e ela conseguiu dar um sorriso fraco de boas-vindas. — Cara, está bem!

— Estou bem! *É a única* que foi esfaqueada. Isso é tudo minha culpa. Se não estivesse comigo, nada disso teria acontecido.

— Pare de se culpar. Eu escolhi ir. E acredite em mim, nada poderia ter me parado! Estarei bem em um ou dois dias. Eu sou dura como botas velhas. Além disso, uma coisa boa resultou de tudo isso; aquele idiota do Neroni finalmente caiu em si e percebeu que não pode viver sem mim! — Renata riu, então estremeceu quando sentiu dor com o movimento.

Cara ergueu as sobrancelhas. — Realmente? O que aconteceu?

— Deveria tê-lo visto, vociferando e amaldiçoando. Ele correu de volta para cá como um homem possuído, o tempo todo implorando para que eu ficasse acordada e me ameaçando com todos os tipos de punições ridículas se eu ousasse morrer! — Renata sorriu ao se lembrar. — Aparentemente, sou incapaz de viver sem a *'influência estabilizadora de um homem'*. Francesco jurou que, se eu vivesse, seria forçado a se casar comigo para impedir que eu me metesse em mais problemas.

— Que nobre da parte dele! — Cara sorriu.

— Tenho certeza de que pensou que eu esqueceria sua promessa em meu delírio. Infelizmente, para ele, não o deixarei escapar de jeito nenhum agora que finalmente teve coragem de fazer algo a respeito! — Renata corou com suas palavras atrevidas e Cara riu.

— Que bom!

— Está realmente ilesa? — Renata franziu a testa. — Esse é um belo hematoma em sua testa.

Cara levantou a mão e estremeceu ao tocar o corte. — Lorenzo me bateu. E então ele me empurrou para a ravina. Alessandro me resgatou.

Renata ergueu as sobrancelhas. — *Alessandro* agora, é?

Cara corou. — Ele *salvou* minha vida.

— Então talvez ele não seja tão ruim? — Renata arriscou.

— Oh, não, ele ainda é a criatura mais irritante, autoritária e intrometida que já existiu.

Renata gargalhou e bateu as mãos nas cobertas com prazer. — E está apaixonada por ele!

Cara fez uma careta. — Isso não significa que eu *goste* dele! Ou que eu queira ter algo mais a ver com ele.

— O ama! — Renata disse com uma voz cantante, como uma criança de seis anos.

Cara cruzou os braços. — Vai passar. Como um ataque de febre.

— Ah!

Ambas ergueram os olhos quando um criado entrou. — Milady, Milorde deseja vê-la. Imediatamente.

— Pode ir — Renata disse alegremente. — Melhor não deixá-lo esperando.



Cara entrou no escritório. A luz do sol entrava pela janela gradeada e brilhava no cabelo escuro de *del Sarto*, esculpindo os ângulos ásperos de suas maçãs do rosto. Ele parecia cansado. Estava sentado atrás da mesa com as pernas esticadas à sua frente como Mefistófeles em relação ao mais novo ingressante no inferno e ela se lembrou de todas as vezes em que foi convocada ao escritório de Abade Andreo para ser castigada por alguma nova violação das regras. Exceto que desta vez não era *ela* quem estava errada.

Ela ignorou o assento e pairou atrás dele, usando a madeira como uma barreira protetora enquanto estudava seu rosto, procurando por alguma pista de seus pensamentos. Como sempre, era impossível dizer o que ele estava pensando.

Ela endireitou os ombros e se preparou para a batalha. — Usou-me como isca para atrair meu tio.

— Sim. Eu *não* pretendia que fizesse parte do comboio, no entanto. Deveria ficar aqui. Segura. Eu deveria ter me lembrado de sua relutância em seguir até mesmo as instruções mais simples.

— Alguma vez foi sua intenção que eu me casasse com ele?

— Não. — inclinou a cabeça e os cantos dos olhos se enrugaram em diversão com a expressão indignada dela. — Oh, não finja que está arrependida. Aposto que estava planejando todos os tipos de esquemas para escapar do casamento, não é? O que ia fazer? Explodir sua capela? Roubar o cavalo dele e fugir pela floresta?

O temperamento de Cara ferveu com a maneira como ele a enganou, fazendo-a acreditar que poderia escapar dele. Ele era tão seguro de si, tão impenitente. Ela cruzou os braços.

— Então o que fará comigo agora? Suponho que seja demais esperar que me deixe voltar a Castelleon e ficar em paz?

— Dificilmente. Seu tio ainda está vivo.

— Certamente ele não é uma ameaça para mim agora? Meu primo está morto. E comprou os mercenários dele.

— Ainda precisa da minha proteção. Lorenzo buscará vingança. Eu garanto.

— Que conveniente. Mas não posso mais pagar seus *serviços*, Milorde mercenário. Não tenho mais nada para dar.

Ele lhe deu um olhar longo e avaliador. — Tem uma coisa.

Ela curvou o lábio. — Tomou minha liberdade, minha honra e minha virgindade. O que mais resta?

— Seu nome — ele disse simplesmente. — Pode se casar comigo.

Cara colocou a mão nas costas da cadeira para se firmar. — O que?

— Mudei de ideia sobre o casamento. Nenhum de seus pretendentes é, bem, *adequado*. — Seu sorriso era irônico. — Sou o único que pode fornecer o que precisa; experiência para derrotar seu tio e tropas para proteger sua casa.

Cara afundou no assento, bastante certa de que suas pernas falhariam se ela permanecesse de pé. — Quer Castelleon — ela disse sem rodeios.

— Isso é certamente um fator na minha decisão.

— E está sendo pressionado a se casar. Precisa de uma aliança com alguém local.

— Isso também é verdade — ele concordou com uma calma irritante.

— Mas eu não quero me casar contigo.

Ele lhe lançou um olhar de pena, como se ela fosse uma simplória. — Claro que não. Ninguém *quer* se casar. Pelo menos, ninguém com bom senso. Mas não tem escolha, receio. Precisa de mim. — Seu olhar se tornou derretido e Cara sentiu o calor subir de seu peito até seu rosto. — E me quer. Não pode alegar que não gosta dos meus avanços. — Ele deu de ombros negligente. — Além disso, não estou pedindo sua concordância. Estou lhe dizendo o que vai acontecer. Tem quinze minutos para se arrumar e me encontrar na capela, ou eu mesmo irei arrastá-la até lá. — Ele se levantou e se espreguiçou, então passou por ela até a porta. — E Cara? Nem pense em tentar escapar.

Cara deu um grito de fúria impotente. Ela investiu contra a escrivaninha, pegou a adaga decorativa que ele usava como abridor de cartas e atirou-a nas

costas dele. Ela errou. A ponta se cravou no batente da porta, estremecendo.
Ele nem se mexeu. — Continue praticando, querida! — ele riu.

Capítulo 42



Cara correu pela galeria, resistindo à vontade de bater em alguma coisa pelo caminho. Os retratos que revestiam as paredes sorriam para ela quando passava e ela lhes mostrou a língua. Era uma atitude infantil, mas a fazia se sentir melhor.

Aquela besta arrogante! Ele a havia encurralado em um canto do qual nem mesmo ela - a mestra da evasão - conseguia ver uma saída.

Por um lado, não queria nada mais do que se casar com ele, nem que fosse para tornar sua vida um inferno pelos próximos quarenta anos ou mais. Ele poderia pensar que queria uma socialite insípida e com cérebro de ervilha, mas ficaria entediado com alguém assim em uma semana. Enviaria a pobre moça para visitas prolongadas à família ou para viagens de compras no exterior e essa pobre moça seria estúpida demais para perceber que estava sendo negligenciada. Ele precisava de uma mulher como ela para mantê-lo alerta.

Por outro lado, havia centenas de razões pelas quais se casar com ele seria uma péssima ideia. Até porque ela estava terrivelmente, inescapavelmente, apaixonada por ele.

Por que ele mudou de ideia sobre o casamento? Ela duvidava que fosse por causa de suas habilidades inexistentes para fazer amor. Ele experimentou o melhor que a Europa tinha a oferecer. Seu desempenho escasso dificilmente poderia ser comparado favoravelmente, apesar de seu entusiasmo ingênuo.

Era, como ele afirmou, puramente prático? Ele estaria ganhando um portal para as rotas comerciais de seus navios e uma fortificação taticamente importante em Castelleon. Ele teria uma anfitriã e castelã em sua casa, para não mencionar uma parceira de cama regular sempre que estalasse os dedos. Ela não imaginou que poderia segurá-lo por muito tempo nessa frente.

Mas ele não precisava se *casar* com ela para conseguir essas coisas. Ele poderia mantê-la solteira, até que se cansasse dela.

Uma pequena parte teimosamente romântica de sua alma sussurrou que ele estava fazendo isso porque a *queria*. Que uma parte dele, talvez enterrada tão fundo da qual nem *ele mesmo* era ciente, a reconhecia como sua companheira perfeita.

Cara meneou a cabeça diante de sua própria estupidez. Um desejo irracional não era suficiente para basear o resto de sua vida.



Renata a ouviu com a boca aberta. — Casar-se? Agora mesmo?

Cara assentiu e se jogou na cama.

Renata lutou para se sentar. — Mas os casamentos precisam de meses de preparação.

— Eu sei! Beatrice d'Este me descreveu o casamento de sua irmã; fizeram

uma procissão, uma festa, danças. Fogos de artifício. Seu marido até deu a ela um cavalo branco puro como presente de casamento. — Ela fez uma careta. — Sabe o que *del Sarto* está me dando? Quinze minutos!

Renata deu tapinhas na mão dela. — Ele não tolerará uma recusa. Eu o conheço. Uma vez que decide fazer algo, nenhuma força no céu ou no inferno pode detê-lo.

Cara enterrou o rosto nas mãos e soltou um gemido sincero.

— Vamos, ele não é tão ruim assim. — O tom de Renata era persuasivo. — É rico. Forte. Saudável. Boa aparência. Se eu fosse vinte anos mais jovem, eu mesma o teria!

— Pode ficar à vontade com ele! Ele só está fazendo isso para colocar as mãos em Castelleon.

Renata riu. — Veja pelo lado positivo - nunca lhe faltará paixão. — Ela deslizou até a beirada da cama e plantou os pés no chão.

Cara olhou para ela horrorizada. — O que está fazendo? Tem que ficar na cama.

Renata afastou as mãos. — E deixar de vê-los se casando? Sem chance! Chame Neroni aqui em cima. Ele pode me carregar até a capela. Precisarão de testemunhas de qualquer forma.

Cara deu uma olhada pela janela para ver se a Castanheira-da-índia havia crescido milagrosamente da noite para o dia. Não tinha. Abriu a porta e mandou um dos criados buscar Francesco.

Renata apontou para um baú na parede. — Pia enviou seu novo vestido para eu ver.

Com uma sensação crescente de desgraça, Cara vestiu o vestido. O caimento era perfeito; uma seda azul-claro que se agarrava a todas as suas curvas e reentrâncias. Renata chamou-a para perto de si e ajeitou as mechas soltas do cabelo de Cara sobre seus ombros.

— Aí, adorável. Deve sempre usá-lo solto assim. Agora me dê essas flores. — Ela prendeu alguns ramos de jasmim nas mechas. As pétalas exalaram um perfume estonteante quando Cara se virou para estudar seu reflexo.

O corte na linha do cabelo parecia pior do que ela esperava; a área ao redor já estava ficando verde e roxa com hematomas. Pelo menos não estava com um olho roxo no dia do casamento, pensou ela, com um súbito humor negro. Isso teria colidido terrivelmente com o vestido.

Francesco entrou e sua expressão escureceu quando viu Renata se sentando.

— O que está fazendo? Volte para a cama, mulher!

Renata riu. — Adoro quando fica todo magistral, Neroni!

— Que bobagem é essa sobre descer as escadas?

— Pare de se preocupar. Quero que me leve para a capela. Cara e Alessandro vão se casar.

Francesco assentiu, aparentemente sem se surpreender com a notícia.

Renata acenou para ele. — Vamos, seu bode velho. Me pegue. Se ainda

tiver forças, claro.

O rosto de Francesco suavizou quando a olhou.

— Eu poderia carregá-la até os confins da terra — ele disse ríspidamente.

Renata realmente corou.

Sua brincadeira fácil fez o coração de Cara apertar em desejo melancólico. Eles lutariam assim pelo resto de suas vidas, alimentando-se da inteligência um do outro, provocando e amando ao mesmo tempo. Apesar da arrogância de Francesco, a gentileza com que segurava Renata em seus braços era uma ampla evidência do que sentia por ela.

Se ela pudesse encontrar a mesma coisa com *del Sarto*.

Capítulo 43



Encontraram-na na entrada da capela.

Del Sarto também havia trocado de roupa; Cara estreitou os olhos. Seus ombros eram contornados por uma túnica de veludo justa e uma calça preta se agarrava a suas longas pernas com uma fidelidade quase indecente. Apenas o branco surpreendente de sua camisa aliviava a escuridão.

Ele desembainhou a espada e a apoiou contra a parede perto da porta, em surpreendente deferência ao ambiente, mas Cara não cometeu o erro de acreditar que ele havia se deixado indefeso. Provavelmente tinha mais dez facas escondidas em sua pessoa. O homem era um arsenal ambulante.

Ela olhou para a porta da capela, em seguida, de volta para seu algoz. — Não tem medo de entrar em um portal tão sagrado?

Seus lábios se contraíram. — Rezando para que eu seja atingido por um raio ao pisar em solo sagrado? Não tem tanta sorte. — Ele ofereceu o braço.

Ela ignorou. — Vamos acabar logo com isso.

— Com pressa, querida?

— Dificilmente. Na verdade, se quisesse esperar um pouco - quinze ou vinte anos, por exemplo - eu ficaria mais do que feliz em atendê-lo.

Seus olhos escuros brilharam. — Oh, me *atenderá*, milady. Essa noite. Como minha esposa.

Cara empurrou a porta para evitar responder e ofegou ao reconhecer a figura curvada esperando no altar. — Fra Andreo! — Ela correu pelo corredor estreito e foi para os braços do velho que era tão querido para ela quanto seu próprio pai tinha sido. — O que está fazendo aqui? Estou tão feliz em vê-lo! Como está Castelleon? Todos estão bem? Como está Bianca? E Heitor?

O Abade riu, segurando-a com os braços estendidos. — Uma pergunta de cada vez! — ele repreendeu. — Sempre tão impaciente! É bom vê-la viva e ilesa, minha filha. — Ele deu um beijo benevolente em sua testa. — Milorde *del Sarto* me pediu para realizar sua cerimônia de casamento. Acho uma excelente ideia.

Cara ofegou com a deserção de seu velho amigo. Ela tinha certeza de que ele se oporia em seu nome.

— Mas eu não *quero* me casar com ele! — ela sibilou.

Fra Andreo deu um aperto tranquilizador em suas mãos e baixou a voz.

— Este homem pode protegê-la, e a Castelleon, melhor do que ninguém, Cara.

Cara reconheceu a verdade de suas palavras, mesmo quando seu coração gritou em negação. Tudo sobre esta situação estava *errado*. O casamento não devia ser governado por conveniência política. Ela mordeu o lábio enquanto as lágrimas ameaçavam. Ela *não* choraria.

A situação seria engraçada se não fosse tão terrível. O cosmos parecia ter

guardado sua piada mais cruel para ela. Certamente um casamento com apenas *um* dos participantes apaixonados era pior do que um sem emoção de nenhum dos lados. Não havia sequer esperança de mudança futura. *Del Sarto* podia desejá-la fisicamente, mas deixou bem claro que era imune - e totalmente não receptivo - a quaisquer sentimentos mais profundos.

Renata e Francesco sentaram-se na primeira fileira de bancos e estavam assistindo ao espetáculo com grande expectativa. Fora isso, a capela estava vazia.

Interpretando o silêncio de Cara como consentimento, ou pelo menos não como objeção direta, o abade Andreo voltou-se para *del Sarto*.

— Isso realmente deve ser feito por um notário. Não realizo uma cerimônia de casamento há anos. Não há muitos apelos para eles no mosteiro. — Ele riu de sua própria piada, apalpou os bolsos e retirou um pequeno livro encadernado em couro. — É melhor fazer isso corretamente. Primeiro as negociações do casamento. — Ele deu a *del Sarto* um olhar de expectativa. — Algum presente para a noiva? Joias? Roupas? Móvel?

Del Sarto negou.

— É costume dar *alguma coisa*, Milorde — Andreo incitou. — Tal como um cinto de noiva? — Ele se virou para Cara. — O cinturão nupcial tem uma história fascinante. Ele é dado em memória do deus Vulcano que presenteou a deusa Vênus com o cestus - um cinto com o poder de inspirar o amor.

— Sem cinto — disse *del Sarto*.

O abade o olhou com reprovação. Cara já havia recebido esse olhar centenas de vezes. Mesmo *não* tendo culpa, sentia-se como se tivesse. Aparentemente, funcionou com *del Sarto* também, porque ele ergueu as mãos em súbita derrota.

— Oh, tudo bem — ele rosnou. — Ela pode ter um, se quiser. — Ele estendeu a mão até a cintura, desafiou o próprio cinto e o empurrou para ela.

Cara olhou para o item ofensivo como se ele estivesse doente. O couro estava desgastado até ficar com um brilho suave e marcado com cortes pálidos de uma vida inteira de luta. A adaga embainhada o puxava para baixo em um dos lados. Estava muito longe de ser a bela cinta de veludo que ela havia imaginado.

Ele permaneceu imóvel como uma estátua enquanto *del Sarto* envolvia seus braços em torno de sua cintura e o afivelava. Ele deslizou para baixo, sobre seus quadris. Mesmo no menor encaixe, recusava-se a ficar firme. Perdendo toda a paciência, ele amarrou as pontas em um nó enorme e desajeitado.

Fra Andreo sorriu. — Pronto. Agora, presumo que nenhum dos dois saiba algum motivo pelo qual não devam se casar, certo?

Cara respirou fundo, pronta para listar uma série de razões, mas *del Sarto* a impediu.

— Nenhum.

— Alguém mais? — O Abade olhou para a congregação de dois, ignorando o grito de aborrecimento de Cara. — Alguém aqui presente tem alguma objeção?

Il Diavolo olhou por cima do ombro. Francesco sorriu e abriu a boca, mas uma olhada no rosto de seu mestre o fez mudar de ideia.

— Não, absolutamente não. Casal perfeito, esses dois.

O Abade sorriu beatificamente. — Bom, bom. E não está casada ou noiva de mais ninguém, está?

O coração de Cara se iluminou com essa rota de fuga inesperada. — Sim! Prometi me casar com o duque de Parma!

Del Sarto virou de volta.

— Não, não prometeu. — Ele se virou para o abade. — Ela não está.

O Abade ignorou o olhar venenoso que a noiva lançou ao noivo e continuou. — Excelente. Agora precisamos discutir o dote da dama.

— Ela traz a fortaleza de Castelleon, suas rendas e conteúdo. É isso.

Andreo olhou para seu livro de orações, franzindo a testa enquanto lutava para ler o pequeno texto na penumbra. Então colocou a mão de Cara na mão muito maior de *Il Diavolo*. Os dedos de *del Sarto* apertaram os dela com mais força do que era confortável. Ela puxou, mas seu aperto era firme, inevitável.

— Deseja ter essa mulher como sua esposa e amá-la, honrá-la, mantê-la e protegê-la, na saúde e na doença, como um marido deve fazer com sua esposa, e evitar todas as outras mulheres, exceto ela, enquanto durar sua vida?

Cara ergueu a sobrancelha para a parte do "evitar todas as outras mulheres". Ele que tente se esquivar dessa.

Del Sarto estava olhando-a, sua expressão enigmática. — Eu aceito.

— E Cara, a mesma pergunta é feita à mulher, só que em vez das palavras "mantê-lo e protegê-lo", substitui-se pela frase "obedecer e servir".

Isso chamou a atenção dela. — Obedecer e servir?!

Del Sarto interrompeu novamente, desta vez com um leve sorriso. — Ela pode repetir a parte do homem, Abade Isso será suficiente. — Vendo que Cara estava prestes a discutir mais, ele abaixou a cabeça. Seu hálito acariciou o cabelo perto da orelha dela. — É próximo o suficiente do voto de fidelidade que já fez. Diga-o. — Ele aumentou o aperto em sua mão. Sob a proteção do vestido, ela pisou no peito do pé dele e o encarou.

— *Precisamos* do consentimento da noiva. Aceita-o de bom grado, minha querida? — Os olhos de Andreo eram tão gentis que Cara queria chorar. — Pense bem antes de responder. Se *realmente* não deseja se casar com este homem, posso ajudá-la.

Del Sarto franziu a testa para o Abade, mesmo enquanto se dirigia a ela. — Precisa de mim.

— Precisamos de consentimento voluntário, milorde. — Andreo repetiu. — Sem coerção. Deseja ter esse homem como seu marido?

Capítulo 44



Ela ainda poderia recusar. Não era tarde demais.

Cara fechou os olhos. É claro que era tarde demais. Olhou de relance para o vitral acima do altar, como se uma resposta viesse até ela por meio dos vidros ricamente coloridos. Sob o brasão do *Il Diavolo*, reconheceu uma passagem da Bíblia: “O Senhor é a minha rocha e a minha fortaleza; meu libertador, a minha força, em quem confio; o meu escudo, e a força da minha salvação”.

Só *del Sarto* poderia encomendar algo bélico, mesmo em uma igreja.

Em alguma parte distante de seu cérebro ainda em funcionamento, ouviu-se dizer: — Sim.

— Eu, Alessandro Rafael *del Sarto* entrego-lhe meu corpo, Cara Elisabetta di Montessori, em matrimônio leal.

O Abade virou-se para ela. — Agora diga: ‘E eu recebo’.

Sua língua formou as palavras.

— Tem um anel?

Del Sarto retirou o grosso anel de ouro de seu próprio dedo. Deslizou-o facilmente sobre a junta de seu dedo, ainda quente com o calor da pele dele. Incapaz de encará-lo, Cara estudou o anel e, pela primeira vez, notou as palavras gravadas em cada lado do brasão que era seu selo. “*Quis est mei ego servo*”. *O que é meu, eu mantenho*. Agora ela era dele. Será que ele a manteria, como havia prometido?

— Agora repita depois de mim. “Com este anel eu te desposo, com este ouro eu te presenteio, com meu corpo eu te adoro.”

Del Sarto repetiu as palavras do padre.

Como poderia ser tão simples? Como uma coisa tão importante - casamento, uma vida inteira - podia ser feita com tão poucas palavras? Tudo tinha um ar de irrerealidade onírica, exceto pela forte pressão de seu braço contra a costela dela. Sua carne contra a dela. Cara estremeceu.

O Abade sorriu, claramente aliviado por ter feito sua parte sem contratempos.

— O estágio final é a noite de núpcias. — Ele olhou desculpando-se para Cara. — De acordo com a lei, o cônjuge da noiva só pode cobrar *metade* do dote até que o casamento seja consumado. — O velho realmente corou.

Del Sarto lhe lançou um olhar fervente sob as sobrancelhas. — Oh, não tenha medo quanto a isso, padre. É isso?

— Bem, acho que é comum um amigo do noivo dar tapinhas nas costas dele para gravar esse momento em sua mente para sempre — disse Andreo.

— Essa é a minha deixa! — Francesco avançou e deu um soco forte em *del Sarto* no ombro machucado. — Isso deve resolver. Não vai esquecer este dia tão depressa!

Del Sarto puxou Cara para ele, agarrou seu queixo e reivindicou sua boca

em um beijo descaradamente carnal, considerando seu ambiente eclesiástico. Ela o atingiu no braço em uma tentativa de parar o sacrilégio flagrante, mas ele a ignorou e só quebrou o beijo quando o Abade fechou seu livro de orações com um estalo de desaprovação.

Del Sarto lhe lançou um olhar breve e presunçoso.

Francesco deu um passo à frente e limpou a garganta. — Já que está com vontade de realizar casamentos, padre, gostaria que o senhor me casasse com a Renata.

O guincho de Renata deixaria uma peixeira verde de inveja. — *O que, Nero?! Não pode estar falando sério!*

Francesco olhou para ela. — Eu conheço minha própria mente, mulher. Não estou senil.

— Não quer se casar com uma inválida!

— Eu quero. Vou tirar o máximo proveito de seu estado enfraquecido. Não tem forças para resistir a mim. Agora, aceita ou não?

Renata deu um longo suspiro de sofrimento. — Ah, tudo bem. Mas só porque finalmente me cansou, depois de anos implorando.

Francesco coçou a barba para esconder o sorriso. — Claro.

— Eu estou uma bagunça completa! — Renata protestou, levando as mãos ao cabelo. — Poderia ter me avisado, seu idiota!

Francesco pegou a mão dela e seu sorriso era doce e seguro. — Mulher, ainda seria bonita se estivesse cheia de peste. Pare de dar desculpas. — Seu sorriso se tornou perverso. — Além disso, não será inválida para sempre. Quero que recupere sua saúde o mais rápido possível. Pense em mim como sua motivação para melhorar.

Renata soltou um gritinho quando ele a pegou nos braços e a carregou até o altar onde o Abade esperava.

Cara piscou para conter as lágrimas enquanto eles repetiam seus votos. Era assim que um casamento de verdade *deveria ser*. Uma parceria de afeto mútuo e amor. Era quase embaraçoso observar enquanto se olhavam nos olhos um do outro. Renata riu como uma debutante quando Francesco passou a mão pelo traseiro dela e deu um aperto brincalhão no momento em que o Abade terminava seu discurso.

Cara não pôde evitar uma fungada deprimente. O contraste com sua própria união não poderia ser mais marcante. Ela se recusou a olhar para o homem tão alto e rígido ao seu lado.

Il Diavolo. Marido dela.

O que diabos ela tinha feito? Ela se casou com o próprio Diabo.

Dez minutos depois, *del Sarto* atravessou o castelo com a mão de Cara firmemente entrelaçada na sua.

— Onde estamos indo? — ela ofegou, correndo para manter o ritmo.

— Para meus aposentos.

Ela não fingiu confundir seu propósito. — Está no meio do dia!

Ele a olhou com um ar divertido, “como se isso importasse”.

— Não há necessidade disso! — Ela sacudiu o pulso em sua mão. — Nós já ... consumamos!

— Não desde que nos casamos. Temos que oficializar.

— Só quer ter direito legal a *tudo* o meu dote, não apenas a metade!

Sua resistência não a estava levando a lugar nenhum. Eles subiram as escadas e viraram a esquina. Os dois guardas ficaram atentos.

— Desçam — *del Sarto* abriu a porta de seu quarto, puxou-a por ela e fechou-a atrás deles com o calcanhar.

— Se parar e pensar por um minuto, *del Sarto*...

— Alessandro — ele corrigiu laconicamente. — Use meu nome de batismo, pelo amor de Deus.

— Tudo bem, *Alessandro*, se...

— Pensando bem, não diga nada!

Cara abriu a boca para argumentar, mas ele a empurrou contra a parede, emoldurou seu rosto com as mãos e reclamou seus lábios com os dele.

Seu beijo era um encanto. Ela lutou contra a atração, mesmo enquanto se sentia deslizando para a escuridão. Ele emaranhou os dedos pelo cabelo dela, desfazendo o penteado cuidadoso de Renata em sua pressa. O perfume inebriante de jasmim envolveu os dois enquanto ele esmagou as pétalas sob as palmas das mãos.

O desejo faiscou entre eles, quente e brilhante. Línguas de fogo percorreram seu sangue. Cara levantou as mãos e apertou a camisa dele para afastá-lo, mas acabou puxando-o ainda mais para perto.

Ele agarrou seus ombros, girou os dois e a empurrou para a cama, seguindo-a para baixo. A aspereza urgente dele fez com que ela sentisse uma emoção intensa e as palavras do vitral da capela voltaram à sua mente: *minha rocha e minha fortaleza, minha força e meu escudo*. Ele era tudo isso e muito mais. A força do que estava sentindo a fez sofrer. Era mais do que luxúria. Mais do que paixão. Como poderia tanto amor não ser correspondido? Como ele poderia beijá-la assim e não sentir nada? Seu coração palpitava em antecipação, mas a sanidade exigia uma audiência.— Precisamos conversar!

Ela se contorceu debaixo dele e tentou rastejar pela cama, mas ele pegou seu tornozelo e a virou de costas novamente.

— Não. Chega de falar. — Ele montou sobre ela, suas coxas prendendo seus quadris, suas mãos prendendo seus pulsos acima de sua cabeça.

Cara olhou-o, ofegante pelo esforço. — Isso não é maneira de se comportar! Me solte. Se vamos continuar casados, precisamos estabelecer algumas regras básicas...

Ele deu um beijo em sua clavícula.

— Pare com isso! Não pode simplesmente me encher de beijos toda vez que quiser evitar uma discussão importante!

Ele aproveitou sua admissão não intencional.

— Eu a confundo, não é? É bom saber disso. Vamos ver se consigo fazer de novo.

Ela se esquivou, afastando-o com uma das mãos.— Não é tarde demais para admitir que isso foi um erro.

— Eu não cometo erros.

— Ainda podemos obter uma anulação.

— Nunca.

— *Por que se casou comigo?*

— Não importa por quê — ele evitou, recapturando-a e descendo para morder seu seio através do tecido de seu vestido. — Está feito.

Cara mordeu o lábio para evitar um gemido. — Claro que importa!

Seus lábios estavam fazendo coisas perversas e sua mão deslizou sob suas saias para acariciar sua coxa nua. Cara apertou as pernas juntas, lutando contra a rendição que estava se esgueirando por seu corpo ao toque dele.

— Apenas fique quieta e aproveite — ele murmurou.

A fúria surgiu para substituir sua languidez anterior. Ele ainda a estava manipulando, contando com seu desejo para distraí-la e evitar as discussões que precisavam ter. Cara fechou o punho e se arqueou para atingi-lo, mas ele se esquivou do golpe com facilidade. Sentiu uma corrente de ar frio quando ele rolou para fora da cama em um movimento fácil.

Ele se levantou, com as mãos nos quadris, e a olhou. — Deus, *mulheres!* Do que se trata realmente?

Em sua raiva, Cara agarrou a menor e menos significativa de suas queixas.

— Esse casamento inteiro foi uma farsa!

Suas sobrancelhas se juntaram em uma linha preta contínua. — Foi legítimo. O que mais queria? — A amargura aguçou seu tom para um de precisão cortante. — Não me diga! Um cavalo branco e flores e um banquete à luz de velas?

— Sim! — Ela gritou, furiosa com a precisão de seu ataque. — O que há de errado com isso? *Toda* mulher quer isso no dia do casamento!

— É uma besteira romântica e não conseguirá isso de mim. Tem o que queria: minha proteção permanente para seu precioso Castelleon.

Ela respirou furiosamente. — O que eu *quero* é um marido que me veja como algo mais do que uma forma de ganhar uma terra estrategicamente valiosa!

Alessandro abriu a boca, mas ela continuou. Uma fúria incandescente pulsou em suas veias e fez suas têmporas latejarem.

— Mas o que eu ganhei em vez disso? *Você!* Um bárbaro sem sentimentos, que apenas pega o que quer sem se importar com ninguém!

— Se isso fosse verdade eu já a estaria *possuindo*, ao invés de ficar aqui discutindo! — ele rosnou. Respirou fundo, como se estivesse lutando para se controlar, então recuou. Um músculo palpitou em sua mandíbula, mas quando ele falou sua voz era sedosa. — Parece que estamos em um impasse, esposa. Quer algo que não posso dar. Eu a quero disposta ou não a quero de jeito nenhum.

Ele girou nos calcanhares e caminhou para a porta. A batida do carvalho

atrás dele foi forte o suficiente para fazer as peças de xadrez voarem de uma mesa próxima. Uma rolou pelo chão e parou na bainha do vestido de Cara. Era o cavaleiro branco. A amarga ironia não escapou dela; isso era o mais próximo que ela chegaria de um cavalo branco como presente de casamento.

Silenciosamente, odiando a fraqueza, mas incapaz de parar, Cara começou a chorar. Por ela mesma. Pela perda de todos os seus sonhos estúpidos. Pela bagunça que ela fez de tudo. Mas principalmente pelo fato de estar perdidamente apaixonada por um monstro completo que não a amava de volta.

Cascos retiniam no pátio abaixo. Atravessando a janela, ela observou seu novo marido sair galopando do castelo em Saraceno, a fúria evidente em cada linha tensa de seu corpo.

Capítulo 45



Francesco alcançou Alessandro depois de cerca de oito quilômetros. — Desacelere! Está cavalgando como se o próprio diabo o perseguisse!

— Mais precisamente, uma diaba. Deus, essa mulher é irritante!

Francesco sorriu. — O que aconteceu com a ideia de se casar com alguém quieta, obediente e estúpida, hein?

Alessandro grunhiu.

— Vou lhe dizer uma coisa, ela nunca o deixará entediado. — Francesco refreou para igualar o ritmo reduzido de Saraceno.

Alessandro suspirou. Isso era verdade. Ninguém jamais poderia acusar Cara de ser chata. Engenhosa, espirituosa, espinhosa e exasperante? Sim. Mas nunca chata. *Pequena bruxa*.

Em todos os aspectos de sua vida, ele tinha controle absoluto, exceto em duas áreas: seus pesadelos e *ela*. Podia comandar um exército inteiro com uma única ordem brusca, acalmar uma discussão com um olhar. Mas não tinha nenhuma esperança de domínio sobre ela - uma garota de vinte e dois anos. Ela era ao mesmo tempo uma bênção e uma maldição, como o calcanhar de Aquiles.

Seus inimigos teriam invejado suas habilidades. Ela sabia exatamente como provocá-lo, o comentário ou a piada certa que o fazia ranger os dentes. Deixava-o com a sensação de estar sendo esfregado da maneira errada, como se fosse um veludo acariciado contra a fibra. Não o entendia de propósito, ignorava deliberadamente suas ordens, gostava de desrespeitar sua autoridade. Era irritante, para dizer o mínimo.

E completamente intoxicante.

— Não precisava se casar com ela — insistiu Francesco.

Alessandro olhou para ele. — Nenhum dos outros idiotas pode lidar com ela. Não posso me dar ao luxo de deixar Castelleon cair nas mãos de outra pessoa. Eu...

— ...a amo! — Francesco terminou a frase com um grande sorriso. Ele deu um tapa nas costas de Alessandro com uma risada encantada. — Não fique tão zangado - acontece com o melhor de nós. Contou a ela?

Alessandro dirigiu-lhe um olhar de repulsa. — Está louco? Claro que não! Quando se diz a uma mulher que a ama, pronto. Nunca mais será dono de sua própria casa. Manterão isso sobre sua cabeça, como a espada de Dâmoçles, para sempre.

Francesco sorriu, impenitente. — Tudo bem. Não diga a ela. Salve seu orgulho. Mas somos dois recém-casados, Sandro. Posso pensar em várias coisas *muito* mais agradáveis que preferiria estar fazendo agora a galopar pelo campo em sua companhia. Podemos ir para casa?

Alessandro suspirou. Casa sempre foi um conceito tão estranho para ele.

Não tinha sido a parte inferior de um navio de guerra genovês, onde passou sua juventude chapinhando na água fedorenta do porão, esquivando-se de remos e vigas baixas, engolindo a bile do pânico cego em seus primeiros encontros militares na costa do Mediterrâneo. Também não era sua tenda de campanha familiar, montada em um pedaço de terra diferente a cada poucas semanas, enquanto passava de um confronto para o outro. Tampouco era a opulência ecoante e solitária da Torre di San Rocco.

Pelo menos, não tinha sido, até ela chegar.

Alessandro suspirou em um reconhecimento derrotado. Seu coração já sabia disso há anos. O pai dela sempre soubera.

Casa era onde Cara estivesse.

O que diabos havia de errado com ele? O que estava fazendo aqui, fugindo? Nunca havia desistido de um desafio em sua vida e não ia começar agora.

Francesco indicou uma hospedaria pobre na periferia da cidade.— Venha, eu lhe pago uma bebida e depois nós dois podemos voltar para nossas esposas.



Cara caminhou pelo pátio, amaldiçoando o diabo com quem acabara de se casar. Isso iria definir o padrão de todo o casamento? Ele desaparecendo no momento crítico? Ele se recusando a reconhecer quaisquer sentimentos por ela, exceto luxúria?

Abade Andreo mancou e franziu a testa para o rosto amotinado dela. — *del Sarto* é um homem complexo — disse ele, como se isso fosse uma explicação suficiente. Ele estendeu um pedaço de pergaminho dobrado, selado com a familiar marca de cera do anel de *del Sarto*; o que ela agora usava em seu dedo anular. — Estes são seus documentos de casamento. Deveria lê-los, minha querida.

Cara não se preocupou em quebrar o selo. Em vez disso, os jogou em uma mesa lateral.

— Por que devo me importar? Simplesmente confirmarão que meu marido agora é o proprietário legal de Castelleon. Bem, metade disso, pelo menos. O que mais poderiam...

Um cavaleiro solitário atravessou a guarita, interrompendo sua diatribe. Empoeirado e desganhado, ele caiu na sela, claramente exausto.

— Ettore? — Cara ofegou, reconhecendo-o como um de seus homens de Castelleon.

O jovem praticamente caiu do cavalo e de joelhos na poeira aos pés dela.

— Ettore! O que está fazendo aqui? Está bem?

— Milady! Graças a Deus está aqui! Trago notícias terríveis!

O coração de Cara despencou. — O que é? Meu tio voltou para Castelleon?

— Não. Não há sinal dele desde que ele partiu há alguns dias. Mas o Comandante Sansevero me enviou com toda pressa. — Ele aceitou um copo d'água de um dos criados com um aceno de agradecimento. — Um mensageiro chegou logo depois que seu tio saiu. A princípio, ele disse que só

entregaria a mensagem ao próprio Lorenzo, mas Sansevero o convenceu a deixá-la em suas mãos. Era do rei francês Charles, milady, agradecendo a seu tio por sua futura hospedagem..

O sangue de Cara gelou quando percebeu toda a extensão da traição de seu tio. Ele não era apenas um assassino. Se ele se aliou aos franceses, também era um traidor.

Ettore limpou a boca na manga. — Os franceses estão a caminho agora mesmo. O capitão Sansevero implora que traga *Il Diavolo* e seus homens. Ele disse que não temos chance de defender Castelleon sem a ajuda dele. — O menino fez menção de subir as escadas do castelo. — Onde ele está? Preciso vê-lo imediatamente!

— Ele não está aqui. — Cara corou. — Ele foi... caçar. Não sei quando voltará.

— Os franceses chegarão a qualquer momento! O que devemos fazer?

Andreo puxou Cara de lado para que o menino não pudesse ouvir. — Devemos esperar por seu marido. Tenho certeza de que ele não vai demorar muito mais...

— Não tenho ideia de onde ele foi. Ele pode demorar dias para voltar! — Cara estalou.

— Ele provavelmente não perderá sua própria noite de núpcias, não importa o que possam ter discutido — Andreo riu, em um tom muito terreno para um monge de sessenta e oito anos.

Cara corou. A ideia de uma noite de núpcias com *del Sarto* era o suficiente para fazer seu sangue esquentar, embora o porquê, quando ela já havia se entregado a ele tão completamente, fosse um mistério.

Talvez fosse porque finalmente tornaria seu casamento legal.

Inescapável.

— Eu me recuso a esperar aqui enquanto minha casa está ameaçada. — Ela se virou e se dirigiu a Ettore. — Eu o acompanharei de volta imediatamente.

A cabeça de Ettore caiu sobre os joelhos.

— Demorei dois dias para chegar aqui. Chegaremos tarde demais.

— Não se preocupe. Eu tenho um plano.

Abade Andreo benzeu-se. — Querido senhor! Vindo de sua parte, essas palavras são suficientes para causar calafrios nos ossos de um velho.

Cara ofereceu-lhe seu sorriso mais cativante. Isso a livrou de inúmeras punições quando criança, e não falhou com ela agora.

— Está comigo?

O antigo estudioso suspirou. — Claro. *Alguém* tem que se certificar de que não faça nada muito confuso. Como se matar — ele murmurou sombriamente.

Dez minutos depois, tendo apresentado o plano a uma Renata de olhos arregalados, Cara desceu as escadas e chamou o sargento que ficara encarregado na ausência de Francesco.

— Ouviu dizer que Milorde *del Sarto* e eu somos casados?

O soldado deu-lhe uma reverência rígida. — Claro, milady. O castelo

inteiro sabe. Parabéns.

Ela dispensou suas felicitações, certificando-se de que ele desse uma boa olhada no anel de sinete que usava. Não há problema em invocar a autoridade de *del Sarto* em seu nome. Casar-se com o bruto tinha que ter *algumas* compensações.

— Devo retornar a Castelleon imediatamente. Por favor, prepare cinquenta de seus melhores homens para me acompanhar imediatamente.

O homem franziu a testa. — Mas Signorina di Montessori, quero dizer, Signora *del Sarto*, ele não pode ter ido longe. Deixe-me enviar um dos homens para encontrá-lo...

Cara o encarou com um olhar altivo. — Não tenho tempo para discutir. Se Milorde souber de seu atraso em me ajudar, *não* ficará satisfeito... — Ela deixou a frase pairar entre eles para um efeito dramático completo.

O sargento empalideceu com essa perspectiva sombria e assentiu. — Sim milady. Imediatamente.



Quando as torres de San Rocco desapareceram em uma curva do rio, Cara tentou livrar-se da sensação de que estava fugindo. Observou os homens que havia “*pegado emprestado*” se acomodarem, resmungando, no casco do barco, depois virou-se para verificar as outras embarcações que os seguiam.

Formavam uma estranha frota; havia se apoderado de quase todas as embarcações em San Rocco, de barcos de pesca a barcas comerciais, abusando descaradamente de sua nova posição como senhora da fortaleza. A notícia de seu casamento havia claramente se espalhado pela cidade como um incêndio, pois os habitantes praticamente se atropelaram para oferecer seus barcos, por mais inadequados que fossem, desesperados para não ofendê-la e, por procuração, ao seu senhor e mestre.

Sentou-se em um suporte de madeira e olhou para Andreo. — Sei o que está prestes a dizer. Que eu deveria ter esperado por ele. Mas não tenho ideia de quando voltará. *Não posso* ficar parada e deixar que alguém destrua minha casa e machuque as pessoas que amo.

Apesar de sua demonstração externa de determinação, Cara não tinha ideia se havia tomado a decisão certa. O que *del Sarto* pensaria quando voltasse? Ele seguiria com o resto de seus homens, como ela havia pedido no bilhete rapidamente rascunhado que deixou?

Uma pontada de amargura apertou seu peito. É claro que ele viria. Castelleon foi a razão pela qual ele se casou com ela, não foi? Mesmo que não sentisse nenhum afeto pessoal por ela, ele não permitiria que outro homem tomasse Castelleon. O que é meu, eu mantenho. Ela se virou para estudar a margem do rio quando seus olhos começaram a arder.

O abade esfregou suas costas. — Calma, filha, ele não precisa de suas lágrimas.

Cara limpou o nariz com a manga o mais discretamente possível.— Eu *não* estou chorando!

— Realmente? Seus olhos estão vermelhos.

— São as flores. — Ela golpeou as últimas pétalas de jasmim murchas que ainda estavam grudadas em seu cabelo desganhado. — O jasmim sempre me faz fungar.

O Abade assentiu e sabiamente guardou seu conselho.



Os nós dos dedos de Alessandro empalideceram nas rédeas de couro. Duas linhas delimitavam sua boca. — Diga de novo? Ela *voltou para Castelleon*?

A jarra de cerveja que ele e Francesco tinham compartilhado havia reduzido seu temperamento a um ponto brando. A seguinte o abrandou ainda mais. Voltou para San Rocco com uma rara sensação de entusiasmo, antecipando a noite seguinte, preparado para acalmar as objeções de Cara da maneira mais prazerosa possível - apenas para descobrir que a bruxinha com quem se casou havia fugido - e levado metade de seus melhores lutadores com ela!

— Prepare o resto dos homens — rosnou.

— Sim, Milorde. Vamos atrás dela?

— Claro que vamos atrás dela. E desta vez eu realmente vou bronzear seu traseiro. Ela merece isso desde os dezesseis anos de idade. Eu disse ao pai dela que nunca batia nela o suficiente quando era criança.

— Vamos de barco?

Alessandro odiava barcos. Passou a maior parte de três anos em um, e essas eram algumas das piores lembranças de toda a sua vida. Na verdade, jurou nunca mais pisar em um. Mas ele teria feito isso por *ela*. Infelizmente, o tempo estava contra eles. Seu estômago se apertou ao pensar em Cara em perigo.

— Não. Ela levou até a última coisa que flutua. Pegaremos a passagem de Fiesole.

Francesco ergueu as sobrancelhas espessas. — É uma jornada difícil. É melhor esperar que a neve tenha diminuído.

Alessandro deu de ombros. — Os homens precisam de um desafio. Estão sentados ociosos há muito tempo. Vamos.

Capítulo 46



Cara engoliu um nó de emoção quando o amado contorno de Castelleon apareceu no horizonte. Examinou os prédios em busca de vestígios de danos, mas tudo parecia exatamente como no dia em que ela havia partido.

Sentia como se tivesse sido há uma vida inteira. Era uma criança inocente e assustada quando partiu. Agora se tornara a esposa de um dos homens mais poderosos da Itália. E não era mais inocente.

Era difícil não comparar o lugar com a Torre di San Rocco. Castelleon era muito menos imponente. Seu olhar crítico notou todas as coisas que precisavam ser melhoradas, coisas sobre as quais havia importunado seu pai quando ele ainda estava vivo. Agora, todos esses problemas *eram dela*. Dela e do marido.

O barco bateu na margem rochosa do rio e o barulho de garras interrompeu seus pensamentos. Uma bola peluda disparou na esquina de um arbusto e se lançou contra seu estômago.

— Hector! — Cara mal conteve as lágrimas quando seu antigo cão se jogou sobre ela em êxtase, quase a derrubando. Coçou suas orelhas e enterrou o rosto em seu pelo duro e ele choramingou de prazer, seu rabo ossudo batendo contra suas pernas. Ele não era o animal mais bonito; seu pelo áspero se projetava em tufo aleatórios como se tivesse sido atingido por um raio, mas ela o tinha desde filhote e o amava muito.

— Milady! — Giacomo Sansevero, o segundo em comando de seu pai, avançou e agarrou-a pelos braços. — Temíamos que estivesse morta, como seu pobre pai, que Deus o tenha! — Ele beijou suas bochechas e olhou com expectativa por cima do ombro. — *Il Diavolo* está aqui?

— Ele não está.

O rosto do comandante caiu. — Ele não estava em San Rocco quando eu saí — disse Cara. — Mas eu trouxe cinquenta de seus homens comigo.

Ela decidiu não anunciar o fato de que se casou com o homem. Não era relevante para sua situação atual e quanto menos pessoas soubessem sobre aquela *farsa* lamentável, melhor. Ela pediu segredo ao Abade Andreo. — Aceitará *minha* liderança, como fez com meu pai?

Sansevero olhou-a avaliativamente e assentiu. — Claro, milady. Por aqui.

Entraram nas muralhas do castelo pelo portão do rio e subiram pela parte externa até as ameias. Cara olhou para o horizonte, mantendo-se bem afastada da queda vertiginosa.

A cidade estava espalhada diante deles, uma profusão de cores e atividades. Os alegres tons pastéis das casas que desciam até o porto em forma de lua crescente pareciam incongruentes, considerando o grave perigo que estavam enfrentando. Os comerciantes vendiam seus produtos nas ruas estreitas e nas praças, gritando para os transeuntes. Grupos de lavadeiras se reuniam na

ponte e trabalhadores nos terraços cuidavam dos limoeiros e das oliveiras que se alinhavam como fileiras, de soldados nodosos e curvados. De forma constante, as cigarras chilreavam. Tudo parecia tão pacífico.

O estômago de Cara se remexeu de ansiedade.

— Milady, olhe! — Sansevero apontou para o mar e Cara protegeu os olhos contra o sol baixo. Com certeza, uma frota de navios apareceu no horizonte, crescendo mesmo enquanto observava. Fez uma contagem rápida e seu coração afundou. Muitos.

— Quanto tempo até que estejam aqui?

Sansevero semicerrou os olhos. — Duas horas, talvez menos. O que devemos fazer?

Toda a sua vida a preparou para este momento, mas agora que estava aqui, sentia-se como uma garotinha assustada. Engoliu em seco, o peso da responsabilidade sobre seus ombros.

— Esta fortaleza nunca caiu nas mãos de invasores, e serei amaldiçoada se isso acontecer agora. Esvazie a cidade. Traga todos para dentro do pátio. Os franceses esperam que Lorenzo os receba, então pegue um punhado de homens e encontre-os no porto. Então conduza-os até aqui.

Os olhos cinzentos do velho soldado eram inabaláveis. — Devo preparar os homens para uma luta?

Cara engoliu em seco. — Sim. Mas eu rezo para que não chegue a isso. Talvez eu possa negociar.

Sua própria desesperança ecoou no olhar incrédulo do capitão.

— Eles não terão nenhum incentivo para sair, uma vez que estejam aqui — disse ele.

— Eu sei. Mas teremos a vantagem da surpresa.

— Haverá muitos deles, milady. Se eles romperem os muros...

— Acha que devemos nos render *sem* lutar? — Cara exigiu.

Sansevero deu de ombros.

Cada célula de seu corpo a incitava a defender seu lar, mas fazer isso arriscaria a matança de pessoas inocentes. Eram cidadãos e trabalhadores da cidade, não soldados endurecidos pela batalha como os homens de *del Sarto*. Talvez uma rendição sem sangue *seja* o curso de ação mais sábio? Exceto que não havia garantia de segurança, mesmo assim. Não havia nada que impedisse os franceses de assassinar, violar e pilhar uma vez que estivessem no controle. *Del Sarto* disse isso ele mesmo; ninguém joga limpo na guerra.

Oh, Deus, o que deveria fazer?



Cara baixou a cabeça ao entrar na pequena capela da família. Uma única vela queimava no altar e o ar cheirava a incenso e flores. Seus passos vacilaram quando se aproximou do enclave onde sua mãe e, mais recentemente, seu pai foram enterrados. Uma estranha sensação de paz a invadiu quando parou ao lado da tumba. Lá estavam, lado a lado, juntos agora para sempre.

O próprio sarcófago era uma obra de arte. Passou os dedos sobre o mármore frio. Seu pai não poupou despesas para sua amada esposa e contratou o pedreiro para esculpir sua própria imagem ao mesmo tempo. Agora sua figura reclinada estava ao lado dela, capturada, parecendo anos mais jovem do que os sessenta e dois que ele tinha quando morreu; um companheiro adequado para a bela mulher ao lado dele. Pareciam tão pacíficos; mãos cruzadas na cintura, cabeças apoiadas em almofadas de mármore esculpido.

Ela queria isso, Cara percebeu de repente. Um amor maior até que a morte. Mordeu o lábio quando a culpa e o desespero a dominaram. Ela também havia prometido a *del Sarto* 'até que a morte nos separe'.

Gerações de Montessori foram enterradas aqui. Centenas de anos de esperanças e sonhos, lutas e tristezas, sucessos e derrotas. Cara extraiu força de sua presença silenciosa, a solidez da história que a cercava. Estes eram seus ancestrais. Não viveram e morreram apenas para que ela pudesse perder tudo. *Não* entregaria seu legado a alguns novatos franceses, assim como não o entregaria a seu tio ganancioso. Ela lideraria pelo exemplo. E se isso significava dar sua vida para defender seu lar, que assim fosse.

Beijou rapidamente na testa de pedra de seu pai e saiu da capela. O pátio era uma massa fervilhante de pessoas, todas se empurrando e gritando. Os homens correram para vestir suas armaduras e pegar as armas enquanto as mulheres conduziam as crianças para a segurança do próprio castelo. Animais esvoaçavam e corriam, aumentando a sensação geral de confusão.

Cara subiu para seu quarto e tirou sua própria armadura do baú ao pé da cama. O pai concordou relutantemente em deixá-la fazer isso quando percebeu que estava falando sério sobre acompanhá-lo na cruzada. Como a armadura tradicional de metal era muito pesada, ela escolheu um peitoral de couro. Não resistiria a um golpe direto de flecha ou impediria uma lâmina bem afiada, mas poderia moderar o golpe o suficiente para salvar sua vida.

Um grito ecoou da torre de vigia quando descia os degraus da frente e seu coração disparou em pânico. Ela correu até as paredes externas.

— Milady. Soldados! No portão oeste.

— O que? Achei que tivéssemos mais tempo ...

O soldado parecia confuso. — Não os franceses, milady. *Il Diavolo*.

A mão de Cara foi para sua garganta. — *Del Sarto*? Tem certeza?

Ele apontou por cima da parede.

— Veja por si mesma.

Ela foi até o parapeito. Pelo menos duzentos homens estavam se aproximando, formando seções retangulares bem-organizadas. Um porta-estandarte erguia um brasão familiar, uma tocha flamejante em um solo negro, e seu coração falhou uma batida.

Um cavaleiro se separou da massa e cavalgou em direção ao portão. Um capacete preto obscurecia seu rosto, mas a figura alta era inconfundível - mesmo que não estivesse montado em Saraceno. Ele parou e esperou,

infinitamente paciente, até que um dos homens dela se aproximasse dele pelo portão.

Cara piscou. Será que ele era real? Talvez o tivesse evocado com seu desejo inquieto. Talvez isso fosse possível. Certamente, um desejo tão forte poderia ter sua própria magia e atração. *Como diabos ele havia chegado tão rápido?*

Ela havia pegado todos os barcos disponíveis em San Rocco, portanto era impossível que tivesse vindo pelo rio, e a rota por terra levava no mínimo dois dias de viagem. O homem *era* realmente o diabo ao qual chamavam. Até mesmo o tempo e a distância se curvavam à sua vontade.

Ele usava trajes de batalha completos. Ao contrário de seus homens, que usavam cota de malha de aço prateado, sua armadura era de um preto sinistro, do capacete ao escudo. Era extremamente intimidadora, mesmo a essa distância, como sem dúvida era para ser. Seu estômago se revirou.

O soldado a olhou, questionando-a. — Milady, vamos abrir os portões?

Ela assentiu. — Abaixar a ponte levadiça.

Capítulo 47



Um silêncio repentino se abateu sobre o pátio quando os portões foram abertos para a entrada de *Il Diavolo* e Cara congelou no topo dos degraus ao encontrar os olhos negros como carvão de seu marido.

— Muito bem, esposa.

Seu pronunciamento alto foi recebido com uma onda de suspiros surpresos da multidão reunida. *Não era mais possível manter o casamento deles em segredo.*

— Não estava em San Rocco quando voltei, meu amor.

Seu tom era educado, seu rosto era a própria serenidade, mas havia um toque de mordacidade em suas palavras. No fundo, tinha certeza, ele estava furioso.

— Deveria ter esperado por mim. Sabe o quanto gosto de uma boa briga.

Ele desmontou e se aproximou dela, com suas botas de esporas fazendo barulho nos paralelepípedos. Ele se movia com o passo rápido e confiante de um homem confortável em sua própria pele, apesar de sua armadura pesada. Não era preta, como pensou a princípio; um intrincado desenho dourado havia sido gravado sobre o metal enegrecido. Escritos e arabescos lambiam os contornos de suas vestes metálicas como línguas de fogo. As seções móveis se sobrepunham perfeitamente, como conchas recortadas. O acabamento era primoroso.

Ele ia se divertir fazendo-a implorar por sua ajuda.

Cara limpou a garganta, aliviada por sua voz não ter tremido. — Preciso de suas habilidades, Milorde.

Ele ergueu uma sobrancelha arrogante e a examinou da cabeça aos pés. O rosto dela se aqueceu diante de seu olhar sugestivo. Ao lado, algumas das mulheres riram.

— Suas habilidades militares — esclareceu rapidamente.

Um breve sorriso se contraiu em seus lábios, como se ele soubesse o quão quentes e sombrios eram os pensamentos dela. Ele abriu os braços.

Estou sob seu comando, Doçura. Meus homens - e meu próprio corpo deplorável - estão inteiramente à sua disposição.

Ele pegou sua mão e a ajudou a descer os últimos degraus.

— Parece surpresa em me ver, meu amor. Pensou que eu iria abandoná-la em sua hora de necessidade? — Ele deu um passo para trás e olhou sua armadura com diversão. — Não está pensando seriamente em atacá-los de frente, está?

Cara fez uma careta. — Suponho que tenha uma ideia melhor?

Ele curvou-se novamente, de alguma forma conseguindo torná-lo gracioso e sarcástico. — Claro.

— Posso saber o que é ou devo tentar adivinhar? — Ela passou por ele e

atravessou a porta principal da fortaleza, entrando no grande salão. Acomodou-se na cadeira de seu pai no estrado, no final da sala, esperando que isso lhe desse um ar de autoridade muito necessário.

— Preciso de uma planta do castelo — disse ele.

Ela fez sinal para Sansevero, que abriu um baú no canto e retirou um pergaminho enrolado. *Del Sarto* espalhou o papel em uma mesa próxima e se inclinou para estudá-lo e Cara tentou ignorar o quão grandes e bronzeadas eram suas mãos enquanto alisavam os cantos ondulados. Tentou esquecer como era senti-las em sua pele.

— O que está procurando?

Ele ignorou sua pergunta. — Tem mais da sua infame pólvora negra?

— Um pouco. Por quê?

Ele se ergueu novamente e ela amaldiçoou o passo instintivo que deu para trás para evitar tocá-lo. — Vá buscá-la enquanto eu falo com os homens.

— Eu não gosto de receber ordens em meu próprio castelo.

— Não vai ser seu por muito mais tempo, se continuar discutindo — disse ele com uma lógica irrefutável.

Resmungando baixinho, Cara correu para o quarto e pegou os pacotes de papel com pó que havia escondido sob uma laje solta. Graças a Deus Lorenzo *não* os havia descoberto. Verificou os fechos de seu peitoral e prendeu as proteções das braçadeiras em seus pulsos.

Del Sarto, sem dúvida, também não aprovava sua calça e camisa, mas ela já não se importava com isso. Verificou a faca em sua bota e colocou outra em seu cinto. Se ele pensava que ficaria sentada dentro de casa enquanto outros defendiam seu lar, então não a conhecia.

Os homens estavam debruçados sobre as plantas do castelo quando ela voltou. *Del Sarto* havia removido as seções inferiores de sua armadura; as *cuißes* das coxas e as *grevas* das canelas, mas ainda usava o peitoral de metal. Estava dando ordens, mas olhou para cima quando ela se aproximou.

— Sansevero esperará os franceses no porto — disse ele. — Ele os levará até a fortaleza, onde seus homens os aguardarão. Meus homens se esconderão pela cidade para que possamos atacá-los por todos os lados.

— E o que fará?

Seu sorriso era irritantemente enigmático. Ele a arrastou para longe da mesa, seus dedos apertados ao redor de seu pulso. — A questão é: o que *vamos* fazer? Qual é o caminho para as masmorras?

Cara franziu o cenho em confusão, mas o direcionou para a entrada que conduzia abaixo da torre de menagem. Ele começou a descer a íngreme escada em espiral e Cara o seguiu.

— Devíamos estar nas ameias, supervisionando as coisas — protestou em suas costas largas. — Por que quer olhar aqui embaixo? — Ela plantou as mãos nos quadris. — Ninguém vem aqui há anos. Ao contrário *do que faz*, papai nunca teve muito uso para suas masmorras. Ele punia as pessoas com uma semana no tronco. O que estamos fazendo?



Alessandro se permitiu um sorriso de antecipação enquanto rondava à frente dela. — Estamos procurando por algo — disse ele, sendo obtuso apenas para irritá-la.

— Se é a sua sanidade, acredite em mim, já se foi — ela retrucou.

Ele reprimiu uma risada. Deus, amava seu temperamento. — É a entrada de um túnel.

— Não seja ridículo! Não há túnel aqui. Isso é pedra sólida. Um beco sem saída. Eu vivi aqui toda a minha vida. Eu saberia se houvesse um túnel.

Alessandro encostou-se na parede de pedra e esperou que ela o alcançasse. A única luz era uma haste pálida que se inclinava entre algumas grades de ferro acima de sua cabeça. Iluminava as sólidas barras de metal e as enormes fechaduras que travavam a entrada de cada cela.

Ele inclinou a cabeça, com a audição aguçada pela falta de visão. Em sua mente, podia vê-la, avançando como um gato cauteloso. Sorriu novamente. Ela acreditava estar sendo discreta. Não estava. Se algum de seus homens fizesse tal barulho, ele os teria mandado chicotear. A Signora *del Sarto* nunca faria parte de seu grupo de elite. Até mesmo o seu garoto menos treinado ouviria sua aproximação. Teria de encontrar tempo para ensiná-la a se aproximar de alguém em silêncio.

Sentiu um leve toque de seu perfume quando ela se aproximou dele e xingou quando sua virilha reagiu de forma previsível. Parecia que nunca deixaria de desejar essa mulher irritante. Pior ainda, ela era a única pessoa que ele *queria* que o mantivesse nesse estado perpétuo de desejo. Ninguém mais o faria. Parte dele odiava o poder que ela exercia sobre ele, mesmo quando se alegrava com sua proximidade.

Ele a puxou mais para dentro da escuridão, passando pelas fileiras de celas, e parou na parede mais distante.

— Levou muitos golpes na cabeça, — ela sibilou. — Eu conheço este castelo como a palma da minha mão. E posso afirmar categoricamente que - o que está fazendo?



Del Sarto estava apalpando a face da rocha acima de sua cabeça, desalojando séculos de poeira e teias de aranha. Ele colocou as pontas dos dedos na pedra e abriu uma pequena seção quadrada. Isso revelou um anel de ferro, enferrujado e sujo pela idade. Com um grunhido de satisfação, ele puxou. Um estrondo monótono e o tilintar de correntes ocultas foram seguidos por uma rajada fria de ar mofado que varreu os dois, afastando o cabelo de Cara do rosto.

Uma forte pontada de traição a atingiu. Um túnel, aqui, sob seus próprios pés! Lágrimas lhe picaram os olhos. Seu pai talvez a amasse, mas obviamente não *confiava* nela. Ele havia compartilhado esse segredo com *del Sarto*, seu fiel protegido, mas não com sua própria filha.

Del Sarto se abaixou na passagem estreita que havia surgido na rocha e

Cara o seguiu, curiosa, apesar de tudo. Ela bateu a cabeça em uma pedra pendente e praguejou.

Ele deu uma risadinha. — Que linguagem tão feminina.

Ela se arrepiou enquanto atravessavam a escuridão. Era como descer às entranhas do inferno. Assim deve ter se sentido Perséfone ao ser raptada por Hades, o senhor do submundo. Cara franziu a testa, tentando se lembrar da história. Perséfone também havia se casado com seu monstro, não havia? Era apaixonada por seu amante sombrio? Será que sentia sua falta quando estavam separados?

Del Sarto teve que se curvar quase em dois para entrar na passagem estreita; seus ombros largos roçavam as paredes, fazendo chover teias de aranha e sujeira na cabeça dela. Ela cobriu o nariz com a palma da mão quando o túnel começou a se inclinar para baixo e uma onda de pânico lhe roubou o fôlego quando as paredes se comprimiram. Tropeçou, mal conseguindo enxergar os próprios pés, mas ele estendeu a mão para trás e pegou a dela, entrelaçando os dedos.

Ele era uma forma escura à sua frente, uma forma sombria e desumana que a arrastava para a escuridão melancólica. Para um homem tão grande, ele era incrivelmente silencioso. E, realmente, devia ser meio coruja, para conseguir enxergar tão bem.

Depois do que pareceu uma eternidade, ele parou e Cara chocou-se contra suas costas novamente. A mão dele deixou a sua e ela teve um momento de pesar pela perda. O farfalhar e o raspar vinham da frente, e então ele a puxou por um emaranhado de vegetação rasteira e ficou de pé, esticando os braços na penumbra.

O sol tinha quase se posto enquanto estavam lá embaixo, mas Cara viu o brilho dos dentes dele quando sorriu. O idiota estava *gostando* disso.

Emergiram atrás da pequena capela que ficava em um dos lados do porto. A entrada do túnel tinha sido disfarçada como a parte de trás de uma gruta decorada com conchas, onde os moradores jogavam moedas na piscina rasa para ter sorte.

Cara desejou ter uma moeda para jogar. Eles precisavam de toda a sorte que pudessem ter.

Eles estavam diretamente acima da praia. *Del Sarto* deu um passo à frente até a borda das rochas, colocou um dedo nos lábios para pedir silêncio e apontou para baixo. Seis enormes navios estavam ancorados na baía. Enquanto observavam, um barco a remo cheio de formas escuras dirigia-se para a costa. A luz da lua brilhava em capacetes e espadas de aço. O bater dos remos era audível na noite silenciosa.

As lanternas na praia mostravam onde Sansevero já havia recebido o primeiro barco cheio de invasores; a procissão iluminada por tochas começou a subir a colina em direção à fortaleza.

— Seu tio foi um tolo ao acreditar que poderia lidar com os franceses, — sussurrou *del Sarto*. — Eles teriam esperado até que ele abrisse os portões e

então cortariam sua garganta.

Cara estremeceu. — E agora?

Ele apontou para a ponte estreita que ligava o porto e a cidade.

— Tem pólvora preta suficiente para derrubar isso?

Ela fez uma careta em entendimento repentino.

— Eu não vou explodir minha própria propriedade!

— Adora reduzir as coisas a pilhas de escombros. Pense nas melhorias que pode fazer quando reconstruir — ele sibilo de volta. — Eu sei que não é um grande desafio comparado a um *mosteiro inteiro*, mas precisamos isolá-los de seus navios.

Ela fez alguns cálculos mentais rápidos. — Se destruírmos um dos suportes do pilar central, isso pode causar danos suficientes para fazê-lo desmoronar.

Ele assentiu.

Começaram a se arrastar pelas pedras irregulares. Apesar do perigo iminente, ou talvez por causa dele, Cara nunca havia se sentido tão viva, tão consciente do ambiente ao seu redor. Podia sentir o gosto do borriço salgado do mar, ouvir o estrondo das ondas batendo contra as rochas. E o homem à sua frente, conduzindo-a para a escuridão; ela percebeu, com uma dor desesperadora, que o seguiria para qualquer lugar, para onde ele quisesse, até mesmo para o próprio inferno.

Mantendo-se abaixados, desceram por um lado da ponte e mergulharam no canal de água rasa abaixo. Cara perdeu o equilíbrio nas pedras escorregadias, tropeçou e se jogou na água até os joelhos com uma maldição abafada.

Del Sarto segurou seu cotovelo, firmando-a. — Nada de nadar hoje, querida! — Ele a soltou e passou por baixo de um arco sombrio, estendendo a mão para pegar os explosivos. Ela lhe passou os pequenos pacotes de papel, agradecida por terem sido poupados da água.

— Incrível como algo tão pequeno pode ser tão perigoso — ele sussurrou. Ela ergueu o olhar bruscamente, certa de que a provocava, e tentou avaliar sua expressão, mas estava escondida nas sombras enquanto ele se ocupava em enfiar os pacotes nos espaços entre as pedras. — Como acendemos?

— Um pavio de corda. — Ela pegou um pedaço de corda de cânhamo. — É um pouco curto, mas foi tudo o que consegui encontrar. Não teremos muito tempo para nos proteger.

— Não existe ‘nós’. Irá se abrigar atrás daquelas rochas. Eu acendo.

Cara colocou as mãos nos quadris. — É *a minha* ponte. Se alguém vai destruí-la, serei eu.

— Pare de argumentar! Este é apenas um daqueles momentos em que tem que aceitar que a força ganha o dia. Eu posso correr mais rápido.

— Tudo bem. Mas terá que ser rápido. — Sons abafados da praia chamaram a atenção deles. — Há mais homens vindo!

Ela recuou furtivamente e se escondeu atrás de um afloramento rochoso, fazendo uma breve oração pelas pobres almas que poderiam sair feridas. Invasores franceses ou não, ainda eram pessoas. Mas esta era a sua casa e eles

eram os agressores. E fogo do inferno, não se renderia sem lutar.

Outro grupo de homens trovejou pela ponte, subindo a colina em direção ao castelo. Ela viu uma faísca quando *del Sarto* atingiu a pederneira, e então ele estava subindo a margem em sua direção. Mergulhou sobre as rochas restantes e pousou em cima dela no momento em que uma enorme explosão abalou o mundo ao seu redor.

O flash de luz era discernível mesmo por trás de suas pálpebras fechadas. *Santo Deus!* Ela devia ter mais pó do que pensava! O estrondo ecoou ao redor dos penhascos e pedras choveram sobre eles de cima.

Era como estar de volta ao penhasco, com Piero. Cara começou a se debater em pânico, mas o corpo de *del Sarto* desviou a saraivada de escombros; ele a protegeu, com os braços segurando a cabeça dela, o longo comprimento dele pressionado sobre ela, ao redor dela. Ela enterrou o nariz em seu peito e se segurou com força.

Quando o barulho se dissipou, ele se afastou dela e a levantou, dando-lhe tapinhas nas costas enquanto ela se engasgava com a nuvem de poeira. — Tudo bem?

Seus ouvidos zumbiam tão alto que mal conseguia ouvir o que ele estava dizendo. — Estou bem — ela balbuciou, balançando a cabeça. — E agora?

— Encontre a entrada do túnel e volte para a fortaleza.

— Para onde está indo?

— Ajudar Francesco. — Ele já estava fugindo dela.

— Espere! Eu posso lutar!

Ele parou e se virou, seu rosto severo. — Não! Pelo menos uma vez na vida, faça o que lhe foi pedido!

— É meu dever, minha responsabilidade!

Ele voltou para perto dela e levou as mãos à sua face, passando os polegares sobre as maçãs do rosto. A ferocidade deixou seu rosto e uma expressão estranha, enfurecida, porém terna, encheu seus olhos quando olhou para ela

— Preciso saber que está segura, Cara. Faça isso por mim. Por favor?

Por favor.

Era a primeira vez que o ouvia dizer isso. Ele não era o tipo de homem que pedia; ele dava ordens e era obedecido. Provavelmente só havia dito isso algumas vezes na vida.

Difícilmente era uma declaração de amor, mas ainda assim, era alguma coisa, e estava desesperada o suficiente para aceitar qualquer migalha de afeto que ele lhe desse, tola que era. Ela assentiu. — Tudo bem.

Ele deu um breve beijo em seu cabelo e se afastou. — Eu a verei quando tudo terminar. — Então ele se virou e desapareceu na noite.

Capítulo 48



À medida que o zumbido nos ouvidos de Cara diminuía, o inconfundível ruído de metal contra metal se impunha. Gritos de alarme ecoaram da fortaleza quando os franceses descobriram que foram enganados. O fogo engolfou a ponte; a enorme abertura no centro impossibilitava a passagem dos que ainda estavam chegando.

Um homem passou correndo por Cara em direção à praia, gritando em pânico enquanto o fogo lambia suas roupas. Ele se jogou nas ondas, onde rolou e se debateu para apagar as chamas. Dois cães vadios se juntaram a ele, ganindo de alegria, convencidos de que aquela era uma brincadeira nova e emocionante.

Cara observou a cena com um senso de distanciamento horrorizado. Era como uma visão do inferno. A fumaça se espalhava pelo porto, obscurecendo a cidade. Ela levou a manga da camisa à boca e cambaleou em direção ao prédio mais próximo, tentando encontrar o caminho de volta para a capela, mas a fumaça acre distorcia tudo e fazia seus olhos lacrimejarem, e não conseguia encontrar o caminho. Esgueirou-se entre duas casas, respirando ofegante enquanto outro grupo de soldados passava correndo. Na escuridão, não conseguia distinguir se eram tropas francesas ou seus próprios homens.

Frustrada com a fumaça, abandonou a ideia de encontrar a entrada do túnel e começou a subir por um dos becos estreitos que iam em direção à fortaleza. Os sons dos combates ficaram mais altos à medida que se aproximava da praça principal e ofegou quando virou a esquina e se deparou com Sansevero e um grupo de seus homens enfrentando o inimigo. Sansevero cruzou espadas com o francês mais próximo e suas lâminas soltaram faíscas ao se chocarem contra a borda da fonte de pedra. Ele dominou o homem, mas outros quatro correram para frente, gritando um grito de guerra.

Cara não hesitou. Pegou a adaga em sua bota e a arremessou contra o francês mais próximo. Ele deu um grito estrangulado e caiu no chão quando a lâmina encontrou seu alvo.

Sansevero lidou com outro homem, depois olhou em volta para ver quem havia salvado sua vida. Ele lhe lançou um olhar incrédulo. — Milady! Não deveria estar aqui! — ofegou, derrubando outro homem com um chute selvagem no joelho e um corte de sua lâmina. — Volte para a fortaleza!

— Estou tentando! — Cara resmungou, pressionando-se contra a parede para evitar outra luta.

Com o coração disparado, ela contornou a fonte e entrou em um beco que levava ao castelo.

Os sons de luta ecoavam de todas as direções, o barulho era ampliado pelas ruas angulosas. Subiu correndo os degraus largos e rasos, mas suas botas escorregaram nos paralelepípedos desgastados e caiu com força sobre as mãos

e os joelhos, praguejando.

— Pequena vadia!

Uma figura surgiu do beco à sua direita e o estômago de Cara se apertou de pavor quando reconheceu as feições lívidas de seu tio Lorenzo.

Sua expressão era assassina, suas roupas estavam sujas e desarrumadas. Ela pegou a adaga em seu cinto e praguejou ao perceber que não estava lá. Deve tê-la deixado cair quando tropeçou. Examinou o chão à sua frente, mas estava muito escuro para ver onde tinha caído.

O rosto de Lorenzo estava contorcido em uma expressão de ódio enquanto avançava em sua direção. — Matou meu filho! Meu único filho!

— *Matou meu pai!* — rebateu, com a fúria sobrepujando seu terror. — Seu próprio irmão. — Afastou-se, como se estivesse fugindo de um animal selvagem. — A morte de Piero também foi culpa sua. Sua ganância levou a isso, *tio*, nada mais.

Suas costas bateram na soleira da porta de uma casa, parando sua retirada.

Os olhos de Lorenzo brilharam quando percebeu que a havia encurralado. — Eu mesmo deveria tê-la matado, quando vim para Castelleon pela primeira vez — ele ofegou. — Reconhece isso? — ergueu uma lâmina para que refletisse a luz da lua e ela ofegou. — A espada de seu pai.

Ele não tinha o direito de contaminá-la.

— Como ousa apontar-me isso? Nem sequer é digno de tocá-la!

A raiva explodiu em seu peito e ela se lançou contra ele, sem se importar com a arma.

Seu ataque repentino o pegou de surpresa; ela desviou a lâmina com o antebraço, protegida do gume perverso por sua braçadeira de couro. O impacto do seu corpo o derrubou e os dois caíram em uma enxurrada de membros. Cara golpeou o rosto e a cabeça dele com os punhos, sem se importar com a dor, gritando de fúria.

Lorenzo praguejou quando os nós dos dedos dela atingiram sua mandíbula e sua cabeça se chocou contra os paralelepípedos. Ele rolou os dois, puxou a cabeça dela para trás e colocou os dedos em volta de sua garganta. Cara o agarrou, ofegante, mas ele era mais forte. Ela se debateu com as mãos e acertou um vaso de flores que estava decorando a soleira de uma porta. Esmagou-o contra a lateral da cabeça dele.

Lorenzo uivou e soltou a mão. Ela se arrastou para longe, engolindo enquanto tentava recuperar o fôlego, mas antes que pudesse gritar por ajuda, ele cambaleou e deu um chute brutal em suas costelas. Cara desabou sobre os paralelepípedos em agonia, enquanto estrelas piscavam diante de seus olhos.

Ele a rodeou, ofegante.

— Levante-se, sua pequena prostituta. Ainda não acabei contigo.

Ela não queria morrer assim. Não em uma sarjeta imunda em uma rua escura, a apenas algumas centenas de metros da segurança de suas próprias paredes. Tentou pensar, mas seu cérebro estava grosso como lã. Queria se deitar e nunca mais se levantar.

Algo quente escorria por sua bochecha e seu olho esquerdo já estava difícil de abrir. Podia ouvir a respiração ofegante e rápida, os sons de um animal assustado, e percebeu que estavam vindo dela.

Lorenzo agarrou a parte de trás da camisa dela e a jogou de costas, depois caiu em cima dela, proferindo uma ladainha louca de obscenidades. Seu corpo musculoso se pressionou contra o dela e seu joelho foi empurrado entre suas coxas. Ele puxou o peitoral de couro dela, mas não conseguiu romper as tiras que o prendiam.

Cara se debateu loucamente, arranhando o rosto dele, mas ele a manteve presa enquanto mexia na parte da frente da calça dele e depois na dela. O cós da calça se rompeu com um som de rasgo e, em seguida, ela sentiu a mão dele agarrando a pele nua de sua coxa, sua nádega.

A bile subiu em sua garganta e uma raiva intensa a atravessou quando percebeu a intenção dele. Violação. Ela preferia morrer. Parou de se debater, fingindo exaustão, o que lhe rendeu uma risada ofegante de Lorenzo.

— Bom. Pare de lutar. Quer isso, não é?

Ele aproximou uma mão imunda para segurar o queixo dela. Um fino fio de saliva pingou em seu rosto enquanto se inclinava sobre ela, bloqueando o céu. Cara se forçou a ficar quieta, a suportar, mesmo quando cada músculo gritava para que o afastasse. — É igualzinha à sua mãe, sabia? — ele murmurou. — Linda. E arrogante, exatamente como ela era. — O polegar dele percorreu seu rosto em uma carícia obscena, espalhando sangue. Em seguida, ele cerrou os dentes em um rosnado amargo. — Ela também se achava boa demais para mim. Escolheu aquele vagabundo do meu irmão em vez de mim.

— Ele era cem vezes mais homem do que jamais será!

Os olhos de Lorenzo se arregalaram de fúria. Cara reuniu todas as suas forças e lhe deu uma joelhada entre as pernas. Ele soltou um grito de indignação e caiu de lado, enrolando-se em uma bola, com as mãos agarradas à virilha. Cara se arrastou e cambaleou de volta pela colina, em direção a Sansevero e à segurança.

Mas Lorenzo não foi derrotado. Podia ouvi-lo atrás dela enquanto descia cambaleando os degraus da praça. Seu tornozelo torceu em um paralelepípedo irregular e a dor subiu por sua perna.

Oh, Deus. A praça estava vazia, exceto pelos corpos dos homens que Sansevero havia matado. A luta continuava. Gemendo e arfando de dor, arrastou-se até um dos homens caídos e pegou sua espada do chão quando Lorenzo entrou na praça. Ele riu ao ver a lâmina tremendo em suas mãos, mas deu um passo para trás quando ela a apontou para seu peito.

Cara apoiou-se em uma parede, usando-a tanto para equilíbrio quanto para defesa. E então um grupo de franceses entrou na praça à sua esquerda.

Não havia saída.

Uma sensação fatalista de calma tomou conta dela. Não cairia sem lutar. Ela era a filha de seu pai. Esposa de *Il Diavolo*. Recusava-se a desonrar qualquer um deles.

Com um grito de guerra rouco, afastou-se da parede e atacou o tio, preparando-se para receber um golpe fatal. O golpe nunca veio. O que *veio* foi *del Sarto*, surgindo da escuridão como um anjo vingador da morte.

Capítulo 49



Os soldados franceses atacaram em uníssono, mas *del Sarto* eliminou todos com uma eficiência arrepiante. Atravessou um deles com a espada e torceu o pescoço de outro com um estalo repugnante antes que o homem pudesse sequer gritar um aviso. Outros dois o atacaram por trás, mas também os eliminou, deixando uma faixa de sangue diretamente na direção de Cara e Lorenzo.

O primeiro golpe de Lorenzo atingiu inofensivamente o peitoral dela e ele se afastou com um assobio, reconhecendo o novo integrante do jogo. — Ah, seu cão de guarda. Bem na hora.

Del Sarto mal lançou um olhar para Cara, mas foi o suficiente para que notasse os danos no rosto e no pescoço dela. — Ele fez isso? — perguntou suavemente.

Ela assentiu, ofegante.

— Tudo bem, então. — Ele encarou Lorenzo e sua expressão endureceu. — É um homem morto.

Lorenzo ergueu sua lâmina em um desafio silencioso. Aproximou-se de Cara novamente, mas *del Sarto* o bloqueou, perseguindo-o ao redor da fonte, pressionando-o a recuar.

Cara tentou se encolher o máximo possível enquanto os dois homens andavam em círculos, com seus rostos atentos iluminados pela estranha luz vermelha lançada pela ponte em chamas. Quando se aproximaram, ela reprimiu um gemido diante da ferocidade do ataque. Essa não era uma luta de treino; era até a morte, brutal e mortal, e os dois homens sabiam disso. O som estridente de metal contra metal ricocheteou nas paredes e ela se encolheu, apavorada com a possibilidade de distraí-los.

Lorenzo não era páreo para a habilidade de *del Sarto*, mas a fúria e o puro desespero lhe conferiam uma força demoníaca. Ele se lançou para a frente repetidas vezes, golpeando a armadura de *del Sarto*, sempre conseguindo se esquivar de um golpe fatal e gritando sua fúria quando recebia um golpe superficial após o outro. Sibilou e tapou a orelha ao receber um golpe na bochecha.

Cara percebeu, em um vislumbre doentio, que Alessandro estava brincando com seu tio, lhe infligindo dor por meio de mil pequenos cortes e a parte antidesportiva dela estava feliz por Lorenzo estar sendo punido. Ele merecia sofrer. Não havia demonstrado nenhuma piedade com seu pai quando o matou a sangue frio.

Os grunhidos ofegantes de Lorenzo ecoavam pela praça, mas *del Sarto* estava assustadoramente silencioso, como se qualquer barulho fosse um desperdício de sua eficiência mortal. O braço da espada de Lorenzo foi jogado para o lado e ele avançou, tentando dar uma cabeçada. Alessandro lhe deu

uma cotovelada na garganta e ele cambaleou para trás. Lorenzo baixou sua lâmina enquanto lutava para respirar, mas se recuperou no último segundo para desviar o que deveria ter sido um golpe letal. Com os dentes arreganhados em fúria, cuspiu no rosto de *del Sarto* e aproveitou sua vantagem momentânea, cortando sua lâmina na coxa, logo abaixo da proteção de sua couraça.

Cara gritou quando a carne foi cortada. O sangue jorrava do corte e Lorenzo sibilou de satisfação, mas *del Sarto* mal deu uma segunda olhada no ferimento. Ele atacou novamente, batendo nas costas de Lorenzo sem piedade.

Lorenzo estava perdendo força. Ele deu um uivo de frustração e girou a lâmina em um arco largo em direção à cabeça de *del Sarto*, que desviou o pulso de Lorenzo e o bateu contra a parede com um estalo doentio. Lorenzo deu um grito agudo e deixou cair a espada. Alessandro agarrou seu cabelo e puxou sua cabeça para trás, sua lâmina pronta para cortar sua garganta.

Cara deve ter feito um som de protesto, porque de repente ele se aquietou e lhe lançou um olhar frio e furioso por cima do ombro.

— Uma palavra. Uma palavra e eu o matarei — prometeu, ofegando pelo esforço.

Ela congelou. Ele estava olhando para ela para uma decisão. Para julgamento.

Lorenzo caiu de joelhos, soluçando e choramingando, toda a sua luta anterior acabada.

— Oh, Deus salve, sobrinha, tenha piedade! — Ele implorou. Tentou rastejar em direção a ela, mas *del Sarto* o empurrou de volta violentamente.

Cara balançou a cabeça. Lorenzo não merecia viver. Ele havia assassinado seu pai. Mas ela poderia realmente dar o sinal para acabar com sua vida?

Del Sarto viu sua indecisão. Com um som desdenhoso, ele deu um passo para trás, parecendo enojado tanto pela choradeira de Lorenzo quanto, presumivelmente, por sua fraqueza. Cara tinha acabado de abrir a boca para se desculpar quando Lorenzo tirou uma adaga do cinto e a enfiou até o cabo no ombro de *del Sarto*.

Del Sarto soltou um rugido de fúria. Sem pensar, Cara pegou a espada de seu pai do chão e a brandiu em seu tio. Músculo e carne cederam sob a lâmina em uma sacudida repugnante e ela recuou horrorizada quando o olhar de triunfo de Lorenzo se transformou em um de incredulidade. Ele agarrou a ferida com um suspiro, então lentamente caiu para frente no chão. Uma poça de vermelho se formou abaixo dele enquanto se contorcia, e então parou.

Cara desviou o olhar, enojada. Seu estômago revirou e ela se concentrou em respirar pela boca. Não foi menos do que Lorenzo merecia. Ele matou o pai dela. Esfaqueou seu marido.

Ela se virou. Os sons da batalha ainda ecoavam da fortaleza acima, mas *del Sarto* permanecia delineado pelas chamas como um antigo deus do fogo, sua espada apertada em sua mão. Os músculos de seus braços estavam sujos de poeira, suor e sangue. Enquanto Cara observava, ele abaixou a cabeça e

fechou os olhos como se estivesse rezando, depois balançou ligeiramente.

Seu peito apertou. Ele era a antítese absoluta de um cavaleiro branco de armadura brilhante, mas ela não se importava. Nunca tinha sido tão grata por seus talentos mortais. Com um soluço de alívio, ela desabou contra a parede quando seus joelhos cederam. Tinha acabado. Finalmente. Seu pai foi vingado.

Del Sarto virou-se com o gemido dela e por um instante olhou-a em total incompreensão; era o mesmo olhar vidrado que ele tinha na floresta depois de reviver seu pesadelo. E então ele pareceu voltar a si - avançou e a olhou de forma sinistra.

— Achei que tinha dito para que voltasse para a maldita fortaleza! Poderia ter sido morta!

— Tentei! — Cara ofegou com a injustiça da acusação. Ela lutou para se levantar e tropeçou na direção dele, seus membros tremendo. — Oh Deus! Está ferido. Deixa-me ajudar.

Ele olhou para baixo e pareceu surpreso ao ver a adaga de Lorenzo ainda saindo de seu ombro. Ele equilibrou sua espada ensanguentada na beira da fonte, envolveu o cabo com as duas mãos e a retirou com uma careta. Ele a jogou no chão com uma careta de desgosto. Sangue fresco saía da ferida, escorrendo em riachos escuros pelo braço, manchando as mangas da camisa. Ele se abaixou para inspecionar o corte em sua coxa. — Não é tão ruim — ele disse desapaixadamente.

Cara gritou de angústia com sua atitude arrogante. Os ferimentos eram graves. Ela arrancou uma tira de sua camisa já rasgada e a juntou em uma almofada, depois a pressionou contra o ombro dele. A umidade quente se espalhou contra sua mão à medida que o sangue dele imediatamente se infiltrava no tecido. — Temos que voltar para o castelo! Deixe-me amarrar isso.

Ele colocou a mão sobre a dela e pressionou com mais força, segurando o pano no lugar e ela olhou para o rosto dele. Ele parecia exausto. Linhas de dor foram gravadas ao redor de sua boca.

Olhou para trás, para o corpo de seu tio, então rapidamente para longe. — Tem certeza de que ele está morto?

Um leve estremecimento de diversão tocou seus lábios finos, tornando-o mais familiar, menos distante. — Gostaria que eu o matasse de novo, só para ter certeza?

Ela estremeceu com seu humor mórbido. — Não, obrigada.

Ele afastou o cabelo dela para trás, expondo a garganta machucada e o olho inchado, e seus olhos se estreitaram. — Ele a machucou. Ele mereceu o que teve — acariciou sua bochecha com o polegar.

Cara se inclinou para ele, odiando o frustrante metal sólido de sua placa peitoral. Queria senti-lo, queria seus braços ao redor dela, sua força e solidez reconfortante. Cada fibra dela desejava que ele a tomasse em seus braços, para beijá-la, mas o homem exasperado se recusou a cooperar. Em vez disso,

afastou-se e caminhou até a borda da praça.

Uma batalha feroz ainda estava acontecendo no porto abaixo. Uma onda de homens enxameou como formigas sobre o muro baixo para a praia e Cara percebeu que eram os franceses, sendo rechaçados por seus homens da fortaleza.

Os invasores gritaram de espanto quando descobriram que a ponte estava intransitável. Alguns tentaram escalar as rochas para fugir, enquanto outros enfrentaram a fumaça e mergulharam no riacho raso. Os que estavam na praia já fugiam, jogando-se nos barcos e remando de volta para os navios a toda velocidade. Os homens de Castelleon correram para enfrentar os retardatários, e logo toda a praia era uma confusão selvagem de brigas, com espadas e maldições voando em todas as direções.

Em poucos minutos estava tudo acabado. Um grande grupo de franceses, percebendo a futilidade da fuga, rendeu-se e estava sendo reunido em uma extremidade do porto. Os homens de Castelleon se alinharam à beira da água, zombando e gritando obscenidades para os invasores que partiam e agitando suas armas no ar em júbilo.

Cara abraçou seu corpo. *Foi feito.* Deixou seu olhar vagar sobre as ondas e o mar sem limites. As estrelas brilhavam eternamente, imunes ao drama humano que se desenrolava lá embaixo. Seus olhos lacrimejaram e arderam. Sua garganta doía. Era a fumaça; ela não ia chorar. Não agora que estava tudo acabado.

Ela soltou um suspiro trêmulo. — Obrigada.

Parecia uma coisa tão inadequada para dizer por tudo o que ele tinha feito.

Quando não houve resposta, olhou em volta e viu *del Sarto* mancando de volta para o castelo. Ela mancou atrás dele o mais rápido que seu próprio tornozelo machucado permitia. Quando o alcançou, passou seu braço pela cintura dele, e o braço dele por cima do seu ombro e antecipou sua rejeição com um olhar penetrante. — Não discuta. Nós dois precisamos de um pouco de apoio.

Com um grunhido de derrota, ele a puxou para mais perto de seu corpo e juntos caminharam para o castelo.

Capítulo 50



Quando chegaram ao castelo, corados e ofegantes por terem subido a colina, os habitantes da cidade já estavam comemorando. Assim que chegaram perto o suficiente para serem vistos, *del Sarto* se endireitou e se afastou dela, tentando esconder a extensão de seus ferimentos, não querendo deixar que ninguém o visse vulnerável. Cara suspirou.

Nunca tinha visto o lugar tão cheio, nem mesmo na época de seu pai. Uma enorme fogueira havia sido acesa no pátio central e as pessoas se aglomeravam ao redor, brindando a vitória da noite. Bianca, a antiga criada de sua mãe, a viu primeiro. Ela a abraçou de forma sufocante, gritando de alívio.

— Cara! Meu amor, está viva! Achamos que tinha sido levada ou morta. Me assustou até a morte! — ela repreendeu. — Quantas vezes eu já disse que damas de verdade NÃO se envolvem em brigas!

Esse era um tema familiar. Cara já o tinha ouvido, ou uma variação dele, quase todos os dias desde que teve idade suficiente para pegar um estilingue. Moças modestas e castas não pulavam fossos, não atiravam adagas nem explodiam coisas. — Sim, Bianca.

Sansevero, machucado e espancado, um olho já inchado e fechando, abriu caminho através da multidão e puxou-a dos braços de Bianca.

— Solte-a, sua velha agitadora! — Ele segurou Cara com os braços estendidos e a beijou profundamente em ambas as bochechas. — Milady, parabéns! Os franceses estão voltando para seus navios como cachorrinhos derrotados. Colocamos os prisioneiros nas celas. Pode decidir o que fazer com eles amanhã, mas eu digo que devemos pedir resgate ao rei francês e encher nossos cofres.

— Como estão os homens?

— Alguns ferimentos leves, nada sério. Toni, o padeiro, quebrou o braço e Gianni levou uma pancada na cabeça, mas pela manhã estará bem. Destruir a ponte foi brilhante. Eles não sabiam para onde correr! Seu pai teria ficado orgulhoso, minha menina.

— Não foi tudo obra minha. *Del Sarto*...

olhou ao redor e parou ao perceber que o marido não estava em lugar algum. Franzindo a testa, deixou-se levar para o grande salão e subiu ao estrado para ocupar o lugar de honra na cadeira do pai. Uma taça de vinho foi colocada em sua mão e ela tomou um gole, ouvindo pacientemente enquanto cada homem contava sua parte vital na batalha. Sua impaciência aumentava à medida que observava os rostos risonhos e jubilosos ao seu redor e forçava um sorriso tenso, embora suas bochechas doessem com o esforço.

Suas têmporas latejavam. Era isso que queria, não era? Seu lar havia sido libertado. Seu povo estava a salvo. Deveria estar encantada, mas tudo o que queria era se enfiar na cama e dormir por uma semana. E onde estava *del*

Sarto, para compartilhar a vitória com ela? A vitória era tanto dele quanto dela.

Estava prestes a se desculpar quando as portas do salão se abriram e ele finalmente se dignou a aparecer. Uma salva de palmas retumbante se fez ouvir. A multidão se separou instintivamente para deixá-lo passar e a pulsação de Cara se acelerou quando ele se dirigiu ao centro da sala em sua direção.

Mais uma vez, a lembrou um lobo. Alto e esguio, cheio de tendões e músculos. Ele havia trocado suas roupas manchadas de sangue; sua armadura preta maltratada havia desaparecido - um peitoral de couro estava afivelado sobre uma camisa branca limpa. Era um soldado de verdade, impiedoso, feroz, comandando a sala apenas com sua presença. Todos os olhos acompanhavam seu progresso enquanto se aproximava dela.

Cara o observava em busca de sinais de desconforto, mas ele se movia com passos longos e fluidos. Somente os mais observadores notariam a leve rigidez em seu andar quando ele colocava todo o peso sobre a coxa, ou o modo como mantinha o ombro direito imóvel. Ele estava voltando a ser *Il Diavolo*, um estranho formal e invulnerável.

Uma onda de tristeza tomou conta dela. Como ele era bom em esconder sua dor.

Ele parou a alguns metros e ela se levantou, aproveitando a altura extra que o estrado lhe concedia. Eles estavam quase olho no olho. Cerrou os punhos contra o desejo de estender a mão e acariciar a barba por fazer que escurecia suas bochechas, para suavizar o cansaço que via em seus olhos.

— Em nome dos habitantes de Castelleon, lhe agradeço — ela disse rigidamente.

Seus olhos queimaram os dela. — Não fiz isso por eles.

— Eu sei — ela disse com um suspiro. — Tem interesse em protegê-lo, já que metade dele é seu.

Tudo pertenceria a ele se chegassem a consumir o casamento.

Ele não a contradisse, o que fez com que seu ânimo afundasse ainda mais. Olhava-a com a mesma concentração inabalável com que provavelmente observava um campo de batalha ou uma fortaleza sitiada. Já tinha visto alguns dos homens se curvarem depois de receberem a força total daqueles olhos compelidos e zombeteiros e, agora, ela podia entender por quê. *Del Sarto* olhava diretamente para a alma de um homem, avaliava-o e, em geral, achava que estava em falta.

— Partirei para San Rocco ao amanhecer. — Sua expressão era ilegível.

Ele estava esperando que ela fosse com ele? Cara baixou a voz para que só ele pudesse ouvir. — Eu quero ficar aqui.

Suas sobrancelhas se ergueram.

— Nosso casamento foi um erro — ela sussurrou rapidamente, antes de perder a coragem. — Mas não é tarde demais para remediá-lo. Eu quero uma anulação.

Seus lábios se torceram. — Claro que é tarde demais. — A voz dele,

diferente da dela, ecoou pelo salão. — Pode estar carregando meu filho agora mesmo.

Cara sentiu seu rosto esquentar de mortificação ao perceber que poderia ser verdade. Suspiros e sussurros escandalizados irromperam de todos os lados. Ele a tratou com seu sorriso mais irritante. — Não precisa se envergonhar, meu amor. Não depois das coisas que fizemos juntos.

Seu olhar acalorado poderia ter incendiado um palheiro. Um grupo de mulheres da cidade à sua direita cutucou umas às outras com prazer. Cara poderia ter arrancado os olhos dele, que se danem as testemunhas. Nunca tinha estado tão envergonhada em sua vida. Ela cerrou os punhos ao lado do corpo, desta vez resistindo à tentação de machucá-lo fisicamente.

— Um divórcio, então — disse ela. — Vou escrever e apelar para o próprio Papa — lhe dizer que se casou comigo sem o meu consentimento.

— Consentiu — ele disse sombriamente. — E é mais provável que Borgia me parabenize do que lhe conceda sua liberdade. Ele mesmo não é um modelo.

Seus olhos estavam trancados, não revelando nada e pela centésima vez Cara desejou poder lê-lo.

— Ainda assim, se é realmente isso que quer, investigarei o assunto. — disse ele. — Não desejo uma esposa relutante. Como já lhe disse antes, quero-a disposta, ou não a quero de jeito nenhum.

Seu estômago caiu com as palavras dele. Ele nem mesmo tentaria convencê-la a desistir? Será que se importava tão pouco com ela? Talvez estivesse feliz por ela não estar indo com ele. Provavelmente já havia se cansado dela. Estaria pronto para seguir para novas pastagens, agora que havia garantido Castelleon? — Se isso é tudo, milady. — Sem esperar pelo consentimento dela, esboçou outra reverência sem esforço e saiu do salão.

Cara cerrou os punhos com tanta força que suas unhas fizeram um relevo crescente nas palmas das mãos. Queria gritar, jogar alguma coisa nele, qualquer coisa que abalasse sua perfeita compostura fria. Mas seu orgulho ferido se recusava a chamá-lo de volta. Ficou de pé e o assistiu sair.

Assim que conseguiu escapar das comemorações, voltou para seu quarto. Sem dar-se ao trabalho de se despir, jogou água no rosto enegrecido pela fumaça e caiu na cama. Embora estivesse cansada, o sono era difícil. Sua mente não parava de evocar imagens de seu marido ridiculamente heroico. Como ele se atrevia a deixá-la? Apertou um travesseiro contra o peito e disse a si mesma que não estava sozinha.

Não havia tomado a decisão errada. Não podia ir com ele. Seu lugar era aqui. Tinha todos neste castelo. Eles a amavam. Estavam seguros. Isso era o mais importante.

Mas Bianca estaria se enroscando ao lado do marido em seus aposentos aconchegantes perto da cozinha. Os soldados estariam todos voltando para suas esposas ou noivas. Até mesmo os garotos do estábulo e as garotas da cozinha estariam encontrando seus respectivos parceiros para a noite.

Será que seu marido estava ansioso para se consolar da maneira tradicional após a batalha? Ele certamente poderia encontrar um corpo disposto a ajudá-lo a comemorar sua vitória, se assim desejasse. O ciúme a queimava como óleo escaldante. Ele prometeu ser fiel somente a ela!

Cara socou o travesseiro e se torturou com a imagem dele com outra pessoa, alguém atraente, experiente e agradável. Alguém que não lhe responderia, que o obedeceria sem questionar. Alguém como Vanessa Canozzi.

Fechou os olhos e desejou que o sono viesse.

Capítulo 51



Ele partiu ao amanhecer.

Cara observava das ameias enquanto as fileiras ordenadas de homens desapareciam no horizonte, irritada com o desespero que sentia por um vislumbre de uma armadura negra em meio à multidão. Seu coração batia forte toda vez que avistava um homem de cabelos escuros e, em seguida, afundava em decepção quando ele se revelava muito baixo ou muito gordo ou muito... tudo.

A angústia lhe revirava as entranhas. Uma pessoa poderia morrer de infelicidade? Parecia estupidamente dramático, como algo que uma das ninfas aquáticas tolas de Ovídio faria, mas ela era capaz de jurar que realmente sofria por amá-lo. O coração era apenas um músculo, afinal de contas. Certamente poderia ser cortado e machucado como qualquer outro.

Passou o resto da manhã supervisionando os reparos na fortaleza que precisavam de atenção. Depois, ela e Sansevero esboçaram uma série de outras melhorias que poderiam fazer com o dinheiro do resgate dos prisioneiros franceses pelo próprio rei. Cara não conseguiu se animar muito com nada disso.

Dez dias depois, estava arrasada. Pulava toda vez que chegava uma visita, ainda esperando estupidamente que ele entrasse pela porta e lhe desse ordens com seu habitual jeito arrogante.

Odiava ficar deprimida. Isso era muito bom para as heroínas de Chrétien de Troye; elas não tinham nada melhor para fazer a não ser ficarem definhando e suspirando o dia todo. Tinha uma fortaleza para administrar, embora parecesse estar indo muito bem sem ela, como sempre.

Havia vingado a morte de seu pai. Castelleon estava a salvo.

Isso não era suficiente.

Estremeceu, embora o ar estivesse quente. Estava com frio sem *del Sarto*. Fria, vazia e entediada. Era doloroso perceber o quanto sentia falta dele, até mesmo das partes mandonas e irritantes. Seus confrontos diários eram estimulantes, algo que a fazia levantar da cama todas as manhãs. Ficar na pele dele havia se tornado sua ocupação favorita.

Os dias não eram tão ruins. Mantinha-se febrilmente ocupada com as tarefas da fortaleza, deixando todos loucos com sua constante intromissão. Mas, à noite, permanecia acordada na escuridão solitária de seu quarto na torre e morria de saudades dele.

Certa vez, leu sobre um soldado que havia perdido uma mão em uma batalha. O homem dizia que ainda podia sentir as sensações do membro perdido: calor e frio, coceira e queimação, como se seus dedos continuassem ali. Ela sentia o mesmo em relação a *del Sarto*. Como se uma parte integral dela estivesse faltando. E o espaço vazio onde seu coração deveria estar ainda



Cara sentou-se no solário, olhando desconsoladamente para o fogo. A luz que entrava pelas janelas altas já havia se transformado em escuridão há muito tempo. Esse cômodo, mais do que qualquer outro na fortaleza, fazia com que se lembrasse de seu pai. Eles passavam a maior parte de suas noites aqui, conversando, jogando xadrez ou simplesmente lendo em silêncio na companhia um do outro. Seu estômago se revirou com um nó de saudade e perda.

Recuperando o juízo, olhou para o pedaço de linho amarrotado em sua mão. Estava tentando bordar um lenço, com pouco sucesso. Hector estava deitado enrolado a seus pés, como um tapete de lareira peludo, roncando alegremente, com as patas se contorcendo enquanto sonhava, provavelmente, perseguindo coelhos durante o sono. O Abade Andreo estava sentado à escrivaninha de seu pai, absorto na leitura de uma pilha de documentos.

Apesar da companhia, Cara sentia-se vazia e abandonada. Havia feito uma grande bagunça. E por quê? Orgulho? Teimosia? Independência? O silêncio de Castelleon havia se tornado sinistro. Esperar que *del Sarto* desse seu próximo passo era como esperar que o machado do carrasco caísse.

Fez uma careta para a flor estúpida que estava tentando bordar. Puxou a linha com muita força e a coisa toda estava enrugada e torta. Parecia uma ameixa seca. Odiava bordados. Espetou a agulha com força e gritou ao picar o dedo.

O abade olhou para cima enquanto ela jogava fora o linho danificado e chupava a ponta do dedo. Ela fez um gesto para o maço de papéis à sua frente. — O que está lendo?

— O testamento de seu pai. Foi guardado em Saint John's por segurança. Recebi-o do irmão Giovanni esta manhã.

— Sem surpresas desagradáveis, espero. Como outro meio-tio? — Cara disse, apenas meio brincando.

Andreo riu. — Não. Ele lhe deixou Castelleon, como prometido.

Cara apoiou o queixo no braço. — Agora é de *del Sarto*. — Pelo menos, metade era. Ainda não haviam consumado oficialmente o casamento. Será que *o fariam*? Toda essa situação, meio casada, meio não, era insuportável.

Andreo pegou um pacote dobrado da mesa e entregou-lhe. — Isso também estava nos documentos de seu pai. Está endereçada a você, minha querida.

Cara franziu a testa ao romper o lacre e reconheceu a caligrafia erudita e limpa de seu pai. As lágrimas borraram as linhas escuras à medida que lembranças sobre ele voltavam à tona. Ele teria se orgulhado do que havia feito? De como estava administrando a fortaleza? Rezava para que sim. Tinha feito o melhor que podia, supervisionando as inúmeras tarefas que precisavam de atenção. Apesar das terríveis previsões do marido sobre sua leniência, obrigou-se a aplicar punições severas e justas a um ladrão de cavalos e a um padeiro acusado de fraudar suas medidas. Afinal de contas, as masmorras

tinham tido alguma utilidade.

A carta era breve, mas demorou alguns instantes para que seu significado fosse compreendido. Quando isso aconteceu, o coração de Cara se encheu de gratidão e descrença. Olhou para a segunda folha para confirmar e depois releu as linhas novamente. Era como se seu pai tivesse ouvido suas preces. A prova da confiança dele nela estava bem aqui, em suas mãos trêmulas.

— Bem? — perguntou o abade.

Ela engoliu um soluço e mostrou-lhe a planta do castelo que ela possuía.

— Existem três passagens diferentes, escondidas dentro das paredes. Apenas para serem usadas em momentos de *extrema* emergência. — Ela baixou a voz, como se estivesse confessando. — Quando Alessandro descobriu aquele túnel nas masmorras, não pude acreditar que meu pai não havia confiado em mim com o segredo. Eu tinha tanto ciúme da amizade que compartilhavam, dos anos que passaram lutando juntos. Sempre pensei que meu pai teria preferido Alessandro como filho a mim como filha.

Andreo fez um tsk em desaprovação. — Como pôde ter duvidado dele? Sim, eles compartilhavam uma amizade, e cada um amava e respeitava o outro, mas apesar de todas as queixas de seu pai, ele sempre teve muito orgulho de você. Nunca considerou deixar este lugar para qualquer outra pessoa.

Um grande peso saiu dos ombros de Cara, um peso que nem percebeu que estava lá. Seu coração parecia que ia explodir com uma combinação de orgulho e alívio.

— Ele só queria que fosse feliz, minha querida. É por isso que estava sempre a pressionando para se casar. Ele sabia que era bastante capaz de arcar com as responsabilidades de governar sozinha, mas queria que encontrasse alguém com quem dividir o fardo, como ele havia feito com sua mãe.

Cara abaixou a cabeça e olhou para as próprias mãos, piscando para conter as lágrimas. Ela tinha encontrado alguém. Só que ele não queria compartilhar *nada* com ela, muito menos um futuro.

Uma comoção no corredor fez com que ambos olhassem para cima e seu coração saltou quando reconheceu o visitante sendo introduzido na sala.

— Francesco! Tem notícias de San Rocco? — Ela estremeceu interiormente com a ânsia em sua voz. Era patética.

— Milady. — O aceno do velho soldado foi inescrutável, nem acolhedor nem hostil. Apenas profissional. Ele sacudiu o casaco e entregou a ela um documento dobrado.

Seu pulso acelerou quando reconheceu o familiar brasão de *del Sarto*, o selo de cera vermelho feito com a impressão do anel de sinete dele que ela ainda teimava em usar na mão esquerda.

— O que é isso? — ela gaguejou, sem fazer nenhum movimento para pegá-lo. — Estamos divorciados?

O velho balançou a cabeça. — Claro que não. Precisaria de uma dispensa do papa para isso.

Ela quase cedeu de alívio. — Então, o que...?

— São os documentos do seu casamento, milady. A senhora os deixou em San Rocco. Parece que nunca os leu.

— Não tive tempo. — Cara estudou seu rosto cuidadosamente. — Ele está bem? Milorde, quero dizer.

— Muito bem — Francesco grunhiu. — Se considerarmos o fato de ter estado às portas da morte na última semana. Ele teve febre por causa do ferimento na perna. — Ele a encarou com reprovação, como se a culpa pudesse ser atribuída a ela. — Quase o perdemos.

Os joelhos de Cara se dobraram e ela se agarrou à mesa para se apoiar. — Ele está doente? Por que ninguém me contou? Por que ninguém mandou me chamar?

Francesco a olhou acusadoramente sob suas sobrancelhas espessas. — E o que teria feito, milady? Disse que não voltaria para San Rocco de bom grado. Teria corrido para o lado dele com suas poções e pomadas?

Ela se encolheu com seu tom mordaz, mas encontrou seu olhar. — Sim — ela disse. — Eu teria.

Ele pareceu apaziguado por isso. — Ele não sabe que estou aqui — admitiu. — Me mataria se soubesse. Me fez jurar que não viria buscá-la.

Seu coração afundou. — Ele não o enviou?

Francesco hesitou, claramente sem saber se deveria continuar, mas continuou. — Foi seu nome que ele gritou em sua febre. Seu nome que murmura enquanto dorme. — Ele empurrou os documentos dobrados para ela novamente. — Leia isso. Diz-lhe tudo o que precisa de saber sobre o seu marido, milady. E o que ele pensa a seu respeito. — Ele se virou para a porta. — Eu tenho que voltar antes que sintam minha falta. Mas gostaria de uma caneca de cerveja antes de ir.

Cara lembrou-se tardiamente de suas maneiras e conduziu-o para o corredor. — Claro.

— Eu posso encontrar meu próprio caminho para as cozinhas, milady, — Francesco disse, passando por ela. — Leia isso. E então me diga se quer que eu leve uma mensagem de volta.

Atônita, Cara afundou em uma cadeira, quebrou o lacre e examinou apressadamente o conteúdo. Estava escrito com a própria mão de *del Sarto*; os traços eram ousados e vigorosos, elegantes e impacientes, exatamente como o homem. Para seu olho destreinado, parecia ser a variedade usual de “na medida em que” e “daqui em diante”.

Andreo se inclinou sobre o ombro dela e começou a ler também. Em seguida, deu uma risadinha.

— O que está errado? — Cara perguntou, instantaneamente desconfiada.

O Abade ergueu os olhos, com um brilho no olhar. — Isso é bem diferente de qualquer documento de noivado que eu já vi.

— O que quer dizer?

— Bem, os acordos de casamento geralmente listam todas as coisas que a

noiva traz para o casamento...

— Eu sei — Cara suspirou miseravelmente. — Os Sforzas pagaram aos Gonzagas nove mil ducados quando Beatrice ficou noiva.

— Precisamente. — O sorriso de Andreo se alargou, mostrando várias lacunas em seus dentes. — Mas isso afirma claramente que a noiva não traz nada para o casamento, exceto Castelleon. Enquanto, *del Sarto* listou todas as coisas que ele, como *noivo*, estava preparado para lhe dar ao se tornar a esposa dele.

Cara franziu a testa. — Isso não pode estar certo. Ele só se casou comigo para conseguir Castelleon.

Andreo apontou para um parágrafo no meio da página. — Ele renuncia a todas as reivindicações. É para ser sua propriedade até a sua morte, para manter ou dispor como quiser.

Cara olhou para ele com espanto. — Ele o entregou a mim? Totalmente? Posso ficar aqui para sempre? — Ela estreitou os olhos. — Leia novamente, abade. *Del Sarto* nunca faz nada sem um bom motivo. O que ele quer? Direitos de atracção? Um dízimo anual?

Releu o documento com uma crescente sensação de descrença, procurando por algum truque, mas não havia nenhum. Ele realmente renunciou a todos os direitos sobre Castelleon e todas as suas receitas. E no caso de *sua* morte, tudo o que possuía, incluindo a Torre di San Rocco, sua frota e todos os seus bens de negócios passariam para *ela*.

A sala girou. — Ele está me dando tudo. Em troca de nada.

Andreo virou o papel. — Ah. Olhe. Há um codicilo.

— Eu sabia! — olhou de soslaio para o texto. — O que diz?

— Castelleon é seu, *exceto* em caso de divórcio ou anulação, caso em que *ele* obtém o controle total.

Sua respiração ficou presa na garganta. — Quer dizer que eu tenho que ficar casada com ele para mantê-lo?

— Parece que sim.

— Mas eu não tenho que *morar* com ele?

— Bem, não. Mas nunca será livre para se casar com outra pessoa.

Cara fechou os olhos. *Nunca estaria livre dele*. Isso era tanto uma bênção quanto uma maldição. O porco desonesto estava determinado a tornar o resto de sua vida uma miséria.

— Não faz o menor sentido. O que ele ganha com isso?

Andreo inclinou a cabeça. — Ele não ganha nada. Ele está lhe concedendo sua liberdade, se quiser. Mas ele também está mostrando que ao se casar contigo, ele estava conseguindo exatamente o que queria. Você. E *só* você.

Ele a estudou, um brilho de diversão em seus olhos claros. — Concordo que não faz sentido para um soldado ou um político. Mas faz todo o sentido para um homem que está perdidamente apaixonado por sua própria esposa.

Cara o encarou. — Ele me deixou. Se ele realmente me quisesse, simplesmente galoparia até aqui, sitiaria o local e me arrastaria de volta para

San Rocco à força.

O velho riu. — Ele é um guerreiro orgulhoso. Abalou o orgulho dele ao renunciá-lo tão publicamente. Duvido que ele fique satisfeito com nada menos do que sua rendição incondicional agora.

O coração de Cara batia contra suas costelas. *Eu a quero disposta ou não a quero de jeito nenhum.* Ela pressionou a palma das mãos contra os olhos. — Mas Castelleon...

— ... vai se virar perfeitamente bem sem sua presença minha querida — Andreo disse gentilmente. — Seu pai não gostaria que colocasse isso acima de sua própria felicidade. Nomeie um encarregado para administrá-la em sua ausência. Tijolos e argamassa não a manterão aquecida à noite. — Sua risada obscena era muito mais adequada para Renata do que para um homem idoso de batina.

Cara deixou cair a cabeça nas mãos. — Oh, Deus, eu fui tão estúpida, não fui?

O Abade deu um aceno benigno. — Pessoas apaixonadas geralmente são, eu acredito.

Ela deu um pulo. — Eu tenho que ir com Francesco. Agora.

— Claro que sim, minha querida. E não se preocupe; ausência faz o coração aumentar mais a afeição. Boa Sorte! Vá com Deus.

Capítulo 52



Essa era a terceira vez que ela entrava furtivamente em seu quarto.

Cara abriu a porta e olhou para dentro, esperando encontrar Alessandro na cama, mas o enorme colchão estava vazio. Olhou em volta com cautela. Um fogo havia sido aceso na lareira. Uma garrafa vazia e um copo de vinho meio vazio estavam em uma mesa ao lado da poltrona.

Registrou uma presença atrás de si um instante antes de ser agarrada pela cintura e puxada para trás contra um corpo sólido e masculino. Um corpo muito familiar. O perfume de Alessandro a envolveu. Não conseguia ver seu rosto, mas o reconheceria em qualquer lugar; nas regiões mais baixas do inferno, na brancura ofuscante de uma tempestade de neve, nos recessos mais profundos e escuros de seu coração. Ela abriu a boca para falar, mas os dedos dele cobriram seus lábios.

— Não grite! — ele sussurrou asperamente em seu ouvido.

— Eu nunca grito — murmurou contra seus dedos. Os lábios dela formigaram ao seu toque. Queria abrir a boca e mordê-lo.

Ele retirou a mão e deu um passo para trás como se a sensação dela o queimasse. — Isso é o que diz sobre desmaiar.

Ela se virou e seu estômago revirou ao vê-lo; pânico, excitação, desespero. Ele atravessou o quarto, deixou-se cair pesadamente na poltrona e olhou melancolicamente para o fogo. Ela alisou a frente do vestido.

— Ouvi dizer que estava doente.

— Veio para acabar comigo, não é? — ele rosnou. — É um pouco tarde para agir como uma esposa devota em meu leito de morte. Terá que esperar um pouco para bancar a viúva alegre. Os médicos dizem que vou viver. — Ele parecia menos do que entusiasmado com a perspectiva.

Estudou-o à luz do fogo. Apesar de seus protestos, sua aparência era horrível. Seu cabelo estava bagunçado e desarrumado. A barba preta escurecia sua mandíbula. Seu rosto bronzeado estava marcado, a pele esticada, com um pouco de vermelho nas maçãs do rosto. Sua camisa foi aberta descuidadamente até a cintura, revelando uma bandagem que prendia seu ombro e cruzava seu peito. O linho branco contrastava fortemente com sua pele morena. Seu coração doeu por ele.

Ele virou a cabeça de repente e seus olhos negros se fixaram nos dela. — Por que está aqui?

Os pelos de seus braços se arrepiaram com seu tom hostil, mas ela deu um passo à frente. Não era hora para covardia. *A temeridade nunca é bem-sucedida.* Ela ergueu o queixo. — Vim perguntar por que se casou comigo.

Seus lábios se curvaram em um sorriso de desdém. — Porque eu pensei que poderia fornecer uma distração na cama para manter meus pesadelos longe. — Ele a examinou com um olhar ousado e sugestivo e Cara ignorou o

rubor febril que varreu sua pele.

Ela balançou a cabeça. — Não foi por isso.

Ele se voltou para o fogo. — Eu queria alguém para administrar minha fortaleza.

Ela deu mais um passo à frente. — Se isso fosse verdade, poderia ter conseguido resultados muito melhores do que com alguém totalmente desprovido de realizações femininas

Ele ergueu a taça para ela em um brinde desdenhoso.

— Eu duvido que deveria estar bebendo isso — ela disse.

Ele baixou a taça novamente. — Uma esposa tão boa — zombou. — Eu deveria ter me casado com alguém como Vanessa Canozzi. Ela não teria me dado metade do trabalho que me dá.

Isso doeu. Desgraçado. Cara se aproximou, de modo que suas saias roçaram os joelhos dele, determinada a romper a barreira de sua reserva raivosa. Ele ainda se recusava a olhar para ela.

— Eu li nossos documentos de casamento.

Seus olhos se estreitaram. — *Francesco* — ele rosnou. — Vou estrangular aquele bastardo quando o vir.

— Me deu Castelleon.

Ele encontrou os olhos dela. — Foi o que fiz. Por que *acha* que me casei contigo, então?

Ela inclinou a cabeça. — Não pelo meu dinheiro. Eu não tenho muito.

Ele grunhiu em concordância.

— Um senso distorcido de lealdade para com meu pai, talvez?

Ele bufou. — Não tenho nenhuma lealdade. Estou sempre lhe dizendo isso.

— Então não sei por que — Cara deu de ombros. — É óbvio que tem vergonha de mim. Afinal de contas, casou-se comigo em segredo.

A expressão dele se tornou ameaçadora. — Vergonha? Eu contei isso para todo mundo em toda a sua maldita propriedade, não faz nem duas semanas! Não dá para ser muito mais público do que isso. O que mais queria?

A esperança apertou seu peito. Ele não estava mais distante. Estava furioso. Sua voz continha toda a raiva e a frustração de uma raposa que foi encurralada. Ela se aproximou e colocou a mão em sua bochecha áspera. Ele se encolheu, mas aceitou seu toque.

— Estou aqui. De boa vontade.

Ele se acalmou.

— Eu te amo desde os dezesseis anos de idade — ela disse.

Seus olhos se arregalaram, depois ele desviou a cabeça e olhou para o fogo novamente. — Não sabe o que está dizendo. Não me ama. Ama a *ideia* do que eu sou. *O invencível Diavolo*. — Seu tom era carregado de escárnio.

Ela começou a falar, mas ele a silenciou com um gesto impaciente. — Olhe para mim. Levarei meses para andar sem mancar. Talvez eu nunca mais volte a lutar. Na metade do tempo, não consigo nem dormir. Encontre outro pobre coitado para vencer suas batalhas. Estou acabado.

— Realmente acha que é só isso que é para mim? Um braço de espada mortal?

Ele não a olhou. — Não sou um bom homem como seu pai era. Não sou um de seus heróis da corte. Fiz coisas terríveis. Coisas imperdoáveis.

A vulnerabilidade na voz dele derreteu seu coração. Como ele poderia estar inseguro de si mesmo? Dela?

— Eu odeio flores — ele rosnou. — Eu nunca, *nunca* vou lhe escrever um soneto.

Ele parecia determinado a confessar seus pecados e deficiências e Cara sorriu, embora seus olhos estivessem ardendo. — Eu sei. Não tem um único osso cavalleiresco em seu corpo. Não me importo. Eu te amo.

Ele fechou os olhos e ergueu o rosto para o teto, como se estivesse recebendo uma bênção ou o beijo da chuva em sua pele. — Pare de dizer isso! Eu não a mereço.

— Bem, isso é verdade.

Isso chamou a atenção dele. Seu olhar assustado se voltou para o dela.

— É autoritário, enganador e pecaminosamente arrogante. Mas é gentil com cães e cavalos. Isso conta para alguma coisa. — Cara tentou manter seu tom sério, mas ele percebeu o brilho em seus olhos.

— Está *rindo* de mim?

— Do temível *Diavolo*? Nunca. A verdade é que não acredito que haja outro homem na Europa que me ature. Se não me quiser, terei de me juntar a um convento.

Suas feições se suavizaram, apenas levemente. — Eu não acho que a aceitariam de volta. Renata me contou sobre seu desentendimento com as Irmãs da Misericórdia.

— Provavelmente tem razão. — Ela o olhou bem nos olhos. — Me ama?

— Eu mataria por sua causa.

— Isso não é uma resposta. Mataria por *qualquer um*, pelo preço certo. Me ama?

Ele evitou o olhar dela, parecendo adoravelmente perseguido. — Eu morreria por sua causa — ele se esquivou.

— Me *ama*? — ela persistiu. Um fio diabólico de teimosia a empurrava para garantir a vitória que estava de alguma forma, milagrosamente, ao seu alcance. Ela o conhecia. Admitir que a amava seria admitir uma fraqueza fatal, uma dependência de outro ser humano totalmente alheio à sua natureza. O que era estúpido, mas lá estava. Ele era um homem. — Tudo ou nada, *del Sarto*. Eu o quero disposto ou não o quero de jeito nenhum.

Ele fez uma careta para suas próprias palavras voltando para assombrá-lo. — Sim, eu te amo, maldição! — Ele encolheu os ombros para longe de sua mão como se ela fosse uma leprosa. — Pronto, está feliz agora?

Cara lutou para conter o sorriso em sua voz. — Não precisa soar tão zangado sobre isso.

Seu rosto tinha uma expressão de profundo desgosto. — Acha que *gosto*?

— Ele deve ter percebido o quão ridículo isso soou porque ele deu um suspiro sincero. — Quer uma prova? É isso? Dar-lhe um castelo não foi suficiente? Tudo bem, venha aqui, então.

Ele se levantou, pegou seu pulso e caiu de joelhos na frente dela.

Cara olhou para ele com espanto. — O que está fazendo?

Ele envolveu as mãos dela entre as suas e baixou a cabeça. — Eu, Alessandro Rafael *del Sarto*, torno-me seu súdito pela vida, pela integridade física, pela verdade e pelas honras terrenas, prestando-lhe homenagem diante de todos os homens que amam, se movem ou morrem, que Deus e a Virgem Santa me ajudem.

Capítulo 53



Cara piscou para conter as lágrimas ao ver Alessandro solenemente jurando lealdade a ela, assim como ela havia feito com ele naquele campo de treino lamacento.

Ele provavelmente pensou que estava se rebaixando, mas mesmo no chão ele estava comandando, aumentado em vez de diminuído pelo gesto. Tornou-se agudamente consciente da disparidade em seus tamanhos. Apesar de ajoelhado, a cabeça dele ainda estava quase nivelada com seu ombro. Era como um leão ajoelhado diante de um rato.

— Não espere que eu faça *isso* de novo em público — ele rosnou. — Eu tenho que manter alguma aparência de controle. Nunca serei respeitado se os homens perceberem que sou governado por uma mulher. — Ele olhou-a de relance. — Na verdade, nunca a pedi em casamento, não é?

— É tarde demais agora.

Ele arqueou as sobrancelhas, nem um pouco arrependido. — É sempre melhor pedir perdão do que permissão.

Não era bem um pedido de desculpas, mas Cara não podia negar-lhe nada quando a olhava daquele jeito. Ela suspirou. — Está perdoado. Levante-se, pelo amor de Deus.

Ele obedeceu, preenchendo o espaço diante dela, encolhendo o quarto. Ele não tinha soltado suas mãos. Ele rolou o polegar sobre o grosso anel de casamento em seu dedo anelar. — Vejo que ainda usa isso. — Ele puxou a fita que ela havia enrolado para mantê-lo no lugar e a deslizou de seu dedo. Cara estava prestes a protestar quando ele enfiou a mão na camisa. — Tenho algo melhor para que use.

Um enorme rubi, engastado em uma aliança de ouro, brilhava à luz do fogo, combinando com os brincos e o colar que ele já lhe dera. Ele o enfiou no dedo dela e encontrou seus olhos.

— Já tem o resto do conjunto. Também pode ter tudo.

O coração de Cara disparou quando a olhou. Seu próprio anjo caído. Com áreas escuras, é claro.

— É tão bonito — ele murmurou. — Dentro e fora. — Ele se curvou e acariciou seu pescoço, e seu pulso saltou em resposta. — Percebe que nunca fizemos amor à luz do dia? — ele murmurou.

— Eu realmente não tinha pensado nisso. — Seu toque estava fazendo coisas ridículas em seu interior.

— Ah, *eu* tenho. Bastante. Tive seis longos anos para pensar nisso. Não tem ideia dos lugares que eu sonhei em fazer amor contigo. Quando estava em campanha, ficava acordado em minha barraca, ouvindo o silêncio do acampamento. Eu passava longas e frias horas olhando para as árvores ou para as estrelas, pensando em você.

Cara sorriu quando seus dedos hábeis começaram a desamarrar a frente de seu corpete.

— Sempre começava de forma bastante inocente. Estava montada em seu cavalo, e eu a seguia a uma distância respeitosa. O vento soprava seu cabelo para trás, afastando-o do rosto — Ajeitou o cabelo dela sobre o ombro, combinando com suas palavras. — Em seguida, olhava para trás e me desafiava para uma corrida.

Ela estava toda quente e fria. — Que eu ganhava, é claro.

— Nenhum cavalo é mais rápido que Saraceno. Eu a perseguia e a puxava para meus braços.

Sua pele formigou. Sua voz era pura feitiçaria.

— Eu a tive de todas as maneiras possíveis. Rápido e forte. Lento e preguiçoso. — Puxou a fita do último ilhós e seu corpete se abriu. Ela encolheu os braços para sair das mangas.

— Às vezes eu demorava para despi-la, revelando centímetro por centímetro.

Sua saia desabou em um sussurro de tecido a seus pés. Ela saiu dela e puxou o chemise sobre a cabeça para ficar nua ante seu olhar. Seus mamilos frisados no ar fresco da noite.

— Outras vezes mal esperava, arrancando suas roupas em desespero. Eu a levava rapidamente, selvagememente, em qualquer número de locais improváveis. — deu um passo para trás e olhou sua forma nua com indisfarçável apreciação, então estendeu a mão e passou-a sobre seus seios.

A necessidade brilhava, ardente. Seus joelhos tremeram. — Pensava bastante sobre isso.

— Horas. Semanas. Fizemos amor na minha tenda do campo de batalha. Na grama alta de um prado. Durante o dia. Sob as estrelas. Na França e Itália, Grécia e Espanha. Verão e inverno. Com roupa e sem. Deixei minha imaginação fluir.

— Dá para perceber. Mas ainda não é dia — sentiu-se compelida a ressaltar.

Seu sorriso elevou a temperatura dela em algumas centenas de graus. — Será, se demormos o suficiente.

Ela levantou uma sobranceira em desafio. — Acha que pode durar tanto tempo?

Ele lhe deu um sorriso arrogante. — Estou disposto a tentar. — Ele finalmente a beijou, forte e completamente, e seus sentidos cambalearam de prazer. — Consegue se lembrar de algum dos truques daqueles livros que eu lhe dei?

— Alguns — Cara conseguiu dizer fracamente.

— Isso é bom. Porque ainda me deve uma noite de núpcias.

Cara se inclinou para ele, adorando sua altura, sua força, tudo. Seus seios latejavam no local em que pressionavam a camisa dele e, de repente, mal podia esperar para sentir a pele dele contra a sua. Impaciente, puxou a camisa

da cintura dele e a empurrou para fora dos ombros, beijando seu peito ao fazer isso. Ele levantou os braços para ajudá-la, mas quando deixou a camisa cair no chão, o curativo caiu junto com ela.

Não conseguiu evitar um suspiro agudo ao ver a nova e feia cicatriz que desfigurava seu ombro. Tocou a carne enrugada com as pontas dos dedos e ele sibilou em um suspiro.

— Eu sinto muito — sussurrou.

Ele levou os dedos dela aos lábios. — Eu levaria mais cem, se isso a mantivesse segura. — Ele roçou o canto da boca dela com os lábios e Cara se abriu para ele com um gemido.

Ele era tudo o que sempre sonhou: alternadamente bruto e provocador, exigente e carinhoso. Ele mordeu seus lábios e depois os acalmou com a língua, provocou seus seios até que ela estivesse ofegante e implorando por misericórdia. Puxou-a para junto dele na cama e a atormentou com os dedos e depois novamente com a boca, usando cada uma de suas habilidades formidáveis para levá-la à beira da loucura. E quando finalmente deslizou para dentro dela, forte e seguro, foi como voltar para casa.

Cara queria cantar de alegria. Ele era exasperante, desafiador e muito autoritário, mas era dela. Por toda a vida.

Quando os últimos lampejos de êxtase assolaram seu corpo, soltou um suspiro arrasado e se deitou com a cabeça apoiada no peito dele. Ele passou o braço por sua cintura e ela acariciou seu pulso, adorando o conjunto de músculos sob sua pele morena.

— Eu tenho uma confissão a fazer — ele murmurou sonolento.

— *Agora?*

— Eu menti sobre o número de propostas de casamento que recebeu.

— Eu sei que o duque de Parma só me pediu porque pagou a ele.

— Isso não. Eu disse que oito pessoas pediram sua mão, mas foram nove.

— De quem esqueceu?

— Dom Michelotto.

A boca de Cara se abriu. — O assassino dos Bórgias?

— Acho que ele sentiu um espírito afim. Fiquei tentado a aceitar em seu nome. A única coisa que me impediu foi a ideia de que o pobre coitado não a merecia.

Ela beliscou o braço dele. — Encantador!

— Eu tenho meus momentos. — Ele fez uma pausa, e ela sentiu que se preparava para as próximas palavras. — *Ficará* aqui desta vez? Comigo?

Ela assentiu. — Chega de pular de janelas, eu prometo. Quero estar onde você estiver.

Ele se inclinou um pouco para trás para olhá-la. — Realmente deixaria Castelleon?

— Eu estive pensando sobre isso. Francesco e Renata poderiam administrá-lo. Eles cuidarão das pessoas e da terra. Isso é tudo que eu sempre quis.

Alessandro a rolou e a beijou, sem pressa. — Só mais uma promessa,

então, milady *del Sarto*...

— Mmmm?

— Nunca tentará ensinar alquimia aos nossos filhos.

Cara sorriu quando a boca dele tocou a dela novamente. — Crianças, hein?

— É arriscado — ele murmurou, mordiscando seu lábio inferior. — Casar contigo foi a coisa mais perigosa que já fiz. E estou incluindo a batalha de Fornovo nessa avaliação. Termos filhos pode acabar comigo.

— Pensei que fosse invencível.

— Isso é apenas um mito. E se eles herdarem seu talento para a destruição?

— E se eles herdarem seu cérebro em vez de seus músculos? — ela rebateu. — Estaremos todos condenados.

Ele deslizou as palmas das mãos sobre os seios dela. — É um risco que estou disposto a correr.

— Que nobre!

— Não conte a ninguém. Minha reputação já está em frangalhos. — Ele inclinou a cabeça para seu estômago e rodou sua língua ao redor de seu umbigo. — Devemos começar a praticar agora. Não vamos esquecer sua idade terrivelmente avançada de vinte e dois anos.



Horas depois, Cara olhava pela janela aberta enquanto a pálida luz do amanhecer tocava o céu quando Alessandro veio para ficar atrás dela. Ele passou os braços ao redor dela enquanto ela se recostava contra ele, perfeitamente satisfeita.

Um barulho de cascos perturbou o silêncio no pátio abaixo.

— Saiu com tanta pressa que nunca tive tempo de lhe dar seu presente de casamento — ele murmurou em seu cabelo.

— Eu pensei que Castelleon era meu presente de casamento?

Um cavalição conduzia dois cavalos pelas pedras. Cara reconheceu Saraceno, mas ficou sem fôlego ao ver a segunda montaria.

— Tem *ideia* de como é difícil conseguir uma égua branca de raça pura da Barbary na Europa? — ele rosnou.

— Comprou-a para mim? — Ela escondeu um sorriso mordendo o lábio.

— Eu odeio dizer-lhe, *del Sarto*, mas isso é bastante romântico.

Ele fez um som de desgosto agudo. — Não é romântico. É *prático*. Espero que pare de roubar Saraceno se tiver seu próprio cavalo.

— Mas não precisava ser branco — ela persistiu.

Ele suspirou. — Não, não. Mas queria um branco. Então é isso. A maldita coisa me custou o resgate de um rei. *Literalmente*.

— Deveria se considerar sortudo por eu não ter pedido uma girafa, como a do zoológico dos Medici.

— Não é por isso que me considero sortudo.

Cara suspirou feliz.

— O que está pensando? — ele perguntou depois de um momento.

— Só que a criada de minha mãe, Bianca, estava certa afinal.

Ele a virou dentro dos limites de seus braços. — Sobre o que?

— Bolo de limão da cozinheira.

Ele franziu a testa em confusão.

— Ela sempre insistiu que a única coisa melhor do que o bolo de limão da cozinheira era fazer amor — Cara explicou com um sorriso. — Eu acho que ela pode estar certa.

Sua expressão se tornou perversa. — *Pode estar?* Não tem certeza? — Ele balançou a cabeça e roçou os lábios nos dela. — Eu não seria um bom marido se tiver alguma dúvida. Permita-me convencê-la, milady... pelos próximos cinquenta anos ou mais.

Cara fechou os olhos em deleite quando seu próprio cavaleiro em armadura manchada começou a fazer seu ponto da maneira mais prazerosa.



Mais da Autora



9786580754441

Um mestre espião e uma bela ladra encontram o amor e a intriga nos braços um do outro...

Forçada a fazer a vontade de um ministro corrupto do governo, Marianne de Bonnard concorda em plantar provas incriminatórias nos escritórios do mais notório espião da França. Sob a capa da noite, a ladra que caminha na corda bamba faz bom uso de suas habilidades - até que sua acrobacia aérea é frustrada quando seu alvo aparece na janela e, com uma postura inabalável, ajuda Marianne a sair do arame e entrar em seu covil. Os tremores que atravessam seu corpo não são apenas de medo; há um frisson indesejável de desejo também. Mas será por causa de seu anfitrião elegante, maliciosamente bonito... ou por sua proposta?

Nicolas Valette tem planos para sua graciosa invasora desde que testemunhou suas habilidades únicas no Cirque Olympique. Sinuosa como uma gata, Marianne é perfeita para sua próxima missão, mas ela recusa sua generosa oferta por medo de desobedecer ao atormentador de sua família. Quando seus inimigos mútuos leiloam sua virgindade ao maior lance, Nicolas pula na chance de comprar sua cooperação. Mantê-la será como tentar domesticar um animal selvagem, mas o que é a vida sem um pouco de risco? Além disso, Nicolas e Marianne querem a mesma coisa: vingança - e, talvez, algo mais que seja igualmente delicioso.



9786580754731

Quando uma estudiosa decifradora de códigos e um espião ardente se reúnem neste romance histórico escaldante da autora de Para Roubar um Coração, suas vidas dependem de sua capacidade de resistir à tentação. Mas o destino é um amante que não pode ser negado...

Inglaterra, 1815.

Na guerra contra a França, Heloise Hampden é um bem de alto valor para a Coroa. Quando ela rompe a mais recente comunicação do inimigo, agentes franceses são enviados para silenciá-la. Mas é o agente designado para proteger Heloise que representa a maior ameaça ao seu coração: William de l'Isle, Visconde Ravenwood. Heloise vem brigando com o homem que chamam de Raven desde a infância, mas sempre mantendo uma distância casta. Ela tem certeza de que isso não mudará, graças à cicatriz que desfigura seu rosto.

Nada mudou. Raven ainda se pergunta como o corpo delgado da megera Hampden se sentiria pressionado contra o dele, mas, para a missão, terá que se lembrar de que a mulher tem mais prazer em línguas antigas do que em sedução.

Sua prisão há seis anos o quebrou de uma forma que torna impossível a perspectiva do amor - é um Hades sombrio que está ansioso por uma Persefone beijada pelo sol. Ainda assim, seu coração bate como louco sempre que está a dez passos de Heloise, e fará o que for preciso para mantê-la a salvo - mesmo que isso signifique levá-la para a Espanha como uma refém relutante.

Protegê-la do perigo será um desafio; protegê-la do seu desejo será pura agonia.

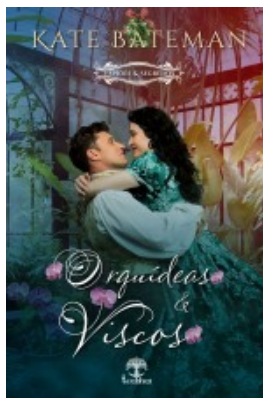


9786554440103

Uma falsificadora mal-humorada e um agente britânico arrogante se chocam neste romance escaldante de K. C. Bateman, cujos romances históricos espirituosos, inteligentes e sensuais se tornaram sua assinatura.

Enquanto Sabine de la Tour atira pilhas de notas falsificadas em uma fogueira em um parque parisiense, despede-se relutantemente de sua vida dupla como uma criminosa notória. Ao longo do reinado de Napoleão, suas falsificações desestabilizaram o continente e transformaram os canalhas em homens ricos, mas agora ela e seu parceiro de negócios precisavam fugir da França - ou enfrentar a guilhotina. Sua única esperança de sobreviver na Inglaterra era fazer um acordo com o próprio espião que havia superado em sua carreira. Agora, depois de encontrar o agente arrogante em carne e osso, Sabine anseia atirar-se à sua misericórdia - e aos seus braços.

Richard Hampden, Visconde Lovell, está preparado para assumir qualquer risco para salvaguardar a Inglaterra dos horrores da Revolução Francesa. Para atrair os insurgentes das sombras, até está disposto a fazer um pacto com seu archi-inimigo: Philippe Lacorte, o maior falsificador da Europa. Mas, quando uma beleza atrevida e esbelta prova ser Lacorte, Richard fica chocado - e mais do que um pouco excitado. Ao contrário das debutantes que tantas vezes se atiravam nele, esta sirigaita astuta oferece um desafio único e irresistível. Richard vai ajudá-la. Mas em troca, quer algo que nem mesmo Sabine pode falsificar.



9786554440318

O ex-espião Christopher ‘Kit’ Carlisle mal deixou sua propriedade rural desde sua fuga do cativeiro durante a guerra, mas uma promessa no leito de morte o forçou a ir a Londres em busca da bela - e frustrantemente esquiva - Emma Townsend.

A botânica Emma voltou do Brasil, determinada a manter suas preciosas orquídeas vivas tempo suficiente para apresentá-las à Royal Society. Para isso, precisa de uma estufa e da ajuda do único homem que sempre fez seu coração bater mais rápido: O lindo e chocante Kit.

Quando Kit concorda, relutantemente, em permitir que Emma e suas plantas passem o Natal com ele em sua propriedade rural, a atração que fervilha entre eles é difícil de negar. Na companhia de Emma, o Kit mal-humorado redescobre a alegria de estar vivo, enquanto Emma não consegue resistir ao impulso de fazer Kit sorrir novamente - ou de roubar suas roupas enquanto ele toma banho...

NB: Esta doce adição à série Espiões & Segredos apresenta o tema “irmã do melhor amigo”, com toques de a Bela e a Fera..

Kate Bateman



Kate Bateman / K.C. Bateman, é a autora best-seller número 1 de romances históricos da Regência e Renascença, incluindo a série Segredos & Espiões e a série Bow Street Bachelors. Seus livros receberam várias resenhas e estrelas do Publishers Weekly e Library Journal, e apresentam heroínas inteligentes e combativas (duronas em corpetes!), brincalhonas maliciosamente inapropriadas, e heróis que queremos estrangular e beijar. Sua brincadeira renascentista O Diabo para Pagar foi indicado ao RITA em 2019.

Quando não escreve, Kate leva uma vida dupla como avaliadora de belas artes e especialista em antiguidades na tela de vários programas de TV no Reino Unido. Ela vive atualmente em Illinois, EUA, com seu marido, amante de números, e três filhos incansáveis, e volta regularmente para sua Inglaterra natal “para pesquisa”. Kate adora ouvir os leitores. Entre em contato com ela através de seu website: www.kcbateman.com e inscreva-se para receber regularmente atualizações sobre novos lançamentos, brindes e trechos exclusivos.

Informações Leabhar

Nos acompanhe e fique por dentro das Novidades



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o E-mail Leabhar Books@